



UNIVERSIDAD AUTÓNOMA DE ASUNCIÓN
FACULTAD DE CIENCIAS JURÍDICAS, POLÍTICAS Y DE LA COMUNICACIÓN
MAESTRIA EM CIENCIAS DE LA EDUCACIÓN

**O USO DO ESPORTE COMO INSTRUMENTO DE COOPERAÇÃO NAS
AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA ESTADUAL MARIA
AMÉLIA SANTOS.**

Luciano Barreto Lima

Asunción, Paraguay

2020

Luciano Barreto Lima

**O ESPORTE COMO INSTRUMENTO DE COOPERAÇÃO NAS
AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA ESTADUAL MARIA
AMÉLIA SANTOS.**

Tese apresentada, defendida e aprovada para o curso de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Ciências Jurídicas Política e de Comunicação da Universidade Autônoma de Assunção como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof. Dra. Clara Roseane da S. A. Mont'Alverne

Asunción, Paraguay

2020

Luciano Barreto Lima

O ESPORTE COMO INSTRUMENTO DE COOPERAÇÃO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR NA ESCOLA ESTADUAL MARIA AMÉLIA SANTOS.

Asunción (Paraguay)

Tutor: Prof. Dra. Clara Roseane da Silva Azevedo Mont'Alverne

Tese de Mestrado em Ciências da Educação. p. xxx – UAA, 2020.

Palavras Chave:

1. Esporte 2. Instrumento de Cooperação 3. Aulas de Educação Física

Luciano Barreto Lima

**O ESPORTE COMO INSTRUMENTO DE COOPERAÇÃO NAS
AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA ESTADUAL MARIA
AMÉLIA SANTOS.**

Esta tese foi avaliada e aprovada para obtenção do título de Mestre em Educação, pela
Universidade Autónoma de Asunción- UAA

A todos aqueles que ensinam tanto de si mesmo para que um dia aqueles que aprendem se proponham a ensinar, na esperança de que todos possam ser professores, alunos, pais, mães, irmãos, maridos, esposas, cidadãos enfim, brasileiros de coração.

AGRADECIMENTO

Agradeço a Deus por ter me oportunizado a viver nesta época ímpar.

Ao meu amigo pernambucano Alex, por ter me apresentado a pós graduação no Paraguai.

A UAA, seu corpo docente, direção e administração pela oportunidade de realização do Curso de Mestrado.

A minha orientadora, Prof. Dra. Clara Roseane da Silva Azevedo Mont'Alverne, por ter me ensinado a fazer o melhor, com as suas correções e orientações, que me direcionaram à vitória, resultado que é partilhado por todos os seus orientandos.

Aos coordenadores pedagógicos, professores e alunos que tornaram essa pesquisa possível, com a sua colaboração alegre e espontânea.

Aos meus pais Maria das Graças Barreto e Avaci Santos Lima, por terem me trazido ao mundo, e pelas lições sempre ensinadas com amor e firmeza.

Ao meus irmãos André Barreto Lima e Fábio Barreto Lima por me fazer companhia e sempre me inspirarem com seus bons exemplos de desempenho acadêmico.

A ex-atleta e ex-colega da Faculdade de Educação Física Ana Cristina (in memorian), que sempre me incentivou a vencer, demonstrando durante o curto período que viveu neste mundo, que não existe vitória impossível.

O meu muito obrigado.

A principal meta da educação é criar homens que sejam capazes de fazer coisas novas, não simplesmente repetir o que outras gerações já fizeram.

(Jean Piaget, 1970, p. 53).

SUMÁRIO

LISTA DE TABELAS	X
LISTA DE FIGURAS	XI
LISTA DE ABREVIATURAS	XII
RESUMEN	XIII
RESUMO	XIV
ABSTRACT	XV
INTRODUÇÃO	01
CAPÍTULO 1:FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	14
1. A História da Educação Física no Brasil.....	14
1.1. O esporte no contexto atual da escola	24
1.1.2. O desuso dos demais eixos temáticos	34
1.2. A influência do esporte na vida dos alunos	41
1.2.1. A mídia e o esporte de rendimento.....	43
1.2.2. Os excluídos do esporte	48
1.2.3. O sexismo dentro da aula de educação física	51
1.3. O elemento lúdico nas aulas de Educação Física	53
1.3.1. Jogos e brincadeiras: menos instrução, mais ludicidade	58
1.3.2. Jogos cooperativos: jogar com o companheiro ao invés de competir contra o adversário	65
1.3.3. A ludicidade nos tempos da tecnologia:o professor como agente renovador das aulas.....	74
CAPÍTULO 2:MARCO METODOLÓGICO	83
2. Metodologia da investigação.....	83
2.1. Fundamentação teórica.....	84
2.2.Problema da investigação.....	85
2.3.Objetivos da pesquisa.....	85
2.3.1. Objetivo geral	86
2.3.2. Objetivos específicos.....	86
2.4. Cronograma da Pesquisa.....	89
2.5. Contexto Espacial e Sócio-Econômico da Pesquisa.....	90
2.5.1. Delimitação da pesquisa.....	94
2.6. Participantes da pesquisa.....	96
2.6.1. Coordenador Pedagógico.....	97
2.6.2. Professor da disciplina.....	98
2.6.3. Alunos do 6º ano do ensino fundamental.....	98
2.7. Desenho da investigação.....	99
2.8. Técnicas e instrumentos para coleta de dados.....	105
2.8.1. Observação Sistemática/Estruturada.....	106
2.8.2. Análise documental.....	106
2.8.3. Entrevista.....	107
2.8.4. Análise documental.....	108
2.8.4.1. Plano anual de ensino.....	109
2.8.4.2. Projeto Político Pedagógico.....	110
2.8.4.3. Currículo do professor.....	112
2.9. Elaboração e validação dos instrumentos.....	113

2.10. Procedimento para a coleta dos dados.....	114
2.11. Técnicas de Análise e Interpretação dos dados.....	116
2.11.1. Revisar o material.....	119
2.11.2. Estabelecer um plano de trabalho inicial.....	119
2.11.3. Codificar dados primários.....	119
2.11.4. Codificar dados secundários.....	120
2.11.5. Interpretar dados.....	120
2.11.6. Descrever contexto(s).....	121
2.11.7. Assegurar a confiabilidade e validade dos resultados.....	121
2.11.8. Responder, corrigir e voltar ao campo.....	122
CAPÍTULO 3: ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS.....	123
3. Análise e interpretação dos resultados.....	123
3.1. Avaliação das atividades que trabalham as modalidades esportivas com os alunos.....	124
3.1.1. O que diz a coordenadora sobre o critério utilizado para definir no planejamento curricular as modalidades esportivas a serem desenvolvidas pelo professor.....	125
3.1.2. O que diz a coordenadora sobre a relevância dos esportes para o desenvolvimento das crianças.....	127
3.1.3. O que diz a coordenadora em relação as providências tomadas para que as atividades esportivas sejam regularmente praticadas na escola.....	130
3.1.4. O que diz o professor sobre as modalidades esportivas por ele desenvolvidas.....	132
3.1.5. O que diz o professor em relação ao critério utilizado para a escolha das atividades esportivas.....	133
3.1.6. O que diz o professor sobre a relevância que tem os esportes para as aulas de Educação Física.....	135
3.1.7. O que diz o professor sobre a descrição de suas aulas de Educação Física com os esportes.....	137
3.1.8. O que diz o professor sobre a metodologia utilizada em suas aulas.....	138
3.1.9. O que diz o professor sobre os recursos tecnológicos utilizados para dar suporte às aulas de Educação Física.....	140
3.1.10. O que diz o professor sobre as avaliações nas aulas de Educação Física.....	142
3.1.11. O que diz o professor sobre a importância das regras vinculadas aos esportes.....	144
3.1.12. O que dizem os alunos sobre as modalidades esportivas que o professor utiliza nas aulas de Educação Física.....	148
3.1.13. O que os alunos dizem sobre a aula que o professor aplica.....	150
3.1.14. O que dizem os alunos sobre os esportes que gostam de praticar.....	154
3.1.15. O que dizem os alunos sobre a importância dos esportes nas suas vidas.....	157
3.2. Verificação e relato da existência de outros elementos da cultura corporal do movimento nas aulas.....	159
3.2.1. O que diz a coordenadora sobre as possibilidades de serem contempladas outras atividades que não sejam os esportes.....	160
3.2.2. O que diz a coordenadora a respeito das modalidades que necessitem para a sua prática de materiais específicos ou caros.....	163

3.2.3. O que diz a coordenadora sobre as barreiras encontradas no planejamento junto ao professor em relação às aulas de temática não-esportiva.....	165
3.2.4 – O que diz o professor sobre as atividades não-esportivas aplicadas nas aulas.....	167
3.2.5. O que diz o professor sobre as dificuldades encontradas ao desenvolver uma aula que não utilize a bola como instrumento.....	170
3.2.6. O que diz o professor sobre os conhecimentos do corpo que são ensinados nas aulas de Educação Física.....	173
3.2.7. O que dizem os alunos sobre as atividades não-esportivas que gostam de fazer nas aulas.....	177
3.3. Descrição das práticas pedagógicas, que utilizam a cooperação, que contribuem para o desenvolvimento do aluno.....	178
3.3.1. O que diz a coordenadora sobre as recomendações dadas ao professor para administrar as situações competitivas nas aulas de Educação Física.....	179
3.3.2. O que diz a coordenadora sobre como aparecem as atividades que trabalham a cooperação no planejamento curricular.....	181
3.3.3. O que diz o professor sobre os jogos cooperativos que desenvolve com os seus alunos.....	183
3.3.4. O que dizem os alunos a respeito dos jogos e brincadeiras que envolvem trabalho em equipe que são realizados nas aulas.....	186
3.3.5. O que dizem os alunos sobre participar de uma aula que não tenha vencedor no final.....	189
CONCLUSÕES E PROPOSTAS.....	196
Conclusões.....	197
Propostas.....	203
Referências Bibliográficas.....	206
ANEXOS.....	218
Anexo 1: Plano Anual da Disciplina.....	219
Anexo 2: Prova Teórica da Disciplina.....	220
APÊNDICES.....	221
Apêndice 1: Carta enviada à direção da escola, local da pesquisa.....	223
Apêndice 2: Guia de entrevista para a Coordenadora Pedagógica.....	224
Apêndice 3: Guia de entrevista para o Professor.....	226
Apêndice 4: Entrevista para os Alunos.....	228
Apêndice 5: Roteiro da Observação Estruturada.....	229
Apêndice 6: Relatório das observações da pesquisa.....	231

LISTA DE TABELAS

TABELA Nº 1: Matriz curricular do curso de Licenciatura em Educação Física.....	23
TABELA Nº 2: Relação entre as inteligências e as habilidades.....	63
TABELA Nº 3: Comportamento, orientação e motivação principal.....	67
TABELA Nº 4: Comparativo entre jogos cooperativos e jogos competitivos.....	71
TABELA Nº 5: Perguntas e objetivos da investigação.....	87
TABELA Nº 6: Programação das ações.....	90
TABELA Nº 7: Índice de desenvolvimento humano municipal – Salvador.....	94
TABELA Nº 8: Participantes da pesquisa.....	98
TABELA Nº 9: Técnicas utilizadas na pesquisa.....	113

LISTA DE FIGURAS

FIGURA Nº 1: Desenho Geral do Processo de Investigação	12
FIGURA Nº 2: Localização Geográfica do Brasil	91
FIGURA Nº 3: Localização Geográfica do Estado da Bahia.....	92
FIGURA Nº 4: Localização Geográfica de Salvador.....	93
FIGURA Nº 5: Localização Geográfica da Escola Estadual Maria Amélia Santos.....	94
FIGURA Nº 6: Escola Estadual Maria Amélia Santos.....	96
FIGURA Nº 7: Desenho Metodológico da Investigação.....	105
FIGURA Nº 8: Esquema da Análise e Interpretação dos Dados.....	116

LISTA DE ABREVIATURAS

A - Aluno
BA – Bahia
BNCC – Base Nacional Comum Curricular
C - Coordenador
CONFED – Conselho Federal de Educação Física
CEP - Código de Endereçamento Postal
DCNs - Diretrizes Curriculares Nacionais
ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente
EJA – Educação de Jovens e Adultos
EXG – Exergames
GA – Ginástica Artística
IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação
MMA – Mixed Martial Arts
P - Professor
PCNs - Parâmetros Curriculares Nacionais
RPG – Role Play Game
TICs – Tecnologia da Informação e Comunicação
TV - Televisão
UNEB – Universidade do Estado da Bahia

RESUMEN

La presente tesis de maestría analiza el uso del deporte como instrumento de cooperación en las clases de Educación Física para estudiantes de sexto grado en la Escuela Estatal Maria Amélia Santos ubicada en Salvador / BA. El problema de investigación se centró en el siguiente planteamiento: ¿Cómo se ha aplicado el deporte en el contexto de la práctica pedagógica para desarrollar la cooperación entre los estudiantes de sexto grado en la Escuela Estatal Maria Amélia Santos? El trabajo está justificado por medio de la necesidad de desarrollar el deporte como práctica pedagógica de cooperación entre estudiantes, que contribuye a trabajar en deportes colectivos como juegos cooperativos y juegos populares, así como a fortalecer los lazos de amistad entre estudiantes, porque a través de la socialización es posible desarrollar habilidades / técnicas en el contexto de los deportes de equipo. La investigación también se justifica por la posibilidad de presentar una transformación al modelo deportivo basado en la competencia, en una clase en la que aparece la cooperación, haciéndola placentera, motivadora, priorizando el juego y dejando espacio para otros temas. El objetivo general de la investigación es analizar la práctica del deporte como instrumento pedagógico de cooperación entre los alumnos de sexto grado en la Escuela Estatal Maria Amélia Santos en la disciplina de Educación Física. Para responder a ese propósito, fueron trazados los siguientes objetivos específicos: evaluar las actividades que realizan deportes con estudiantes; verificar e informar la existencia de otros elementos de la cultura corporal del movimiento en clase; describir las prácticas pedagógicas que utilizan la cooperación que contribuyen al desarrollo del estudiante. Participaron de la investigación: el coordinador pedagógico, el maestro de la asignatura de Educación Física y los alumnos del sexto grado de la enseñanza primaria de la escuela estatal Maria Amélia Santos, en Salvador / Ba. Para la realización de este trabajo se adoptó la pesquisa cualitativa, con método fenomenológico. Para la recolección de datos fueron utilizados como instrumentos, la guía de entrevista, direccionados al coordinador y al profesor, la entrevista para los alumnos, y como técnicas, observación estructurada y análisis de documentos. Las respuestas obtenidas fueron analizadas individualmente, dentro de cada objetivo específico que corresponde a los planteamientos, con base en lo que dicen los documentos oficiales, en la teoría presentada por los autores, y la información contenida en el informe de observación estructurado. La presente investigación trae como contribuciones que permitan la formulación de nuevas preguntas, prácticas teórico-metodológicas, así como nuevos diseños de programas que proporcionen elementos para dar soporte a la participación de los docentes en asignatura de Educación Física, a la que está vinculado el tema deporte; además de apuntar estrategias que puedan funcionar en el trabajo pedagógico realizado con este fin. Al término de la investigación se le puede atribuir que las metodologías y estrategias utilizadas para El uso del deporte como instrumento de cooperación en la escuela, a pesar de presentar algunos aspectos que necesitan ser reconsiderados, ya registran resultados significativos.

Palabras-Clave: Deporte, instrumento de cooperación, clases de Educación Física.

RESUMO

A presente dissertação de mestrado analisa a utilização dos esportes como instrumento de cooperação nas aulas de Educação Física para os alunos do 6º ano fundamental na Escola Estadual Maria Amélia Santos situada em Salvador/BA. Foi estruturada e embasada na seguinte problemática: Como o esporte vem sendo aplicado no contexto de prática pedagógica para desenvolver a cooperação entre os alunos do 6º ano do ensino fundamental da Escola Estadual Maria Amélia Santos? O trabalho é justificado diante da necessidade de se desenvolver o esporte como uma prática pedagógica de cooperação entre os alunos, que contribua para trabalhar os desportos coletivos como jogos cooperativos e brincadeiras populares, assim como fortalecer os laços de amizade entre os alunos, pois através da socialização é que se torna possível a desenvoltura de habilidades/técnicas no contexto dos esportes coletivos. A investigação também se justifica pela possibilidade de apresentar uma transformação ao modelo esportivo baseado na competição, em uma aula na qual figura a cooperação, tornando-a aprazível, motivadora, que priorize o brincar e abra espaço para outras temáticas. O objetivo geral da pesquisa é analisar a prática do esporte como instrumento pedagógico de cooperação entre os alunos do 6º ano do ensino fundamental da Escola Estadual Maria Amélia Santos na disciplina Educação Física. Para responder a esse propósito, foram traçados os seguintes objetivos específicos: avaliar as atividades que trabalham as modalidades esportivas com os alunos; verificar e relatar a existência de outros elementos da cultura corporal do movimento nas aulas; descrever as práticas pedagógicas, que utilizam a cooperação, que contribuem para o desenvolvimento do aluno. Participaram da investigação: a coordenadora pedagógica, o professor da disciplina Educação Física e alunos do 6º ano do ensino fundamental da escola estadual Maria Amélia Santos, em Salvador/Ba. Para a realização deste trabalho adotou-se a pesquisa qualitativa, com método fenomenológico. Para a coleta dos dados foram utilizados como instrumentos, a guia de entrevista, direcionada à coordenadora e ao professor, a entrevista para os alunos, e como técnicas, a observação estruturada e análise documental. As respostas obtidas foram analisadas individualmente, dentro de cada objetivo específico correspondente as questões, com base no que dizem os documentos oficiais, na teoria apresentada por autores, e nas informações contidas no relatório de observação estruturada. A presente investigação traz como contribuições subsídios a problematizações que permitam a formulação de novas perguntas, abordagens teórico-metodológicas, assim como novos desenhos de programas que propiciem elementos para dar suporte a atuação dos docentes da disciplina Educação Física à qual está vinculada o tema esporte, além de apontar estratégias que podem funcionar no trabalho pedagógico voltado para este fim. Ao término da pesquisa pode-se inferir que as metodologias e estratégias utilizadas para o uso do esporte como instrumento de cooperação na escola, apesar de apresentar alguns aspectos que necessitam ser reconsiderados, já registram resultados significativos.

Palavras-Chave: Esporte, instrumento de cooperação, aulas de Educação Física.

ABSTRACT

The present thesis analyzes the use of sports as a instrument of cooperation in Physical Education classes for 6th grade students at Maria Amélia Santos State School located in Salvador / BA. It was structured and based on the following problem question: How has sport been applied in the context of pedagogical practice to develop cooperation among students in the 6th grade of Maria Amélia Santos State School? The work is justified by the necessity to develop sport as a pedagogical practice of cooperation among students, that contributes to work on collective sports such as cooperative games and popular games, as well as strengthening the bonds of friendship between the students, because through socialization it is possible to develop skills / techniques in the context of team sports. The investigation is also justified by the possibility of presenting a transformation to the sport model based on competition, in a class in which cooperation appears, making it pleasant, motivating, prioritizing play and making room for other themes. The general objective of the research is to analyze the practice of sport as a pedagogical instrument of cooperation among the 6th grade students of the Maria Amélia Santos State School in Physical Education. In order to respond to this purpose, the following specific objectives were defined: to evaluate the activities that work sports with students; to verify and report the existence of other elements of the body culture of movement in class; to describe the pedagogical practices that use cooperation that contribute to the student's development. Participated in the research: the pedagogical coordinator, the Physical Education teacher and students of the 6th grade of elementary school of Maria Amélia Santos state school, in Salvador / Ba. For the accomplishment of this work were adopted qualitative research with phenomenological method. For data collection were used as instruments, the interview guide, directed to the coordinator and the teacher, the interview for the students, and as techniques, structured observation and document analysis. The answers obtained were analyzed individually within each specific objective corresponding to the questions, based on what the official documents say, the theory presented by the authors, and the information contained in the structured observation report. The present research brings as contributions subsidies to the problematizations that allows the formulation of new questions, theoretical-methodological approaches, as well as new designs of programs that provide elements to support the actions of teachers of the Physical Education discipline to which the sport theme is linked, besides pointing out strategies which can work in the pedagogical work directed to that purpose. At the end of the research it can be inferred that the methodologies and strategies used for the use of sport as a instrument of cooperation in school, although presenting some aspects that need to be reconsidered, already registered significant results.

Keywords: Sport, instrument of cooperation, Physical Education classes.

INTRODUÇÃO

A presente investigação denominada “O uso do esporte como instrumento de cooperação nas aulas de Educação Física da Escola Estadual Maria Amélia Santos” vem investigar sobre como o esporte vem sendo aplicado com o objetivo de desenvolver a cooperação entre os alunos do 6º ano do ensino fundamental da referida escola.

A Educação Física no contexto escolar, encontra-se inserida na área de linguagens, estando a disciplina em consonância ao que é determinado pela Base Nacional Comum Curricular.

A BNCC (2018, p. 214) chama a atenção para:

Esse modo de entender a Educação Física permite articulá-la à área de Linguagens, resguardadas as singularidades de cada um dos seus componentes, conforme reafirmado nas Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de Nove Anos (Resolução CNE/CEB nº 7/2010).

A utilização do esporte dentro das aulas de Educação Física escolar é relacionada pelas BNCC, onde os esportes figuram como eixo temático, juntamente com outras temáticas, a exemplo dos jogos, lutas, ginásticas, dança, práticas corporais de aventura e os conhecimentos sobre o corpo.

As BNCC (2018, p. 215) destacam que:

Por sua vez, a unidade temática Esportes reúne tanto as manifestações mais formais dessa prática quanto as derivadas. O esporte como uma das práticas mais conhecidas da contemporaneidade, por sua grande presença nos meios de comunicação, caracteriza-se por ser orientado pela comparação de um determinado desempenho entre indivíduos ou grupos (adversários), regido por um conjunto de regras formais, institucionalizadas por organizações (associações, federações e confederações esportivas), as quais definem as normas de disputa e promovem o desenvolvimento das modalidades em todos os níveis de competição[...].

Existe uma tendência entre os alunos a praticarem os esportes coletivos mais destacados nas aulas de Educação Física, a exemplo do

futebol, handebol, vôlei e basquete, que acabam ofuscando as demais modalidades não esportivas.

Caputo e Junior (2014, p. 26) salientam:

Mas este esporte não poderá ser passado de qualquer forma e nem de qualquer jeito, ou fazer o simples fato de soltar uma bola para eles brincarem ou montar uma rede de voleibol e deixá-los fazerem o que quiser, se for desse jeito mais pra frente acarretará vários problemas, que vamos ver mais adiante.

Diante da hegemonia esportiva culturalmente estabelecida nas aulas de Educação Física escolar, o professor se vale de estratégias para poder inserir os demais eixos temáticos dentro da aulas, que figuram no plano anual da disciplina, por diversas vezes deixam de ocorrer por diversos motivos como a ausência de material didático específico/caro.

Pradina e Santos (2016, p. 109) esclarecem que:

Mesmo sendo essencial como principal motivador quando o assunto é atividade física, o professor de educação física encontra muitas dificuldades em sua área, que de certa forma, refletem na qualidade e na execução das suas funções, como por exemplo, a falta de materiais e recursos nas escolas, pouco incentivo do Poder Público, e baixa remuneração, por exemplo.

Em consequência à prática de esportes coletivos em caráter competitivo que utilizam a bola como instrumento, a exclusão de alunos com baixa habilidade motora, acima do peso, e pessoas do sexo feminino acaba ocorrendo nas aulas, em que os alunos menos aptos para os esportes veem-se obrigados a realizar, em paralelo a aula, outras atividades, quando não se adaptam ou estão desmotivadas, a exemplo do jogo de queimada. Jaco (2012, p. 44), chama a atenção para “[...] não participar é estar fisicamente fora da atividade, ou seja, aquelas pessoas que ficam sentadas, “fugindo” da aula, fazendo outras atividades que não são as solicitadas pelos/as professores/as”.

No momento atual, está sendo finalizada uma reforma na quadra poliesportiva da escola Maria amélia, o que obriga o professor a desenvolver outras temáticas que não sejam os desportos coletivos baseados em suas regras.

As aulas que estão sendo aplicadas envolvem jogos, brincadeiras, danças e lutas. Pelo menos duas vezes no mês os alunos tem aulas teóricas, nas quais aprendem as noções dos conhecimentos sobre o corpo. Brasil (1998, p. 68) destaca que “[...] o bloco conhecimentos sobre o corpo tem conteúdos que estão

incluídos nos demais, mas que também podem ser abordados e tratados em separado[...]”.

A BNCC (2018, p.223) recomenda que sejam inseridas todas as temáticas da cultura corporal do movimento nas aulas de Educação Física, de modo que os alunos possam “experimentar, desfrutar, apreciar e criar diferentes brincadeiras, jogos, danças, ginásticas, esportes, lutas e práticas corporais de aventura, valorizando o trabalho coletivo e o protagonismo”.

Uma das estratégias utilizadas pelo professor é a utilização das Tics e instrumentos digitais específicos da área de educação física para ministrar aulas que envolvam os itens da cultura corporal do movimento, sejam eles esportes ou não. Desse modo, a BNCC (2018, p. 233) busca “propor e produzir alternativas para experimentação dos esportes não disponíveis e/ou acessíveis na comunidade e das demais práticas corporais tematizadas na escola”.

Freire (2001, p.98) menciona que:

A educação não se reduz à técnica, mas não se faz educação sem ela. Utilizar computadores na educação, em lugar de reduzir, pode expandir a capacidade crítica e criativa [...]. Dependendo de quem o usa, a favor de quem e para quê. O homem concreto deve-se instrumentar com o recurso da ciência e da tecnologia para melhor lutar pela causa de sua humanização e de sua libertação.

A tecnologia é bastante utilizada, não apenas nas aulas práticas, como também nas avaliações que ocorrem de maneira igual ao que é visto nas demais disciplinas, algo incomum dentro da disciplina Educação Física, que considera na maioria das escolas, apenas o critério da frequência como requisito para a aprovação do aluno.

Gomes (2013, p. 45) chama a atenção para:

Hoje, a brincadeira de faz de conta pode ser, por exemplo, com um tablet. Observador privilegiado das vivências lúdicas das crianças, o professor tem como desafio contribuir para que meninos e meninas usem a tecnologia como meio de desenvolver capacidades e ampliar conhecimento.

Outra estratégia utilizada no intuito de trabalhar os esportes e as outras temáticas desvencilhando-os do caráter competitivo, é a utilização de jogos cooperativos e brincadeiras populares, o que tem tornado o trabalho em equipe e o resgate à cultura popular,

alternativas para que os esportes sejam vivenciados como instrumentos de cooperação, bem como a inclusão e a integração de todos os alunos nas aulas de Educação Física.

Brotto (1999, p. 87) menciona que:

Os Jogos Cooperativos são jogos de compartilhar, unir pessoas, despertar a coragem para assumir riscos com pouca preocupação com o fracasso e sucesso em si mesmos. Eles reforçam a confiança em si mesmo e nos outros e todos podem participar autenticamente, onde ganhar e perder são apenas referências para o contínuo aperfeiçoamento pessoal e coletivo.

Desse modo, o uso do esporte como instrumento de cooperação, através da realização de aulas que contemplem os jogos cooperativos e as brincadeiras de rua, reconfigura e desvincula a temática esportiva escolar das regras oficiais e do caráter competitivo, aumentando as chances de outras modalidades não esportivas ganhem espaço nas aulas, consolidando assim, alternativas às aulas tradicionais com esportes dentro da Educação Física.

Justificativa da Investigação

A Escola Estadual Maria Amélia dos Santos, está situada na cidade de Salvador, capital do estado da Bahia-Brasil, na qual as aulas de Educação Física abordam o eixo temático esporte, de forma bem expressiva e diversificada durante todas as unidades do ano letivo.

O estudo dessa temática, nasce da necessidade de se desenvolver o esporte como um instrumento de cooperação entre os alunos, que contribua para trabalhar os desportos coletivos como jogos cooperativos e brincadeiras populares, assim como fortalecer os laços de amizade entre os alunos, pois através da socialização é que se torna possível a desenvoltura de habilidades/técnicas no contexto dos esportes coletivos. Quanto ao vínculo da cooperação com o esporte, Freire (1998, p. 108) destaca que o “esporte é o jogo de quem é capaz de cooperar”. Fica evidente que, sem a cooperação entre os membros da equipe não há como se desenvolver qualquer prática esportiva, que na escola se apresentam como, esportes coletivos.

Freire (1998, p.108) menciona que:

É tão definitivo para o esporte a capacidade de cooperar que as habilidades individuais, se não forem socializadas, não servem para o esporte. A

habilidade individual do jogador não serve para o esporte; apenas a habilidade coletiva é compatível com essa forma de jogo.

Os alunos quando condicionados a trabalhar somente os fundamentos técnicos e táticos do esporte, desenvolvem uma visão fragmentada sobre outras modalidades, acostumando-se a trabalhar somente com aulas práticas, e acabam desmotivados no que se refere à prática dos outros conteúdos da cultura corporal. Nesse sentido, Caputo e Junior (2014, p. 26-7) destacam que:

O esporte deve ser propício de saúde, diversão, lazer e não para trazer malefícios a adultos idosos ou crianças, tem que saber usá-lo, pois pode torná-lo um pesadelo na vida das pessoas, e até acabarem com a carreira de profissionais de Educação Física, técnicos, treinadores, preparadores entre outros.

Na sociedade competitiva em que vivemos, onde desde pequenos os alunos são ensinados a obter a vitória a todo o custo, não importando os meios para se atingir o sucesso, é imprescindível que as aulas que versam sobre os esportes, possam apresentar uma outra visão a respeito do significado de vencer na vida.

Querini (2013, p. 7) afirma que:

Sendo assim pode-se oferecer aos alunos uma alternativa rica em pré-supostos e afastando das aulas a violência que o jogo competitivo gera ao trazer o conceito de que, o aluno que tem mais habilidade tenta desmerecer os colegas menos habilidosos, criando assim desmotivação e acomodação por parte destes alunos.

A prática do esporte dentro da escola, vai além do treinamento dos fundamentos e do aperfeiçoamento das habilidades motoras, aliás, em âmbito escolar isso tem pouca importância, considerando que a escola não é o lugar para se formar atletas. O modelo de Educação Física contemporâneo, ainda reproduz o tecnicismo que esteve presente entre os anos de 1970 e 1980 nas aulas, cuja preocupação maior girava em torno da formação de bons esportistas.

Brasil (1997, p. 27) afirma que:

Não basta a repetição de gestos estereotipados, com vistas a automatizá-los e reproduzi-los. É necessário que o aluno se aproprie do processo de construção de conhecimentos relativos ao corpo e ao movimento e construa uma possibilidade autônoma de utilização de seu potencial gestual.

Nesse sentido, a prática do esporte colabora para que não sejam contemplados os alunos com pouca habilidade motora, os que possuam alguma necessidade especial, e as meninas, estas costumam ser muito prejudicadas, levando-se em conta que as modalidades mais desenvolvidas são os esportes que costumam ter mais adeptos do sexo masculino. Além de possibilitar uma melhor compreensão a respeito do esporte, o uso do mesmo como instrumento de cooperação, o torna mais acessível àqueles que costumam ter dificuldades, no que se refere a parte prática.

Este estudo é relevante para as aulas de Educação Física escolar, visto que, pretende-se verificar em que nível os esportes estão sendo apresentados aos alunos que estão no ensino fundamental, na fase inicial da adolescência, propondo práticas pedagógicas que garantam o uso da cooperação nas aulas, reduzindo a necessidade de sempre vincular o esporte as suas regras, bem como, sua restrição ao futebol, handebol, vôlei e basquete, tendo em consideração que existem outras temáticas a serem desenvolvidas nas aulas. Ao priorizar a cooperação, em lugar de uma instrução normativa que reproduz fundamentos de acordo com um modelo, torna-se possível ampliar a visão dos alunos a respeito dos esportes, que passam a conhecer e vivenciar outras formas de praticá-lo, mediante situações cooperativas.

Considerando que historicamente a Educação Física sempre esteve voltada para a desenvoltura da aptidão física em seus praticantes, e que a metodologia dos esportes por muitas vezes contribui para que haja exclusão nas aulas. A competitividade acirrada que existe na sociedade, também é reproduzida nas aulas com esportes, o que contribui para que sejam mais acentuados os desníveis entre os alunos que os praticam. É importante que tanto os esportes, quanto as outras temáticas da cultura corporal, favoreçam a cooperação, assumindo outras possibilidades, como a prática de jogos cooperativos, que tem como proposta transformar o modelo competitivo que impera nas aulas com os esportes, oportunizando a todos, tendo em conta os diferentes níveis de habilidades motoras, gêneros, etnias e realidades sociais dos alunos.

Em âmbito escolar, a investigação visa identificar de que maneira os esportes, quando utilizados como instrumento de cooperação entre os alunos, contribuem para que haja não só a inclusão, mas também a integração efetiva dos alunos, por meio de jogos, brincadeiras nas aulas de Educação Física, tornando possível às modalidades esportivas que despertam um maior interesse por parte dos alunos, uma reconfiguração, para que não sejam vistas e praticadas somente no modelo tradicional, que prioriza o vencedor.

O interesse em elaborar esta pesquisa e investigação sobre o uso do esporte como instrumento de cooperação, advém do questionamento sobre as mudanças comportamentais

e atitudinais geradas em decorrência de práticas esportivas por meio de um modelo baseado na cooperação, que permite a inclusão e a participação de todos, tendo em conta a flexibilização das regras esportivas. Brotto (1999, p. 95) salienta que “aprendendo a jogar cooperativamente descobrimos que podemos criar inúmeras possibilidades de participação e inclusão, através da modificação gradativa das regras e estruturas básicas do jogo”.

A investigação também se justifica pela possibilidade de apresentar uma transformação ao modelo esportivo baseado na competição, em uma aula na qual figura a cooperação, tornando-a aprazível, motivadora, que priorize o brincar e abra espaço para outras temáticas, acolhendo os menos habilidosos, portadores de necessidades especiais, meninas que costumam ser discriminadas e todos aqueles que deixam de praticar esportes por ser uma atividade excludente. As BNCC (2018, p. 233) propõem “construir, coletivamente, procedimentos e normas de convívio que viabilizem a participação de todos na prática de exercícios físicos, com o objetivo de promover a saúde”.

Nesse contexto, espera-se apresentar uma alternativa para a prática dos esportes dentro das aulas de Educação Física, de modo que os mesmos sejam utilizados como instrumentos de cooperação entre os alunos, tendo em conta que todos os seres humanos necessitam cooperar para sobreviver, uma vez que todos estão conectados através das mais diversas redes de relacionamento, considerando que a temática esportiva é alvo de constantes pesquisadores, que procuram ler e reler a realidade do uso do esporte dentro da escola.

Problematização da pesquisa

O uso do esporte como instrumento de cooperação na Escola Estadual Maria Amélia dos Santos representa um grande desafio ao professor, que precisa saber lidar com o elemento da cultura corpórea que mais se evidencia.

O mundo contemporâneo sofre profundas mudanças a cada momento em virtude da tecnologia, que influencia as interações e relações sociais, e de uma nova didática, que concebe um novo modo de transmissão do conhecimento, que não ocorre única e exclusivamente através do professor, não mais exigindo dos alunos uma reprodução automática do que é ensinado.

Gomes (2013, p. 47) destaca que:

Com a evolução e expansão das TIC's o computador passou a fazer parte do dia a dia. As TIC's favorecem o conhecimento e a representação da realidade,

umentam o armazenamento, o processamento e o intercâmbio de informação, abrindo espaço para a iniciativa e a criatividade.

As mudanças exigem do professor uma adequação às novas exigências do sistema educacional, considerando que a pedagogia tradicional não se mostra mais compatível com o cotidiano escolar, em que figuram situações comunicativas e relacionais, que diante dos novos conteúdos e da modernização passam a exigir uma postura crítico-reflexiva dos sujeitos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem. Coletivo de Autores (2012, p. 32) explica que “isso significa que a sua seleção deve garantir aos alunos o conhecimento do que de mais moderno existe no mundo contemporâneo, mantendo-o informado dos acontecimentos nacionais e internacionais, bem como do avanço da ciência e da técnica”.

A grande maioria dos professores, dispõe de conhecimento superficial acerca das outras temáticas da cultura corporal, se atendo aos conteúdos dos desportos coletivos mais populares, o que contribui para que as suas aulas sigam uma orientação técnica, com fins competitivos, negligenciando dessa forma, a função social do esporte. A BNCC (2018, p. 219) menciona, “ressalta-se que as práticas corporais na escola devem ser reconstruídas com base em sua função social e suas possibilidades materiais. Isso significa dizer que as mesmas podem ser transformadas no interior da escola”.

A pesquisa ocorre em um cenário no qual a prática esportiva dentro da escola sofre mudanças didáticas, em virtude da reestruturação da quadra esportiva da escola, fato que pode contribuir para a desenvoltura das demais temáticas não esportivas que, mediante a utilização do esporte como instrumento de cooperação entre os alunos, torna possível a realização de atividades como os jogos cooperativos e as brincadeiras, que são indispensáveis para os alunos do 6º ano do ensino fundamental, cuja idade está situada na fase da infância.

Assim, a utilização dos esportes como um meio de desenvolver a cooperação, mediante a inserção de jogos cooperativos, além de não se ater às regras e a aos fundamentos, garante que os mesmos sejam praticados de maneira mais livre, assumindo semelhanças com os jogos populares e as brincadeiras, modificando inclusive o papel dos brinquedos dentro das modalidades esportivas, que passam a ser menos instrutivos para tornarem-se mais lúdicos. Brotto (1999, p. 83-4) menciona que “estes jogos são estruturados para diminuir a pressão para competir e a necessidade de comportamentos destrutivos, para promover a interação e a participação de todos, e deixar aflorar a espontaneidade e a alegria de jogar”.

Outro tópico instigante no tema dessa pesquisa, se apresenta quando em decorrência da utilização dos esportes como prática pedagógica de cooperação, torna-se possível

constatar uma melhor fluência das aulas, nas quais os alunos não ficam presos a uma rotina, nem sujeitos a uma aprendizagem mecanizada.

A criatividade, a liberdade, a espontaneidade e a alegria características do ato lúdico, ganham expressão, podendo as aulas inclusive, no momento em que não se faça necessário apresentar um vencedor, despertar nos alunos a consciência de jogar e brincar com o amigo, ao invés de disputar contra o adversário.

Orlick (1989, p.104) afirma que:

Se fizermos com que cada criança se sinta aceita e dermos a cada uma um papel significativo a desempenhar no ambiente de atividade, estaremos bem adiantados em nosso caminho para a solução da maioria dos sérios problemas psicossociais que atualmente permeiam os jogos e os esportes. Essa é uma das razões por que é tão importante criar jogos e ambientes de aprendizado onde ninguém se sinta um perdedor.

Pretende-se constatar de que maneira o esporte vem sendo utilizado pelo professor no contexto escolar, como instrumento para desenvolver a cooperação entre os alunos do 6º ano do ensino fundamental, quais as modificações promovidas pelo mesmo nas aulas de Educação Física e no comportamento dos alunos e, se o professor tem embasamento para trabalhar os conteúdos esportivos e os não-esportivos.

Nesse sentido, surgem alguns **interrogantes à investigação**: Como o esporte é desenvolvido nas aulas de Educação Física na escola Maria Amélia Santos? Existe capacitação para o professor ministrar aulas com os demais eixos temáticos? A utilização da cooperação nas aulas de Educação Física favorece o desenvolvimento dos alunos?

Em resposta a esses questionamentos, o núcleo central gira em torno do seguinte problema de investigação: **Quais os subsídios que o esporte como instrumento de cooperação proporcionam aos alunos do 6º ano do ensino fundamental da Escola Estadual Maria Amélia Santos?**

Para responder à essa problemática, com a intenção de lançar propostas e recomendações acerca do fenômeno em questão, foram delineados os objetivos geral e específicos.

O objetivo geral trata a respeito das informações relevantes obtidas mediante estudo aprofundado em relação ao fenômeno objeto de estudo, que na presente investigação apresenta-se como analisar a prática do esporte como instrumento de cooperação entre os alunos do 6º ano do ensino fundamental da Escola Estadual Maria Amélia Santos na disciplina Educação Física. Minayo, Deslandes e Gomes (2018, p.41) afirmam que o

objetivo geral “diz respeito ao conhecimento que o estudo proporcionará em relação ao objeto”.

Os objetivos específicos são as ações a serem seguidas para que se possa concretizar o objetivo geral, que, nesta pesquisa se apresentam como sendo avaliar as atividades que trabalham as modalidades esportivas com os alunos, verificar e relatar a existência de outros elementos da cultura corporal do movimento nas aulas e, descrever as práticas pedagógicas, que utilizam a cooperação, que contribuem para o desenvolvimento do aluno. Minayo et al (2018, p.41) mencionam que os objetivos específicos são formulados pelo desdobramento das ações que serão necessárias à realização do objetivo geral”.

Desenho Geral da Investigação

Para que se desenvolva o processo de investigação social, o pesquisador utiliza um método científico para certificar credibilidade ao que pretende investigar.

Campoy (2018, p.37) destaca que:

(...) la metodología de la investigación es una ciencia que estudia cómo la investigación se lleva a cabo científicamente. En ella se estudian las diversas medidas que adopta un investigador en el estudio de un problema de investigación. En este sentido, es necesario que el investigador no solo sepa las diversas técnicas y cómo utilizarlas, sino que además necesita qual de esos métodos ou técnicas son relevantes para su investigación y justificar su uso.

A função do pesquisador é capturar as informações necessárias à construção de novos conhecimentos, ampliando a visão a respeito do que já está estabelecido, possibilitando a criação de bases para novas pesquisas.

A presente pesquisa é qualitativa, pois se preocupa em analisar as pessoas e suas percepções, sentimentos, pré-concepções e idéias de cunho pessoal, suas vivências em seu mundo e os significados que o fenômeno tem para elas.

Se apresentam como objeto de estudo da pesquisa qualitativa os comportamentos, atitudes e as experiências que são vivenciadas, ou seja, tudo aquilo não quantificável. Em uma pesquisa qualitativa, se estuda a interação do sujeito com o meio no qual ele vive, em que são captados pensamentos e opiniões a respeito de uma realidade vivenciada. O investigador busca interpretar para poder compreender o que ocorre no estudo

Chizzotti (2003, p.222) a pesquisa qualitativa:

[...] opõe-se de modo geral à quantitativa, enquanto esta recorre à quantificação como única via de assegurar a validade de uma generalização, pressupondo um modelo único de investigação, derivado das ciências naturais, que parte de uma hipótese-guia, só admite as observações externas, que siga um caminho indutivo para estabelecer leis, mediante verificações objetivas, amparadas em frequências estatísticas.

Quanto ao tipo a investigação é fenomenológica, considerando que se preocupa com a análise do fenômeno em seu contexto natural, isento de manipulações, ou seja, as experiências e os significados são passíveis de interpretação e compreensão profunda, tendo em conta as diversas situações e o ambiente. Aspectos subjetivos, particulares e abstratos, que permeiam a esfera dos relacionamentos humanos.

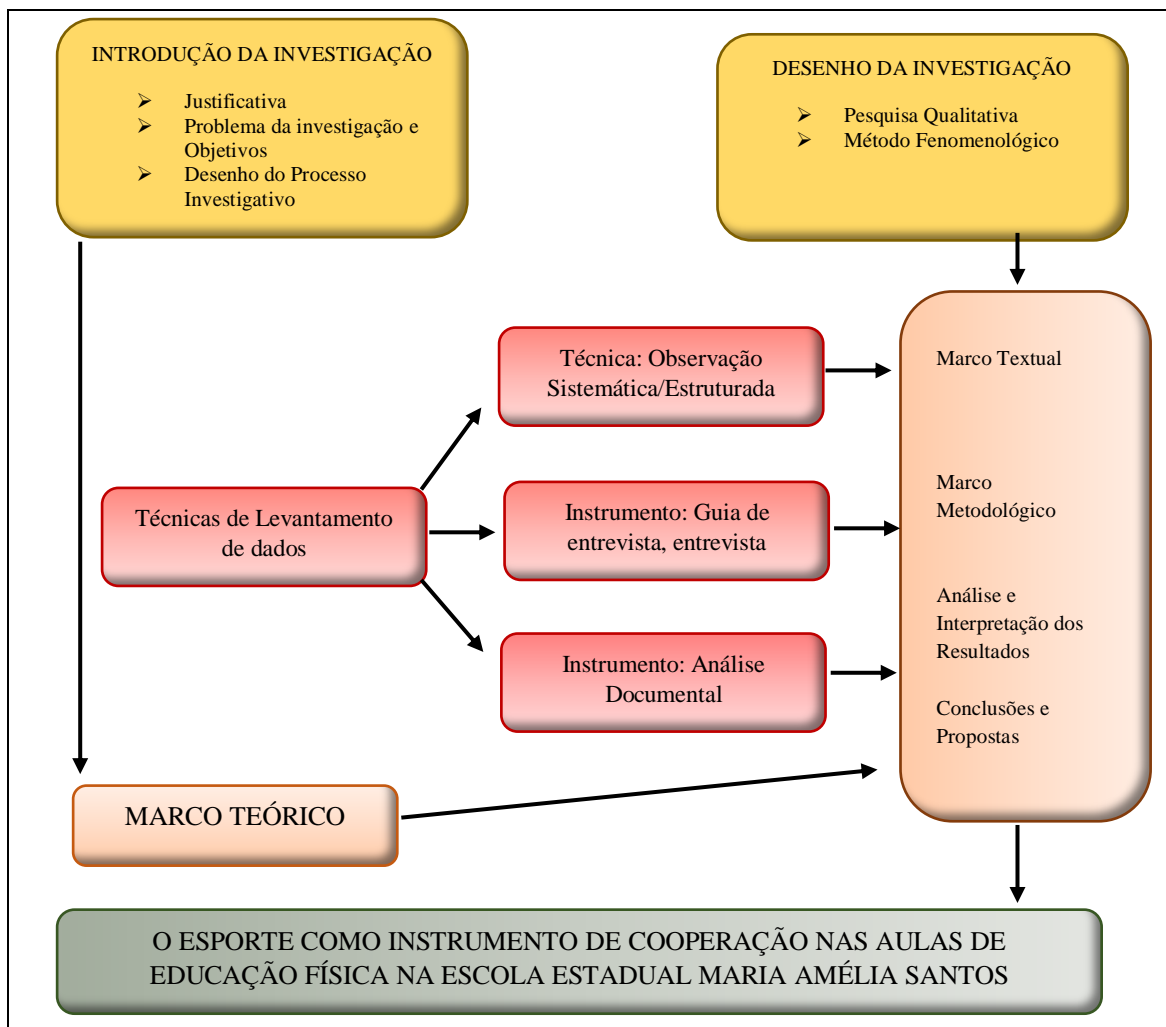
Alvarenga (2019, p.51) cita que:

As investigações fenomenológicas estudam a maneira como as pessoas experimentam o seu mundo, sua vivência, que significado tem para elas e como compreendê-los, de onde o investigador extrai a essência do fenômeno para descrevê-la. Tais vivências são captadas de atos conscientes como: costumes, idéias, pensamentos, lembranças, crenças, afetos, sentimentos, etc.[...].

As técnicas e procedimentos de coletas de dados, são as etapas e passos desenvolvidos no decorrer da pesquisa, que tem como finalidade a obtenção informações necessárias sobre a temática pesquisada para a melhor compreensão do processo. Assim sendo, para contemplar a uma pesquisa qualitativa com método fenomenológico, utilizar-se-ão procedimentos adequados à natureza dos dados que estão sendo coletados, a exemplo da técnica de observação estruturada e dos instrumentos guia de entrevista, entrevista e análise documental, tornando-se elementos de capital importância para a investigação.

O desenho geral da investigação está descrito de acordo com a figura abaixo:

FIGURA 1: Desenho Geral do Processo de Investigação



Em termos estruturais, a presente dissertação encontra-se disposta em três partes, definidas e conectadas entre si, favorecendo assim a realização do estudo.

A disposição assume a seguinte ordem:

A primeira parte destina-se ao Marco Textual, que está detalhado em três capítulos, que discorrem sobre a história da Educação Física no Brasil, destacando desde a época do império, quando era denominada como Ginástica, até a sua inserção como componente curricular da educação básica pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBN (9394/96) até os dias de hoje, os demais eixos temáticos, a influência do esporte, a mídia e o esporte de rendimento, os excluídos do esporte, o sexismo nas aulas, a ludicidade, a cooperação e o papel do professor como agente promotor na renovação das aulas. A partir do entendimento da história da Educação Física no Brasil, nos será possível compreender o que leva o esporte a ser reproduzido na escola da mesma maneira que o é em centros esportivos, a conhecer as demais possibilidades a serem desenvolvidas em uma aula, a

exemplo da ginástica, jogos, lutas e danças, trabalhar os conhecimentos sobre o corpo que também fazem parte da cultura corporal do movimento e, possibilitar o trabalho do esporte e dos demais conteúdos como instrumentos pedagógicos de cooperação.

A segunda parte, corresponde ao Marco Metodológico, que apresentará os objetivos de investigação da pesquisa qualitativa, especificando o método fenomenológico. Este capítulo apresentará também o cronograma, o contexto espacial e socioeconômico da pesquisa: incluindo a contextualização da escola lócus da investigação e seus participantes.

Ainda no segundo capítulo, serão descritos os instrumentos e as técnicas aplicadas e seus processos de elaboração e validação. Além disso, serão explicitados os procedimentos para a coleta dos dados e as técnicas de análise e interpretação empregadas.

A terceira parte constitui a Análise e Interpretação dos Resultados que apresentará todas as impressões dos dados coletados mediante instrumentos indicados para uma pesquisa qualitativa com método fenomenológico. Neste capítulo é possível constatar o que dizem os documentos oficiais em relação ao uso do esporte como instrumento de cooperação e a realidade apresentada pela escola, as informações obtidas mediante o relatório da observação estruturada, que foi realizada entre os meses de julho e setembro de 2019, e os dados obtidos nas guias de entrevista aplicadas com a coordenadora pedagógica e as entrevistas realizadas com os alunos.

Por fim, nas Conclusões e Propostas serão expostos os resultados alcançados após concluída a investigação, a partir da análise e interpretação dos dados colhidos e do referencial teórico, bem como, a descrição de algumas recomendações sobre a importância do prosseguimento de estudos nessa área de pesquisa.

CAPÍTULO 1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1. A História da Educação Física no Brasil

Para uma melhor compreensão do esporte e a sua importância nas aulas de Educação Física, é preciso considerar o histórico da Educação Física no Brasil, influências que lhe deram os moldes característicos e a sua contemporaneidade.

O mais antigo relato a respeito de atividades físicas ocorreu no Brasil colônia. Relatos feitos pelos portugueses à corte lusitana, descrevem os movimentos executados pelos indígenas como danças, saltos, giros, corridas e outros rituais típicos da população nativa descoberta.

As atividades físicas, estavam presentes em seu cotidiano, sempre relacionadas à sobrevivência, a religiosidade, suas ritualísticas, e a práticas guerreiras, como no manuseio do arco e flecha, com a finalidade de proteger a tribo, bem como, garantir a sua manutenção, através da caça e da pesca.

Outro registro importante, ainda no Brasil colônia, época em que o país tinha uma economia com uma base agrária, em que era empregada a força do trabalho escravo para poder dar conta das grandes demandas. Os escravos eram tratados de forma degradante e cruel, o que os levou a criarem dentro das senzalas, a capoeira, atividade física que mistura movimentos de luta e dança, com a finalidade de se protegerem dos seus feitores, e conseguirem fugir para o local onde organizavam a sua resistência, chamado de quilombo.

No Brasil império, entre 1822 até 1889, período que se inicia a elaboração dos primeiros documentos que irão formalizar a Educação Física no país. O surgimento da Educação Física escolar no Brasil, inicialmente denominada Ginástica, ocorreu oficialmente com o decreto imperial elaborado por Luiz Pedreira do Couto Ferraz, em 1851, àquela época uma grande barreira, no que se refere à prática da Ginástica: por ser uma atividade não intelectual, era mal vista, como se a sua prática fosse destinada às pessoas de status social inferior.

Brasil (1997, p.19) menciona que:

No ano de 1851 foi feita a Reforma Couto Ferraz, a qual tornou obrigatória a Educação Física nas escolas do município da Corte. De modo geral houve grande contrariedade por parte dos pais em ver seus filhos envolvidos em atividades que não tinham caráter intelectual. Em relação aos meninos, a tolerância era um pouco maior, já que a ideia de ginástica associava-se às

instituições militares; mas, em relação às meninas, houve pais que proibiram a participação de suas filhas.

No entanto, foi somente em 1882, que Rui Barbosa ao lançar o parecer sobre a Reforma do Ensino Primário, Secundário e Superior, além de igualar o status dos professores ao dos demais colegas das disciplinas intelectuais, denota também a importância da Ginástica na formação do brasileiro, que estava bastante atrasado quando comparado ao panorama mundial.

Brasil (1997, p. 19) destaca que:

Em 1882, Rui Barbosa deu seu parecer sobre o Projeto 224 — Reforma Leôncio de Carvalho, Decreto n. 7.247, de 19 de abril de 1879, da Instrução Pública —, no qual defendeu a inclusão da ginástica nas escolas e a equiparação dos professores de ginástica aos das outras disciplinas. Nesse parecer, ele destacou e explicitou sua ideia sobre a importância de se ter um corpo saudável para sustentar a atividade intelectual.

Havia a necessidade iminente de igualar a nação ao resto do mundo e proporcionar atividades físicas que deveriam ser distintas para homens e para as mulheres, respeitando os caracteres biológicos inerentes a cada sexo: aos meninos eram destinados os exercícios militares, cuja finalidade era tornar ainda mais robusta a sua compleição física, e, para as meninas, a calistenia, prática que asseguraria a manutenção de sua saúde sem distorcer as formas femininas.

Na perspectiva da saúde corporal, em 1890 surge a tendência higienista, que se preocupava com a assepsia, estabelecendo à população hábitos de saúde e limpeza. No início das aulas, os alunos eram submetidos a uma inspeção física nos cabelos, unhas, pernas e braços: aqueles que apresentassem qualquer tipo de impureza eram excluídos das aulas.

Os professores associados a essa tendência, eram médicos, que ensinavam as noções profiláticas de saúde, considerando que se constituía uma preocupação para a elite da época, o temor por contaminações que poderiam se propagar ao ar livre, sendo necessária, a doutrinação das classes mais baixas através de atividades físicas que garantam a saúde e a harmonia corporal.

Em termos de formação educacional, a corrente higienista, por meio das aulas de Educação Física, observando as características da eugenia, que objetiva a purificação da raça, gerando um indivíduo puro, forte e superior, que possa representar bem à nação, é reforçada a ideia de saúde utilitária, de caráter médico-higiênico.

Azevedo¹ (1920, p.70) descreve que:

Por meio dessa ginástica, assim caracterizada, devem adquirir-se, sob o ponto de vista fisio-anatômico: a beleza corporal e, sob o ponto de vista psicológico, a coragem, a iniciativa, a vontade perseverante, ou, em uma palavra, certas aptidões morais, além do equilíbrio funcional dos órgãos, que é a expressão e o índice de saúde do corpo, e, por fim, a beleza na forma e no movimento.

Neste período, as escolas europeias moldaram a ginástica na escola brasileira, que através desta, busca o indivíduo mais forte, sob o ponto de vista da anatomia e da fisiologia, não perdendo de vista os princípios higiênicos (que garante a assepsia, limpeza física e moral). A relação que se observa nas aulas é a de médico-paciente.

Os métodos ginásticos formavam alunos com corpos saudáveis, belos e harmoniosos, com grande preocupação com a saúde e o aumento da resistência física, sempre dispostos para trabalhar em prol da pátria, modificando a imagem do homem ignorante, sujo e indisciplinado, que se tinha do homem brasileiro antes das práticas higienistas.

Brasil (1997, p.20) diz que:

A Educação Física que se ensinava nesse período era baseada nos métodos europeus — osueco, o alemão e, posteriormente, o francês —, que se firmavam em princípios biológicos. Faziam parte de um movimento mais amplo, de natureza cultural, política e científica, conhecido como Movimento Ginástico Europeu, e foi a primeira sistematização científica da Educação Física no Ocidente.

No início do século 20, o esporte ainda não figura como o eixo temático protagonista nas aulas, e sim, algumas modalidades a exemplo da esgrima, remo, equitação, exercícios acrobáticos e o futebol, modalidades que eram praticadas pela elite, restando às camadas mais populares os métodos ginásticos.

A partir de 1930, a Educação Física passa a ser norteadada pela tendência militarista, que assume o lugar das práticas higiênicas. Brasil (1997, p.20) menciona que “[...] o exército passou a ser a principal instituição a comandar um movimento em prol do “ideal” da Educação Física que se mesclava aos objetivos patrióticos e de preparação pré-militar.”Com

¹ Fernando de Azevedo foi o professor que influenciou a ginástica, consolidando o método francês nas instituições escolares. Tinha como preocupação o uso desmedido da força e a especialização esportiva precoce, defendia a idéia de que a ginástica tinha que ser mais eclética, mesclada com brincadeiras na infância. Seus livros e suas publicações em jornais e revistas ocorreram entre 1920 e 1960.

filosofia militar, os conteúdos das aulas passam a ser exercícios abdominais, polichinelo, flexão de braço, corridas e defesa pessoal.

Na década de 30, há um destaque especial para a Educação Física, que passou a ser instituída como prática obrigatória, visando trabalhar o fortalecimento do trabalhador, para que esse possa aumentar a produtividade, beneficiando a nação, pois a aula não somente educava a postura para a manutenção da saúde, mas para o aumento da eficácia laboral, das noções de civismo e cidadania.

Brasil (1997, p.20) relata que:

Apenas em 1937, na elaboração da Constituição, é que se fez a primeira referência explícita à Educação Física em textos constitucionais federais, incluindo-a no currículo como prática educativa obrigatória (e não como disciplina curricular), junto com o ensino cívico e os trabalhos manuais, em todas as escolas brasileiras. Também havia um artigo naquela Constituição que citava o adestramento físico como maneira de preparar a juventude para a defesa da nação e para o cumprimento dos deveres com a economia.

Essa práxis da Educação Física permaneceu por mais de 30 anos, quando na década de 60, houve uma mudança significativa por conta da LDB, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961, determina em seu artigo 22: Será obrigatória a prática da Educação Física nos cursos primários e médio até a idade de 18 anos.

Houve uma modificação no sistema de ensino brasileiro, afetando também a Educação Física, no que se refere a extensão da sua obrigatoriedade, período que coincide com a expansão do esporte em escala global, e, a iniciação esportiva passa a ser o foco nas escolas, trazendo o desporto de competição para a sala de aula, sob a justificativa de representação da pátria.

Brasil (1997, p.21) diz que:

Nesse período, o "modelo piramidal" norteou as diretrizes para a Educação Física: a Educação Física escolar e o desporto estudantil seriam a base da pirâmide. A melhoria da aptidão física urbana e o empreendimento dainiciativa privada na organização esportiva para a comunidade, comporiam o desporto de massa, o segundo nível da pirâmide. Este se desenvolveria, tornando-se um desporto de elite, com a seleção de indivíduos aptos para competir dentro e fora do país.

Ao final dos anos 60, a Educação Física era influenciada pela tendência esportivista (tecnicista), cujo enfoque gira em torno da fisiologia e do treinamento esportivo, contribuindo também para o aperfeiçoamento do trabalhador.

Brasil (1997, p.20) faz menção ao período:

Após 1964, a educação, de modo geral, sofreu as influências da tendência tecnicista. O ensino era visto como uma maneira de se formar mão-de-obra qualificada. Era a época da difusão dos cursos técnicos profissionalizantes. Nesse quadro, em 1968, com a Lei n. 5.540, e, em 1971, com a 5.692, a Educação Física teve seu caráter instrumental reforçado: era considerada uma atividade prática, voltada para o desempenho técnico e físico do aluno.

Em consequência do brilhantismo apresentado pela Seleção Brasileira de Futebol, quando se consagrou tricampeã da Copa do Mundo, o governo passou a incentivar a prática esportiva, considerando o gosto da população pelos esportes e, no tocante à escola, o Decreto nº 69.450, de 1971, diz que a Educação Física passou a ser considerada como "a atividade que, por seus meios, processos e técnicas desenvolve e aprimora forças físicas, morais, cívicas, psíquicas e sociais do educando". Com o incentivo à prática esportiva, o governo militar visa descobrir novos talentos e transformar o Brasil em potência olímpica, bem como, ocupar a população com práticas esportivas, para que a mesma não se preocupe com os atos do governo.

No entanto, fora observado apenas o desempenho eficiente da nação apenas no futebol e, com o passar do tempo, o Brasil não obteve o status de uma grande potência olímpica, nem econômica, o que levou a esse modelo esportivo e tecnicista, focado no alto desempenho e de caráter instrumental, a ser questionado no início dos anos 80.

A concepção biológica, que vê o homem apenas como um ser físico, sofre duras críticas, pois carecia de pedagogia, tendo em vista que defendia através de suas práticas o aperfeiçoamento de gestos motores, extraídos dos desportos coletivos profissionais.

Surgem então as abordagens pedagógicas críticas, que passaram a questionar o modelo de homem concebido apenas na esfera física, pois o homem é um integral e outros aspectos necessitam de desenvolvimento, tais quais a visão crítica e a capacidade de refletir sobre os fatos e acontecimentos. Brasil (1998, p.25) corrobora dizendo que "as abordagens críticas passaram a questionar o caráter alienante da Educação Física na escola propondo um modelo de superação das contradições e injustiças sociais". A Educação Física sofre uma reestruturação, rompendo com o enfoque biologicista, em que a reestruturação curricular, os conteúdos voltados para a escola e reflexões sobre a ausência de ideologia na disciplina, são

algumas contribuições trazidas pelas abordagens psicomotora, construtivista, desenvolvimentista e críticas.

A abordagem psicomotora, se baseia na psicomotricidade, que se originou na França, na década de 60, tendo como precursor Jean Le Boulch. A prática surgiu para desenvolver a educação integral corpórea, contemplando os aspectos cognitivo, afetivo e psicomotor, por meio de movimentos espontâneos, não se limitando apenas à esfera biológica. A Educação Física é vista como um meio, que viabiliza a aprendizagem de outros conteúdos, não limitada apenas ao esporte de rendimento.

Da teoria criada por Jean Piaget, o construtivismo, surge a abordagem construtivista na Educação Física, que leva em consideração o conhecimento que o aluno já possui, fruto de suas interações com o meio físico e social no qual vive, que se constrói por meio de esquemas de assimilação e acomodação. Piaget² (1987, p.387) no que se refere a ação do sujeito sobre o meio com o qual interatua, entende que “as estruturas não estão pré-formadas dentro do sujeito, mas constroem-se à medida das necessidades e das situações.”

No Brasil, a abordagem construtivista tem como principal expoente, o autor João Batista Freire, por meio de sua obra ‘Educação de corpo inteiro’, balizada pelos princípios piagetianos, que é considerada referência no contexto construtivista da Educação Física.

O estudo do desenvolvimento motor, que é a modificação progressiva das capacidades motoras do sujeito, que em virtude de interações com o meio no qual vive, se converterão em habilidades, é a maior preocupação da abordagem desenvolvimentista, que analisa a relação entre as habilidades motoras de manipulação, estabilização e locomoção, com os níveis de crescimento e desenvolvimento da criança até a faixa etária de 14 anos, sendo essa abordagem no Brasil, representada pelo autor Go Tani³, que descreve o movimento como o principal meio e fim da Educação Física.

Go Tani (2008, p. 315) considera:

A importância dos movimentos, obviamente, não se restringe ao aspecto biológico. A capacidade do ser humano de se mover é mais do que uma

² Jean Piaget foi Doutor em Biologia e Psicólogo que estudou o desenvolvimento intelectual das crianças, dividindo-o em 4 estágios: Sensório-motor (0-2 anos), pré-operatório (2-8 anos), operatório-concreto (8-11 anos) e operatório-formal (8-14 anos), que expressam o desenvolvimento cognitivo do sujeito, que progride do egocentrismo à socialização. Sua contribuição à Educação Física é a construção de conhecimentos através de esquemas de assimilação e acomodação, nos quais a criança constrói os seus esquemas intelectivos ao absorver, reter e se adaptar. Ele dividiu os jogos em: de exercício, simbólico e de regras.

³Go Tani é o principal representante da abordagem desenvolvimentista na Educação Física. Em sua obra “Educação Física Escolar: fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista” o autor possibilita aos alunos condições para o desenvolvimento de seu comportamento motor, através da diversidade de movimentos, permitindo assim, a aprendizagem motora. Tani defende que os conteúdos devem ser adequados às faixas etárias, considerando as habilidades, partindo da mais simples para a mais complexa.

simples conveniência que lhe possibilite andar, jogar e manipular objetos. Ela é um aspecto crítico do nosso próprio desenvolvimento evolucionário. Da construção de abrigos e de ferramentas por parte dos nossos ancestrais até se chegar à complexa tecnologia e cultura modernas, os movimentos desempenharam e continuam a desempenhar um papel fundamental.

As abordagens críticas, surgem em oposição ao tecnicismo presente nas aulas. Exigem que o professor tenha uma visão mais política da realidade, combatem a alienação dos alunos, colaborando para que os mesmos se vejam em um contexto social e cultural, indo além da visão reducionista biológica, desenvolvendo neles uma postura de superação da injustiças sociais, políticas e econômicas.

A abordagem crítico-superadora, instiga nos alunos a reflexão sobre questões de poder, interesse, esforço e contestação, discutindo a cultura corporal na perspectiva do homem como um ser historicamente construído e culturalmente transformado, sendo a escola, o lugar para se discutir as reflexões acerca das representações de realidades vividas pelo ser humano. Coletivo de Autores (2012, p. 40) afirma que “[...] a materialidade corpórea foi historicamente construída e, portanto, existe uma cultura corporal, resultado de conhecimentos historicamente acumulados pela humanidade que necessitam ser retraçados e transmitidos para os alunos na escola”. Essa abordagem é inspirada em ideais marxistas, tem como principal obra o livro Metodologia do ensino da educação física, publicado no ano de 1992.

A abordagem crítico-emancipatória, possui como fonte de inspiração, a Escola de Frankfurt, e objetiva ensinar por meio da Educação Física a libertação de falsas ilusões, interesses e desejos criados por uma mídia com interesses capitalistas, trabalhando em seu discurso, questões de justiça social. Essa abordagem tem como principal nome, Elenor Kunz, com a sua obra Transformação didático-pedagógica do esporte, com a 1ª edição publicada em 1994.

No contexto atual, a LDB 9394/96 em seu artigo 26 parágrafo 3º, categoriza “a Educação Física como componente curricular obrigatório, sendo facultada à sua prática em alguns casos”. No entanto, a lei não faz menção ao que, e como se deve trabalhar dentro da disciplina.

Surgem no ano de 1998, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), criados pelo Ministério da Educação e do Desporto, que teve como inspiração o modelo educacional vigente na Espanha, servem como referencial didático e metodológico em âmbito nacional para a disciplina Educação Física.

Por meio dos PCNs, os professores ensinam a seus alunos a ter noção da cidadania como participação social e política, o exercício dos direitos e deveres políticos, sociais e civis, desenvolvendo assim, atitudes de cooperação, solidariedade, respeito mútuo e o repúdio às injustiças.

Aspectos importantes como os princípios da inclusão e da diversidade, as dimensões dos conteúdos e os temas transversais, assuntos que estão sendo discutidos em toda a sociedade, como a ética, saúde, pluralidade cultural, orientação sexual, meio ambiente, trabalho e consumo, também são ensinados aos alunos através dos PCNs.

Brasil (1998, p.34) sobre essa temática, diz que:

A Educação Física dentro da sua especificidade deverá abordar os temas transversais, apontados como temas de urgência para o país como um todo, além de poder tratar outros relacionados às necessidades específicas de cada região. Sobre cada tema este documento traz algumas reflexões a serem tratadas pela área, com a intenção de ampliar o olhar sobre a prática cotidiana e, ao mesmo tempo estimular a reflexão para a construção de novas formas de abordagens dos conteúdos.

Em 1º de Setembro de 1998, o Presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, sanciona a lei 9696/98, publicada no Diário Oficial da União em 02/09/1998, criando assim o Conselho Federal de Educação Física (Confef), órgão normativo e regulamentador da profissão em todo o território nacional.

A Lei 9696/98 em seu Art. 3º estabelece em relação a competência do professor:

Compete ao profissional de Educação Física, coordenar, planejar, programar, supervisionar, dinamizar, dirigir, organizar, avaliar e executar trabalhos, programas, planos e projetos, bem como prestar serviços de auditoria, consultoria e assessoria, realizar treinamentos especializados, participar de equipes multidisciplinares e interdisciplinares e elaborar informes técnicos, científicos e pedagógicos, todos nas áreas de atividades físicas e do desporto.

Em relação a prática da Licenciatura, o Confef através da resolução de nº 94/2005, em seu artigo 1º, inciso IV, solicita dos alunos formados o seguinte: Documento da Instituição de Ensino Superior indicando a data de autorização e reconhecimento do curso, data de ingresso e conclusão do referido curso, bem como a base legal do respectivo curso de Educação Física, se instituído pela Resolução CFE nº 3/1987.

No período de pouco mais de 150 anos, a Educação Física deixou de ser uma prática corporal para tornar-se disciplina curricular. As Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN's),

estabelecem as normas para o curso de licenciatura plena em Educação Física, através da resolução CNE 7/2004 em seu artigo 4º, parágrafo 2º, que definem a qualificação do licenciado.

As DCN's em seu Art. 4º determinam que:

O Professor da Educação Básica, licenciatura plena em Educação Física, deverá estar qualificado para a docência deste componente curricular na educação básica, tendo como referência a legislação própria do Conselho Nacional de Educação, bem como as orientações específicas para esta formação tratadas nesta Resolução.

As Diretrizes Curriculares Nacionais, também passam a qualificar a Educação Física como uma área de conhecimento, que se ocupa com o estudo e utilização das mais diversas práticas corpóreas.

As DCN's em seu Art. 3º conceituam:

A Educação Física é uma área de conhecimento e de intervenção acadêmico-profissional que tem como objeto de estudo e de aplicação o movimento humano, com foco nas diferentes formas e modalidades do exercício físico, da ginástica, do jogo, do esporte, da luta/arte marcial, da dança, nas perspectivas da prevenção de problemas de agravo da saúde, promoção, proteção e reabilitação da saúde, da formação cultural, da educação e da reeducação motora, do rendimento físico-esportivo, do lazer, da gestão de empreendimentos relacionados às atividades físicas, recreativas e esportivas, além de outros campos que oportunizem ou venham a oportunizar a prática de atividades físicas, recreativas e esportivas.

O Curso de Educação Física, que leva em média quatro anos para ser concluído, forma professores com ênfase em licenciatura e bacharelado, possuindo em sua matriz curricular disciplinas das áreas biológica, pedagógica e desportiva, que por conta da influência dos saberes acadêmicos, muitos professores acabam por desenvolver suas aulas no contexto de sua base curricular.

A tabela abaixo demonstra a Matriz Curricular do curso de Licenciatura em Educação Física pela Universidade Estadual da Bahia (Uneb), em que se é possível constatar o predomínio das disciplinas de caráter esportivo e as que estão relacionadas com a área médica.

TABELA 1: Matriz curricular do curso de Licenciatura em Educação Física

Período	Disciplina	Carga Horária
1º Semestre	Metodologia do trabalho científico I Didática Fundamentos anátomo-biológicos Fundamentos sócio-antropológicos Conhecimento e metodologia do Jogo *Oficina I – Atividade Física	60h *45h
2º Semestre	Fundamentos histórico-filosóficos História da Educação Física e esporte Atividade física e saúde coletiva Ordenamento legal e políticas públicas em Educação Física, esporte e lazer Conhecimento e metodologia do esporte I *Oficina III – Futebol	60h *45h
3º Semestre	Metodologia do trabalho científico II Psicologia da educação Medidas e avaliação em atividade física Corpo e movimento para pessoas com deficiência Conhecimento e metodologia do esporte II *Oficina II – Biodança	60h *45h
4º Semestre	Disciplina optativa Lazer e meio ambiente Fisiologia do exercício Conhecimento e metodologia da dança Conhecimento e metodologia da ginástica e hidroginástica *Oficina IV – Atletismo	60h *45h
5º Semestre	Políticas de educação e gestão escolar Primeiros Socorros Conhecimento e metodologia da natação Conhecimento e metodologia da capoeira **Estágio curricular I	60h **105h

6ºSemestre	Mídia, esporte e lazer Educação e ludicidade Conhecimento e metodologia do treinamento corporal/esportivo Conhecimento e metodologia da Luta **Estágio curricular II	60h **105h
7ºSemestre	Disciplina optativa Projeto de pesquisa Atividade física para grupos especiais * Oficina V – optativa ** Estágio curricular III	60h *45h **105h
8ºSemestre	Disciplina optativa TCC – Monografia **Estágio curricular IV	60h **105h

Fonte: UNEB, 2011.

A partir do conteúdo da matriz curricular, fica evidente que a formação do professor de Educação Física colabora para que ele reproduza uma aula com ênfase na dimensão corpórea, protagonizada pelas práticas esportivas.

1.1 – O esporte no contexto atual da escola

O esporte é toda e qualquer atividade física, orientada por regras, em que através do uso das habilidades motoras, equipes e indivíduos se enfrentam através das competições com a finalidade de alcançar a vitória.

O esporte é, sem sombra de dúvidas, hegemônico nas instituições de ensino, sejam públicas ou privadas: um esporte baseado em regras, que se inspirando que está em vigor nas confederações olímpicas e agremiações esportivas refletido nas quadras e salas de aula da escola. Nista-Piccolo (2012, p.56) afirma que "as aulas de Educação Física na escola têm uma função maior do que ensinar os alunos a jogarem bola, a fazer ginástica ou dançar". Por ser bastante conhecido pelas pessoas, através da mídia ou pelo contato advindo dos jogos populares, por ser prático, vez que na maioria das modalidades, necessita apenas de uma bola e um espaço demarcado (ou não) com as medidas e padrões oficiais, e por ser simples, observando apenas o respeito às regras de valor universal, o esporte acaba se confundindo com a aula de Educação Física e, por muitas vezes, a sendo.

O 6º ano do ensino fundamental II é a série escolhida para a presente pesquisa, que na escola em questão. A BNCC (2018, p.231), no que se refere a proposta desta e de outras práticas corporais “ressalte-se que, a partir do 6º ano, prevê-se que os estudantes possam ter acesso a um conhecimento mais aprofundado de algumas das práticas corporais, como também sua realização em contextos de lazer e saúde, dentro e fora da escola”.

É natural a concepção no contexto escolar de modalidades como o futebol, handebol, basquete e vôlei, de acordo com as regras e fundamentos destes, pois as escolas estaduais, em sua maioria dispõem de quadras poliesportivas, o que favorece a predominância desses desportos. As demais temáticas são aplicadas no pátio da escola. Coletivo de Autores (2012, P.50) faz referência a Educação Física como sendo “uma prática pedagógica que, no âmbito escolar, tematiza formas de atividades expressivas corporais, como o jogo, o esporte, a dança e a ginástica, formas estas que configuram uma área de conhecimento que podemos chamar de cultura corporal”. Convém lembrar que a Educação Física escolar não deve ser confundida com o esporte, e sim, desenvolver todos os eixos temáticos.

Na escola Maria Amélia Santos, a prática do esporte está inviabilizada em virtude da requalificação da quadra poliesportiva, o que leva o docente a desenvolver aulas teóricas, contribuindo assim para que os alunos possam conhecer as temáticas esportivas e construir um juízo de valor a respeito destas, para que ao final de cada unidade, os alunos possam aprofundar os seus conhecimentos sobre as práticas esportivas.

Existem algumas dificuldades, entre as quais a carência e a pouca diversidade de materiais didáticos/específicos, um espaço físico precário, a visão equivocada na qual a disciplina é uma prática corporal, que contribuem para que o esporte seja o protagonista entre outras temáticas.

Dentro da escola, a Educação Física não disfruta do mesmo status das disciplinas de caráter teórico, a exemplo da Matemática, Língua Portuguesa e Ciências, e, por ser uma disciplina com predominância da prática, e acentuação do aspecto físico sobre mental, acaba sendo vista como secundária, de pouca relevância no currículo escolar. Bertini Junior e Tassoni (2013, p. 467) destacam que “por outro lado, constatar a maneira como as famílias, docentes de outras disciplinas e gestores escolares encararam a Educação Física, consolida um processo de desvalorização da área e, conseqüentemente, da própria atuação profissional”. É comum que a disciplina ocupe os piores horários da escola, muitas vezes horários extremos como no final da manhã ou no início da tarde, o que costuma ser desconfortável para os alunos, tendo em vista que a quadra não é coberta, e os alunos acabam sofrendo em consequência das altas temperaturas.

A disciplina Educação Física, por ter um caráter eminentemente prático, dispõe de um sistema de avaliação diferenciado das demais: É necessário apenas, a presença e a participação, para que os alunos possam lograr êxito e, conquistarem a aprovação no ano letivo.

Souza (2002 Apud Vargas 2017, p. 823) menciona que:

Muitos professores se queixam de que a atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB (Lei 9.394/96) causou grande impacto na Educação Física, no que diz respeito à avaliação. Geralmente se referem ao desprestígio da Educação Física diante do aluno, devido à impossibilidade de sua reprovação neste componente curricular.

O esporte dentro da escola, é ministrado em uma perspectiva cujo objetivo é apresentar não somente resultados positivos na execução dos gestos motores, mas também embasamento teórico, ou seja, os alunos devem saber o motivo/finalidade de estar realizando este ou aquele movimento específico. Brasil (1997, p. 55) diz que “[...] a avaliação deve ser algo útil, tanto para o aluno quanto para o professor, para que ambos possam dimensionar os avanços e as dificuldades dentro do processo de ensino-aprendizagem e torná-lo cada vez mais produtivo”. No entanto, existe uma grande dificuldade em avaliar algo que apresenta impossibilidade prática, no caso, os esportes.

A visão geral que se tem sobre as aulas de Educação Física, é que os conhecimentos são lançados aos alunos, sendo que o professor passa os comandos, ditando os ritmos e sinalizando as mudanças, de maneira que eles aprendam a reproduzir, sem de fato estarem apreendendo a disciplina. A postura do professor não pode ser diferente, quando o mesmo ministra as aulas esportivas baseadas nas regras oficiais. Porém, a didática é outra no momento em que se apresentam os esportes no formato de jogos e brincadeiras, onde a aula é mais flexível, em virtude da minimização do caráter instrutivo.

Freire⁴ (2011, p. 12) questiona a aprendizagem mecânica ao dizer que:

Quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado. É neste sentido que ensinar não é transferir

⁴Paulo Freire é um educador de renome mundial, sendo o brasileiro com mais títulos de Doutor Honoris Causa das mais diversas universidades, entre elas Harvard, Cambridge e Oxford. Seu legado beneficia a grande área da Educação, se estendendo também à Educação Física, através de sua proposta de uma prática dialética com a realidade, em oposição ao que ele denomina de educação bancária, tecnicista e alienante. Destacou-se por seu trabalho na área da educação popular, direcionada tanto para a escolarização como para a formação da consciência política.

conhecimentos, conteúdos e nem formar é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado.

Em termos práticos, a Educação Física brasileira tende a reproduzir os esportes mais destacados, futebol, handebol, basquete e vôlei, se revezam durante as aulas, deixando de ser oportunizadas outras atividades da cultura corporal do movimento. Há uma ênfase excessiva na dimensão corporal, bem como no saber fazer e na estrutura rígida das regras desportivas. Em ambiente escolar, é recomendável que o esporte contemple em sua prática, todas as dimensões do ser, e trabalhar questões que envolvam conceitos, atitudes e valores.

Brasil (1997, p. 24) recomenda que:

Independentemente de qual seja o conteúdo escolhido, os processos de ensino e aprendizagem devem considerar as características dos alunos em todas as suas dimensões (cognitiva, corporal, afetiva, ética, estética, de relação interpessoal e inserção social). Sobre o jogo da amarelinha, o voleibol ou uma dança, o aluno deve aprender, para além das técnicas de execução, a discutir regras e estratégias, apreciá-los criticamente, analisá-los esteticamente, avaliá-los eticamente, ressignificá-los e recriá-los.

Infelizmente, os princípios éticos e valores são menos evidenciados, por conta da cultura esportiva escolar. A parte prática fica em primeiro plano e, há uma grande preocupação com o saber fazer, os fundamentos dos esportes coletivos através de uma prática voltada aos fundamentos. Santos e Oliveira (2015, p.51) destacam que, “são muitos os questionamentos e problematizações que incidem sobre esse assunto e que não poderiam ser sanados tão facilmente. De qualquer maneira, faz-se necessário repensar e refletir sobre as possibilidades e concretudes do ensino do esporte no palco escolar”. É necessário que os conceitos, atitudes e valores estejam alinhados com a prática do esporte, que deve se adaptar aos alunos, tendo em conta os seus aspectos multiculturais, sua condição de seres em formação e suas realidades fora dos muros da escola, que os tornam diferentes dos atletas.

Existe uma preocupação excessiva com as questões técnicas e táticas, típicas do universo esportivo de modo que, quando as aulas se assemelham mais a um treinamento preocupado com a obediência às normas e regulamentos, característico de centros desportivos para crianças, acabam por evidenciar as diferenças entre os mais e os menos habilidosos, onde se prioriza quem é o mais apto.

Coletivo de autores (2012, p. 70) chama a atenção para:

[...] o processo educativo provocado pelo esporte reproduz, inevitavelmente, as desigualdades sociais, por esta razão, pode ser considerado uma forma de

controle social, pela adaptação do praticante aos valores e normas dominantes defendidos para a funcionalidade e desenvolvimento da sociedade.

O esporte quando exige o máximo rendimento, faz comparações entre seus praticantes, idealiza necessidade de ultrapassar para estar em evidência, trabalhar em função das regras, passa a refletir o ideal da sociedade competitiva, na qual os seus praticantes devem se adaptar às suas normas e valores. Coletivo de autores (2012, p.70) sobre o esporte, afirma que “[...] subordina-se aos códigos e significados que lhe imprime a sociedade capitalista e, por isso, não pode ser afastado das condições a ela inerentes, especialmente no momento em que se lhe atribuem valores educativos para justificá-lo no currículo escolar”. Nessa perspectiva, o esporte deixa de ser visto como um fenômeno histórico-cultural, e passa a ser um instrumento que instiga os seus praticantes a concorrerem entre si em busca do melhor resultado.

A escola que tem por referencial este modelo competitivo impregnado na sociedade, costuma refletir essa tendência em suas aulas, e a visão que os alunos adquirem em consequência à sua prática, é que para se vencer a todo custo para alcançar melhores resultados na vida, é necessário abraçar a este modelo, que tanto a visão liberalista, quanto o esporte afirmam. Saviani (2012, p.11) descreve que “os princípios que regem a pedagogia tecnicista são a racionalidade, eficiência e produtividade, visando um modelo organizacional do sistema empresarial, que o torne um processo educativo objetivo e operacional”. Em consequência a essa maneira de se praticar os esportes dentro das aulas Educação Física, os alunos perdem o interesse pela essência do esporte, e passam a perseguir os resultados positivos.

Em decorrência ao uso indiscriminado do esporte na escola, ocorre a especialização esportiva, que vem a ser o aprimoramento performático dos gestos motores bem como, a desenvoltura das habilidades necessárias à prática desportiva, em uma configuração de esporte de rendimento, descaracterizando assim a aula de Educação Física. Isso contraria os princípios de uma prática pedagógica, que oportuniza trabalhar aspectos que vão além do físico, como o intelectual e o social, visto que, a aula deve priorizar o desenvolvimento do ser humano em sua totalidade.

Nista-Piccolo e Moreira (2012, p. 35) destacam que:

Ao considerar importância que tem a Educação Física no processo de desenvolvimento do ser humano, é preciso resgatar a verdadeira relação dos movimentos fundamentais com as necessidades básicas da criança. Quando as aulas de Educação Física são aplicadas com objetivos educacionais, sem

comparação de desempenhos entre os alunos, elas podem fornecer uma grande bagagem motora, ricas oportunidades de desenvolvimento social e estimulação das diversas manifestações de inteligência.

Em termos psicológicos, aumenta o sentimento de medo e insegurança, decorrentes da prática competitiva, seguidos de desânimo e desinteresse. O que era apaixonante no primeiro contato, passa a ser repulsivo ao longo das aulas, pelo fato de se estabelecer uma rotina, um fazer mecanizado, na busca pela perfeição, objetivando um resultado positivo.

O ideal é que as práticas esportivas em ambiente escolar, possibilitem através dos seus fundamentos, técnicas e táticas, uma progressão pedagógica de modo que todos os alunos possam se desenvolver na aula de forma equitativa.

Martins e Paixão (2014, p. 31) salientam que:

O esporte é um elemento de grande expressividade no campo da Educação Física escolar. Contudo, o que o configura como um potencial conteúdo educativo não está centrado no espetáculo, no rendimento ou na sua popularidade, mas no trato pedagógico que qualquer conteúdo deve estar atribuído para fins educativos dentro do ambiente escolar, sendo este desenvolvido de forma a oportunizar experiências a maior gama de alunos possível e acompanhado de trato reflexivo e formativo para ser realmente formador de cidadãos.

Por conta de uma supervalorização de determinados conteúdos exclusivos do esporte, ocorre a esportivização dentro da aula de Educação Física, advinda de uma cultura escolar, que associa que a quadra poliesportiva é o ambiente para se trabalhar tão somente esportes.

A esportivização é a consequência da tendência do aluno se tornar especialista em alguma ou várias modalidades esportivas que, de tanto treinarem e reproduzirem os conteúdos esportivos de forma irrefletida e automática, acabam por transformar uma prática corporal em esporte, o que colabora para que a cultura do esporte de rendimento se sobreponha à aula de Educação Física escolar.

Sobre o esporte de rendimento, Go Tani (1998, p.116) diz que:

Objetiva o máximo em termos de rendimento pois visa a competição; ocupa-se com o talento e portanto preocupa-se essencialmente com o potencial das pessoas; submete pessoas a treinamento, com orientação para a especificidade, ou seja, uma modalidade específica; enfatiza o produto e resulta em constante inovação. O interesse principal [...] é a perpetuação do

sistema ou a sua auto-preservação e o sistema só se perpetua com recordes. Os motivos desse interesse podem ser culturais, econômicos, políticos e ideológicos.

O esporte quando inserido como um conteúdo da Educação Física escolar, deve ser tratado de forma adequada ao meio em que está sendo desenvolvido, pois no momento em que adentra à escola, o esporte passa a ser uma prática pedagógica. Deve ir além de oferecer recompensas, do tipo medalhas, troféus, brindes, ranking, enfim, desvinculado do caráter olímpico para o qual foi naturalmente concebido.

Go Tani (1998, p.117) conclui que o esporte no contexto escolar:

Objetiva o ótimo em termos de rendimento, respeitando as características individuais, as expectativas e as aspirações das pessoas; ocupa-se com a pessoa comum, preocupando-se não apenas com o seu potencial mas também com a sua limitação; visa à aprendizagem e portanto submete pessoas à prática vista como um processo de solução de problemas motores; orienta-se para a generalidade, dando oportunidades de acesso a diferentes modalidades; enfatiza o processo e não o produto em forma de rendimentos ou recordes, e essa orientação resulta na difusão do esporte como um patrimônio cultural.

É necessário chamar a atenção, para que o esporte nas aulas de Educação Física escolar, não gravite em torno de seus regulamentos e do caráter instrumental, refletindo uma prática destituída de teoria, com ênfase na reprodução dos gestos motores, não havendo uma abertura para o diálogo entre o professor e os seus alunos, os quais devem participar das aulas, sem questionamentos. Freire (1983, p. 83) destaca que “somente o diálogo, que implica um pensar crítico, é capaz de também gerá-lo. Sem ele não há comunicação e sem esta não há verdadeira educação”. A aprendizagem baseada no diálogo, na qual as mais diversas situações comunicativas estão se desenvolvendo, caracteriza a escola contemporânea, na qual os saberes são compartilhados em uma ‘via de mão dupla’.

A prática esportiva quando desenvolvida na escola, deve contemplar a todos, não somente os mais habilidosos. Deve levar em consideração, o conhecimento teórico, que permita ao aluno refletir sobre o que está colocando em prática, assim como, a ludicidade, possibilitando uma prática divertida, que os motive a querer mais os esportes.

Freire⁵ (2002, p. 94) aponta que:

⁵ João Batista Freire é o principal expoente da abordagem Construtivista no Brasil. Possui graduação em Educação Física, mestrado na respectiva área e doutorado em Psicologia Educacional. Freire se inspira no construtivismo idealizado por Jean Piaget, sendo a sua principal obra o livro Educação de Corpo Inteiro, na

Ensinar esporte a todos – desenvolver competência para ensinar todas as pessoas, não apenas aquelas que julgamos ser mais talentosas [...]. Ensinar esporte bem a todos - não basta ensinar de qualquer jeito, mas sim com a preocupação de que o praticante aprenda bem o esporte a que se dedica; Ensinar mais que esporte a todos – [...] O aluno que aprende esporte tem o direito de ser informado, de teorizar sobre o esporte e viver um processo metodológico que lhe permita levar ao plano da reflexão suas práticas; E ensinar a gostar do esporte - As práticas devem ser dinâmicas, alegres, livres, de acordo com as características típicas de uma criança ou de um adolescente. As práticas mecânicas, rotineiras e monótonas acabam por ensinar a não gostar do esporte.

O esporte quando fundamentado por uma teoria, possibilita ao aluno compreender o seu objeto de estudo por meio de seus conceitos, ideias e fatos, criando assim uma precepção daquilo que já existe e se contextualiza em sua práxis. Se aprende a conhecer para não ser um mero reprodutor de conteúdos, sobretudo desenvolver o senso de saber, e o motivo de realizar determinada prática de uma maneira específica.

Brasil (1997, p. 27) chama a atenção para:

O processo de ensino e aprendizagem em Educação Física, portanto, não se restringe ao simples exercício de certas habilidades e destrezas, mas sim de capacitar o indivíduo a refletir sobre suas possibilidades corporais e, com autonomia, exercê-las de maneira social e culturalmente significativa e adequada.

A prática, quando precedida por conhecimentos que a justifiquem, possibilita ao aluno o aprender a fazer, e este, põe em prática os conhecimentos prévios adquiridos sobre os fundamentos, técnicas e táticas que envolvem a modalidade, desenvolvendo os gestos motores embasado por uma teoria, o que é diferente de aprender a ‘reproduzir’ os movimentos de um grande ícone do esporte.

O esporte tem como poucas atividades, o poder de ser um grande agente socializador, principalmente quando desperta nos jovens a visão de que faz parte da vida perder e errar, e o mais importante é conviver independente de tais resultados. Quando a prática esportiva se

qual faz o resgate dos jogos e das brincadeiras, no sentido de que os mesmos sejam utilizados como instrumentos pedagógicos, facilitadores da aprendizagem durante o ato lúdico. Freire destaca a postura do professor como facilitador que promove as relações interpessoais e o trabalho em grupo, assim como, faz oposição à corrente tecnicista do esporte, que vê o homem apenas limitado a dimensão física.

desvencilha dos aspectos técnicos, facilita o aprendizado por meio das relações sociais, através de novas experiências.

Nista-Piccolo e Moreira (2012, p. 41) concluem que:

A Educação Física deve desconsiderar o movimentar-se tradicional como estrutura técnica e objetiva, priorizando o sentido/significado que se estabelece nas ações do corpo. Visto que, a aprendizagem acontece por meio de uma interação social somada às oportunidades de experiências significativas que o indivíduo vivencia.

No momento em que a criança, tem um contato mais estreito com a estrutura social que vem depois da família em sua vida, que é a escola, ela aprende a conviver, com a diversidade de gêneros, etnias, classes sociais, enfim, indivíduos diferentes povoando um mesmo ambiente em seus diversos aspectos, inseridos em um mesmo contexto.

A prática esportiva, quando é direcionada aos alunos, deve destacar os valores éticos do esporte como o fair-play, auto superação, espírito de equipe, lealdade, respeito ao adversário e às regras estabelecidas, promovendo atitudes que refletem um caráter ilibado e de brio. Brasil (1997, p. 25) menciona que “[...] em relação à postura diante do adversário podem-se desenvolver atitudes de solidariedade e dignidade, nos momentos em que, por exemplo, quem ganha é capaz de não provocar e não humilhar, e quem perde pode reconhecer a vitória dos outros sem se sentir humilhado”. O aprender a ser está relacionado aos valores morais e éticos dentro da escola, algo que o esporte voltado somente para o saber fazer, é incapaz de promover.

Não existe um processo ensino-aprendizagem que trabalhe a teoria, a prática, a convivência e os valores de forma isolada ou fragmentada, e obtenha êxito completo, ouseja, o aluno não se forma somente para ser bom em absorver conteúdos, a ser perfeito na parte prática, a ser o melhor amigo de todos, e um bom exemplo de conduta e moral. Delors (2012, p. 31) em seu relatório à Unesco salienta: "a educação ao longo da vida baseia-se em quatro pilares: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser". A partir do conhecimento e prática desses pilares se constrói uma educação integrada, não só no esporte mas, em nível transdisciplinar, visto que isso se reflete na vida.

Os PCNs da Educação Física recomendam que as aulas, sejam elas com o conteúdo esportes ou não, observem as dimensões dos conteúdos de aprendizagem, que estão imbricados entre si, e que não devem ser trabalhados à parte sob o risco de comprometer o processo educativo, principalmente em uma disciplina, na qual a prática é colocada em evidência.

Brasil (1998, p. 73) esclarece:

Os conteúdos de aprendizagem serão apresentados dentro dos blocos, segundo sua categoria conceitual (fatos, princípios e conceitos), procedimental (ligados ao fazer), e atitudinal (normas, valores e atitudes), o que permite a identificação mais precisa das intenções educativas. Antes, porém, é conveniente se precaver dos perigos de compartimentalizar o que nunca se encontra separado na aprendizagem.

As aulas de Educação Física se assemelham a treinos de equipes profissionais, nas quais, o professor figura como treinador, e os alunos seus atletas, estando sujeitos a repetirem os conteúdos caso não seja alcançada a perfeição dos gestos esportivos. Aulas baseadas em uma rotina, que focaliza os aspectos técnicos, que acaba formando no aluno, um praticante de esportes. Freire (1996, p.14) diz que “formar é muito mais do que puramente treinar o educando no desempenho de destrezas”. É importante que o professor conceba outras modalidades, além das esportivas, bem como modifique a didática das aulas ministradas.

A ludicidade acaba ficando à parte, tendo em vista que ao se trabalhar somente com as regras, as aulas tornam-se inflexíveis, e os alunos ficam concentrados nos resultados, esquecendo que a diversão e as brincadeiras devem fazer parte das atividades.

Para que o esporte seja de fato um instrumento pedagógico, ele deve envolver a todos, sem discriminações, unir os alunos mais pelo prazer em jogar e não em função de obter um triunfo sobre o adversário. Visto sob a perspectiva de um jogo, e não de um torneio, o esporte desperta um maior interesse por parte das crianças, levando-as a participar e cooperar umas com as outras, de maneira lúdica, despreocupadas com qualquer resultado.

Orlick⁶ (1989, p. 116) chama a atenção para:

A experiência com novos jogos deve demonstrar que ser aceito como um ser humano não depende totalmente de um resultado. Consequentemente, para aqueles que desejarem, os esportes se tornarão uma busca do autodesenvolvimento, e não uma oportunidade de destruir os outros ou uma temível questão de vida ou morte.

⁶Terry Orlick é Psicólogo e especialista em esportes, sendo também o pioneiro dos jogos cooperativos no mundo, que através da sua primeira obra “Vencendo a competição” publicada em 1978, contribui para que os princípios cooperativos comecem a se efetivar na área da Educação Física, em um período no qual a disciplina atravessava uma grande crise de identidade, em virtude do esporte tecnicista, cuja prática girava em torno do rendimento, competições e da aptidão física. Atualmente é professor da Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde da Universidade de Ottawa, onde ensina e conduz pesquisas sobre excelência, desempenho e qualidade de vida.

1.1.2 - O desuso dos demais eixos temáticos

De acordo com os PCN da Educação Física escolar, além do esporte, são eixos temáticos os jogos, as lutas, a dança e as ginásticas, que fazem parte da cultura corporal do movimento, estando associados à Educação Física.

Brasil (1998, p.28) destaca que:

Dentro desse universo de produções da cultura corporal de movimento, algumas foram incorporadas pela Educação Física como objetos de ação e reflexão: os jogos e brincadeiras, os esportes, as danças, as ginásticas e as lutas, que têm em comum a representação corporal de diversos aspectos da cultura humana. São atividades que resignificam a cultura corporal humana e o fazem utilizando ora uma intenção mais próxima do caráter lúdico, ora mais próxima do pragmatismo e da objetividade.

Atualmente tanto o esporte quanto os demais eixos temáticos, são denominados pelas BNCC de Educação Física como competências específicas, e estão previstas para todo o ensino fundamental. A BNCC (2018, p.223) aponta que os alunos devem “experimentar, desfrutar, apreciar e criar diferentes brincadeiras, jogos, danças, ginásticas, esportes, lutas e práticas corporais de aventura, valorizando o trabalho coletivo e o protagonismo”.

A quadra escolar em que são desenvolvidos os desportos coletivos, não está adaptada para acolher os esportes em seu contexto olímpico, nem sequer práticas como as ginásticas rítmica, artística e as lutas. O caminho mais fácil a ser seguido pelos professores diante das dificuldades cotidianas, é trabalhar com uma bola, instrumento barato e de fácil aquisição e que, na maioria das vezes está relacionada a um dos quatro desportos mais populares que são o futebol, voleibol, basquete e handebol.

Souza (2013, p. 25) esclarece que:

Os docentes de educação física, em geral, não usufruem das condições necessárias para realizar uma boa prática pedagógica, sendo comum a falta de espaço físico e a precariedade dos materiais existentes. Esses fatores geram um alto grau de limitação diário e, conseqüentemente, o desinteresse dos alunos.

A Ginástica no Brasil deriva dos exercícios acrobáticos, que vem em decorrência dos métodos alemão, sueco e francês. Desde a sua origem, esteve associada a práticas militares, nas quais se exigiam disciplina, esforço e dedicação.

No que se refere à escola, é muito pouco utilizada, considerando que para a prática de seus fundamentos são necessários materiais próprios, no caso da ginástica artística, a exemplo de cavalos, argolas, plintos, barras paralelas, tatames, trampolins. Estes materiais costumam ter um preço elevado, ou seja, estão bem além da realidade orçamentária da escola pública.

A prática está condicionada ao uso dos aparelhos, sem os quais não há como reproduzir esta modalidade, seja em caráter competitivo ou recreativo. As ginásticas, são modalidades consideradas difíceis, pois a execução de seus fundamentos requer dos alunos uma postura específica, que dificilmente se adquire se não treinada na mais tenra idade. Diante desse panorama, a ginástica acaba por ser preterida das atividades escolares, e, quase sempre não está elencada no planejamento curricular da disciplina.

Almeida e Silva (2013, p. 146) dizem que:

[...] a sua ligação com o militarismo e a ditadura; por ser considerada uma prática muito difícil de ser realizada pelos alunos, basicamente pela visão que se tem da Ginástica Artística e da Ginástica Rítmica, nas quais os movimentos são muitos técnicos e precisos; [...] pela falta de infraestrutura que uma aula de ginástica normalmente poderia exigir.

Existem várias modalidades de ginástica: acrobática, aeróbica, rítmica, artística, lúdica, geral, e recreativa. No entanto, na prática escolar, pouco se vê esse eixo temático tomando forma, e, quando ocorre a sua prática, é por meio dos exercícios calistênicos, que na maioria das vezes leva os alunos a ficarem exaustos e suados, muitos tendo ainda que assistir aulas após os exercícios físicos.

A ginástica, por diversas ocasiões é utilizada como aquecimento para algum esporte, a exemplo de corridas ao redor da quadra, polichinelos e agachamentos, repetidos de forma mecanizada. Lisboa e Teixeira (2012, p.5-6) mencionam “a própria formação de professores que não contempla uma formação profissional que aborde as problemáticas das escolas como outro motivo para o franco processo de extinção da ginástica”. Em geral as práticas são destituídas de ludicidade, não aprofundando os seus fundamentos e progressões pedagógicas. A aula com os conteúdos ginásticos, se restringem a alguns movimentos calistênicos.

A dança está inserida no contexto da Educação Física, como atividades rítmicas e expressivas. São algumas das modalidades que mais aparecem em ambiente escolar o hip-hop, funk, fit-dance, forró, axé-music, samba e pagode.

Por meio das coreografias, a dança ganha forma, e cada estilo tem um ritmo que lhe é inerente, podendo variar muito de região para região. Por trabalhar a coordenação motora e as variações do movimento, ela se encaixa como eixo temático da Educação Física, desenvolvendo elementos da motricidade humana de forma singular.

Brasil (1998, p.98) pontua o:

Equilíbrio entre a instrumentalização e a liberação do gesto espontâneo (nem só técnica, nem só movimento pelo movimento; contextualizar a instrumentalização sempre que for conveniente, não só para apresentações) percepção do seu ritmo próprio; percepção do ritmo grupal; desenvolvimento da noção espaço/tempo vinculada ao estímulo musical e ao silêncio com relação a si mesmo e ao outro; compreensão do processo expressivo relacionando o código individual de cada um com o coletivo (mímicas individuais, representações de cenas do cotidiano em grupo, danças individuais, pequenos desenhos coreográficos em grupo); percepção dos limites corporais na vivência dos movimentos fluidos e alongados, criando oportunidade de transcender as limitações.

A cidade de Salvador, é destacada por sediar a maior festa de rua do mundo: o carnaval. Durante os festejos, são tocados vários ritmos musicais, e elaboradas as mais diversas coreografias, que são dançadas em todo o Brasil ao longo do ano.

Entretanto, na escola a dança não está em evidência, mesmo sob a forte influência da cultura soteropolitana. Por conta do preconceito cultural, que começa na própria casa dos alunos, muitos criam resistência e se esquivam das aulas.

Ao contrário do futebol, a dança é vista como uma atividade ‘feminina’, criando uma resistência muito forte por parte dos meninos, que se sentem envergonhados ao dançar, inibidos pelo medo da crítica alheia, oriunda dos seus colegas de classe.

Há um temor estabelecido pela cultura machista no que concerne a exposição dos meninos diante das atividades nas quais há um predomínio do sexo feminino, há uma preocupação excessiva, como que se tais práticas fossem ferir a masculinidade. O medo de praticar a dança por parte dos meninos é tamanho, que muitos por verem a mesma ser praticada em grande parte, por homossexuais, associam que ao colocarem em prática a dança, que tem como atributos a leveza, harmonia, suavidade, graciosidade e delicadeza, possam estar adquirindo traços do homossexualismo. Tamagne (2013, p. 442) destaca que “o medo da homossexualidade impregna as culturas homosociais: medo de ser, sem sabê-lo, no contato com homossexuais, medo também de ser tomado por um homossexual, o que

leva a acentuação de condutas machistas para desviar as suposições”. Fica evidente um ‘determinismo’, em termos subjetivos, que indica as aulas de dança somente para o público feminino, tal qual ocorre no futebol para com o universo masculino, sendo que a sua inobservância poderá comprometer a sexualidade dos meninos que se propõe a dançar.

Em consequência à prática da dança estar mais relacionada ao universo feminino, e pela visão cultural preconceituosa, que rotula a homossexualidade aos meninos que dançam, ocorrem as divisões na classe por sexo. Muitos alunos recusam a aula, e lhes é ofertada a prática do futebol como alternativa à dança, que é praticada quase que exclusivamente, pelas meninas nas aulas de Educação Física escolar.

Costa (2013, p.196-97) salienta que:

Quando somos pequenos, é comum as práticas esportivas serem impostas como um dos paradigmas de identidade masculina. Ser homem é estar com os outros homens jogando futebol. Qualquer um que se diferencie desse paradigma é considerado mais fraco, associado ao feminino, e por vezes, à figura do homossexual.

É importante compreender que a dança, como atividade que trabalha o ritmo e a expressão cultural, sofre variações regionais, sendo associada aos atributos de leveza, harmonia, suavidade, graciosidade e delicadeza, características que lhes são específicas.

As lutas, se configuram como mais um dos eixos temáticos da Educação Física escolar. Sua característica marcante, é o trabalho da motricidade humana, no sentido de subjugar, imobilizar ou deslocar o oponente, de maneira que aquele que domine a situação, consagra-se vencedor. As modalidades mais conhecidas, e que por vezes fazem parte do cenário escolar são a capoeira, o karatê e o judô.

Brasil (1998, p. 70) conceitua as lutas como:

[...] disputas em que os oponentes devem ser subjugados, com técnicas e estratégias de desequilíbrio, contusão, imobilização ou exclusão de um determinado espaço na combinação de ações de ataque e defesa. Caracterizam-se por uma regulamentação específica a fim de punir atitudes de violência e deslealdade. Podem ser citados exemplos de luta as brincadeiras de cabo de guerra e braço de ferro até as práticas mais complexas da capoeira, do judô e do karatê.

No contexto escolar, as lutas encontram muita resistência para se consolidarem como prática didática. A sua imagem, acaba ficando maculada pela veiculação midiática de esportes como o MMA, Boxe e Jiu-Jitsu, associadas à violência, e, em termos práticos, a

imprevisibilidade dos comportamentos esboçados diante da luta, concebida como arte marcial, colabora para que a mesma seja tolhida e mal vista, sendo sequer aventada como um possibilidade curricular dentro da Educação Física escolar.

As lutas não devem ser reproduzidas, assim como as artes marciais são nas academias. Reproduzir tais conteúdos, sob o aspecto competitivo, pode colaborar para um comportamento beligerante por parte dos alunos, que verão a aula como um enfrentamento de ‘vida’ ou ‘morte’. Não é aconselhável a reprodução de gestos específicos dos mais diversos estilos de luta, em um ambiente onde os alunos não vivenciam um treinamento específico para desenvolver tais modalidades.

Matos et al. (2015, p. 131) explicam que:

Tendo por características a abordagem da diversidade de modalidades de Lutas com ênfase em seus princípios, afastando-se da ênfase nas técnicas específicas, propondo a adaptação de materiais para as vivências, estimulando a criação de gestos a partir de situações problemas oferecidas nas aulas, é possível minimizar as dificuldades atribuídas para a inclusão deste conteúdo nas aulas de Educação Física.

Existe a possibilidade de trabalhar jogos de luta, em lugar das lutas caracterizadas através de suas regras, distinguindo assim, o eixo temático das artes marciais, o que nos leva a concluir que a competição se torna inviável no tocante a esse tema, tendo em vista que na escola não é lugar para a graduação de faixas pretas nas mais diversas modalidades de luta, e sim aplicar este conteúdo de forma lúdica, com um alcance abrangente.

Rufino e Darido (2012, p. 294) salientam que:

Portanto, o ensino das lutas corporais deve pautar-se sempre por meio de procedimentos pedagógicos claros e objetivos concretos, ensinando por meio dos métodos, parcial e global, utilizando jogos, brincadeiras e muita repetição das técnicas sequenciadas por práticas em bloco e, sobretudo, randômicas. Principalmente, o professor deve atentar-se para o planejamento e a organização dos processos de ensino e aprendizagem, reorganizando-os periodicamente.

A falta de embasamento teórico-metodológico por parte do professor, contribui para que as lutas não apareçam nas aulas de Educação Física escolar, o que faz com que o docente se sinta inseguro ao desenvolver este eixo temático em sala de aula, dando assim preferência aos esportes.

Rufino e Darido (2015, p. 510) chamam a atenção para:

O fato do professor não sentir-se seguro para ensinar as lutas na escola está relacionado com defasagens na formação, pois o professor, na maior parte das vezes, opta por ensinar aquilo que ele possui domínio de tratamento pedagógico o que, muitas vezes, redundando-se no ensino dos esportes coletivos mais tradicionais, dado sua forte influência na sociedade e na formação dos professores de Educação Física.

No entanto, é possível trabalhar em âmbito escolar, a filosofia das artes marciais, carregada de valores, que favorecem a uma visão de respeito ao próximo, lealdade e companheirismo, evidenciando o aspecto moral nas aulas por meio das mais elevadas virtudes.

Os jogos são todas as atividades de caráter lúdico, nas quais as regras são livremente estabelecidas pelos próprios jogadores. Dentro da cultura corporal do movimento, se assemelham bastante às práticas esportivas, com a diferença de não estarem norteados por regras rígidas.

Huizinga⁷(2001, p.33) descreve:

O jogo como uma atividade espontânea exercida dentro de um limite de tempo e espaço determinados, seguindo regras consentidas e obrigatórias. O jogo pode ser entendido aqui também como um sistema de regras flexíveis e preestabelecidas, que podem ser modificadas de acordo a necessidade do coletivo com fins lúdicos. Ou seja, aquilo que possui regras.

Na perspectiva escolar, os jogos estão associados às brincadeiras características da infância. O fato de não atentar para a seriedade, o seguimento das regras, o aspecto livre e descompromissado, tem colaborado para que a imagem dos jogos seja associada ao recreio, que na escola é também conhecido como intervalo, tempo em que os alunos permanecem ociosos. Brougère⁸ (1998, p.54) assinala que a brincadeira, assim como o jogo, “[...] era

⁷Johan Huizinga foi historiador e linguista holandês, que tinha como principal objetivo a retratação dos padrões culturais ao estudar temas, figuras, símbolos, estilos e sentimentos. Homo ludens foi a sua obra de maior destaque social, e também a grande contribuição para a Educação Física, considerando que Huizinga conceituou e definiu o jogo, que é destacado no livro por ter este, uma função social. O autor contesta o mundo real e linear, baseado em uma lógica competitivista, pois acredita os princípios de voluntariedade, liberdade e evasão da realidade contidos no jogo contribuem para o surgimento e desenvolvimento da civilização.

⁸ Gilles Brougère é filósofo, antropólogo e professor de ciências da educação na Universidade Paris XIII, na qual desenvolve pesquisas sobre a Educação Infantil, cultura lúdica, sociologia da infância, educação comparada e intercultural, desde os anos 1970 de dedica aos estudos sobre o universo infantil e a ludicidade. Em sua obra jogo e educação de 1998, ele debate a importância que se deva atribuir ao jogo se faz em um quadro tradicional, no qual se associa recreação ao jogo, constituindo-se uma contribuição à Educação Física e a forma de diversão conferida às lições e exercícios. Brougère chama a atenção para o caráter de não seriedade e frivolidade que envolvem os jogos e brincadeiras, e tais atividades podem ser analisadas sob a perspectiva de recreação, instrumento pedagógico e como exercício físico.

considerada, quase sempre, como fútil, ou melhor, tendo como única utilidade a distração, o recreio e, na pior das hipóteses, julgavam-na nefasta”. O jogo perde a sua identidade, considerado muitas vezes de ‘passatempo’ escolar, por não delinear objetivos e fundamentos como os que são abordados nas modalidades esportivas, muitas vezes a ocorrem grandes dificuldade devido à baixa concentração e interesse por parte dos alunos para com os jogos.

Por outro lado, é necessário chamar a atenção para a prática dos jogos quando norteados pela competição. Há uma linha tênue entre os jogos e o esporte, e aquele costuma ser comparado a este quando seu enfoque gira em torno das questões de disputas individuais ou em equipes.

Na perspectiva escolar, a prática dos jogos devem seguir uma progressão pedagógica, não devendo ser muito flexíveis a ponto de serem associados a brincadeiras, nem rígidos demais, tornando-se uma variante dos esportes.

Cória-Sabini e Lucena (2012, p. 46) chamam a atenção para:

É possível utilizar jogos, especialmente aqueles que possuem regras, como atividades didáticas, porém é preciso que o professor tenha consciência de que as crianças não estarão brincando livremente nessa situação, pois há objetivos didáticos em questão. Nesse caso, o professor torna-se um mediador entre as crianças e os objetos a conhecer, organizando e propiciando espaços e situações de aprendizagem em que articulem os conhecimentos prévios, trazidos pela criança, àqueles que a escola deseja transmitir.

Recentemente, outro eixo temático passou a ser agregado às aulas de Educação Física escolar – as práticas corporais de aventura, a exemplo do skate, patins, mountain-bike, rapel, tirolesa e trilhas. São categorizadas em urbanas e vinculadas à natureza.

A BNCC (2018, p.218) destaca:

Por fim, na unidade temática práticas corporais de aventura, exploram-se expressões e formas de experimentação corporal centradas nas perícias e proezas provocadas pelas situações de imprevisibilidade que se apresentam quando o praticante interage com um ambiente desafiador. Algumas dessas práticas costumam receber outras denominações, como esportes de risco, esportes alternativos e esportes extremos. Assim como as demais práticas, elas são objeto também de diferentes classificações, conforme o critério que se utilize. Neste documento, optou-se por diferenciá-las com base no ambiente de que necessitam para ser realizadas: na natureza e urbanas.

Muitas possibilidades dentro da cultura corporal do movimento, podem ser trabalhadas nas aulas de Educação Física escolar. Porém, por motivos culturais, materiais e didáticos, os demais eixos temáticos acabam por ficar à parte do planejamento curricular da disciplina, que tem focalizado a sua atenção demasiadamente nos conteúdos esportivos.

1.2 - A influência do esporte na vida dos alunos

A influência que o esporte, em especial o futebol, exerce na vida dos alunos, é a possibilidade de ascensão social e econômica proporcionada por meio de alguns dribles e chutes a gol, poderão sem muito esforço lograr êxito, tarefa que na visão dos alunos, é menos penosa do que estudar o Português, Matemática e Ciências na escola.

A possibilidade de se engajar em uma carreira desportiva, é sustentada pelos próprios pais que, ao perceberem a talento dos seus filhos, os incentivam a se dedicar exclusivamente ao esporte, e deixar os estudos para outra ocasião, contribuindo assim para o abandono escolar e, criando expectativas para disfrutarem dos bônus advindos da carreira do futuro jogador.

Da Conceição (2014, p. 31) destaca que:

O futebol aprendido de maneira espontânea em casa, na rua e na escola marca um brincar de bola descompromissado, envolvendo um sentido de divertimento ou prazer. Durante o imaginário vivenciado sobre o mundo do futebol como uma espécie de espelho que reflete e reproduz o esporte espetáculo se aprendem códigos, representações e símbolos. Uma inserção em um mundo de técnicas, táticas, gingas, dribles, virilidade, vontade e êxtase do gol. O Sonho da passagem de um “brincar com bola” para um “jogar bola” está calcado na fama e no dinheiro.

Assim, a possibilidade de profissionalização, aliada ao gosto pelos esportes, em particular o futebol, colabora para que os alunos fiquem inebriados pelas promessas de setornarem atletas ricos e famosos, ainda que para isso, abram mão do tempo que é dedicado à escola, e também da convivência junto à família.

Muitos jovens se lançam às cegas, nas ‘peneiras’ do futebol, submetendo-se aos olhares de experts, que julgarão quem é mais talentoso, na expectativa que muitos tomam por certeza, de ser um atleta com um alto status social, podendo alavancar junto consigo, toda a família e suas gerações futuras. A maioria dos jovens que se arriscam nesta aventura,

advém das camadas mais populares, encarando o hercúleo desafio de sair da linha da pobreza e ascender na pirâmide social.

Menezes, (2014, p. 130) observa que:

No futebol de hoje, a fantasia é a de qualquer menino-promessa pode vir a ser uma fábrica de milhões. Um capitalismo do milagre, em que se apostam as fichas da prosperidade no golpe de sorte com o qual o futuro dos pequenos pode se deparar.

É mais difícil estudar para aqueles nascidos em condições pouco favoráveis à própria subsistência. O ato de estudar, se torna uma montanha muito difícil a ser escalada pelas crianças que irão trilhar os caminhos do aprendizado, e concorrer com outros nascidos em melhores condições. Muito embora exista a igualdade de oportunidades, não se observa a justiça social. A escola, assim como o esporte de rendimento, também é pautada em um sistema de classificação e eliminação, reproduzido da sociedade cosmopolita moderna, na qual, muitos alunos acabam por desistir dos estudos, optando por desbravar uma carreira no esporte.

Dubet (2014, p. 86) esclarece que:

[...] os comentários acompanham as provas esportivas encarregadas de estabelecer o puro mérito dos indivíduos, não se limitando geralmente a realçar a chance, o talento e os dons dos vencedores, mas colocando também em evidência sua coragem, sua obstinação no treinamento, a solidariedade da equipe... Na escola, o julgamento escolar é geralmente do tipo moral; é como se o sucesso decorresse do trabalho, da regularidade do tipo mais do que apenas do talento, que não é plenamente moral porque parece dever-se aos acasos do nascimento e dos genes.

Diante desse ambiente competitivo e estratificador, que não leva em conta os conhecimentos e saberes a nível subjetivo, não tendo assim reconhecida a sua ‘bagagem’ cultural, que deveras contribui para que muitos jovens abracem o caminho do esporte, pois diante do baixo ‘talento’ escolar, eles preferem adentrar o caminho incerto do mundo que, de alguma maneira irá acolher o seu ‘dom’ esportivo.

1.2.1 - A mídia e o esporte de rendimento

A mídia está presente no dia a dia de todas as pessoas, não poderia ser diferente com as crianças, que cada vez mais cedo acessam os seus conteúdos. A escola deixa de ser o único referencial, que vai além da família, para a aquisição de informações e conhecimentos. Além dos limites dos seus muros, existem outros influenciadores, que colaboram para a construção da personalidade dos alunos.

Schmidt e Petersen (2013, p.11) evidenciam que:

No contexto no qual vivemos não há mais como ignorar que outros espaços diferentes e fora da escola, tais como a televisão, a internet, o cinema, o shopping, dentre outros, também proporcionam informação e múltiplos conhecimentos, contribuindo significativamente para a constituição das identidades infantis.

Os alunos já chegam à escola revestidos de informações, adquiridas através das relações sociais, e das mensagens decorrentes dos mais diversos recursos midiáticos. O esporte de rendimento é publicizado como produto de consumo através da mídia, que induz as pessoas a praticarem as mais diversas modalidades, sobrevalorizando a imagem do esportista, através das mais diversas propagandas e anúncios, por intermédio dos veículos de comunicação a exemplo da televisão, rádio, jornal, revistas esportivas e a internet. Schmidt e Petersen (2013, p. 13) dizem que, “elas já estão sendo ensinadas desde muito cedo através da mídia, que divulga marcas e logos, e muitas de suas primeiras palavras, necessidades e desejos surgem desse universo midiático”. A criança torna-se consumista em consequência das mensagens repetidas e massificadas pelos veículos de comunicação, aumentando o desejo de ter ou de ser o que está em evidência.

A televisão, é a principal mídia à qual os alunos tem acesso. Diariamente, os alunos são bombardeados por ideologias e concepções advindas desse meio de comunicação, tendo a mente inebriada pelas imagens e propagandas, manifestando o impulsiva necessidade de consumir os objetos de desejo que estão em destaque.

Schmidt e Petersen (2013, p. 14) afirmam:

Considerando que as crianças passam boa parte do seu dia assistindo à televisão e acessando a internet e que o controle remoto está sempre à mão para que se possa migrar de uma atração para outra, elas não têm como não aprender com a grande gama de imagens encantadas que aparecem rapidamente nos intervalos entre uma programação e outra e que acabam por apontar sempre uma mais sedutora de ser criança, tornando desejável a materialização dos produtos ilustrados e narrados por esses meios.

O veículo de comunicação mais acessível e popular, facilita o acesso dos mais diversos conteúdos, de maneira indiscriminada, vez que, em se tratando da TV aberta, não há como bloquear o sinal ou dificultar a acessibilidade por meio de senhas ou códigos de segurança. Fernandes (2012, p. 58) alerta que “[...] limitada ao espaço vivido de seu território, ou seja, a seu espaço/local de vida diária e sabe de “coisas lá de fora”, de fatos mundiais aos quais não teria acesso sem a presença dela”. Fica claro que a televisão abre as portas do mundo para a criança, que se apropria dos mais diversos tipos de informação, que muitas vezes são impróprias à sua faixa etária.

Crianças e jovens não estão apenas em uma postura passiva diante dos meios de comunicação: estão reconfigurando as suas relações sociais, sob da influência mídia, desde a formação de traços da personalidade até a inserção nos mais diversos grupos. Roche (2012, p.117) alerta que, “são uma nova tecnologia perceptiva e mental, e também uma transformação das formas tradicionais de sociabilidade”. Assim, a criança estabelece novos laços de amizade, que não se atém a tempo e espaço, bem como, apresentam comportamentos diferentes.

Os valores transmitidos pela família aos seus filhos, em especial, àquelas mais tradicionais, sofrem influências das diversas mídias, considerando que suas atividades e estilo de vida são continuamente reconfigurados pelos meios de comunicação, especialmente no tocante ao consumo dos seus produtos ‘culturais’. Roche (2012, p. 106) menciona que “[...] estas tecnologias - atualmente em suas versões globalizadas e corporativizadas - são constitutivas do campo cultural e da ordem social”. Portanto, aquilo que está em evidência, se incorpora a cultura das crianças, que estão cada vez mais cedo moldando o seu jeito de ser em virtude da cultura midiática.

A grande maioria dos professores de Educação Física opta por trabalhar com os conteúdos esportivos, não somente pela relevância social do eixo temático, mas também pelo enfoque que é dado aos esportes coletivos pela mídia, induzindo aos alunos a preferirem algumas modalidades coletivas, direcionando-os à prática do que está em destaque.

Os alunos, seres em formação que ainda estão construindo a sua personalidade, copiam as tendências dos adultos no que se refere ao consumo dos esportes mais destacados, em detrimento dos que não estão sob o enfoque midiático. Essa influência justifica a massificação de aulas como o futsal, o voleibol, handebol e basquete, e o esquecimento das demais atividades físicas.

Brasil (1998, p.32) destaca que:

Jornais, revistas, videogames, rádio e televisão difundem ideias sobre a

cultura corporal de movimento, e muitas dessas produções são dirigidas especificamente ao público adolescente e infantil. Os alunos também tomam contato, às vezes precocemente, com práticas corporais e esportivas do mundo adulto. Hoje, todos os indivíduos são consumidores potenciais do esporte-espetáculo, senão como torcedores nos estádios e quadras, ao menos como espectadores de televisão.

A manipulação da mídia às mentes em formação, vai muito além de expor as suas marcas e equipes que pagam mais para poder estar em evidência nos campos publicitários. As narrativas são utilizadas para induzir o pensamento dos telespectadores a um determinado ponto, desconsiderando a criticidade de quem consome a publicidade, de modo que a falácia esportiva propalada por âncoras jornalísticos de renome, e também atletas que estão em destaque acaba por criar polêmicas, construir rivalidades, fazer ascender ou derrocar ídolos.

Na maioria das vezes, o fato real diverge do que é noticiado e, muitos consumidores de TVs por assinatura, acabam por aderir a tais programas por conta da imagem que é veiculada no canal, que ditam os seus padrões com base em uma cultura esportiva que induz o telespectador a consumir muitos produtos, sem que haja a formação de um juízo de valores, tornando como básica uma necessidade que, na grande maioria das vezes é fútil.

Brasil (1998, p.63) chama a atenção para:

Conhecer a diversidade de padrões de saúde, beleza e estética corporal que existem nos diferentes grupos sociais, compreendendo sua inserção dentro da cultura em que são produzidos, analisando criticamente os padrões divulgados pela mídia e evitando o consumismo e o preconceito.

Diante da espetacularização, há uma distorção do esporte em âmbito escolar: O enfoque dado pela mídia contribui para que o jovem se veja como um jogador que deva reproduzir este arquétipo na quadra escolar. O esporte projetado pela mídia, se arvorou nas aulas de Educação Física, a ponto de que os alunos o queiram com exclusividade e sob a forma de competição e torneios. O que se observa é que, pelo fato de que algo está na mídia, mesmo que não seja um conteúdo relevante, há um desejo impulsivo em adquirir, usar, disfrutar e vivenciar o que a TV, internet e outros meios publicitários propalam, e isso favorece a ênfase do esporte dentro da escola.

Brasil (1998, p. 31-32) aponta que:

A mídia está presente no cotidiano dos alunos, transmitindo informações, alimentando um imaginário e construindo um entendimento de mundo. Os alunos permanecem muitas horas diante do aparelho de televisão, que hoje

rivaliza com a escola e com a família como fonte de formação de valores e atitudes. Contudo, o que a mídia propicia, num primeiro momento, é um grande mosaico sem estrutura lógica aparente, composto de informações desconexas e, em geral, descontextualizadas.

Em decorrência da espetacularização midiática, um esporte chama a atenção por se destacar mais do que os outros: O futebol, que é o esporte mais praticado no Brasil, e também nas quadras escolares.

O futebol é massificado pela mídia, sendo considerado um fenômeno social. Há um grande investimento no esporte, que tem a sua fama aumentada por ser apresentado nos canais de TV abertos, TVs por assinatura, rádio e internet, e investimentos de quantias vultosas, patrocinadas por empresas de renome nacional e internacional.

A copa do mundo de 2014, teve como país sede o Brasil, colaborou para que o Futebol ganhasse uma dimensão gigantesca: o país viveu um momento de grande euforia em virtude do evento, se destacando como o tema de maior notoriedade na mídia, estando evidente não só a cada quatro anos, como ocorre com os jogos olímpicos, mas durante todos os dias, nas ruas dos bairros, nas aulas de Educação Física, nos estádios e nos campeonatos regionais e brasileiro.

Macagnan e Betti (2014, p. 315) ressaltam que:

O grande interesse dos espectadores por esse esporte, nos dias de hoje, deve-se à necessidade que povos de todo o mundo têm de atividades de lazer que propiciem um tipo de excitação que não se encontra mais nas sociedades atuais. E o futebol, pela sua configuração especial, propiciaria o atendimento a esta necessidade.

A mídia exerce tamanho poder na mente das crianças e adolescentes, contribuindo para a reprodução de estereótipos, chegando a influenciar na escolha dos times de futebol, na indumentária que leva as cores de suas equipes favoritas, e no entoar ufanista dos hinos dos clubes regionais e da seleção nacional.

A televisão, contribui para construir uma visão equivocada dos esportes, que por conta da ênfase dada a situações e comportamentos competitivos, como reações violentas ocasionadas pela prática de esportes de contato direto, acabam por influenciar as mentes em formação dos jovens a reproduzirem, nas práticas esportivas e nas brincadeiras, tais cenas que são espetacularizadas e destacadas, na intenção de aumentar o ibope nas transmissões da TV.

Orlick (1978, p. 63) constata que:

Estudos de laboratório mostraram repetida e consistentemente que a violência na televisão pode tornar as crianças mais dispostas a ferir outras pessoas, mais agressivas em suas brincadeiras e mais propensas a escolherem a agressão como uma reação a situações de conflito.

O fanatismo, por uma equipe que muitas vezes começa desde a infância, torna a pessoa intolerante, desenvolvendo assim um comportamento beligerante, que vê somente o seu time como o melhor. Muitas das brigas que ocorrem nas aulas de Educação Física, começam por desentendimentos sobre os times de futebol.

Muitos comportamentos agressivos, a exemplo de xingamentos, gestos obscenos, culminando muitas vezes em brigas, típicos dos adeptos de torcidas organizadas vai além do que se vê nos estádios, transpondo o muro das escolas. Frequentemente as crianças copiam os maus exemplos, torcendo por uma equipe de futebol, e tratam com hostilidade, aos próprios colegas, por terem optado pela escolha de outro time.

Bandeira (2013, p.04) chama atenção para:

A violência simbólica envolve apenas atitudes verbais e/ou gestuais, sendo que normalmente ela é emocionalmente satisfatória e agradável, produzindo até mesmo um efeito catártico no indivíduo. [...] Ela é socialmente aceita e, nos estádios de futebol, pode ser observada a partir dos gestos e gritos realizados pelos torcedores e de algumas canções e hinos cantados por eles.

A cultura do esporte, difundida pela mídia, está presente em todas as camadas sociais. A prática desse item da cultura corporal do movimento, não deve instigar rivalidades em decorrência da apologia a ícones esportivos, mas favorecer ao processo de ensino e aprendizagem destituído de padrões de rendimento.

A democratização e o livre acesso às informações, contribuem para que as crianças se apropriem do que é propagado pela mídia, sem que haja a necessidade de recorrer aos adultos, para que estes sirvam como medianeiros entre os conteúdos e os sujeitos destinatários. O papel da mediação é essencial, no que concerne à construção da cultura infanto-juvenil.

Roche (2012, p. 246) diz que:

Podemos considerar as “mediações” como “fatores” ou “variáveis” que contribuem para dar determinada forma às interpretações das mensagens disseminadas pelos meios de comunicação e operam na medida em que determinada criança pertencendo a uma classe social, a uma etnia, assumindo uma particular identidade de gênero, tenha acumulado determinado

capitalescolar, seja influenciada por alguma ideologia familiar, esteja situada em certa localização geográfica e viva na cidade ou no campo, entre outras.

Tanto o professor, quanto a escola e família, devem intervir como mediadores, esclarecendo os seus alunos acerca do fenômeno social chamado esporte, como outros conteúdos que são veiculados em forma de espetáculo pelos meios de comunicação. Roche (2012, p. 311) menciona que “[...] não oferecem elementos analíticos adequados para favorecer a compreensão de alguns sucessos e informações que as telas mostram, tais como os conflitos sociais ou algumas situações relativas à complexidade das relações interpessoais”. Em relação às mídias, em específico a TV, se não forem analisadas criticamente, podem contribuir para desconstrução do conhecimento.

1.2.2. - Os excluídos do esporte

Historicamente a Educação Física sempre esteve em busca de desenvolver a aptidão física no indivíduo. O seu discurso eugenista de purificação da raça e exaltação ao mais forte, que depois tornou-se esportivista, sempre em busca do melhor, colaboraram para que a disciplina se tornasse uma 'peneira' em que se destacam aqueles que apresentam um melhor desempenho nos exercícios: espelho da realidade social que objetiva classificar e selecionar.

Brasil (1998, p. 19) faz referência:

A sistematização dos objetivos, conteúdos, processos de ensino e aprendizagem e avaliação tem como meta a inclusão do aluno na cultura corporal de movimentos, por meio da participação e reflexão concretas e efetivas. Busca-se reverter o quadro histórico de seleção entre indivíduos aptos e inaptos para as práticas corporais, resultante da valorização exacerbada do desempenho e eficiência.

A prática da temática esportiva dentro da escola, tem colaborado para a acentuação das diferenças entre os seus praticantes. Todos, tem a igual oportunidade de participar das aulas, mas no entanto, a aula não contempla a diversidade, em especial, os diversos níveis de habilidades motoras dos alunos.

Os objetivos a serem alcançados são simples para uma pequena parte, no entanto, difíceis para os desfavorecidos com o arquétipo ideal, que são os gordinhos, os portadores de necessidades especiais e os que tem pouca habilidade motora.

Situações de discriminação são corriqueiras, em uma aula com esportes em que se priorizam os aspectos técnicos e táticos. Durante a seleção para os times, são escolhidos os

mais habilidosos e de melhor compleição física, e são preteridos aqueles que tem pouca habilidade, os que são mais lentos, os que tem sobrepeso e os que tem dificuldades para assimilar os conteúdos. Os alunos excluídos sofrem bullying, pois são vítimas de agressões verbais, que vão desde comentários jocosos e trocistas, com apelidos no intuito de denegrir a imagem, chegando até as vias de fato, quando são desferidos socos, chutes e empurrões.

Fante (2012, p. 72) descreve o perfil das vítimas como sendo:

[...] aspecto físico mais frágil que o dos seus companheiros; medo de que lhe causem danos ou ser fisicamente ineficaz nos esportes e nas brigas, sobretudo, no caso dos meninos, coordenação motora deficiente, especialmente entre os meninos, extrema sensibilidade, timidez, passividade, submissão, insegurança, baixa autoestima, alguma dificuldade de aprendizado, ansiedade e aspectos depressivos.

Os alunos que sofrem as discriminações, se sentem desmotivados em continuar fazendo as aulas de Educação Física, considerando que, a culpa pelo fracasso da equipe recai sempre nas costas dos menos habilidosos, por não acompanharem o ritmo dos demais, resultando quase sempre na exclusão.

Os professores precisam estar atentos, modificando as aulas, sempre que se manifestarem comportamentos belicosos que poderão gerar conflitos. O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), no art. 18, cita que “é dever de todos velar pela dignidade da criança e do adolescente, pondo-os a salvo de qualquer tratamento desumano, violento, aterrorizante, vexatório ou constrangedor”. As aulas devem ser adaptadas, tendo em conta a diversidade dos alunos e as suas particularidades, algo que a prática desportiva baseada nas regras oficiais não considera, pois sempre almeja apontar o vencedor de uma disputa, o que não é justo com os que não estão no mesmo nível dos mais favorecidos pela atividade.

No tocante aos portadores de necessidades especiais, a escola encontra muitas dificuldades, entre elas a adaptação do ensino para os mais diversos casos. É difícil para esse público em específico, lograr êxito nas aulas de Educação Física, quando as aulas baseadas nos esportes de rendimento, não apresentam um formato que permita a prática de todos os que estão presentes. Por possuírem uma motricidade e características diferenciadas, por diversas vezes deixam de fazer as aulas, figurando apenas no espaço como espectadores passivos, se limitando quase sempre a fazerem relatórios sobre a aula, na qual deveriam estar participando ativamente. A escola deve prever tais situações e o professor agir como o facilitador da aprendizagem, que considere as necessidades de cada caso, modificando quando for preciso, a sua didática.

A Declaração de Salamanca (1994, p. 1) destaca que:

Toda criança tem direito fundamental à educação, e deve ser dada a oportunidade de atingir e manter o nível adequado de aprendizagem, toda criança possui características, interesses, habilidades e necessidades de aprendizagem que são únicas, sistemas educacionais deveriam ser designados e programas educacionais deveriam ser implementados no sentido de se levar em conta a vasta diversidade de tais características e necessidades, aqueles com necessidades educacionais especiais devem ter acesso à escola regular, que deveria acomodá-los dentro de uma Pedagogia centrada na criança, capaz de satisfazer a tais necessidades.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais com Adaptações Curriculares recomendam que, tanto a escola quanto o professor promovam adaptações em seus conteúdos programáticos, com a finalidade de contemplar os portadores de necessidades especiais, que não tem condições de acompanhar de forma equitativa aos demais colegas de classe.

Brasil (1999, p.50) explica que:

Consistem em adaptações individuais dentro da programação regular, considerando-se os objetivos, conteúdos e os critérios de avaliação para responder às necessidades de cada aluno. São exemplos de estratégias adaptativas: Adequar os objetivos, conteúdos, critérios de avaliação, o que implica em modificar os objetivos, considerando as condições do aluno em relação aos demais colegas.

Em relação à avaliação, os professores devem considerar que, os alunos portadores de necessidades especiais possuem dificuldades para aprender e executar determinados conteúdos da cultura corporal do movimento. Brasil (1999, p.58) recomenda que “quanto à promoção ou retenção dos alunos que apresentam necessidades especiais, o processo avaliativo deve seguir critérios adotados aos demais ou adotar adaptações quando necessárias”. Nesse sentido, a aula pode ter a opção de um sistema de avaliação diferenciado, para evitar um desqualificação desses alunos, em virtude das diferenças físicas, psicológicas, cognitivas, sensoriais e emocionais, as quais não permitem aos mesmos se desenvolverem como a maioria nas aulas de Educação Física.

Não há como realizar uma aula de Educação Física para portadores de necessidades especiais, sem adaptações na escola para contemplar esse público. São intervenções necessárias por exemplo: a construção de rampas alternativas às escadas, corredores em braile para acessar a quadra, corrimão, dentre outros que favoreçam o deslocamento e a

permanência do aluno nas aulas. A inobservância de tais medidas, garante por si só a exclusão dos alunos que realizam uma aula que utiliza massivamente a motricidade.

1.2.3. - O sexismo dentro da aula de Educação Física

Sexismo é a conduta de menosprezo de um sexo face ao outro, e a sua ocorrência é mais comum do sexo masculino para com o sexo feminino, através de ações discriminatórias e avaliações negativas, também em função do gênero, do que lhe é específico, de acordo com o determinismo social.

Ocorrem muitos conflitos na quadra em função de atividades esportivas que contam com uma adesão maior do público masculino, que quando praticadas por meninas, são bastante polemizadas, não somente por críticas associadas ao gênero, mas também por questões de disparidades físicas.

O estereótipo que se faz da mulher que pratica esportes, em que haja predominância de praticantes do sexo masculino, remanesce da cultura brasileira que atribui determinadas práticas esportivas como sendo exclusivas para os homens, que pelo simples fato de os praticarem, faz com que as mulheres sejam chamadas de ‘sapatão’, ou ‘marias-chuteira’ no tocante às futebolistas, associando a homossexualidade feminina à práticas esportivas de hegemonia masculina. É importante compreender, que uma prática esportiva não determina a orientação sexual dos seus praticantes, em função do gênero que mais predomina na modalidade.

Jesus (2012, p.12) aponta que:

Gênero se refere a formas de se identificar e ser identificada como homem ou como mulher. Orientação sexual se refere à atração afetivossexual por alguém de algum/ns gênero/s. Uma dimensão não depende da outra, não há uma norma de orientação sexual em função do gênero das pessoas, assim, nem todo homem e mulher é “naturalmente” heterossexual.

As meninas estão sujeitas a xingamentos e outros tipos de agressão, pois estão vestidas como homens, no momento em que praticam o esporte, nos campeonatos. O mesmo desdém ocorre quando se tornam mulheres, e passam a exercer uma profissão tipicamente masculina, a exemplo de árbitra e técnica de futebol. Miskolci (2012, p.40) refere-se como “o abjeto é algo pelo que alguém sente horror ou repulsa como se fosse um poluidor ou impuro, a ponto de ser o contato com isso temido como contaminador e nauseante”.

Comportamentos e atitudes que ressaltam a diferença entre os sexos, com ênfase na segregação, pode em casos extremos resultar em misoginia.

O determinismo sexual já começa dentro de casa, na qual desde a mais tenra infância, as meninas reproduzem o estereótipo feminino, determinado por uma cultura sexista e patriarcal. Miskolci (2012, p.48) menciona “os processos sociais normalizadores procuram classificar e hierarquizar alguns sujeitos e identidades, produzindo concepções de [...] sujeitos estáveis, identidades sociais e comportamentos coerentes e regulares”. O que se manifesta sempre, em termos culturais quando as meninas são direcionadas a brincar de casinha, boneca, usar vestidos, e se envolver em atividades mais delicadas, de preferência vinculadas aos afazeres domésticos.

Garotas que praticam o rugby, futebol e levantamento de pesos, não são bem vistas pelos parâmetros heterossexuais que costumam modelar a relação binária sexo/gênero. As aulas de Educação Física acabam refletindo o contexto social dos sexos estarem atrelados diretamente ao gênero, e assim como é mal vista uma mulher engenheira ou motorista de caminhão, é considerado antinatural uma menina jogar futebol ou um garoto dançar. Se nascemos homens ou mulheres, por força do determinismo social, deve-se desempenhar funções inerentes ao nosso sexo.

O uso excessivo do esporte nas aulas de Educação Física, em especial quando o enfoque recai sobre as aulas de futebol, costuma promover a divisão da classe, principalmente uma divisão baseada no sexo. As aulas dos desportos coletivos são de contato físico, e os atritos costumam ser ríspidos, com impactos que deixam hematomas e equimoses no corpo, o que acaba afastando as meninas das aulas.

São poucas as meninas que praticam os esportes, como o futebol, cuja prática implica em contato físico direto. O mais comum nas aulas de Educação Física é que elas manifestem interesse pelo voleibol, pela impossibilidade de choques, vez que a rede separa as duas equipes, ou então o jogo de queimada, em que o contato entre as jogadoras das equipes ocorre por meio da bola.

A aula de Educação Física muitas vezes é dividida por sexo, pois o professor julga que certas práticas esportivas, indicadas e recomendadas para os meninos, sejam impróprias para as meninas. Portanto, é comum que elas sejam direcionadas a modalidades mais ‘femininas’, a exemplo da queimada e do voleibol, mais convenientes ao sexo ‘frágil’. É importante destacar que as aulas mistas irão favorecer a integração das meninas em modalidades com predominância do sexo masculino, possibilitando o convívio entre as diferenças.

Brasil (1997, p.25) destaca que:

No que tange a questão do gênero, as aulas mistas de Educação Física podem dar a oportunidade para que meninos e meninas convivam, observem-se, descubram-se e possam aprender, a ser tolerantes, a não discriminar e a compreender as diferenças, de forma a não reproduzir estereotipadamente relações sociais autoritárias.

Tais divisões tomando por base o parâmetro sexual, são desaconselháveis, tendo em vista que o esporte na escola é para todos. Não existe uma modalidade específica para os meninos e outra para as meninas. É importante que a aula que utiliza o esporte na escola não se oriente por uma conformação binária, enraizada e reproduzida por uma sociedade machista. Ocorre esta divisão de gênero no esporte profissional, pois nesta seara, equipes masculinas disputam com outras equipes masculinas, e vice-versa para o sexo feminino. Essa divisão, não se aplica em âmbito escolar, no qual o esporte deve abarcar a todos sem distinção de sexos.

Araújo (2012, p.68) indica que:

O esporte, não alheio à conjuntura social que o abarca, identifica (mesmo que com resistência) tais questionamentos e/descentramentos em seu campo que possibilitam uma complexificação das posições binárias e maniqueístas em torno do gênero e sexualidade dos sujeitos/atletas. Contudo, destacamos a resistência do fenômeno esportivo a essa nova demanda por compreender que esta desestabiliza a prática esportiva, inclusive, em sua clássica forma de organização das modalidades por categoria e gênero.

1.3. - O elemento lúdico nas aulas de educação física

O lúdico e o ato de jogar são tão antigos quanto a própria humanidade. Lúdico deriva de ‘ludus’ (jogar) e também de ‘jocus’ (divertimento), que em termos práticos associa-se a ‘ludere’ (exercício em prática). O homem sempre manifestou o desejo de jogar. O jogo sempre esteve inserido nas mais diversas esferas da sociedade, a exemplo nas artes, filosofia, política e militar.

Brougère (1998, p.36) cita que:

Ludere consiste em fazer o simulacro da caça ou da guerra ou realizar esta ou aquela série de gestos da vida prática, sem nenhuma outra preocupação a não

ser os gestos e fazê-los bem, dedicando-se apenas a mostrar sua graça ou caráter expressivo, através da dança, por exemplo.

Em todas as épocas o jogo sempre se fez presente, na idade antiga, notoriamente em Roma na forma de espetáculos, promovidos através dos jogos de circo, corridas de bigas, combates entre gladiadores, e caçadas.

Huizinga (2000, p.198) menciona:

A sociedade romana não podia viver sem os jogos. Estes eram tão necessários para sua existência como o pão, pois eram jogos sagrados e odireito que o povo a eles tinham era um direito sagrado. Sua função essencial não era a simples celebração da prosperidade que o grupo social havia já conseguido, e sim a consolidação desta e a garantia de mais prosperidade no futuro através do ritual. Os grandes e sangrentos jogos romanos eram uma sobrevivência do fator lúdico arcaico sob uma forma despotencializada.

Na Grécia como competições, manifestando-se através do teatro, mímica, dança, concurso de poesias e, principalmente pelos jogos olímpicos, que tinham relação direta com os deuses do Olimpo e os heróis, que eram celebrados nestas ocasiões festivas.

Brougère (1998, p.40) diz que:

A liturgia do concurso é espetáculo apenas de modo acessório. Está centrada na comemoração da morte de um herói. Essa comemoração regular dos grandes mortos permite renovar no além o excepcional poder vital e continuar a proteger a comunidade sobre a qual vivem.

Na Idade Média, o lúdico assume outras características, estando mais relacionado aos festejos religiosos dos rituais carnavalescos, bem como à trivialidade e futilidade, por estarem associados a jogos de azar, previsões do futuro, e adivinhações, sendo a característica de não seriedade a mais evidenciada, enquanto que na Idade Moderna, se opõe ao trabalho, que em latim se chama ‘tripalium’ (que vem a ser tortura) ao passo que o jogo se origina de ‘jocu’ (que significa gracejo ou zombaria).

É no início do Renascimento que o jogo assume mudanças operativas que perduram até os dias de hoje. A brincadeira é vista como uma livre expressão, favorecendo a inteligência e por consequência, os estudos. Brougère (1998, p.80) considera que “a antiguidade torna-se a infância da humanidade. A época moderna é superior porque é ascensão à maturidade. A metáfora é orientada em um sentido: utiliza-se as idades do indivíduo para valorizar ou desvalorizar certos períodos da história”. Com o decorrer dos anos, os jogos evoluíram a ponto de que nas escolas ganham o status de instrumento

pedagógico, e as crianças são assistidas por pedagogos, encarregados de trabalhar sempre a ludicidade, deixando-a fluir na criança.

A atividade lúdica, os jogos e as brincadeiras, se inserem na escola como práticas pedagógicas, que agem não somente no sentido de facilitar a aprendizagem, mas como um meio imprescindível para o desenvolvimento do intelecto dos alunos. Piaget (1998, p.58) salienta que “a atividade lúdica é o berço obrigatório das atividades intelectuais da criança, sendo, por isso, indispensável à prática educativa”. No momento em que o ato lúdico passa a ser desenvolvido nas aulas as crianças conseguem solucionar os problemas, se desenvolvendo mais à medida em que brincam.

Essas novas práticas, contrariam os princípios da pedagogia tradicional, que coloca o professor como centro da aula, não abrindo margem para a expressividade dos alunos, que não tinham as suas verdadeira necessidades satisfeitas em virtude de uma falha transmissão de conhecimento, que se dava de modo unilateral, impossibilitando críticas ou reflexões.

As brincadeiras fazem parte do contexto histórico-cultural da humanidade, e devem ser integradas à prática pedagógica nas aulas de Educação Física, sendo importantes para o desenvolvimento da noção de agir em grupo, que ao brincar não somente interagem, como também intervém no mundo à sua volta, através das suas próprias representações.

Gomes (2013, p.45) afirma que:

[...] a brincadeira é um fenômeno da cultura, uma vez que se configura como um conjunto de práticas, conhecimentos e artefatos construídos e acumulados pelos sujeitos nos contextos históricos e sociais em que se inserem. Representa, dessa forma, um acervo comum sobre o qual os sujeitos desenvolvem atividades conjuntas. Por outro lado, o brincar é um dos pilares da constituição de culturas da infância, compreendidas como significação e formas de ação social específicas que estruturam as relações das crianças entre si, bem como os modos pelos quais interpretam, representam e agem sobre o mundo.

Através do ato de brincar, por meio das brincadeiras, a ludicidade se manifesta. É importante que não sejam vistos como passa tempo, tendo inclusive, objetivos a serem alcançados. O professor deve atuar como mediador, sempre adequando-as aos alunos.

Souza (2012, p.09) considera que:

O brincar deve ser estimulado proporcionando à criança, a descoberta do mundo. Espaços infantis devem proporcionar dinâmicas alegres e criativas para que a criança se sinta feliz nesse ambiente novo e de descoberta. Os

adultos que também se fazem presentes nesse ambiente devem estar preparados para agir de forma contributiva no desenvolvimento dessas crianças.

Nas brincadeiras, que se inspiram nas atividades cotidianas, os alunos se valem da imaginação para criar as suas representações no mundo em que vivem, o que começa em suas mentes, toma forma no mundo com as brincadeiras, frutos de suas fantasias.

Freire (2006, p.43) descreve que:

Durante o ato de imaginar, nada se interpõe à fantasia infantil, mas durante a ação corporal que o acompanha, verifica-se uma busca de ajustamento ao mundo exterior, uma espécie de acompanhamento. Por outro lado, a ação imaginada não tem origem na mente apenas, mas na relação concreta da criança com o mundo.

As brincadeiras colaboram para a o fortalecimento da sociabilidade entre as crianças e jovens, uma vez que respeita a liberdade de ação lúdica dos mesmos, não se desenvolvendo com base em estruturas rígidas, balizadas por regras e procedimentos. Seus praticantes não almejam alcançar metas nem definir objetivos, mas tão somente ter prazer no que estão realizando.

Brougère (1995, p.61) aponta para:

O círculo humano e o ambiente formado pelos objetos contribui para a socialização da criança e isso através de múltiplas interações, dentre as quais algumas tomam a forma de brincadeira ou, pelo menos de um comportamento reconhecido como tal pelo adulto. Esse comportamento pode ser identificado como brincadeira na medida em que não se origina de nenhuma obrigação senão daquela que é livremente consentida, não precedendo buscar nenhum resultado além do prazer que a atividade proporciona. A brincadeira aparece como a atividade que permite à criança apropriação dos códigos culturais e seu papel de socialização foi, muitas vezes, destacado.

O jogo consiste em uma das formas de expressividade humana, que se manifesta desde o nascer, em que a criança conquista o mundo, indo além dos limites espaço-temporais. Callois⁹ (1958, p. 42-43) destaca “a liberdade de ação do jogador, a separação do

⁹Roger Caillois viveu na França onde foi Sociólogo, escritor e crítico literário. Em 1937 funda o Colégio de Sociologia, com a finalidade de levar as preocupações surrealistas a um nível científico. A partir de 1950, passa a desenvolver os estudos sobre os jogos, através de sua obra “Os jogos e os homens” publicada em 1958, na qual propõe a classificação dos jogos em quatro categorias, que são Agon, Alea, Mimicry e Ilinx. Em sua concepção, o jogo é uma atividade livre, delimitada, incerta, improdutiva, regulamentada e fictícia, sendo o

jogo em limites de espaço e tempo, a incerteza que predomina o caráter improdutivo de não criar nem bens nem riqueza e suas regras”. Nesse sentido, o ato de jogar remete o jogador ao estado de ‘liberdade’.

O jogo se inspira em uma atividade cotidiana, revestida de caráter lúdico, em que a sua prática proporciona prazer ao jogador, através da fuga da realidade concreta, contrariando a rigidez característica das aulas que trabalham os esportes, jogos e brincadeiras permitem o aflorar da imaginação das crianças, através do ‘faz de conta’, promovendo uma transformação do que é vivido na realidade, durante a vivência do ato lúdico.

Kishimoto¹⁰ (2011, p.44) afirma que:

[...] o faz de conta permite não só a entrada no imaginário, mas a expressão de regras implícitas que se materializam nos temas das brincadeiras. É importante registrar que o conteúdo do imaginário provém de experiências anteriores adquiridas pelas crianças, em diferentes contextos.

Vale destacar que existem jogos que destacam regras (livremente concebidas entre os jogadores) e outros, que se encaixam melhor como brincadeira, construídos a partir da imaginação. A depender do contexto no qual a atividade está se desenvolvendo, pode ser vista como brincadeira ou como jogo. Kishimoto (2011, p.15) destaca que “o jogo é uma atividade estruturada, parte de um princípio de regras claras, de fácil entendimento”. A ‘amarelinha’ se for feita livremente, em que as crianças pulam de modo despreocupado, sem observar as sequências é vista como uma brincadeira e, caso seja praticada com o intuito de apontar aquele que conclui primeiro, passando por todas as casas, e ao final define-se um vencedor, devem ser observadas as regras que determinam a conduta do participante frente a atividade.

Tanto a brincadeira como o jogo, se desenvolvem através de instrumentos físicos, que lhes servem como suporte. O brinquedo é o material que colabora para o seu desenvolvimento cognitivo, tendo em consideração as suas motivações, que são empregadas nestes instrumentos, tão importantes para as brincadeiras. Ele pode ser um simples meio para que a brincadeira ou jogo possam tomar forma, a exemplo de uma bola ou uma corda, ou a

caráter inovador adotado pelo autor na classificação dos jogos, e a crítica aos processos alienantes presentes nestas atividades, a principal contribuição de Caillois para a área da Educação Física.

¹⁰Tizuko Morchida Kishimoto é Pedagoga e professora titular da Faculdade de Educação da USP. Atua no campo da educação infantil focalizando estudos sobre brinquedoteca, letramento e o brincar. A autora segue a mesma linha de pensamento adotada por Giles Brougère, em relação a brincadeiras, brinquedos e jogos. Na Educação Física, suas obras contribuem para dar um novo significado a esses elementos em um contexto lúdico e educativo, de forma que os possa valorizar como instrumentos indispensáveis à prática pedagógica e componente relevante de propostas curriculares.

representação social que objetiva reproduzir a realidade que se manifesta no cotidiano, como nos casos de um carrinho e a boneca. Kishimoto(2011, p.20) diz que “pode-se dizer que um dos objetivos do brinquedo é dar a criança um substituto dos objetos reais, para que possa manipulá-los”. As brincadeiras se modificam com o avançar da idade, com o tempo o brincar de ‘faz de conta’ passa a dar lugar a jogos mais complexos como o baralho, xadrez e futebol: a necessidade de dar evasão aos desejos vai sendo substituída pela necessidade de se transpor para o mundo dos adultos.

1.3.1 - Jogos e Brincadeiras: menos instrução, mais ludicidade

A criança, por meio das brincadeiras e dos jogos, libera a sua imaginação, se apropria e intervém no mundo ao seu redor, com alegria, prazer e espontaneidade, jamais deve ser inibida no ato de brincar/jogar, considerando serem estas, as mais importantes atividades desempenhadas por elas.

Brasil (2012, p.11) conceitua:

O brincar ou brincadeira - considerados com o mesmo significado nesse texto - é a atividade principal da criança. Sua importância reside no fato de ser uma ação livre, iniciada e conduzida pela criança, com a finalidade de tomar decisões, expressar sentimentos e valores, conhecer a si mesma, os outros e o mundo em que vive.

Desde o momento em que a criança expressa seus primeiros momentos até a ação de imitar os adultos, ela está adequando ao mundo exterior. Com o avançar da idade, aumenta a necessidade de reproduzir o mundo real que está além do seu imaginário, a exemplo de quando a criança brinca de ‘polícia’, de ‘casinha’, de ‘médico’, está adequando a situação imaginária a papéis sociais já visualizados pelas mesmas.

Freire (2006, p.43) destaca que:

Durante o ato de imaginar, nada se interpõe à fantasia infantil, mas durante a ação corporal que o acompanha, verifica-se uma busca de ajustamento ao mundo exterior, uma espécie de acompanhamento. Por outro lado, a ação imaginada não tem origem na mente apenas, mas na relação concreta da criança com o mundo.

O jogo está presente no contexto escolar. No entanto, vem sido usado massivamente em caráter instrutivo, com a função primordial alcançar objetivos e aprimorar os resultados. Freire (2002, p.87) alerta que “o jogo é como vemos, uma das mais educativas atividades

humanas, se considerado por esse prisma. Ele educa não para que saibamos mais matemática ou português ou futebol; ele educa para sermos mais gente, o que não é pouco”. Entretanto a humanização decorrente dos jogos se torna possível, quando se dá atenção ao aspecto lúdico.

O brinquedo, recurso material que é utilizado pelos jogos e brincadeiras, torna-se um instrumento de avaliação, como por exemplo, em um jogo com a bola de futebol, o lúdico em sua ação livre e espontânea, é suprimido pelo objetivo a ser alcançado e o resultado quantificado, no momento em que se reproduz uma sessão de cobranças de pênaltis, cuja finalidade é classificar um vencedor eliminando os outros. Deixa assim o brinquedo (bola) de realizar a sua função lúdica, sendo apenas um material pedagógico para fins avaliativos.

Kishimoto (1998, p.13) explica que:

Se brinquedos são sempre suportes de brincadeiras, sua utilização deveria criar momentos lúdicos de livre exploração, nos quais prevalece a incerteza do ato e não se buscam resultados. Porém, se os mesmos objetos servem como auxiliar da ação docente, buscam-se resultados em relação à aprendizagem de conhecimentos e noções ou, mesmo, ao desenvolvimento de algumas habilidades. Nesse caso, o objeto conhecido como brinquedo não realiza sua função lúdica, deixa de ser brinquedo para tornar-se material pedagógico. Um mesmo objeto pode adquirir dois sentidos conforme o contexto em que se utiliza: brinquedo ou material pedagógico.

Existe a possibilidade de jogos e brincadeiras cumprirem o seu papel lúdico e educativo nas aulas de Educação Física, que conta com um grande elenco de atividades desportivas, desde que os jogos não percam de vista a ação lúdica.

Spréa e Garanhani (2014, p.723) afirmam que:

Assim, a brincadeira sendo ação lúdica é o que possibilitará que tanto o brinquedo quanto o jogo sejam redefinidos, de modo que, se quiserem, poderão alterar os rumos da atividade e definir as condições lúdicas aos seus interesses do participante.

No entanto, nas aulas de Educação Física escolar, o caráter instrutivo vem se sobrepondo, quase que anulando o lúdico. As aulas sofrem forte influência dos esportes, a ponto do professor ao trabalhar os fundamentos das diversas modalidades, se inspirar nos moldes e regras desportivas institucionais, o mesmo ocorrendo com os jogos, quando destituídos do caráter lúdico e do brincar espontâneo, com a finalidade de apresentar resultados, definindo as condutas, tolhendo a espontaneidade e o livre agir dos alunos.

Kunz (2015, p.18) aponta que:

A criança precisa se encontrar na brincadeira, com outras crianças ou mesmo sozinha, como uma participante ativa, com força e prazer de decidir, de mudar, enfim, de inventar e criar. O brincar, em suma, é para ela um “Se-movimentar criativo”. É perceptível que a criança com saúde tem sempre um enorme prazer em “Se-movimentar”. A base deste seu “Se-movimentar” está na necessidade de brincar. Mesmo “correndo à toa” ela está brincando, experimentando-se como ser humano livre e criativo, que se manifesta pela liberdade, decidindo suas realizações e possibilitando a construção de sentidos e significados naquilo que realiza. Crianças adoram pintar, desenhar quando lhes são oferecidos materiais necessários para isso. Assim, é possível verificar que também nessa atividade elas se envolvem brincando e é muito triste quando um adulto passa ao lado delas quando estão desenhando e as adverte para que parem de brincar e desenhem algo decente.

O caráter instrutivo enfatizado nas aulas, preocupa-se demasiadamente com o fazer pelo fazer, negligenciando as fases do desenvolvimento infantil, bem como a sua realidade em um contexto histórico e social. González e Schwengber (2012, p.17) dizem que “a infância não é una, é múltipla. Nessa perspectiva as crianças são marcadas por gênero, classe social, local em que vivem, sua origem, sua história pessoal e situação relacional”. Determinados procedimentos, a exemplo do aperfeiçoamento das habilidades motoras, e a imitação de gestos estereotipados, advindos do universo esportivo, não devem ser priorizados em uma fase que marca a transição da infância para a adolescência, tendo em vista que ocorrem modificações profundas em relação aos domínios de comportamento, na qual as crianças convivem com transformações que vão desde a maturação física até o final da adolescência.

Gallahue, Ozmun e Goodway (2013, p.31) conceituam:

Os psicomotores incluem processos de mudança, estabilização e regressão, envolvendo todas as mudanças físicas e fisiológicas, sendo o movimento resultado de processos mediados cognitivamente. Os cognitivos a relação entre a mente e o corpo, como a descoberta ou o reconhecimento de informações. Já os afetivos abrangem sentimentos e emoções aplicadas ao próprio indivíduo e aos outros por meio do movimento.

Os alunos ao executarem os gestos motores de maneira específica e padronizada, passam a reproduzir a maturidade, competência e a racionalidade características dos adultos,

como se não fossem capazes de reproduzir o que lhes é peculiar, visto que os esportes, jogos e brincadeiras são colocados para os jovens de modo que eles imitem ou interpretem o mundo dos adultos, quando deveriam priorizar o jogar livre e desinteressado, que garanta a satisfação e o prazer, diferente do estabelecimento de metas e do aperfeiçoamento motor. Os alunos são vistos como inacabados e incompletos, tendo que mergulhar na cultura adultocentrista para se consolidar.

Sayão (2002 Apud Navarro y Prodócimo 2012, p.633) menciona que:

[...] a cultura 'adultocêntrica' leva-nos a uma espécie de esquecimento do tempo de infância. Esquecemos gradativamente como, enquanto crianças, construímos um sistema de comunicação com o meio social que, necessariamente, integra o movimento como expressão. Com este esquecimento, passamos, então, a cobrar das crianças uma postura de seriedade, imobilidade e linearidade, matando pouco a pouco aquilo que elas possuem de mais autêntico - sua espontaneidade, criatividade, ousadia, sensibilidade e capacidade de multiplicar linguagens que são expressas em seus gestos e movimentos.

Nas aulas de Educação Física escolar, os jogos não devem ser vistos e praticados como uma extensão dos esportes, caracterizados pelas regras oficiais, e sim atividades que garantam a diversão e o entretenimento de todos os participantes. Quando inspirados pelos esportes, podem ser denominados de jogos esportivos, como certas brincadeiras que derivam do futebol popularmente conhecidas como bobinho, gol a gol, dois toques, dentre outras que se inspiram em algum outro desporto, mas não o copiam no aspecto formal. São estes, alguns modelos de jogos pedagógicos, pois possibilitam uma progressão a partir de uma prática que mescle a brincadeira com os fundamentos.

Ávila e Frison (2012, p.182) conceituam a Educação Física como:

Uma das disciplinas, integrada à proposta pedagógica da escola, que pode ajudar no ensino de estratégias de aprendizagem desde a Educação Infantil é a Educação Física. Uma das maneiras de como esse processo de ensino de estratégias pode acontecer é a de o professor de Educação Física promover, paralelo ao ensino dos conteúdos específicos da disciplina, o ensino de estratégias de aprendizagem por meio de brincadeiras e jogos pedagógicos.

O professor deve favorecer a prática dos jogos esportivos, desde que não sigam um mesmo padrão a cada aula, nem ser flexível em demasia, em decorrência do excesso de liberdade, chegando ao ponto de permitir que os alunos determinem o roteiro das aulas. Em

muitas situações, ocorre a corriqueira prática na qual a maioria dos alunos adentram à quadra com o intuito de jogarem uma ‘pelada’.

Almeida (2012, p.51) adverte que:

O âmbito escolar e, principalmente, as aulas de educação física possuem muitos vícios e resistências por parte dos próprios alunos, que possuem a ideia de que o momento da aula é um tempo livre para caminhar pelo pátio ou de apenas praticar jogos esportivos com bola, como o vôlei para as meninas e o futebol para os meninos. O professor tem papel-chave para interromper esse péssimo hábito de reafirmar a ideia que as crianças aprenderam sobre a disciplina.

Os jogos quando são utilizados como recursos didáticos dentro do contexto lúdico das aulas de Educação Física, são excelentes estimulantes aos mais diversos tipos de inteligência dos alunos, nos seus mais diversos aspectos.

Kishimoto (2008, p. 36) destaca que:

Ao permitir a ação intencional (afetividade), a construção de representações mentais (cognição), a manipulação de objetos e o desempenho de ações sensório-motoras (físico) e as trocas nas interações (social), o jogo contempla várias formas de representação da criança ou suas múltiplas inteligências contribuindo para a aprendizagem e o desenvolvimento infantil. Quando as situações lúdicas são intencionalmente criadas pelo adulto com vistas a estimular certos tipos de aprendizagem, surge a dimensão educativa. Desde que mantidas as condições para expressão do jogo, ou seja, a ação intencional da criança para o brincar, o educador está potencializando as situações de aprendizagem.

De maneira generalizada, os jogos contribuem não somente para a ação lúdica, mas essencialmente para o despertar cognitivo. Vários tipos de inteligência são desenvolvidos em virtude de sua prática. Antunes (2013, p. 13-14) demonstra através de uma tabela os tipos de inteligência que podem ser estimuladas em decorrência das vivências com jogos e brincadeiras:

TABELA 2: Relação entre as inteligências e as habilidades

Tipos de Inteligência	Habilidades apresentadas
Linguística	Habilidade de criar e lidar criativamente com as palavras e com a linguagem de modo geral. Essa habilidade é característica encontrada em oradores, escritores, poetas ou compositores.
Lógico-matemática	Habilidade em desenvolver raciocínios dedutivos, lidar com números e símbolos matemáticos. Essa habilidade é característica encontrada em engenheiros, físicos e grandes matemáticos.
Espacial	Habilidade em perceber e administrar, de forma conjunta, o espaço utilizando-o na construção de mapas, plantas e outras representações planas. Essa habilidade é característica encontrada em arquitetos, geógrafos e marinheiros.
Musical	Habilidade ligada “à percepção formal do mundo sonoro”, do papel da música na compreensão do mundo. Essa habilidade é encontrada em músicos, cantores e maestros.
Cinestésico-corporal	Habilidade ligada à consciência corporal. Manifesta-se na linguagem gestual e mímica. Essa habilidade se apresenta de forma nítida no artista e no atleta.
Naturalista ou biológica	Habilidade ligada à compreensão do meio ambiente e identificação dos diversos tipos de espécies (plantas e animais), da

	paisagem natural. Essa habilidade é encontrada em pessoas ligadas a natureza como biólogos, zoólogos, naturalistas. Os jardineiros, paisagistas e veterinários são pessoas dotadas dessa habilidade.
Intrapessoal	Habilidade de administrar seus próprios sentimentos e emoções. Pode ser sentida por todos que conseguem “viver bem consigo mesmo”, que conseguem lidar com suas limitações e frustrações sem sentimento de culpa.
Interpessoal	Habilidade de se relacionar bem com os outros e sensibilidade para identificar suas intenções, motivações e autoestima. Essa habilidade explica a “empatia” de algumas pessoas e é característica de grandes líderes, professores e terapeutas.

Fonte: ANTUNES, 2013, p.13-14.

1.3.2 – Jogos cooperativos: Jogar com o companheiro ao invés de competir contra o adversário.

A cooperação não é algo novo, ela parte do princípio de que para se viver em sociedade, é preciso agirmos juntos para sobreviver como um grupo. Desde as épocas mais remotas, os povos primitivos uniam seus esforços compartilhando as suas ações para garantir a sobrevivência de sua família e, em consequência em um contexto social mais amplo, a preservação da tribo. Orlick (1989, p.17) relata “que viviam juntos, colhendo frutas e caçando, caracterizavam-se pelo mínimo de destrutividade e o máximo de cooperação e partilha dos seus bens”. A cooperatividade sempre existiu, e parte do princípio de que para garantir a sobrevivência, é necessário que se desenvolvam ações conjuntas, levando em conta que sozinho o ser humano não consegue sobreviver.

A prática de jogos cooperativos não é recente, e tem origem na ancestralidade tribal das mais diversas partes do mundo, partindo dos povos da Austrália, África, Nova Guiné, e

Estados Unidos, que manifestam através de jogos, rituais e danças. No Brasil, os índios até hoje promovem as corridas de tronco. Orlick (1989, p.04) descreve que a prática “começou há milhares de anos atrás, quando membros das comunidades tribais se uniam para celebrar a vida”. Os jogos cooperativos partem da ideia de cooperação, que é a união de duas ou mais pessoas para alcançar um objetivo em comum.

Nas aulas de Educação Física escolar, as atividades esportivas estão mais evidentes, e tem por característica a competição, que por sua própria dinâmica destaca um vencedor em detrimento do perdedor. Orlick (1989, p.116) propõe "começar essas mudanças modificando a estrutura vitória/derrota dos jogos tradicionais pela vitória-vitória". São necessárias alterações, pois as aulas baseadas nesse sistema apresentam resultados previsíveis, reproduzem sempre uma mesma rotina, o que contribui para aumentar a desmotivação e exclusão.

O esporte quando se desvincilha das regras e trabalha a ludicidade, pode ser considerado jogo esportivo, servindo assim, de instrumento pedagógico. Tanto os jogos cooperativos quanto os esportivos favorecem o desenvolvimento da ação lúdica, permitindo ao aluno a sua expansão, e a descoberta de novas possibilidades.

Duprat (2014, p.87) explica que:

A ludicidade no contexto escolar é muito mais do que um procedimento de ensino, é uma oportunidade de dar ao aluno a descoberta e a construção livre de seu caráter e de um olhar crítico com o meio em que vive, formando, assim, sua personalidade.

Por meio da cooperação, os aspectos mentais, cognitivos, afetivos, motores, e em especial os sociais, que colaboram para solidificar os laços de amizade, são trabalhados integralmente, diferente das aulas instrutivas baseadas no esporte de rendimento, onde a preocupação maior é em aprimorar a técnica e a tática, aperfeiçoar as habilidades e vencer o adversário. As práticas desportivas além de focalizarem sua atenção no aspecto físico, colaboram para a construção de rivalidades entre os alunos.

Orlick (1978, p.80) aponta que:

A cooperação intensifica a preocupação de uma pessoa pelas outras e as estimula a serem mais simpáticas. Por outro lado, a agressão, a competição e a rivalidade intensificam os conflitos e diminuem a preocupação de uma pessoa pelos sentimentos das outras, em especial dos adversários.

Há um grande questionamento acerca de como ser cooperativo em uma sociedade competitiva, e em resposta surge a ação cooperativa, em que esta favorece não apenas a si,

pois gera benefícios recíprocos. Orlick (1989, p.123) salienta que: “o objetivo primordial dos jogos cooperativos é criar oportunidades para o aprendizado cooperativo e a interação cooperativa prazerosa”. Os jogos tornam possíveis o surgimento de relações mútuas harmônicas. Vale ressaltar que, as atitudes pendem mais para o altruísmo ou para o egoísmo, e em diversos momentos, nos deparamos com situações cooperativas (em que o outro é visto como aliado) e situações competitivas (nas quais o outro é visto como oponente).

Em um comparativo entre cooperação e competição, Orlick (1989, p.106) criou uma tabela em que se é possível constatar os comportamentos, orientação e motivador principal das atitudes:

TABELA 3: Comportamento, orientação e motivação principal.

Comportamento	Orientação	Motivação Principal
Rivalidade competitiva	Anti-Humanista	Dominar o outro. Impedir que os outros alcancem seu objetivo. Satisfação em humilhar o outro e assegurar que não atinja seus objetivos.
Disputa competitiva	Dirigida para um objetivo (contra os outros)	A competição contra os outros é um meio

		de atingir um objetivo mutuamente desejável, como ser o mais veloz ou o melhor. O objetivo é de importância primordial, e o bem-estar dos outros competidores é secundário. A competição é, às vezes, orientada para a desvalorização dos outros.
Individualismo	Em direção ao ego	Perseguirum objetivo individual. Ter êxito. Dar o melhor de si. O foco está em realizações e desenvolvimentos pessoais ou o aperfeiçoamento pessoal, sem referência competitiva ou cooperativa a outros.
Competição cooperativa	Em direção ao objetivo (levando em conta os outros).	O meio para se atingir um objetivo pessoal, que não sejam mutuamente exclusivo, nem uma tentativa de desvalorizar ou

		destruir os outros. O bem-estar dos competidores é sempre mais importante do que o objetivo extrínseco pelo qual se compete.
Cooperação não competitiva	Em direção ao objetivo (levando em conta os outros).	Alcançar um objetivo que necessita de trabalho conjunto e partilha. A cooperação com os outros é um meio para se alcançar um objetivo mutuamente desejado, e que também é compartilhado.
Auxílio cooperativo	Humanista-altruísta	Ajudar os outros a atingir seu objetivo. A cooperação e a ajuda são um fim em si mesmas, em vez de um meio para se atingir um fim. Satisfação em ajudar outras pessoas a alcançar seus objetivos.

Fonte: ORLICK, 1989, p.106.

Os jogos cooperativos criam um ambiente colaborativo, em que a solidariedade, confiança e o respeito mútuo são destacados. E com a sua prática, é possível se vivenciar a aprendizagem cooperativa, processo educativo em que todos os participantes estabelecem laços de confiança entre si, praticando a ajuda mútua, objetivando algo em comum.

Orlick (1989, p.31) diz que:

A confiança mútua é mais provável de ocorrer quando as pessoas são positivamente orientadas para o bem-estar do outro. E o desenvolvimento dessa orientação positiva é incentivada pela experiência da cooperação bem-sucedida. A cooperação exige confiança porque, quando alguém escolhe cooperar, conscientemente coloca seu destino parcialmente na mão dos outros.

Apesar dos avanços, ainda persistem nas aulas de Educação Física, modelos que valorizam a busca pelo vencedor, através de campeonatos, torneios e confrontos entre equipes, e o ato de jogar se manifesta através da competição.

Os jogos competitivos, que sofrem influência direta dos esportes, valorizam o confronto, enaltecem o vencedor e criam muitos perdedores, que em decorrência de sua prática, muitos acabam frustrados, e poucos saboreiam o gosto da vitória.

O padrão instrutivo adotado por muitos professores, colabora para que os alunos sejam meros reprodutores de conteúdos, buscando apenas o resultado positivo. Tal padrão observável na escola, em que os alunos não criam interesse pelo ato de estudar, e sim pelo interesse em obter notas altas, se reproduz nas aulas de Educação Física, nas quais os alunos não gostam do jogar ou praticar esportes, mas objetivam vencer.

O vencer pelo vencer, que é enfatizado pelos jogos competitivos, advém do liberalismo, que desde a época da Revolução Industrial, vem aumentando cada vez mais, formando uma sociedade altamente competitiva. Lovisolo, Borges e Muniz (2013, p.137) afirmam que esses jogos “teriam contribuído para a manutenção do sistema de organização social capitalista, uma vez que evidencia a seletividade, a dominação, a exploração, a hierarquização, e beneficiam os mais fortes, excluindo os menos aptos”. Tais jogos nas escolas, valorizam a vitória como o único resultado desejável, não priorizam a interação e a colaboração, condicionando os jovens a competirem.

Os alunos diante de atividades de cunho competitivo, tornam-se passivos e autômatos, obedecendo e submetendo-se ao que lhe é instruído. Esse modelo de aula, não colabora para que o aluno seja ativo e autônomo, nem exerça a sua criticidade e reflita sobre o que está sendo trabalhado. Essa metodologia não contempla aos valores tão necessários à convivência com base nas relações sociais, desfavorecendo ao diálogo.

Lepre e Menin (2013, p.09) mencionam que:

Se educar moralmente é educar para autonomia, então os métodos dessa educação só podem ser os ativos, aqueles em que os sujeitos participam da construção e discussão dos valores e normas morais. Assim, a educação moral

não pode ser dada através de lições de moral apenas por transmissão verbal, ao contrário deve acontecer em todos os espaços em que as pessoas estão em relação e, em decorrência dessa convivência, possam experimentar as vantagens da cooperação, da solidariedade, da igualdade, da justiça.

Os jogos competitivos sobrevalorizam de maneira, ações individuais que levarão ao êxito um indivíduo, e, quando em grupo, uma única equipe. A obsessão pela vitória acaba favorecendo a aparição de comportamentos destrutivos, em que o prazer em derrotar o outro é maior do que a satisfação por estar jogando o jogo em si.

Na visão dos jogos cooperativos se vive a situação e se aprende a jogar, não importando o ganhar ou o perder, mas que todos saiam como vencedores. A noção de exclusividade é diluída, sendo o alcance aos objetivos em comum, a essência dos jogos. Jogar em função da cooperação é garantir a solidariedade, a parceria, a aceitação dos resultados e o prazer em brincar e jogar, pois o lúdico não é tolhido como ocorre nas vivências competitivas, nas quais se observa uma grande preocupação com o resultado final e o caráter meramente instrutivo da modalidade.

A depender da temática das aulas de Educação Física, poderão aparecer tanto os jogos competitivos e jogos cooperativos, cada uma modalidade com suas especificidades, e ciente da existência dessas duas possibilidades, Walker (1987, Apud Broto¹¹ 1999, p.85) através de uma tabela comparativa, ressalta algumas características muito importantes sobre as duas maneiras de jogar, descrevendo as características de acordo com a sua tipologia:

¹¹Fabio Otuzi Broto é Psicólogo e Mestre em Educação Física. Atualmente é docente do curso de Educação Física da Faculdade Unimonte, onde coordena o laboratório de Pedagogia da Cooperação e dirige o curso de pós-graduação. É o principal expoente dos jogos cooperativos no Brasil, seguindo a mesma linha do pioneiro Terry Orlick. Sua obra “Jogos Cooperativos” traz uma grande contribuição para a Educação Física, pois contribui para a transformação da visão competitiva tanto nos jogos, como nos esportes. O principal objetivo dos jogos cooperativos é possibilitar o convívio e a realização de planos em comum através da colaboração e do respeito mútuo.

TABELA 4: comparativo de Jogos Cooperativos e Jogos Competitivos

Jogos Competitivos	Jogos Cooperativos
São divertidos apenas para alguns	São divertidos para todos
Alguns jogadores têm o sentimento de derrota.	Todos os jogadores têm um sentimento de vitória.
Alguns jogadores são excluídos por sua falta de habilidade.	Todos se envolvem independentemente de sua habilidade.
Aprende-se a ser desconfiado, egoísta ou se sentir melindrado com os outros.	Aprende-se a compartilhar e a confiar.
Divisão por categorias: meninos X meninas, criando barreiras entre as pessoas e justificando as diferenças como uma forma de exclusão.	Há mistura de grupos que brincam juntos criando alto nível de aceitação mútua.
Os perdedores ficam de fora do jogo e simplesmente se tornam observadores.	Os jogadores estão envolvidos nos jogos por um período maior, tendo mais tempo para desenvolver suas capacidades.
Os jogadores não se solidarizam e ficam felizes quando alguma coisa de “ruim” acontece aos outros.	Aprende-se a solidarizar com os sentimentos dos outros e desejam também o seu sucesso.
Os jogadores são desunidos.	Os jogadores aprendem a ter um senso de unidade.
Os jogadores perdem a confiança em si mesmos quando eles são rejeitados ou quando perdem.	Desenvolvem a autoconfiança porque todos são bem aceitos.
Pouca tolerância à derrota desenvolve em alguns jogadores um sentimento de desistência face a dificuldades.	A habilidade de perseverar face as dificuldades são fortalecidas.
Poucos se tornam bem sucedidos.	Todos encontram um caminho para crescer e desenvolver.

Fonte: BROTO, 1999, p.85.

Em uma aula de Educação Física, muitas vezes se torna difícil trabalhar apenas um tipo de atividade sob um único enfoque, pois existem vários eixos temáticos além dos esportes e dos jogos. Por vários momentos, em virtude das dinâmicas que estão sendo

vivenciadas, haverá a necessidade de enfatizar mais os jogos cooperativos do que os competitivos, e vice-versa.

Mesmo em uma situação competitiva, é possível jogar cooperando. A proposta dos jogos semi-cooperativos, vem atender às necessidades dos jogos esportivos, que não se apoiam nas regras oficiais esportivas, sendo de grande ocorrência nas aulas.

São práticas indicadas, àqueles que estão aprendendo os conteúdos esportivos no contexto de uma prática pedagógica, em que as noções de rivalidade e competição, passam a ser ressignificadas em função na cooperação.

Os jogos semi-cooperativos, apresentam a possibilidade de todos jogarem, pontuarem, participarem ativamente, assumirem todas as posições dentro do jogo e a mistura dos gêneros, facilitando assim a cooperação dentro de um time, bem como a inclusão e integração de todos. Orlick (1989, p.132) destaca que “um time continua jogando contra o outro, mas a importância do resultado é diminuída. A ênfase passa a ser o envolvimento ativo no jogo e a diversão que ele proporciona”. A proposta possibilita que os conteúdos esportivos, se manifestem através da forma de jogos esportivos, sem as necessidades de selecionar, classificar e excluir, que são inerentes aos esportes em sua concepção original.

Há momentos em que a dinâmica dos jogos esportivos tornará as situações mais competitivas, e em resposta, aparece a proposta dos jogos de inversão, caracterizados pela troca constante de jogadores entre as equipes. Dessa maneira, não haverá a possibilidade de uma equipe ofuscar a outra, e os jogadores viverem a experiência de jogar em um time que não é o da sua preferência. Orlick (1989, p.128) chama a atenção para “[...] num certo sentido são todos um grande time que ajuda o outro, e vice-versa, de modo a desfrutar a atividade e o processo do jogo”. O objetivo é dissolver a ideia que se tem que a equipe é imutável, sendo formada somente por aqueles considerados ‘os melhores’, de maneira que a mescla contribui para os resultados positivos em ambos os lados.

Outra maneira de se estreitar os laços entre a cooperação e a competição está no emprego dos jogos de resultado coletivo, que em sua concepção, abre espaço para duas ou mais equipes, assim como uma grande gincana, em que todos visam alcançar algo em comum, em que é indispensável a ajuda de todos. Orlick (1989, p.126) diz que, “geralmente são bastante ativos e incorporam o conceito de trabalho coletivo por um objetivo ou resultado comum, sem que haja competição entre os times”. A finalidade não deve ser apontar um vencedor e um perdedor, mas valorar os esforços de todos aqueles que contribuíram para que o objetivo fosse atingido.

Os esportes e jogos competitivos, não devem ser vistos como práticas destrutivas e perversas, considerando que a competição, quando norteada pela ética, passam a ter um outro valor. Campeonatos e disputas sempre estiveram presentes na humanidade, sendo a vitória um dos seus objetivos, e não aquilo pelo qual se deva ‘matar’ ou ‘morrer’. A noção de time, trabalho em equipe, camaradagem, respeito às regras e ao próximo, superação, perseverança, insistência, persistência, resistência, são vivenciados e, refletidos no contexto de instrumento pedagógico que facilita a aprendizagem e a construção da moral.

Bento (2013 apud Camargo 2016, p.29) chama a atenção para:

A competição é base e pressuposto para a cooperação. Quem não sabe competir não sabe cooperar. Seja entre pessoas, seja entre instituições, cidades e países. Do que estamos carecidos é de uma sólida aprendizagem da competição susceptível de enraizar profundamente uma ética do jogo, do jogador e do competidor.

É possível aprender a cooperar em jogos competitivos, assim como competir em jogos cooperativos. Em uma partida de futebol, os jogadores lutam juntos para que a sua equipe seja a vencedora, ao mesmo tempo que concorrem entre si para chegar à artilharia do campeonato: estão cooperando e competindo entre si, como um único time. Orlick (1978, p.83) relata que “a cooperação e a competição não são sempre diametralmente opostas e nem ocorrem independentes uma da outra. Existem graduações de competição e de cooperação, e, às vezes, a interação entre as duas coisas”. Na prática da Educação Física escolar, é impossível que haja uma atividade, quer sejam os esportes ou jogos, que desenvolvam apenas cooperação ou apenas competição.

Parece ser difícil trabalhar de modo cooperativo, uma vez que, a sociedade na qual nascemos nos prepara para competir em busca das melhores qualificações. O sistema de seleção e classificação sempre esteve presente, entretanto, vivemos na mesma sociedade que valoriza o trabalho em equipe, o qual jamais logrará êxito caso não utilize a cooperação como base.

Orlick (1978, p.04) explica que:

Talvez seja preciso um pouco de paciência para aprender essa , nova forma de jogar, principalmente se os participantes jamais jogaram de forma cooperativa antes. [...] Uma vez que os participantes passam pela transição (Jogo Competitivo para Jogo Cooperativo) e começam a jogar cooperativamente, a supervisão e a preocupação com as regras tornam-se mínimas.

Os esportes podem ter um novo significado dentro das aulas de Educação Física, quando utilizados como instrumento pedagógico, ao invés de se enfatizar a performance e a apresentação de resultados, bem como, no uso dos jogos sem a preocupação excessiva com a vitória, mas desenvolvidos sob uma ética cooperativa.

Orlick (1989, p.14) menciona que:

Devemos trabalhar para mudar o sistema de valores, de modo que as pessoas controlem seus próprios comportamentos e comecem a se considerar membros cooperativos da família humana [...] Talvez, se alguns dos adultos mais destruidores de hoje, tivessem sido, quando crianças, expostos ao afeto, à aceitação e valores humanos, o que tento promover através dos jogos e esportes cooperativos, teriam crescido em uma outra direção.

1.3.3 – O uso dos recursos digitais: o professor como agente renovador das aulas

Atualmente é notória a modificação da cultura lúdica da criança, que evolui em função da chegada de novos brinquedos. As brincadeiras de rua, como rodinha, cabra-cega, amarelinha, pula elástico, bolinha de gude, pique e esconde, que sempre foram transmitidas de geração a geração, estão sendo substituídas por aparelhos e jogos eletrônicos.

Em consequência ao avanço tecnológico, as crianças de hoje não brincam na rua como as de outrora: a falta de espaço decorrente da urbanização crescente nas cidades, tem contribuído para que os espaços públicos destinados ao lazer, diminuam cada vez mais, comprometendo assim o brincar ao ar livre. As crianças ficam confinadas em seus condomínios e acabam imersas no mundo dos jogos digitais, o que colabora para a sua inércia e o sedentarismo, atrofiando a sua motricidade, assim como a sua relação com o meio externo.

Kunz (2015, p.16) alerta que:

Com as condições de mundo tecnologizado e com falta de espaço a criança consegue se introduzir com grande facilidade no mundo eletrônico e há quem veja nesta apropriação infantil para o brincar, também, uma enorme chance para a evolução da aprendizagem da criança para o mundo do adulto. Considerando isso, na classificação do brincar, uma atividade simbólica na qual se desenvolve um tipo de percepção, abstração e internalização de relações especialmente cognitivas e que pode influenciar o relacionamento da criança com o mundo, com o outro e consigo mesma. Sabemos que estas

atividades eletrônicas pouco atendem à inerente necessidade da criança “Se-movimentar”. Assim como é evidente que é com a totalidade do envolvimento corporal, em seu “Se-movimentar”, que ela realmente toma consciência de si e do mundo. Esta consciência, por sua vez, desenvolve em senso de eu que promove a criatividade autônoma.

Os alunos de hoje, chamados de nativos digitais, são aqueles que nasceram a partir do ano de 1995, também chamados de geração Z. Essa nova geração costuma construir relacionamentos online, navegar no ciberespaço, jogar via internet, realizar vídeo-conferência, bem como, frequentar ambientes virtuais de aprendizagem, considerando que as fontes do conhecimento, não estão somente resumidas nos livros, apostilas e aulas expositivas. Mattar (2014, p.04) diz que eles “[...] nasceram e cresceram na era da tecnologia digital, enquanto os imigrantes digitais nasceram na era analógica, tendo migrado posteriormente para o mundo digital”. Eles estão imersos na tecnologia, costumam fazer várias coisas ao mesmo tempo e tem um melhor raciocínio lógico, divergindo muito dos imigrantes digitais, que são os que nasceram antes das tecnologias digitais de informação e comunicação, pertencentes a era analógica.

Com a expansão e o desenvolvimento das TICs, computadores, tablets, celulares, ipads, ipods, vídeo games e smart TV passam a fazer parte do cotidiano infanto-juvenil. Embora as brincadeiras antigas não tenham perdido o seu valor, acabam preteridas diante dos novos recursos tecnológicos dos brinquedos digitais.

Ravasio e Fuhr (2013, p. 223) sinalizam que:

As crianças, atualmente, estão imersas em uma sociedade que cada vez mais disponibiliza produtos eletrônicos. Nesse contexto, a televisão passou a ter maior influência no mundo infantil, não apenas como forma de entretenimento, mas como principal meio publicitário de veiculação desses lançamentos, sendo eles dos mais variados produtos destinados aomundo infantil. Os brinquedos foram sendo aperfeiçoados, transformando a condução da brincadeira, pois não são mais as crianças que dirigem a brincadeira, mas o brinquedo.

As escolas e os professores, costumam ver com maus olhos as novas tecnologias, em especial os jogos eletrônicos, que contribuem para a dispersão, e, conseqüente queda no rendimento dos alunos. Cruz (2014, p.942) destaca que “[...] uma das hipóteses provenientes desse cenário é a de que os games estariam gradualmente ‘substituindo’ os jogos tradicionais, relegando o corpo e o movimento a lugares cada vez mais periféricos”. Nas

aulas de Educação Física, não é diferente, pois os video games roubam a atenção dos alunos, no momento em que a atenção deve estar voltada para as aulas práticas, que envolvem o corpo todo.

Ao professor, resta monitorar o uso das TICs, uma vez que os alunos sempre arranjam uma maneira de ‘driblar’ a sua vigilância. Antônio (2014, p.04) menciona que os alunos utilizam seus celulares para “agendar suas tarefas, consultar dicionários e enciclopédias, pesquisar sobre temas que aprendem em aula, registrar lousas e quadros de aviso por meio de imagens, trocar informações com os colegas, e até mesmo praticarem outras línguas”. No entanto convém lembrar que, mesmo utilizando os recursos digitais sob supervisão, alguns alunos aproveitam para navegar nas redes sociais, fugindo assim das temáticas abordadas nas aulas.

As restrições impostas pelas escolas a alguns recursos digitais, como smartphones e vídeo games, são motivadas pela interferência que estas tecnologias promovem na saúde física, mental e social dos seus alunos. Tal preocupação não é exagero, considerando que, a pesquisa empírica realizada pela Secretaria Executiva da Rede Nacional Primeira Infância (2014, p.01) aponta “o exagero de tecnologia deixa crianças e adolescentes desconectados do mundo real”. O ato de teclar no celular é mais comum do que desenvolver redações e aperfeiçoar a caligrafia no caderno, enviar uma mensagem de áudio tem ofuscado as conversas presenciais, tão importantes na desenvoltura da oralidade formal, jogar em salas de chats tem colaborado para os desencontros presenciais.

A dependência das crianças e jovens em torno das TICs, tem contribuído para que a saúde física, mental, emocional, bem como a capacidade de sociabilizar sejam afetadas drasticamente. A exposição excessiva ao mundo virtual, em especial aos vídeo games e redes sociais, colaboram para que os alunos deixem de correr, jogar bola, praticar exercícios e não interajam presencialmente com os demais, preferindo se isolar por longas horas, diante de um monitor/TV.

Além do desequilíbrio físico, ocorre também a acentuação de problemas psicológicos, em consequência da temática da grande maioria dos jogos eletrônicos. A Organização Mundial de Saúde (2018, p.01) classificou pela primeira vez “o vício em videogame como uma condição de saúde mental na atualização de sua classificação internacional de doenças”. A ênfase dada pela narrativa dos jogos, enfatizam a violência, conflitos, competitividade, luta pela sobrevivência, o que resulta na construção de uma personalidade beligerante e antissocial em seus adeptos, em virtude da necessidade insaciável de estar jogando os videogames.

Em decorrência ao uso contínuo dos recursos digitais, em especial dos vídeo games, surge o vício, que se caracteriza pela necessidade compulsiva de realizar alguma atividade ou manipular algum objeto, criando assim uma dependência pelo desejo de usar, seguida pela incapacidade em frear o impulso por aquilo que é desejado.

Hoffman, Vohs e Baumeister (2012, p. 587) chamam a atenção para:

[...] desejos de usar meios eletrônicos, tais como uso de redes sociais, verificar *e-mails*, navegar pela Internet, ou ver TV podem ser difíceis de resistir devido à disponibilidade constante, enorme apelo, e aparente baixo custo dessas atividades. O consumo desses meios pode, no entanto, redundar em hábitos ou formas de abuso patológico. Se a falta de regulamentação do uso desses meios causa sérios problemas para as pessoas modernas ocidentais é um caso intrigante.

É preciso aceitar a realidade, na qual a tecnologia está presente no cotidiano de todas as pessoas, e nas escolas não é diferente. O formato tradicional em que as aulas são centradas no professor, em que este é a fonte do saber, não se aplica mais na era digital, onde a informação e os novos jogos e aplicativos estão também disponíveis na internet, deixando de ser o docente, a fonte exclusiva do saber. Entretanto, para que a aprendizagem se consolide, é necessária a presença do professor, como mediador que irá nortear os passos dos seus aprendizes.

Gomes (2013, p.50) destaca que:

O professor é o mediador, cujo desafio é fazer com que ela faça uso adequado da tecnologia, como meio para desenvolver diferentes capacidades e ampliar seus conhecimentos e conquistas. Inseridas num mundo digital, vivendo na cultura em rede, as crianças recriam o sentido do brincar e das brincadeiras.

Os conhecimentos sobre o corpo, em conjunto com os esportes, jogos, lutas, ginástica e as atividades rítmicas e expressivas (danças), fazem parte da cultura corporal do movimento. Essas temáticas elencam os conteúdos a serem desenvolvidos nas aulas de Educação Física escolar.

Existem instrumentos tecnológicos, que permitem ao professor explicar sobre a fisiologia humana, associando a parte teórica com a prática, por meio de jogos e esportes: O relógio que mede a frequência cardíaca, aponta o clímax das batidas do coração em decorrência do uso do jogo de pique e volta, dando uma noção de frequência cardíaca basal e máxima, o calorímetro que demonstra o gasto calórico consequente ao exercício de pular corda, permite saber quantas calorias foram gastas nesta prática, o medidor de passadas que

mostrará quantos passos foram dados na brincadeira do pega-pega, e, os resultados podem ser obtidos com o uso de aplicativos voltados para a saúde, contidos nos próprios smartphones, o que comprova que a tecnologia e a ludicidade podem caminhar juntas, em uma aula de Educação Física.

No momento em que o professor concebe os jogos digitais como instrumentos pedagógicos nas aulas de Educação Física, são ampliadas as possibilidades de trabalhar a motricidade humana. Baracho, Gripp e Lima (2012, p. 111) afirmam que “os exergames são jogos eletrônicos que captam e virtualizam os movimentos reais dos usuários”. Exergames (EXG) são jogos eletrônicos que simulam atividades físicas, que podem ser utilizados como alternativas às aulas tradicionais considerando que, levam os alunos a se movimentarem em tempo real do mesmo modo que ocorre em uma aula com esportes.

A temática dos exergames, elenca várias modalidades esportivas, como o futebol, beisebol, basquete, tênis, dança, zumba fitness, dentre outras, em uma perspectiva diferente do que é vivenciado nas aulas tradicionais de Educação Física, em que se destaca o aspecto lúdico. Baracho, Gripp e Lima (2012, p.120) pontuam que “os EXG podem trazer para as aulas de Educação Física práticas diferentes, conteúdos diversificados, esportes inabituais, formas divertidas e motivadoras de se abordar os temas nos ambientes educacionais”. Como modelo de utilização de jogos digitais nas aulas de Educação Física, o exergame Just Dance Now, se apresenta como um game de fácil aquisição, necessitando apenas de um smartphone como controle e um sinal de internet, para selecionar as músicas e iniciar o jogo. A dinâmica do game consiste em os jogadores seguirem o dançarino que aparece na tela como se estivessem diante de um espelho. Para viabilizar o jogo coletivo, é desejável que haja uma conexão com uma smart TV, computador ou retroprojektor, tornando assim possível a participação de um maior número de pessoas, estando diante de uma tela principal, desde que todos estejam no mesmo ambiente.

Athayde (2016, p. 43) justifica que:

A escolha do jogo digital – Just Dance Now – deu-se pelo movimento corporal, e através da dança, a possibilidade de interação entre os alunos na sala de aula, bem como pelo potencial social transformador. É o desafio da inserção da Educação Física no universo digital, tentando quebrar o paradigma da disciplina organizada e orientada para o esporte e a competição.

Contrariando o fato de que os jogos digitais contribuem para o sedentarismo, os exergames estimulam o ato de ‘se movimentar’ dos seus praticantes, considerando que é um jogo dinâmico, que muito se assemelha às práticas corporais desenvolvidas nas aulas de

Educação Física. Podem ser um excelente facilitador da aprendizagem dos conteúdos da disciplina, quando orientados pelo professor.

Baracho, Gripp e Lima (2012, p.122) chamam a atenção para:

Os videogames, ícones da cultura digital, quando jogados de forma reflexiva e estratégica, incorporam bons princípios, capazes de dinamizar a reconfiguração do ensino-aprendizagem às exigências da cibercultura. Além disso, para a educação física, os EXG assumem um significado diferente ao incorporar o “mover-se para jogar”, rompendo o paradigma da inatividade dos jogos eletrônicos e criando novas possibilidades de vivências corporais.

É preciso que o professor renove as suas aulas, em função desse novo contexto, em que as relações sociais são permeadas pela tecnologia, adaptando os seus saberes profissionais, fazendo uma correlação com o que é atual, bem como, considerar os saberes existenciais dos alunos. A prática docente da Educação Física não deve ater-se a uma formação pregressa baseada no esporte tecnicista: sua formação deve ser continuada e retraduzida, tendo em conta as novas demandas da atualidade.

Tardif (2012, p. 53) considera que:

A prática pode ser vista como um processo de aprendizagem através do qual os professores retraduzem sua formação e a adaptam à profissão, eliminando o que lhes parece inutilmente abstrato ou sem relação com a realidade vivida e conservando o que pode servir-lhes de uma maneira ou de outra.

Diante das mudanças que ocorrem de modo contínuo, o professor deve saber aplicá-las, não somente em sua vida pessoal, mas no que se refere ao seu profissional. Aulas tecnicistas norteiam a Educação Física, condenando a tecnologia, qualificando-a como uma contramão educacional. Faz-se necessário uma revisão no saber-fazer docente, que se investe a cada dia de indumentárias pretéritas, que não fazem mais sentido no contexto atual.

Freire (1996, p. 96) diz que:

[...] a minha questão não é acabar com a escola, é mudá-la completamente, é radicalmente fazer que nasça dela um novo ser tão atual quanto a tecnologia. Eu continuo lutando no sentido de pôr a escola à altura do seu tempo. E pôr a escola à altura do seu tempo não é soterrá-la, mas refazê-la.

Muito embora existam consequências negativas do uso indiscriminado da tecnologia na vida dos alunos, se valer de recursos pedagógicos online, digitais ou virtuais é uma estratégia muito útil para o professor, pois existem inúmeras possibilidades, dentro de um

ambiente virtual de aprendizagem, em que se pode ir além das paredes da sala de aula, sem sair dela, favorecendo também a transdisciplinaridade.

Meirinhos (2015, p. 03) afirma que:

As redes de aprendizagem digital permitem expandir a aprendizagem escolar muito para além dos seus muros. A interação e colaboração a distância é hoje uma realidade e são necessárias novas abordagens pedagógicas para poder tirar proveito educativo da comunicação e acesso à informação virtualizada.

Os jogos digitais são um excelente instrumento pedagógico nas mãos do professor, que os utilizará de maneira que possa atingir outras dimensões, além da biológica. É importante que haja o equilíbrio no uso de tais recursos, que na medida certa, e sob supervisão adequada, irão ampliar os horizontes da aprendizagem nas aulas.

Ferreira (2014, p. 50) esclarece:

Porém, a maioria dos jogos digitais é criada com fins comerciais, para atrair público e ascender em vendas. E muitos deles podem ser aproveitados também na educação como, por exemplo, os jogos de RPG que podem auxiliar no desenvolvimento da dimensão afetiva e social dos alunos. Na utilização dos jogos digitais comerciais na educação é a intervenção do professor e como ele irá discutir o jogo que vai torná-lo um bom aliado ao processo de ensino-aprendizagem.

É fundamental que em relação à atualidade, o professor saiba absorver e selecionar os novos conhecimentos para que possa inseri-los em suas aulas, considerando que as mudanças hoje em dia ocorrem com maior frequência, em virtude da própria evolução. Gomes (2013, p. 48) explica que “coerente com essa perspectiva, a escola não pode ficar à margem do avanço tecnológico, sendo que o uso crítico e construtivo das TIC’s deve ocorrer o quanto antes, ou seja, a partir da educação infantil”. Portanto, para que o professor seja um agente renovador dentro das aulas, ele deve saber se colocar frente à tecnologia, primeiramente admitindo-a como recurso didático, bem como, atualizar-se sobre as mudanças que ocorrem a todo instante no mundo.

Em relação a metodologia, considerando que vivemos em um mundo que requer tanto de professores e alunos uma nova leitura da realidade, tendo em conta que a realidade é dinâmica e está em constante mutação, as aulas devem tornar possível aos alunos a apreensão dos conhecimentos, dentro do contexto real em que está inserido.

Coletivo de Autores (2012, p. 86) considera a metodologia como:

[...] um processo que acentue, na dinâmica da sala de aula, a intenção prática do aluno para apreender a realidade. Por isso, entendemos a aula como um espaço intencionalmente organizado para possibilitar a direção da apreensão, pelo aluno, do conhecimento específico da Educação Física e dos diversos aspectos das suas práticas na realidade social.

A pedagogia tradicional aplicada às aulas de Educação Física precisa ser revista, pois no contexto atual, a interação e a comunicação são imprescindíveis para o processo de aprendizagem dos alunos. Não é possível conceber um ensino direcionado somente para a prática, visando resultados e estabelecendo comparações em que os conteúdos são lançados aos alunos, e estes devem reproduzir sem questionamentos. É necessária uma reflexão a respeito da prática pedagógica docente. A atualização é algo que ocorre todos os dias e de forma contínua, pois não somente o aluno, mas também o professor passa por uma constante mutação, dando novos significados à sua profissão em tempos modernos.

Lira (2016, p. 42) destaca:

Por conta das mudanças rápidas e constantes do ser humano, a partir da globalização e da rapidez da informação, a identidade profissional do professor encontra-se em constante transformação, pois se constrói a partir de uma ressignificação social da profissão e das várias revisões das tradições. Cada professor, na sua realidade docente, também se constrói enquanto ator e autor de sua atividade cotidiana: na sua maneira de postar-se diante do mundo, da história como um todo; em suas representações; em seus saberes; em suas esperanças e alegrias; em suas angústias e anseios e no sentido que atribui a sua própria vida, como profissional da educação. Por isso mesmo deverá estar sempre se perguntando sobre os motivos que o levaram a ser professor, e se realmente vale a pena lançar-se nesse mar de incógnitas e de incertezas que é o futuro da educação no mundo e, sobretudo, no Brasil.

Ser formador de cidadãos hoje, é muito mais complexo do que transmitir conhecimentos aos alunos, esperando que haja apenas uma assimilação. É agir como mediador que busca aliar os interesses e afinidades dos seus alunos, para com os mais diversos recursos digitais, de maneira que a tecnologia seja utilizada em harmonia com a educação. É importante que o educador se adapte às mudanças, acolhendo a tecnologia em suas aulas, não para destruir o que já existe, mas para dar-lhe um novo significado.

Costa e Fradão (2012, p. 27) explicam que:

De fato, mais do que a mera aquisição de saberes, a sociedade em que hoje vivemos exige de cada cidadão o desenvolvimento de um conjunto de competências essenciais, nomeadamente a de adaptação à mudança, sendo isso particularmente relevante para todos os que desempenham já uma atividade profissional concreta, qualquer que ela seja.

CAPÍTULO 2 MARCO METODOLÓGICO

2. METODOLOGIA DA INVESTIGAÇÃO

Este capítulo descreve acerca do caminho percorrido durante a realização da pesquisa, assim como as suas particularidades. Estão descritos detalhadamente a pesquisa e o seu método, assim como as técnicas e os procedimentos metodológicos aplicados neste estudo.

A justificativa de uma investigação conforme descreve Lakatos & Marconi (2003, p.2019), “consiste numa exposição sucinta, porém, completa, das razões de ordem teórica e dos motivos de ordem prática que tornam importante a realização da pesquisa”. Nesse contexto, a presente tese intitulada: “*O uso do esporte como instrumento de cooperação nas aulas de Educação Física na Escola Estadual Maria Amélia Santos*”, vem retratar a realidade vivenciada nas aulas de Educação Física no tocante ao uso dos esportes com base em seu conceito original, seguindo as regras, voltados à competição, questão que necessita ser adequada ao universo escolar, uma vez que este ambiente não é apropriado para a formação de atletas, e sim cidadãos capazes de discernir com criticidade, refletindo sobre as práticas corporais às quais desenvolvem, cooperando com a coletividade.

Vivemos em uma sociedade competitiva, que valoriza o vencer acima de tudo. A escola acaba incorporando esse modelo social, que acaba sendo refletido nas aulas, em especial as de Educação Física, cuja temática esportiva se arvora sobre os demais conteúdos da cultura corporal do movimento. A preocupação com o uso do esporte como instrumento de cooperação na escola decorre da percepção de que os alunos reproduzem comportamentos competitivos e tendem a ser individualistas, por isso existe uma grande dificuldade no aspecto interativo-relacional e, conseqüentemente, se evidenciam a exclusão e a discriminação.

Tendo em vista que as aulas de Educação Física tem uma importância capital para o desenvolvimento dos aspectos cognitivo, afetivo, motor e social, através do esporte e dos demais eixos temáticos almeja contemplar a todos. O tema se torna importante considerando que busca investigar o uso do esporte como prática pedagógica para desenvolver a cooperação entre os alunos do 6º ano do ensino fundamental nas aulas de Educação Física.

Desenvolver aulas de Educação Física com uma temática esportiva desvinculada das regras oficiais e do caráter competitivo não é uma tarefa fácil, e isso vem sendo um dos maiores obstáculos que o professor encontra ao propor outras temáticas, bem como, modificar a didática aplicada aos desportos coletivos. Nesse sentido, tem sido um grande desafio fazer com que os alunos concebam as diversas alternativas às aulas pautadas nos esportes, dentro de uma proposta que contemple mais a cooperação entre eles.

2.1. – Fundamentação metodológica

Para elucidar com mais solidez o desenho metodológico da pesquisa, busca-se primeiramente conceituar os aspectos que fornecerão alicerce ao seu planejamento e a sua organização, como o método e a metodologia. Nas palavras de Prodanov & Freitas (2013, p. 26), há o esclarecimento de que o método é “o caminho, a forma, o modo de pensamento. É a forma de abordagem em nível de abstração dos fenômenos”. O método vem a ser o caminho sistemático para se chegar a um determinado objetivo, enquanto que a metodologia corresponde aos procedimentos executados para que o objetivo se realize. Métodos e metodologias são procedimentos que se relacionam para obter um resultado mais eficaz.

Enquanto o método consiste em um caminho a ser percorrido para se chegar a determinado fim, a metodologia se traduz nas técnicas empregadas na pesquisa para se chegar ao objetivo almejado.

Para Kauark, Manhães & Medeiros (2010, p. 66), método é “um conjunto de etapas ordenadamente dispostas a serem vencidas na investigação da verdade, no estudo de uma ciência ou para alcançar determinado fim”. E nas palavras de Gil (2002, p.17), o método de pesquisa é “como procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos”. Diante desses conceitos é possível concluir que o método e a metodologia se entrecruzam com a intenção de planejar e organizar o estudo, pautado em uma linha de raciocínio capaz de alcançar os objetivos propostos.

Aprofundando a pesquisa, se faz necessário também descrever o método científico, que de acordo com Lakatos & Marconi (2003, p. 83), é “[...] o conjunto das atividades sistemáticas e racionais que, com maior segurança e economia, permite alcançar o objetivo – conhecimentos válidos e verdadeiros – traçando o caminho a ser seguido, detectando erros e auxiliando as decisões dos cientistas”. Sendo assim, é possível dizer que os métodos científicos são as formas mais seguras para compreender os fatos, a fenomenologia e o movimento das coisas.

2.2 – Problema da pesquisa

O uso do esporte como instrumento de cooperação nas aulas de Educação Física é uma temática imprescindível de ser discorrida, planejada e organizada de forma adequada pelos professores da disciplina. Pretende-se averiguar nessa pesquisa, junto ao professor da disciplina Educação Física, se o trabalho aplicado em sala de aula com os alunos do 6º ano do ensino fundamental, referente aos esportes como prática pedagógica que contribui para o desenvolvimento da cooperação entre eles, se além de seguir o planejamento curricular da escola, também está embasado nos saberes docentes e experienciais, que possam garantir resultados mais satisfatórios ao processo de ensino-aprendizagem.

Nesse contexto, busca-se um problema para servir como ponto inicial para a investigação. Campoy (2018, p. 51), ressalta que o problema da pesquisa “é um ponto de partida para toda a investigação. É provavelmente a etapa mais importante do processo de investigação, já que implica em vários passos inter-relacionados”. Sendo assim, infere-se que o problema é o marco inicial que comanda o processo investigatório. Diante disso, surgiram alguns interrogantes à investigação e o problema a ser pesquisado.

Atualmente, o trabalho desenvolvido a partir dos esportes como instrumento de cooperação tem-se mostrado um grande desafio, pois muitos alunos ainda não tem o hábito de separar os esportes das suas regras e da competição. E por se tratar de algo de primordial importância para os aspectos inter-relacionais entre os alunos, exige-se cautela no fazer pedagógico do professor. Nesse sentido, surgem as seguintes **questões investigativas**: Como o esporte é desenvolvido nas aulas de Educação Física na escola Maria Amélia Santos? Existe capacitação para o professor ministrar aulas com os demais eixos temáticos? A utilização da cooperação nas aulas de Educação Física favorece o desenvolvimento dos alunos? O núcleo central gira em torno da seguinte problema de investigação: **Quais os subsídios que o esporte como instrumento de cooperação proporcionam aos alunos do 6º ano do ensino fundamental da Escola Estadual Maria Amélia Santos?**

2.3 – Objetivos da pesquisa

Os objetivos da pesquisa têm como função responder o problema exposto. Nesse sentido, os objetivos tem uma função orientadora, uma vez que norteiam toda trajetória da

pesquisa. Os objetivos são etapas que se constituem nas metas a serem alcançadas no desenvolvimento da pesquisa, aprofundando significativamente o conhecimento.

Na presente pesquisa, os objetivos da investigação são:

2.3.1 Objetivo geral

Analisar a prática do esporte como instrumento de cooperação entre os alunos do 6º ano do ensino fundamental da Escola Estadual Maria Amélia Santos na disciplina Educação Física.

2.3.2 Objetivos específicos:

- Avaliar as atividades que trabalham as modalidades esportivas com os alunos;
- Verificar e Relatar a existência de outros elementos da cultura corporal do movimento nas aulas;
- Descrever as práticas pedagógicas, que utilizam a cooperação, que contribuem para o desenvolvimento do aluno.

TABELA Nº 5: Perguntas e Objetivos da Investigação

OBJETIVO GERAL: Analisar a prática do esporte como instrumento de cooperação entre os alunos do 6º ano do ensino fundamental da Escola Estadual Maria Amélia Santos na disciplina Educação Física.			
OBJETIVOS ESPECIFICOS	QUESTÕES AO COORDENADOR	QUESTÕES AO PROFESSOR	QUESTÕES AOS ALUNOS
1. Avaliar as atividades que trabalham as modalidades esportivas com os alunos	<p>1. Qual critério você utiliza para definir no planejamento curricular as modalidades esportivas que o professor de Educação Física deve desenvolver?</p> <p>2. Que relevância tem os esportes para o desenvolvimento das crianças?</p> <p>3. Que providências você toma para que as atividades esportivas sejam regularmente praticadas na escola?</p>	<p>1. Quais as modalidades esportivas que você desenvolve?</p> <p>2. Qual critério você utiliza para a escolha das atividades esportivas?</p> <p>3. Que relevância tem os esportes para as aulas de Educação Física?</p> <p>4. Descreva a sua aula de Educação Física com os esportes?</p> <p>5. Qual a metodologia você utiliza em suas aulas?</p> <p>6. Quais recursos tecnológicos são utilizados para</p>	<p>1. Quais as modalidades esportivas que o seu professor utiliza nas aulas de Educação Física?</p> <p>2. Diga como é a aula que o professor faz com vocês?</p> <p>3. Qual o esporte que você gosta de praticar nas aulas?</p> <p>4. Qual é a importância do esporte na sua vida?</p>

		<p>dar suporte as aulas de Educação Física?</p> <p>7. Como são feitas as avaliações nas aulas de Educação Física?</p> <p>8. Qual a importância das regras vinculadas aos esportes?</p>	
<p>2. Verificar e Relatar a existência de outros elementos da cultura corporal do movimento nas aulas</p>	<p>4. Quais as possibilidades de se contemplar outras atividades que não sejam os esportes?</p> <p>5. Qual é a sua opinião a respeito de modalidades que necessitem para a sua prática de materiais específicos ou caros?</p> <p>6. Que barreiras você encontra ao planejar junto ao professor aulas com temática não-esportiva?</p>	<p>9. Quais atividades não-esportivas são aplicadas nas aulas?</p> <p>10. Que dificuldades você encontra ao desenvolver uma aula que não utilize a bola como instrumento?</p> <p>11. Quais conhecimentos sobre o corpo são ensinados nas aulas de Educação Física?</p>	<p>5. Quais atividades que não sejam esportes você gosta de fazer nas aulas?</p>

<p>3. Descrever as práticas pedagógicas, que utilizam a ludicidade e a cooperação, e contribuem para o desenvolvimento do aluno</p>	<p>7. Quais as recomendações são dadas ao professor para que o mesmo possa administrar as situações competitivas que surgem nas aulas de Educação Física?</p> <p>8. De que maneira aparecem no planejamento curricular atividades que trabalhem a cooperação?</p>	<p>12. Quais jogos cooperativos são desenvolvidos com os seus alunos?</p>	<p>6. Quais jogos e brincadeiras envolvendo trabalho em equipe vocês fazem nas aulas?</p> <p>7. Como é para você participar de uma aula que não tenha vencedor no final?</p>
-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

2.4. Cronograma da Pesquisa

O Cronograma da pesquisa destaca cada fase da pesquisa, considerando um determinado período de tempo para a realização de determinada atividade/ação.

Na primeira fase, na revisão teórica, em que se constrói o marco textual e o marco metodológico, é definido o desenho da investigação. Na segunda fase, ocorre a aplicação dos instrumentos, coleta de dados e o processamento das informações, e a terceira fase destina-se à análise dos dados, discussão e elaboração dos resultados, redação do informe final, contendo as conclusões das análises a respeito de cada um dos objetivos que compõem a investigação, finalizando com a elaboração das propostas.

TABELA Nº 6: Programação das Ações

Fase	Atividade	Tempo	Meses
Primeira etapa	<ul style="list-style-type: none"> - Revisão Teórica - Desenho da Investigação - Elaboração dos Instrumentos - Validação dos Instrumentos - Elaboração Final dos Instrumentos 	6 Meses	Janeiro Fevereiro Março Abril Maio Junho
Segunda etapa	<ul style="list-style-type: none"> - Aplicação dos Instrumentos - Coleta de dados - Processamento das informações 	3 Meses	Julho Agosto Setembro
Terceira etapa	<ul style="list-style-type: none"> - Análise dos dados, discussão e elaboração dos resultados - Redação do informe final - Elaboração das conclusões e propostas 	1 Mês	Outubro

2.5. Contexto Espacial e Sócio-Econômico da Pesquisa

O Brasil está localizado na América do Sul, sendo o maior país dessa América e o 5º do mundo em extensão territorial. Segundo o IBGE (2018), o Brasil possui uma área de 8.514.876.599 km², abrigando uma população de 208,5 milhões de habitantes, constituídos por negros, índios, brancos, pardos e amarelos. Seu espaço geográfico divide-se em 26 estados e 01 Distrito Federal. Além disso, está distribuído em cinco regiões conforme critérios e objetivos específicos de cada área.

O Brasil possui a maior economia da América Latina, sendo a segunda da América – atrás apenas dos Estados Unidos – e a sétima maior do mundo. Vem se expandindo no mercado nacional e internacional. Além de fazer parte dos BRICs, também participa de diversos blocos econômicos como o Mercosul, o G20 e o Grupo de Cairns. Tem como moeda oficial o Real (R\$), criada em 1994, servindo de base para as suas transações econômicas e financeiras que geram o seu desenvolvimento.

FIGURA Nº 2: Localização Geográfica do Brasil



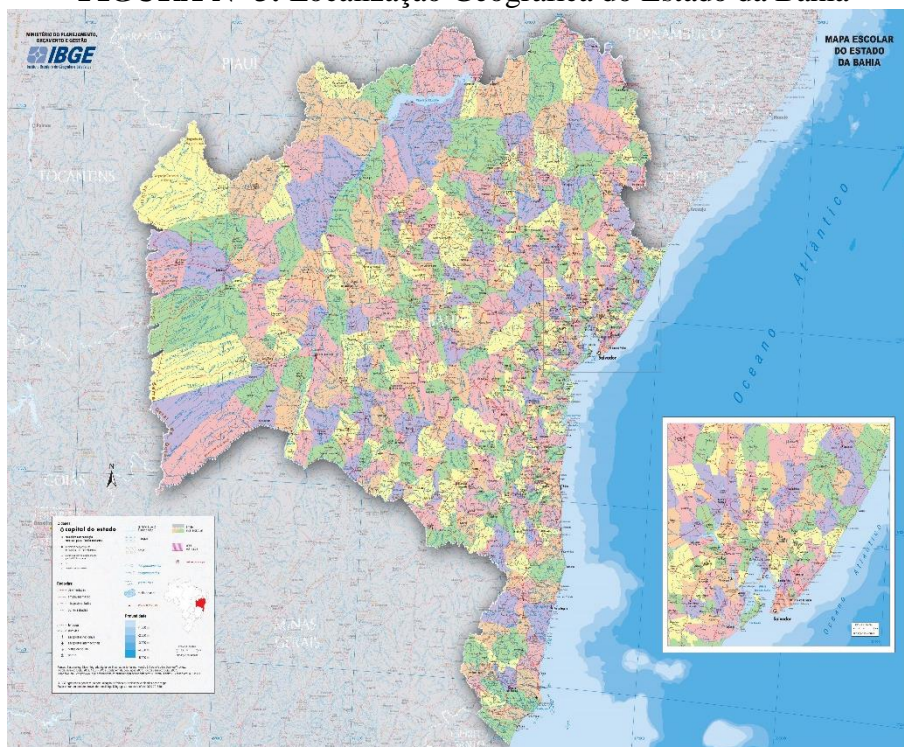
Fonte: IBGE, 2016

A República Federativa do Brasil tem como forma de governo a República Democrática, com um sistema Presidencialista. É formada pela união indissolúvel dos estados, distrito federal e municípios e organizada pelos poderes executivo, legislativo e judiciário, que exercem formas distintas e independente de administrar o Brasil. O idioma oficial do Brasil é o português, língua falada por quase toda a sua população.

No Brasil predomina o clima tropical, fundamental para o desenvolvimento dos diferentes biomas vegetais ao fornecer-lhes temperatura, luminosidade e umidade adequada para o seu crescimento.

No âmbito educacional a taxa de analfabetismo caiu de 7,2 % em 2016 para 7,0 % em 2017. Já na faixa de 6 a 14 anos a taxa de escolarização já estava praticamente alcançada em 2016, com 99,2% de pessoas na escola. Em 2017, 95,5% das crianças de 6 a 10 anos estavam nos anos iniciais do fundamental, enquanto 85,6% das pessoas de 11 a 14 anos de idade frequentavam os anos finais, segundo dados da Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílio (2016) e IBGE (2017).

FIGURA Nº 3: Localização Geográfica do Estado da Bahia



Fonte: IBGE, 2017.

Em 22 de abril de 1500, a Bahia foi o primeiro lugar em que desembarcaram os portugueses que descobriram o Brasil. No ano de 1548, a Bahia fora transformada em capitania real, tornando Salvador a primeira capital e cidade do Brasil, fundada em 1549, onde manteve esse título até o ano de 1763. A Bahia teve importância crucial no tocante às lutas pela Independência do Brasil, pois neste estado as lutas começaram meses antes de 7 de setembro e se encerraram meses depois.

O estado da Bahia está situado na região Nordeste do Brasil, limitando-se geograficamente com o Oceano Atlântico (leste), com os estados do Tocantins e Goiás (oeste), com Espírito Santo e Minas Gerais (sul) e com Sergipe, Alagoas, Pernambuco e Piauí (sul). Com relação a extensão territorial, a Bahia é o quinto maior estado, contando com 564.733,177 Km². Atualmente a sua população é de 14.812.617 milhões de habitantes, distribuídos em 417 municípios.

Na Bahia predomina o semi-árido e a caatinga, seguido do clima tropical. Sua economia é baseada na agricultura, pecuária, mineração, indústria química e petroquímica e no turismo.

Em relação as estatísticas educacionais, o estado da Bahia possui mais de 1,5 milhão de pessoas analfabetas, segundo os indicadores da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), tendo como referência o segundo trimestre de 2016. No entanto, em termos de escolarização, a taxa alcançada pelo estado no mesmo ano era de 30,1%, acima da taxa nacional que registrou 27,5%

FIGURA N° 4: Localização Geográfica de Salvador



Fonte: IBGE, 2018.

A cidade de Salvador está situada ao leste do estado da Bahia, tendo uma extensão territorial de 692,82 Km², onde estão distribuídas 2.857.329 milhões de pessoas, é a quarta mais populosa cidade do país.

Salvador, por ser a primeira capital do Brasil e também por sediar a maior festa de rua do mundo, o carnaval, tem no turismo cultural a sua principal atividade econômica, junto com a indústria, comércio e serviços.

No tocante à educação, o Censo de 2010 destaca que de acordo com a população, encontra-se um quantitativo de 858.887 analfabetos nessa região. Quanto ao IDHM, foi registrada a marca de 0,759, considerado alto, pois está entre 0,700 e 0,799. O IDHM de

Educação atingiu a marca de 0,679, apresentando grande evolução entre os anos de 1991 e 2010, o que demonstra uma melhora significativa em termos de escolarização.

TABELA Nº 7: Índice de Desenvolvimento Humano Municipal – Salvador – BA

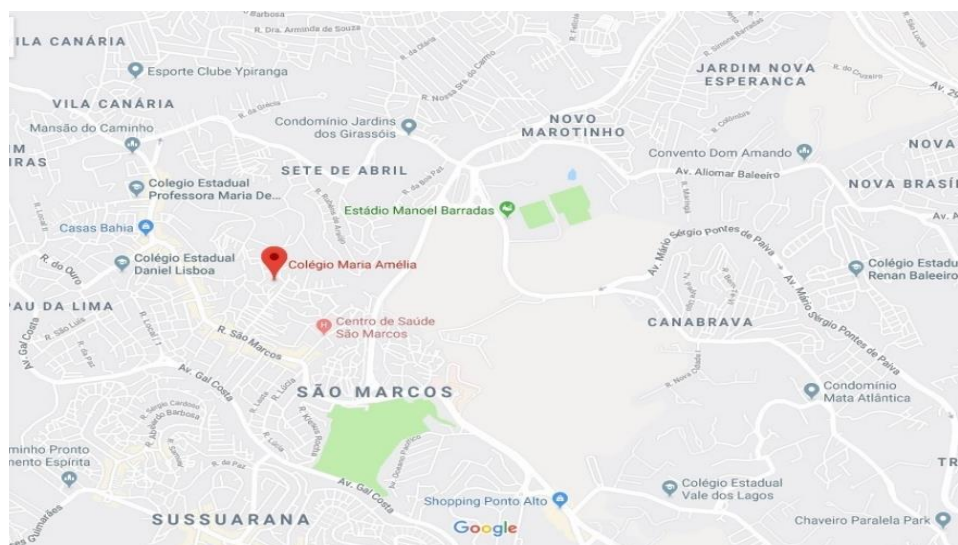
IDHM e componentes	1991	2000	2010
IDHM Educação	0,383	0,525	0,679
% de 18 anos ou mais com ensino fundamental completo	48,35	56,21	69,72
% de 5 a 6 anos frequentando a escola	59,52	83,44	92,91
% de 11 a 13 anos frequentando os anos finais do ensino fundamental	38,34	59,27	83,01
% de 15 a 17 anos com ensino fundamental completo	21,74	35,70	50,24
% de 18 a 20 anos com ensino médio completo	16,78	24,20	41,77

Fonte: PNUD, Ipea e FJP, 2010.

2.5.1 Delimitação da Pesquisa

A pesquisa será realizada no Brasil, no estado da Bahia, no município de Salvador, na Escola Estadual Maria Amélia Santos, situada no bairro de São Marcos, na alameda Antonio Carlos Magalhães n 10, Cep: 41253260.

FIGURA Nº 5: Localização Geográfica da Escola Maria Amélia Santos



Fonte: GOOGLE, 2019.

O uso do esporte como instrumento de cooperação nas aulas de Educação Física, objeto de estudo da presente dissertação de Mestrado, será realizado na Escola Estadual

Maria Amélia Santos, situada no município de Salvador, estado da Bahia, região nordeste do Brasil.

O critério de escolha da escola, parte do princípio de que é a mais centralizada dentro do bairro de São Marcos, acolhendo também alunos de bairros vizinhos, como sete de abril e canabrava, e disponibilizando todos os anos do ensino médio e o ensino fundamental II.

A Escola Estadual Maria Amélia Santos, foi fundada em 22 de março de 1977, com a proposta inicial de atender aos alunos do ensino fundamental II. No ano de 1998, a escola passou a ofertar EJA II (ensino fundamental) e, em 2002 EJA III (ensino médio). O nome advém da homenagem prestada a Maria Amélia Santos, esposa do ex-Governador Roberto Santos.

A direção da escola está a cargo da Profa. Sânia Cecília Nunes de Queiroz, sendo a vice-diretora a Prof^a Carla Maynard Caló da Silva Sousa. A escola funciona em três turnos, oferecendo desde o 6º ano do ensino fundamental até o 3º ano do ensino médio. O quantitativo total de alunos da referida escola é de 625 alunos, sendo 289 cursantes do ensino médio, e 336 no ensino fundamental. A escola funciona em três turnos, sendo o turno da noite destinado aos alunos do EJA.

Os horários das aulas são assim distribuídos, de acordo com o turno: de 07:30h até 11:50h, turno matutino, das 13:10h até as 17:30h, turno vespertino, e das 18h até as 22h, turno noturno, considerando o período mínimo de 04 horas, determinado pela SEC.

O quantitativo de funcionários consta de 01 diretor, 01 vice-diretor, 02 secretários, 03 auxiliares administrativos, 01 coordenadora pedagógica e 32 docentes concursados, distribuídos entre os três turnos, somados a eles 03 merendeiras e 03 auxiliares de serviços gerais.

Em relação a estrutura física, a escola dispõe de 12 salas de aula, 02 turmas de 6º ano, 03 turmas de 7º ano, 03 turmas de 8º ano, 02 turmas de 9º ano, 02 turmas de 1º ano, 02 turmas de 2º ano e 02 turmas de 3º ano. Além disso, possui 01 sala de direção, 01 secretaria, 01 sala de coordenação pedagógica, 01 sala de professores, 01 sala de multimídia, 01 laboratório de informática, 01 cozinha, 03 depósitos, 10 banheiros (04 masculinos, 04 femininos e 02 privativos de professores e funcionários), 01 quadra e 01 refeitório.

A escola Maria Amélia dos Santos recebe recursos do Governo do Estado da Bahia. São alguns eventos que ocorrem durante o ano: A festa Junina e os jogos estudantis, que contribuem para o desenvolvimento afetivo e social dos alunos, bem como a inserção da comunidade escolar.

A busca por vagas é constante, não somente nos períodos de matrículas, como também em outros períodos do ano letivo, onde ocorrem muitas transferências de alunos pertencentes a outras unidades do ensino público, considerando a localização estratégica da escola, bem como o funcionamento em três turnos e a ampla oferta dos diversos anos dos ensinos fundamental e médio. Sua missão é a formação de um cidadão crítico e reflexivo, que possa exercer a sua cidadania, sendo ativo e participativo dentro do contexto social no qual está inserido.

FIGURA Nº 6: Escola Maria Amélia Santos



2.6. Participantes da pesquisa

O procedimento de coleta de dados em campo, dar-se-á na Escola Maria Amélia Santos, situada na cidade de Salvador-BA, Brasil, instituição pública estadual que foi selecionada por estar localizada no centro de um bairro populoso da cidade, em que o multiculturalismo é grande, o que permite analisar os inúmeros comportamentos em virtude da grande diversidade dos seus alunos, moradores do bairro e também das adjacências.

Considerando ser esta uma pesquisa qualitativa que utiliza o método fenomenológico, foram selecionados como participantes da pesquisa que Kauark, Manhães & Medeiros (2010, p. 60) conceituam como sendo “indivíduos do campo de interesse da pesquisa, ou seja, o fenômeno observado”. Os alunos selecionados para a investigação do

“uso do esporte como instrumento de cooperação” na escola, fazem parte do ano inicial do ensino fundamental II.

Desse modo, para satisfazer os objetivos da presente investigação, temos como participantes que, Lakatos e Marconi (2011, p.27) menciona como sendo “o conjunto de seres animados ou inanimados que apresentam pelo menos uma característica comum”. Ou seja, nomeadamente os participantes da pesquisa têm com premissa de análise acertos e erros, a partir das peculiaridades, as várias dimensões e determinações envolvidas no fenômeno estudado, de maneira que se torne possível apontar elementos para traçar algumas generalizações, particularidades, características e qualidades.

Ratificando com o supracitado, Gonzáles, Fernández e Camargo (2014, p.22) afirmam que os participantes são o “conjunto de elementos, finito ou infinito, definido por uma ou mais característica, em que todos os elementos em comum que os compõem somente entre eles”. Gil (2014, p.105) destaca como sendo o “conjunto de elementos que possuem determinadas características”. Essas particularidades em uma esfera direta ou indireta são essenciais para a evolução e dos princípios e posicionamento da investigação.

Essa conexão de forma direta, indireta, finita e infinita serve para adquirir informações, confrontando com as que já existem, de maneira a compreender seus detalhes e particularidades, apontando assim, elementos para traçar características de fundamental importância para a estruturação de componentes que sinalizam e embasam o processo de análise dos participantes; pois como afirma Cervo (2007, p. 66) os componentes de uma investigação é o “conjunto de pessoas, de animais ou de objetos que representem a realidade de indivíduos que possuam as mesmas características definidas para um estudo”. Tendo em vista, responder os objetivos da investigação em discussão, temos como participantes:

2.6.1. Coordenador Pedagógico

Hum (01) coordenador pedagógico lotado na escola investigada, que atua assessorando o trabalho docente em todos os anos do ensino fundamental, contribui com as bases pedagógicas pertinentes a cada ano, tendo em conta as diversas faixas etárias, acompanhando o planejamento das aulas, sem perder de vista as propostas delineadas no planejamento curricular.

Sendo assim, o coordenador pedagógico atua como mediano entre a proposta curricular e o docente, colaborando para o bom andamento das aulas de Educação Física,

dentro da realidade material disponível na escola, possibilitando uma boa fluência dos conteúdos que estão sendo desenvolvidos.

2.6.2. Professor da disciplina

Hum (01) professor com licenciatura em Educação Física, atuando como intermediário entre os alunos e os eixos temáticos que fazem parte da cultura corporal do movimento. O professor de Educação Física é possuidor dos saberes acadêmicos que trabalham a motricidade humana, estando qualifica-lo para ministrar aulas com esportes e qualquer outro elemento que esteja inserido na cultura do movimento, responsável pela formação do aluno crítico e reflexivo, que irá transformar o mundo ao seu redor, de maneira autônoma e consciente.

Todas as ações executadas pelo professor de Educação Física estão estreitamente conectadas aos objetivos específicos da pesquisa, contribuindo de maneira significativa para o bom andamento do trabalho, destacando os aspectos mais importantes encontrados no transcorrer de sua prática pedagógica.

2.6.3. Alunos do 6º ano do ensino fundamental

Dezenove alunos (19) selecionados do total de trinta e quatro alunos (34) que compõe a turma do 6º ano do ensino fundamental, público alvo da pesquisa. Esse nível foi escolhido por estarem ainda na fase da infância, em que ocorre o ciclo de iniciação a sistematização do conhecimento, sendo os alunos mais indicados a responderem sobre o uso do esporte como instrumento de cooperação nas aulas de Educação Física.

TABELA Nº 8: Participantes da Pesquisa

PARTICIPANTES DA PESQUISA	
Coordenador Pedagógico	01
Professor	01
Alunos	19

Na unidade em questão, pretende-se obter dados a partir da análise documental, observação sistemática/estruturada, do guia de entrevista e da entrevista, realizados com os

docentes, composta por 01 coordenador pedagógico e 01 professor da disciplina Educação Física e, somados a estes, 19 alunos do 6º ano.

A coleta de dados ocorrerá entre os meses de julho e setembro de 2019, tempo suficiente para a aplicação dos instrumentos da coleta dos dados entre todos os participantes da pesquisa, assim como para a sua análise, período no qual os alunos estão em atividade escolar, o que viabiliza a realização do trabalho.

2.7. Desenho da investigação

A utilização de uma metodologia adequada e eficaz, garante ao pesquisador a obtenção de resultados benéficos à sua pesquisa, visto que dispõe de métodos e técnicas para o desenvolvimento da mesma. Ander-Egg (apud Marconi; Lakatos, 2003, p.155) menciona que “a pesquisa é um procedimento reflexivo sistemático, controlado e crítico, que permite descobrir novos fatos ou dados, relações ou leis em qualquer campo do conhecimento”. Assim sendo, a pesquisa cumpre várias etapas, as quais são necessárias para o alcance do saber.

O desenho metodológico tem por finalidade responder aos objetivos listados. Sampieri, Collado e Lúcio (2006, p. 125), afirmam que o desenho se “refere ao plano ou estratégia criado para obter a informação desejada”.

Para o bom andamento da pesquisa, faz-se necessário ter em conta o esquema o desenho metodológico da investigação, que é utilizado como estratégia, apontando os passos a serem realizados ao longo da pesquisa. Sampieri, Collado e Lúcio (2006, p. 125) destacam que o desenho se “refere ao plano ou estratégia criado para obter a informação desejada”.

A pesquisa procura obter dados e informações a respeito de uma determinada temática a ser pesquisada. Leão (2016, p. 105), afirma que a pesquisa é “um conjunto de atividades que tem como finalidade descobrir novos caminhos”. É importante saber que a função do pesquisador é coletar as informações necessárias para a produção de novos saberes, embasado sempre pelos procedimentos inerentes ao processo investigativo. André (2011, p.96) alerta para “a difícil tarefa de conciliar os papéis de ator e pesquisador, buscar o equilíbrio entre a ação e a investigação, sem deixar em segundo plano a busca pelo rigor que qualquer pesquisa requer”. Já para Bicudo (2011, p.62) “uma pesquisa é sempre, de alguma forma, um relato de longa viagem empreendida por um sujeito cujo olhar vasculha lugares muitas vezes já visitados”.

A pesquisa realizar-se-á Escola Estadual Maria Amélia Santos, tendo ênfase a disciplina Educação Física e a utilização do esporte pelo professor, desenvolvido com base em uma fundamentação teórica que destaca conteúdos relevantes como os demais eixos temáticos da cultura corporal, a cooperação, o uso de recursos digitais, e o papel de agente renovador desempenhado pelo professor em seu cotidiano.

Nesse contexto, a pesquisa elaborada de maneira sistemática e rigorosa colabora para a efetivação e reconstrução do saber, ampliando-o. Todavia, para que ela se concretize e revele os seus fenômenos, faz-se necessário percorrer um caminho traçado em função dos objetivos que foram alcançados. O pesquisador deve utilizar uma metodologia científica, que vem a ser a utilização de técnicas e processos metodológicos eficazes para uma proveitosa e eficiente elaboração de produção científica.

Considerando essas informações, podemos compreender que em uma pesquisa se desenvolve um modo diferente de olhar e pensar determinada realidade a partir de uma experiência e de uma apropriação do conhecimento que são, nesse sentido, bastante pessoais. Desse modo, tenciona responder os objetivos dessa pesquisa a respeito do uso do esporte como instrumento pedagógico nas aulas de Educação Física.

O método científico vem a ser todas as normas que o investigador utiliza para comprovação do que se propõe a investigar, sob rigor científico com a finalidade de produzir conhecimentos. Gil (2014, p. 09) afirma que o método científico “é o conjunto de procedimentos intelectuais e técnicos adotados para se atingir o conhecimento”.

A investigação escolheu como método o fenomenológico, que se preocupa em descrever e explicar o fenômeno em seu ambiente natural, no momento da sua ocorrência, buscando compreender as suas características. Alvarenga (2019, p.51) afirma que “as investigações fenomenológicas estudam a maneira como as pessoas experimentam seu mundo, sua vivência, que significados têm para elas e como compreendê-los, de onde o investigador extrai a essência do fenômeno para descrevê-lo”.

É possível observar o fenômeno da maneira que ele ocorre, utilizando o método fenomenológico, através do qual o investigador capta a sua essência. Buendia (1998, p. 229) destaca que “a fenomenologia a partir de uma posição epistemológica enfatiza a volta à reflexão e à intuição para descrever e esclarecer a experiência tal como ela é vivida e se configura como consciência”. Torna-se possível a compreensão e interpretação fenomênica.

Nesse contexto, esse método de investigação nos possibilita refletir acerca das questões relacionadas ao uso do esporte como instrumento de cooperação, pois admite uma atenção sobre o fenômeno observado ou vivenciado, e ao mesmo tempo estabelece relações

com o outro e com o mundo. Dessa maneira, a fenomenologia visa a descrever e apreender os fatos de forma consciente e rigorosa. Alvarenga (2019, p. 51) destaca que o “[...] significado dessas vivências constituem o núcleo central da investigação e são explorados pelos investigadores e os participantes até à luz da interpretação. Deve-se contemplar e entender o contexto social, dentro do qual as ações adquirem sentido”.

O método fenomenológico é indicado para o contexto escolar. Alvarenga (2019, p.51) diz que “[...] seu campo de estudo abarca áreas sociais, psicológicas, educativas, antropológicas, culturais, históricas, criminalísticas, saúde, etc”. Perovano (2016, p. 151) acrescentam que “o pesquisador realiza a coleta de dados diretamente no contexto em que os atores vivem e de que participam”, permitindo ao investigador estudar os sujeitos ou fenômenos em questão com uma maior profundidade, dentro do próprio ambiente natural de trabalho.

Alvarenga (2019, p.55) destaca como meios, técnicas e procedimentos empregados em uma pesquisa qualitativa:

[...] o registro das manifestações orais, gestuais, documentos escritos, diários pessoais, a história de vida, o estudo de documentos, a participação em longo prazo com os sujeitos investigados, a fim de interpretar e compreender os fenômenos, considerando o contexto que rodeia a problemática estudada. O estudo é de índole interpretativa, trabalha-se com poucas pessoas, ou grupos pequenos, cuja participação é ativa.

Diante do exposto e, considerando os objetivos da investigação, optou-se pela pesquisa qualitativa, vez que a mesma torna possível a compreensão de detalhes/aspectos particulares e o ambiente natural sem sofrer intervenções.

Alvarenga (2019, p. 51) afirma que:

A investigação qualitativa geralmente se dá em um ambiente natural, onde se encontram os indivíduos envolvidos no estudo, a fim de obter um conhecimento profundo do fenômeno estudado. Realizam-se descrições detalhadas das manifestações de conduta das pessoas, das interações entre as mesmas, das situações, do ambiente, é dizer, do contexto que rodeia aos sujeitos estudados, levando em conta o padrão cultural.

Nesse contexto, Lüdke e André (2014, p.105) fazem uma analogia quanto à pesquisa qualitativa quando dizem que “o desenvolvimento de um estudo assemelha-se a um funil, pois no início, há focos de interesses mais específicos e diretos”. Assim, a preocupação com o processo deverá ser maior que o produto final, pois a investigação nessa pesquisa ocorrerá

nas interações cotidianas, a partir dos guias de entrevistas, entrevistas e análise documental no que se refere a prática do esporte como instrumento de cooperação nas aulas de Educação Física.

A pesquisa qualitativa vai além da mensuração superficial, pois a mesma não se restringe a números, tornando possível a interpretação e a compreensão fenomênica, tomando por base as observações acerca dos fatos e fenômenos estudados e sua posterior análise, atribuindo significado à informação.

Segundo Kauark, Manhães e Medeiros (2010, p. 26) a pesquisa qualitativa considera que:

Há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa. Não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave. É descritiva. Os pesquisadores tendem a analisar seus dados indutivamente. O processo e seu significado são os focos principais de abordagem.

Nesse sentido, Ludke e André (2014, p.96) afirma que uma pesquisa qualitativa “tem um ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento”. Isso garante segurança aos participantes da investigação, de modo que se sintam seguros e a vontade para participarem e colaborarem com a pesquisa. Dessa maneira, a pesquisa qualitativa demonstra ser o caminho ideal para a consolidação dos estudos sobre a prática do esporte como instrumento de cooperação nas aulas de Educação Física.

A prioridade da pesquisa qualitativa é observar, compreender e analisar o fenômeno que está sendo estudado. Knechtel (2014, p. 98) destaca que as pesquisas qualitativas se preocupam “[...] com o significado dos fenômenos e processos sociais, considerando-se as motivações, as crenças, os valores e as representações que permeiam a rede das relações sociais”, visto que, compreende o significado e a intencionalidade do contexto social, privilegiando-se do contato e das informações coletadas, com o objetivo de impetrar uma visão mais detalhada do processo em questão.

Nessa lógica, a pesquisa analisa a o uso do esporte como instrumento de cooperação nas aulas de Educação Física, em seu locus de trabalho, a Escola Estadual Maria Amélia Santos, na cidade de Salvador/Bahia, onde a coleta de dados não terá uma medição numérica

e/ou técnicas estatísticas, ou seja, não probabilística, somente com descrições e as observações.

Assim, as técnicas para a realização de pesquisa qualitativa, são procedimentos fundamentais para que o pesquisador alcance os objetivos demarcados e avalie todo o processo de interação realizado. Algumas das técnicas mais usadas em pesquisa qualitativas, segundo Alvarenga (2019, p.65), destaca dentre outras são “descrição através de narrações, entrevistas não estruturadas, entrevistas de grupos focais”. Essa pesquisa elegeu como técnica a observação sistemática/estruturada.

Nessa perspectiva, a pesquisa qualitativa apresenta duas fases até o presente momento. A primeira é a definição do objeto, o contato com o ambiente e com os participantes; a segunda é a coleta de dados, utilizando os instrumentos selecionados, que para essa investigação são: o guia de entrevista, a entrevista e a análise documental.

Nessas fases, serão observados e pensados como é utilizado o esporte na escola, averiguando os objetivos a serem alcançados e interpretados, sem a intervenção sistemática dos dados e fatos, mas com o objetivo de analisar a prática do esporte na escola como instrumento de cooperação entre os alunos do 6º ano do ensino fundamental nas aulas de Educação Física, e assim, proceder à investigação embasada em legislações, pareceres, normas, leis e teóricos que versam sobre o tema.

Assim, é importante que a pesquisa transcorra por várias etapas as quais são necessárias para o alcance do conhecimento. Esse procedimento reflexivo sistemático, controlado e crítico, permitem descobrir novos fatos ou dados, relações ou leis no campo investigado, e para subsidiar essa investigação é necessário que o pesquisador empregue uma metodologia pertinente e proveitosa para o êxito de resultados vantajosos para a sua pesquisa, utilizando de métodos e técnicas que alargam a relevância da sua elaboração.

Alvarenga (2019, p. 61) menciona que a coleta de dados em campo pode:

[...] durar apenas uma hora, meses, dias e inclusive anos. É o momento de realização de entrevistas, aplicação de questionários, ou outros instrumentos. Uma vez coletadas as informações devem-se depurar. Revisar se estão completos os dados, se não faltam dados importantes, ou são ilegíveis. O ideal é que ao terminar a coleta dos dados já se revise os mesmos, para controlar se estão completos, de maneira que no mesmo momento se possa detectar se há erros ou falências para que possam ser corrigidas a tempo.

A temática da pesquisa surgiu a partir do desejo de pesquisar sobre o tema que é considerado unanimidade nas aulas de Educação Física escolar: o esporte. Durante vinte

anos lecionando aulas de Educação Física, observando e presenciando a desenvoltura da temática esportiva na escola.

A escolha dos participantes da Escola Estadual Maria Amélia Santos se deu por ser uma escola de grande porte, situada em um bairro populoso da cidade de Salvador, local onde se entrecruzam as mais diversas culturas, etnias e realidades sócio-econômicas.

A idealização do desenho metodológico da pesquisa, parte da investigação científica “O uso do esporte como instrumento de cooperação nas aulas de Educação Física”. Para esse desígnio, o desenho metodológico da investigação que tem como propósito responder aos objetivos elencados na figura nº 7, a partir de uma pesquisa qualitativa que utiliza o método fenomenológico.

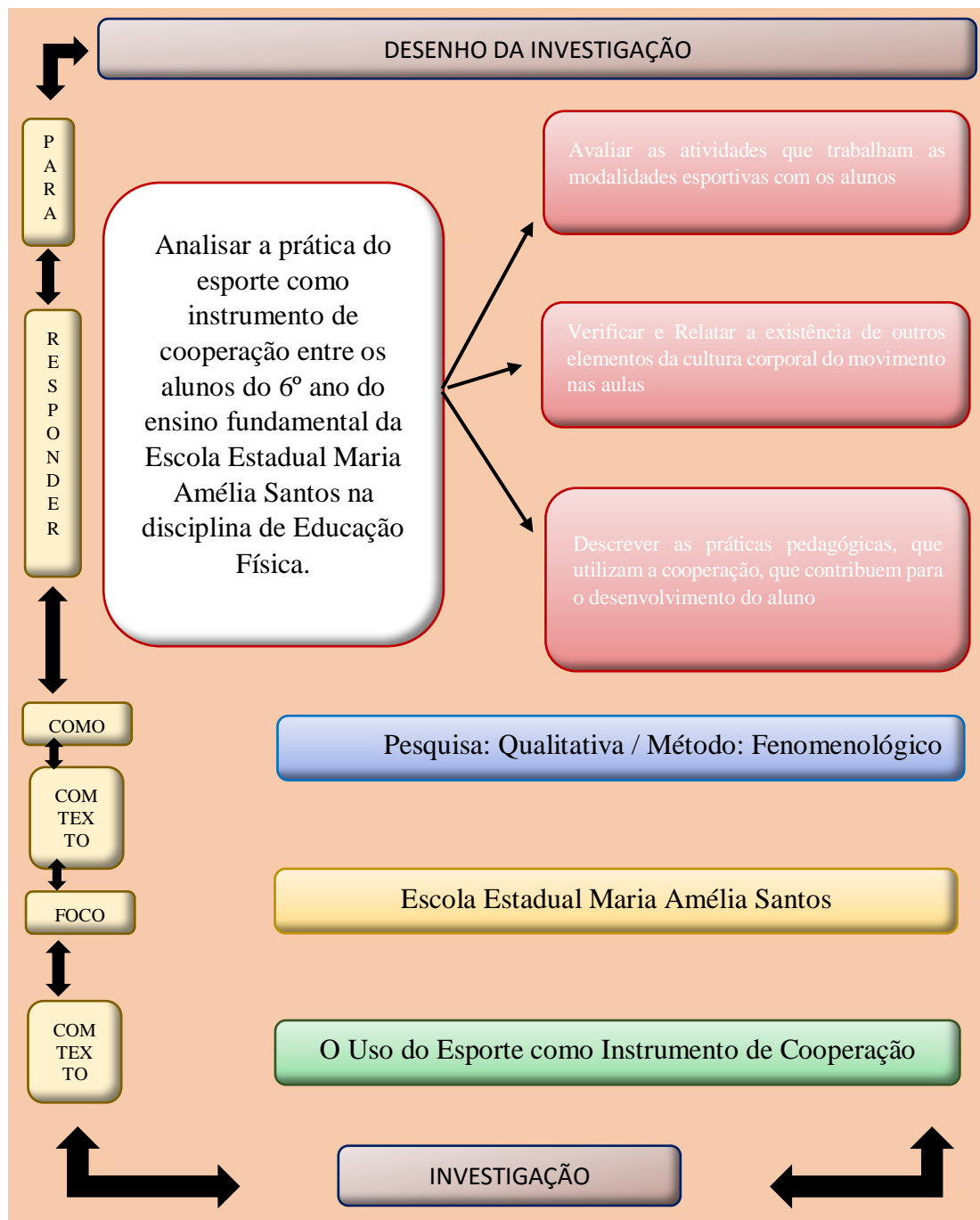
Nesse padrão, a investigação busca avaliar as atividades que trabalham as modalidades esportivas com os alunos, verificar e relatar a existência de outros elementos da cultura corporal do movimento nas aulas e, descrever as práticas pedagógicas do professor que utilizam a cooperação que contribuem para o desenvolvimento dos alunos.

Assim, a pesquisa tem como contexto Escola Estadual Maria Amélia Santos em Salvador/Bahia, atuando como foco o uso do esporte como instrumento de cooperação. A investigação se propõe em analisar minuciosamente o uso do esporte como uma prática pedagógica ministrada pelo professor, que deve se apresentar no currículo da Educação Física escolar da referida escola, de maneira que objetive trabalhar não somente as suas modalidades, como também as outras temáticas, buscando desenvolver por meio das suas práticas, atitudes cooperativas em um ambiente no qual a ludicidade esteja sempre presente, favorecendo aos aspectos inter-relacionais e a construção de valores entre os alunos.

Será observada a prática pedagógica do professor nas aulas de Educação Física, analisando e comparando aos objetivos propostos na pesquisa, sem quaisquer intervenções ou manipulações, atendo-se o pesquisador à análise do uso do esporte como instrumento de cooperação entre os alunos do 6º ano do ensino fundamental da Escola Estadual Maria Amélia Santos, para após a observação, concluir análises com base em legislações, documentos e teóricos da área.

Na figura abaixo está o desenho da investigação com os principais pontos a serem pesquisados:

FIGURA Nº 7: Desenho Metodológico da Investigação



2.8. Técnicas e instrumentos para a coleta de dados

Para a realização da coleta de dados nesta investigação, que objetiva analisar o uso do esporte como instrumento de cooperação entre os alunos da Escola Estadual Maria Amélia Santos, na cidade de Salvador/BA, considerando que os dados não são passíveis de quantificação, oriundos das observações realizadas pelo pesquisador, será utilizada a técnica

de observação sistemática/estruturada, tendo como instrumentos a guia de entrevista, entrevista e análise documental. Assim, o uso dessa técnica e dos instrumentos torna possível o estudo do fenômeno em questão.

2.8.1. Observação sistemática/estruturada

Referente a técnica da observação sistemática, Barros (2007, p. 74) ressalta que “observar é aplicar atentamente os sentidos a um objeto para dele adquirir um conhecimento claro e preciso”. Para a autora a observação “deve ser exata, completa, sucessiva e metódica”. Assim, a observação sistemática/estruturada da pesquisa finda observar as questões arroladas, possibilitando que o observador delineie o seu objeto de estudo, o cerne da observação, para então, vinculá-los aos objetivos colocados para a validação da pesquisa.

A observação sistemática/estruturada na presente pesquisa, tem por finalidade a observação das questões listadas nos objetivos específicos, que se relacionam a questões que envolvem as práticas esportivas, as modalidades não esportivas, a presença da cooperação dentro das atividades coletivas. Lakatos e Marconi (2003, p. 193) destacam que o “observador sabe o que procura e o que carece de importância em determinada situação; deve ser objetivo, reconhecer possíveis erros e eliminar sua influência sobre o que vê ou recolhe”. Portanto, é fundamental o uso de anotações para que as informações não fujam ao controle, dentro de um planejamento prévio, observando os critérios de clareza e exatidão. O roteiro da observação sistemática/estruturada se encontra no Apêndice 5.

A análise será feita no uso do esporte como instrumento de cooperação entre os alunos do 6º ano do ensino fundamental nas aulas de Educação Física, e as estratégias utilizadas para que as aulas desenvolvam atitudes cooperativas entre os alunos. Lakatos & Marconi (2011, p. 78), ainda ressaltam que a observação sistemática deve se realizar “em condições controladas, para responder a propósitos preestabelecidos. Todavia, as normas não devem ser padronizadas nem rígidas demais”.

2.8.2. Guia de entrevista

O guia de entrevista é um instrumento de averiguação, que clareia os objetivos específicos da pesquisa no formato perguntas ordenadas a serem respondidas pelo entrevistado. Sendo composto por questões abertas em que conforme afirmam Kauark, Manhães e Medeiros (2010, p. 109) “os respondentes ficam livres para responderem com

suas próprias palavras, sem se limitarem à escolha entre um rol de alternativas”. O instrumento será aplicado para com o coordenador pedagógico e o professor, que responderão espontaneamente, dentro da mais absoluta liberdade, no local em que ocorre a pesquisa.

A preparação da entrevista é uma das etapas mais importantes da pesquisa que requer tempo e exige alguns cuidados, entre eles destacam-se: o planejamento da entrevista, que deve ter em vista os objetivos a serem alcançados, a escolha dos entrevistados, que nesse caso são a coordenadora pedagógica e o professor de Educação Física, que terão preservadas a sua identidade e o sigilo de suas confidências, finalizando com a confecção de um guia/formulário com as questões importantes à pesquisa.

Nesse contexto, Campoy (2016, p.360) afirma que “el entrevista aberto es aquel que solicita una respuesta libre y provoca respuestas de mayor profundidad”. Todas as perguntas foram elaboradas de acordo com os objetivos específicos de maneira ordenada e que possa favorecer o rápido engajamento do respondente na entrevista, bem como a manutenção do seu interesse, pois como salienta Campoy (2016, p.360) “en la elaboración del la entrevista se debe limitar el teme elegido por el investigador y los objetivos (qué es lo que se quiere investigar).

2.8.3. Entrevista

A entrevista é um dos instrumentos utilizados para a coleta de dados na pesquisa qualitativa, bastante indicada para quase todos os tipos de pesquisas na área de ciências sociais, devendo estar atento à interação que permeia a entrevista que acontece entre o entrevistado e o entrevistador. Elas devem conter perguntas abertas, de acordo com Campoy (2018, p. 348) “as entrevistas qualitativas devem ser abertas, sem categorias pré-estabelecidas, de tal forma que os participantes possam expressar suas experiências”.

Desta forma, na entrevista as questões são respondidas através de uma conversa, cuja finalidade é a coleta de dados sobre a realidade dos fatos e fenômenos. Lakatos e Marconi, (2011, p. 80) descrevem que na entrevista ocorre “um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional”.

A conversa descontraída e amigável entre entrevistado/entrevistador, é uma característica marcante da entrevista, que deve manter a sua natureza profissional, observando a sequência lógica de raciocínio no tocante ao conteúdo pesquisado.

Mascarenhas (2012, p. 69), ressalta que a entrevista “não é apenas um bate-papo: é uma conversa que tem o objetivo de obter dados para a pesquisa. [...] serve para levantar informações que não encontramos em fontes bibliográficas, mas podemos obter conversando com as pessoas”. Nesse sentido, a entrevista será aplicada de forma não estruturada, possibilitando que o entrevistador se sinta à vontade e livre para discorrer fluentemente acerca da temática em questão.

Em virtude da liberdade e abertura, advindas do contato direto do pesquisador com o sujeito pesquisado, torna-se possível a obtenção de informações mais detalhadas, entretanto deve sempre buscar a obtenção de melhores informações sobre o assunto abordado. Gonzáles, Fernández e Camargo (2014, p. 36) consideram que esse tipo de entrevista “é mais flexível e aberta. No entanto, devem responder os objetivos da pesquisa”.

A entrevista é o instrumento que melhor se adequa a esta pesquisa, levando em consideração as características que lhe são inerentes, como a liberdade, a flexibilidade e a informalidade. Lakatos e Marconi (2011, p. 82) destacam que o pesquisador “tem a liberdade para desenvolver cada situação em qualquer direção que considere adequada. É uma forma de poder explorar mais amplamente uma questão. Em geral, as perguntas são abertas e podem ser respondidas dentro de uma conversação informal”. Os participantes da pesquisa serão entrevistados individualmente, através de livre conversação, não havendo qualquer interferência externa nas questões específicas sobre a temática em debate. As entrevistas ocorrerão em espaços adequados de acordo com a disponibilidade dos participantes.

Os participantes da pesquisa serão entrevistados individualmente e sem interferências/manipulações externas, respondendo a entrevista que contém questões previamente elaboradas em consonância com cada objetivo sobre “O uso do esporte como instrumento de cooperação”, os alunos.

2.8.4. Análise documental

A pesquisa documental apresenta-se como importante fonte a respeito do fenômeno que está sendo estudado. Vale ressaltar que nesse tipo de análise, os dados não sofreram nenhum tipo de manipulação, como se pode observar nos memorandos, atas e arquivos escolares.

Kripka, Scheller e Bonotto (2015, p.58) mencionam que:

A pesquisa documental é aquela em que os dados obtidos são estritamente provenientes de documentos, com o objetivo de extrair informações neles

contidas, a fim de compreender um fenômeno; é um procedimento que se utiliza de métodos e técnicas para a apreensão, compreensão e análise dos documentos dos mais variados tipos.

A análise documental pode ocorrer também por meio da análise de conteúdos, pois através da extração dos documentos originais é possível expressar de forma resumida o que está registrado.

Bardin (2011, p.47) destaca que analisar os conteúdos se resume em:

Um conjunto de técnicas de análise de comunicações visando a obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição de conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

Ainda sobre os conteúdos que serão submetidos à análise, não é possível apenas transcrever o que está registrado, mas compreender o significado que o documento tem para a escola como instituição de ensino, docentes e discentes. Chizzotti (2006, p.98) diz que “o objetivo da análise de conteúdo é compreender criticamente o sentido das comunicações, seu conteúdo manifesto ou latente, as significações explícitas ou ocultas”.

É deveras importante que seja feita uma análise documental bem minuciosa dos conteúdos que estão registrados nos mais diversos documentos da instituição, desde o PPP até o plano de aula. Flick (2009, p.291) destaca que a análise de conteúdos “é um dos procedimentos clássicos para analisar o material textual, não importando qual a origem desse material”.

A análise documental examinará o plano anual de ensino, o Projeto Político Pedagógico e o currículo do professor.

2.8.4.1. Plano anual de ensino

O plano anual de ensino da disciplina Educação Física, prevê os conteúdos que serão desenvolvidos ao longo do ano. Nesse contexto, o planejamento assume capital importância ao ponto de se constituir como objeto de teorização, desenvolvendo-se a partir da ação docente, que para Gil (2012, p.34) envolve “decidir acerca dos objetivos a serem alcançados pelos alunos, conteúdo programático adequado para o alcance dos objetivos, estratégias e recursos que vai adotar para facilitar a aprendizagem, critérios de avaliação, etc.”

A partir da compreensão do plano anual de ensino, torna-se possível fazer uma análise do plano de aula, no qual é possível sintetizar todas as atividades, procedimentos e conhecimentos que se pretende desenvolver na aula.

O plano de aula é o menor detalhamento do plano anual de ensino, sendo este por sua vez, fracionado em bimestres (04 unidades) na escola selecionada para a pesquisa. Gil (2012, p.39) chama a atenção para “o que difere o plano de ensino do plano de aula é a especificidade com conteúdos pormenorizados e objetivos mais operacionais”. Devido a sistematização através de unidades, o plano de aula cria assim uma situação didática concreta. Libâneo (1993, p.241) destaca que “os professores devem levar em consideração as suas fases: preparação e apresentação de objetivos, conteúdos e tarefas, desenvolvimento da matéria nova, consolidação (fixação de exercícios, recapitulação, sistematização), aplicação, avaliação”.

Tendo por referência a BNCC da Educação Física, o professor se norteará para construir e adequar o currículo e as suas propostas, dentro do que foi delineado no PPP, destacando conteúdos programáticos pertinentes para cada ano do ensino fundamental e considerando a sua divisão em blocos, dentro do contexto da área de linguagens na qual está inserida a Educação Física, construir assim o plano de aula.

A BCNN (2018, p. 231) destaca que:

Nesse contexto, e para aumentar a flexibilidade na delimitação dos currículos e propostas curriculares, tendo em vista a adequação às realidades locais, as habilidades de Educação Física para o Ensino Fundamental – Anos Finais, assim como no Ensino Fundamental – Anos Iniciais, estão sendo propostas na BNCC organizadas em dois blocos (6º e 7º anos; 8º e 9º anos)[...].

2.8.4.2. Projeto político pedagógico

O Projeto Político Pedagógico, fruto da ação conjunta dos professores, coordenadores, diretores e a comunidade escolar, tendo por base a realidade da escola, é o documento mais importante da instituição. Vasconcelos (2012, p.95) menciona que “trata-se do que se chama de Projeto Político Pedagógico (ou Projeto Educativo), sendo na verdade a identidade da escola. Deve ser construído coletivamente, envolvendo diretores, professores, especialistas, pais e alunos da escola”.

O currículo deve ser levado em consideração na elaboração do PPP, pois sem tais conhecimentos o mesmo não se fundamenta.

As DCN em seu Art. 9º chamam a atenção para:

O currículo do Ensino Fundamental é entendido, nesta Resolução, como constituído pelas experiências escolares que se desdobram em torno do conhecimento, permeadas pelas relações sociais, buscando articular vivências e saberes dos alunos com os conhecimentos historicamente acumulados e contribuindo para construir as identidades dos estudantes.

Os conhecimentos escolares constituem elementos basilares para a construção de uma escola democrática, que a partir do currículo, elaborará o seu PPP.

As DCN's para o ensino fundamental no seu Art 9º § 3º destacam que:

Os conhecimentos escolares são aqueles que as diferentes instâncias que produzem orientações sobre o currículo, as escolas e os professores selecionam e transformam a fim de que possam ser ensinados e aprendidos, ao mesmo tempo em que servem de elementos para a formação ética, estética e política do aluno.

A construção do PPP deve considerar a base nacional comum curricular que, através das DCN's no Art. 14 destaca:

O currículo da base nacional comum do Ensino Fundamental deve abranger, obrigatoriamente, conforme o art. 26 da Lei nº 9.394/96, o estudo da Língua Portuguesa e da Matemática, o conhecimento do mundo físico e natural e da realidade social e política, especialmente a do Brasil, bem como o ensino da Arte, a Educação Física e o Ensino Religioso.

O PPP considera as peculiaridades, a realidade social, as fases de crescimento e desenvolvimento dos alunos, respeitando o que já está estabelecido na base curricular comum. As DCN's em seu Art. 18 mencionam que o PPP deve levar em conta “o currículo do Ensino Fundamental com 9 (nove) anos de duração exige a estruturação de um projeto educativo coerente, articulado e integrado, de acordo com os modos de ser e de se desenvolver das crianças e adolescentes nos diferentes contextos sociais.”

O PPP deve tornar possível aos membros da escola, a conscientização de sua problemática, e apresentar soluções por meio das ações conjuntas nas quais são comungadas as responsabilidades. As DCN's em seu Art. 20 mencionam que “as escolas deverão formular o projeto político-pedagógico e elaborar o regimento escolar de acordo com a proposta do Ensino Fundamental de 9 (nove) anos, por meio de processos participativos relacionados à gestão democrática”. Não só a gestão democrática, mas o debate entre todos

os envolvidos, permite a produção de critérios coletivos no seu processo de elaboração, colaborando com o trabalho desenvolvido na escola.

As DCN's no Art.20 § 1º afirmam que:

O projeto político-pedagógico da escola traduz a proposta educativa construída pela comunidade escolar no exercício de sua autonomia, com base nas características dos alunos, nos profissionais e recursos disponíveis, tendo como referência as orientações curriculares nacionais e dos respectivos sistemas de ensino.

As DCN's mediante o art.43 estabelecem que “o projeto Político Pedagógico, independentemente da autonomia pedagógica, administrativa e de gestão financeira da instituição educacional, representa mais do que um documento sendo um dos meios de viabilizar a escola democrática para todos e de qualidade social”.

2.8.4.3. Currículo do professor

O currículo do professor é o documento que possibilita compreender o modelo de aula que está sendo empregado, pois nele estão compilados a sua formação acadêmica, sua experiência docente e seus saberes experienciais. Libâneo (1998, p.56) afirma que o currículo é “como ponte entre teoria e prática, a partir da prática”.

O professor, embasado pelo seu currículo, tem o poder de desenvolver o trabalho em sala de aula, de maneira reflexiva, recontextualizando o ensino, suplantando práticas já obsoletas, visto que em uma aula não apenas se transmitem conteúdos, como também se constroem conhecimentos, tomando por referência a estrutura social na qual estão imersos os transmissores e receptores do conhecimento.

Veiga (2002, p. 07) conceitua o:

Currículo é uma construção social do conhecimento, pressupondo a sistematização dos meios para que esta construção se efetive; a transmissão dos conhecimentos historicamente produzidos e as formas de assimilá-los, portanto, produção, transmissão e assimilação são processos que compõem uma metodologia de construção coletiva do conhecimento escolar, ou seja, o currículo propriamente dito.

TABELA N° 9: Técnicas utilizadas na pesquisa

Objetivos da investigação	Técnicas/instrumento	Fonte de Informação
Avaliar as atividades que trabalham as modalidades esportivas com os alunos.	Observação Sistemática/Estruturada, Análise documental e Guia de Entrevista	Professor Coordenador Alunos
Verificar e Relatar a existência de outros elementos da cultura corporal do movimento nas aulas.	Observação Sistemática/Estruturada, Guia de entrevista	Professor Coordenador Alunos
Descrever as práticas pedagógicas, que utilizam a cooperação, que contribuem para o desenvolvimento do aluno.	Observação Sistemática/Estruturada, Guia de entrevista e Entrevista	Professor Coordenador Alunos

2.9. Elaboração e validação dos instrumentos da pesquisa

Para aferir a garantia e a validade do conteúdo de um instrumento de pesquisa, é necessária a submissão dos conteúdos ao crivo de professores doutores da área de Educação. Sousa (2005, p. 196) destaca ser indispensável que “quatro ou cinco professores da área disciplinar em que se situa a investigação, para fazerem apreciação sobre a pertinência das perguntas de um teste é um bom procedimento”. É importante que haja essa verificação, no tocante a adequação, coerência e clareza entre as questões elaboradas e os objetivos propostos a cada questão, por doutores de renomado saber acadêmico e científico, que julgarão se o instrumento é qualificado para uma pesquisa de campo de tamanha relevância.

A elaboração do instrumento e sua validação oportunizam a possibilidade de se coletar dados objetivos para lograr evidências científicas que possam proporcionar mudanças na prática de procedimentos que poderão diminuir os riscos aos quais os

participantes estão expostos. Prevenindo-se possíveis contaminações, pode-se atuar na vigilância epidemiológica dos componentes.

Assim, Campoy (2016, p. 89) afirma que “a respeito da validade das técnicas, se entende que a validação é um processo contínuo que inclui procedimentos diferentes para comprovar se uma entrevista mede o que disse realmente medir”.

Dessa forma, para a validação dos instrumentos de coleta de dados serão elaboradas entrevistas, contendo questões pertinentes a cada grupo de participantes, a saber: coordenador pedagógico, professor de Educação Física e alunos, para posterior análise de quatro doutores das ciências da Educação, a fim de dirimir dúvidas que possam emergir, bem como, para a verificação no que se refere a adequação e coerência entre os questionamentos formulados e os objetivos propostos na pesquisa.

2.10. Procedimento para a coleta de dados

É fundamental que a pesquisa seja feita com critério e seriedade, pois, caso contrário, o pesquisador vai acabar reunindo informações inconsistentes que podem levá-lo a conclusões equivocadas que vão comprometer todo o trabalho. Por este motivo, é essencial que ela seja bem executada e isso está diretamente relacionado com a qualidade da coleta de dados, que vão alimentar a pesquisa e possibilitar que se chegue a conclusões mais fidedignas.

A coleta de dados consiste na etapa em que o pesquisador adquire as informações desejadas. Andrade (2009, p. 115), afirma que “é a maneira pela qual se obtêm os dados necessários”, que vem a ser o roteiro já estabelecido desde o início da pesquisa.

No primeiro momento, foi realizado o primeiro contato com o Escola selecionada para a efetivação da pesquisa, a partir de uma conversa informal com a coordenadora, e o professor da disciplina de Educação Física, em que foram apresentadas as intenções e os objetivos da investigação, destacando a importância e relevância do Uso do esporte como instrumento de cooperação nas aulas de Educação Física. Em seguida, foi entregue à direção escolar uma carta solicitando a liberação e a abertura do campo para o desenvolvimento da pesquisa. A carta se encontra no Apêndice 1.

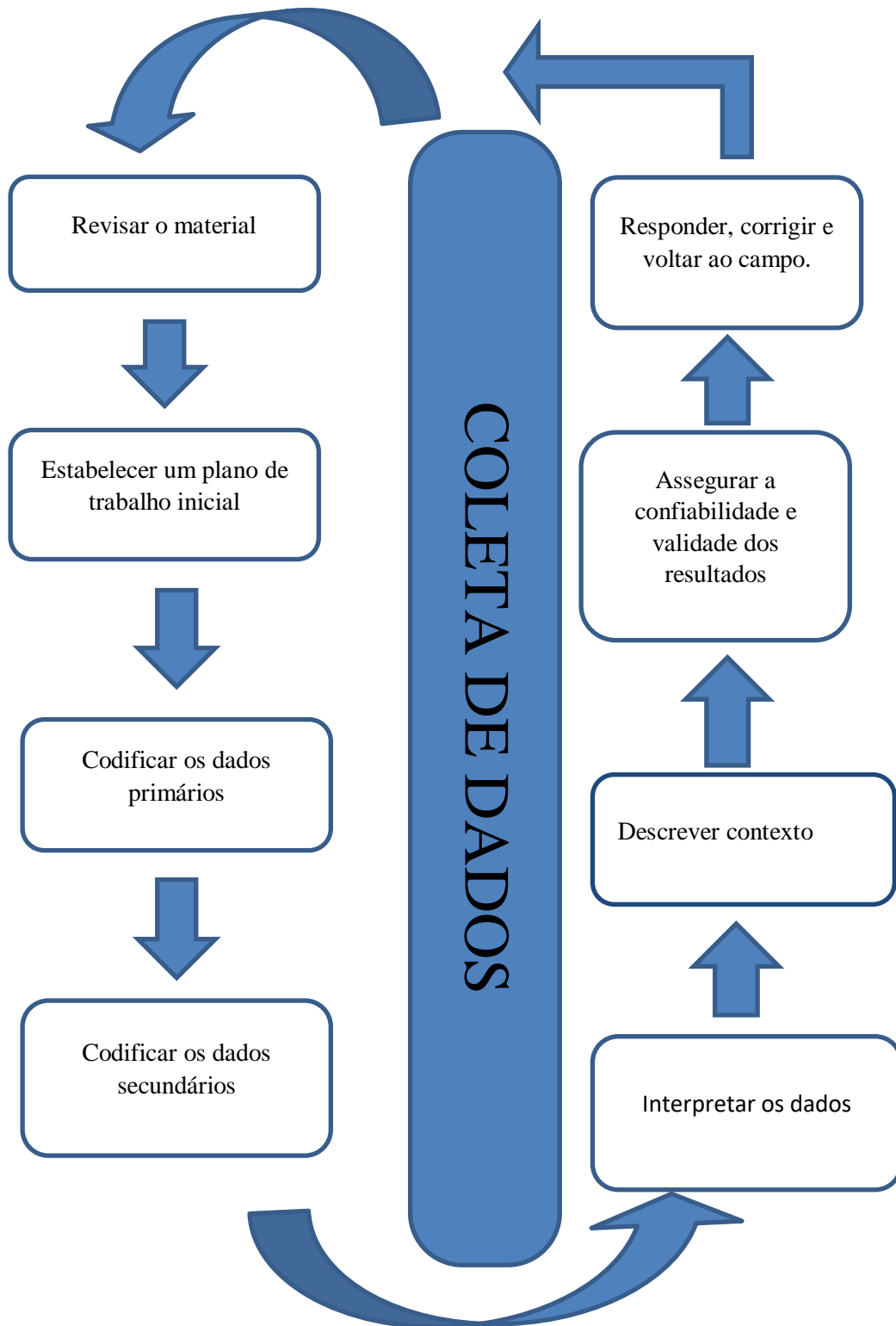
No período do mês de agosto serão construídas as guias de entrevista destinadas à coordenadora pedagógica e ao professor e as entrevistas para os alunos, e posteriormente, enviadas para análise por professores doutores especialistas na área da educação para viabilizar a validação do instrumento elaborado.

Após a validação favorável do instrumento empreendido, terá início a coleta de dados, realizando concomitantemente: a observação da escola (estrutura física, biblioteca, laboratórios, recursos didáticos e tecnológicos), o plano de aula anual da disciplina Educação Física, o currículo do professor, a existência (ou não) de projetos educativos voltados à Educação Física e Projeto Pedagógico do Curso (PPC), considerando o uso dos esportes como instrumento de cooperação nas aulas de Educação Física, nesse período, na visão dos participantes onde os esclarecimentos levantados possam colaborar para a análise interpretação dos dados.

As técnicas e os procedimentos designados para a coleta de dados estão em consonância com o objetivo geral e os específicos da investigação, oferecendo afinidades entre os procedimentos da guia de entrevista e entrevista para a coleta de dados, angariados pelas informações, mediante as técnicas e os referenciais teóricos utilizados, buscando compreender a importância do Uso do esporte como instrumento de cooperação nas aulas de Educação Física na Escola Estadual Maria Amélia Santos, Salvador - Bahia.

2.11. Técnicas de análise e interpretação dos dados

FIGURA Nº 8: Esquema da Análise e Interpretação dos Dados



O procedimento de análise e interpretação da presente investigação, objetiva detalhar o material colhido, a fim de dirimir possíveis dúvidas e erros, demonstrando o real significado sempre em consonância com a temática e os seus objetivos. Feita a coleta dos dados, ocorre a organização de tudo o que foi colhido ao longo da investigação.

A análise e a interpretação seguem uma sequência em que, não é possível desvencilhar uma da outra, que apesar de distintas estão imbricadas entre si. Marconi e Lakatos (2003, p. 167) afirmam que “a análise e interpretação são duas atividades distintas, mas estreitamente relacionadas e, como processo, envolvem duas operações analisar e interpretar os fatos apurados na coleta de dados”.

Quando submetido o fenômeno ao processo de análise, a sua ocorrência e suas relações com outros passa a ser objeto de mensuração. Mascarenhas (2012, p. 48) menciona que “o objetivo da análise é medir a frequência dos fenômenos e entender a relação entre eles”. Para uma compreensão e consequente interpretação do fenômeno, é necessário que seja feita uma análise do mesmo.

Gil (2014, p.165) afirma que:

A análise tem como objetivo organizar e resumir os dados de forma tal que possibilitem o fornecimento de respostas ao problema proposto para a investigação. Já interpretação tem como objetivo, a procura do sentido mais amplo das respostas, o que é feito mediante sua ligação a outros conhecimentos anteriormente obtidos.

A interpretação consiste em atribuir significados ao que foi analisado, ampliando assim a esfera do conhecimento que se tem a respeito do fenômeno em questão. Lakatos e Marconi (2003, p. 168) destacam que a interpretação “é a atividade intelectual que procura dar um significado mais amplo às respostas, vinculando-as a outros conhecimentos”. A interpretação ocorre ao longo de todo o processo de investigação, diferindo da análise que ocorre em um determinado momento após a coleta dos dados, nesse sentido, Lüdke e André (2014, p.56) destacam que a interpretação dos dados está “presente em vários estágios da investigação, tornando-se mais sistemática e mais formal após o encerramento da investigação”.

A pesquisa não objetiva enumerar e/ou medir os eventos estudados nem se vale de instrumental estatístico na análise dos dados, visto que para a obtenção de dados detalhados sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada, procurando compreender os fenômenos, segundo a perspectiva dos sujeitos, por se tratar justamente de uma pesquisa qualitativa. Minayo (2018, p.22) descreve

a pesquisa qualitativa como sendo a que “[...] trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, com valores, crenças, atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalidade de variáveis”.

Godoy (2015, p. 58) chama a atenção para características da pesquisa qualitativa:

Considera o ambiente como fonte direta dos dados e o pesquisador como instrumento chave; possui caráter descritivo; o processo e o foco principal de abordagem e não o resultado ou o produto; a análise dos dados foi realizada de forma intuitiva e indutivamente pelo pesquisador; não requereu o uso de técnicas e métodos estatísticos; e, por fim, teve como preocupação maior a interpretação de fenômenos e a atribuição de resultados.

Contudo, segundo Flick (2004, apud Perovano, 2016, p. 290), a análise qualitativa “consiste em um processo rigoroso e lógico no qual se atribui sentido aos dados analisados”, para então se chegar a conceitos compreensíveis, válidos e confiáveis.

Nesse sentido, a presente pesquisa analisará e interpretará os dados que serão coletados nos guias de entrevista, nas entrevistas e na análise documental tencionando conhecer e discernir a relação entre esses dados coletados, por intermédio das técnicas e o referencial teórico, com a finalidade de entender a relação existente entre eles, a fim de responder ao problema e as conjecturas levantadas no decorrer da pesquisa e a realidade dos fenômenos em seu contexto.

Assim, com base nas fundamentações adquiridas e averiguadas, elegeu-se por analisar e interpretar os dados através do desenho coreográfico descrito por Sampieri, Collado e Lúcio (2006, p. 492), definido por esses autores como:

Revisar o material; estabelecer um plano de trabalho inicial, codificar os dados em um primeiro nível ou plano, também chamado de codificação primária; codificar os dados em segundo nível ou plano, também chamado de codificação secundária; interpretar os dados; descrever contexto; assegurar a confiabilidade e validade dos resultados; responder, corrigir e voltar ao campo.

O procedimento para a análise e interpretação dos dados coletados na investigação, segue esta ordem:

2.11.1 Revisar o material

Ao rever o material colhido, se garante a adequação que torna possível a continuidade da relação entre a investigação e os dados coletados: por meio da revisão se certifica o progresso da pesquisa dentro de um horizonte de oportunidades estabelecidas.

Na revisão do material Sampieri, Collado e Lúcio (2006, p. 491) ressaltam a “importância de revisar o material (dados coletados) para posterior análise, verificando se estão legíveis, visíveis e completos”.

2.11.2 Estabelecer um plano de trabalho inicial

Nesta fase, é elaborada a sequência de ações que serão desenvolvidas ao longo do processo investigativo que abrange a revisão de todos os dados colhidos. De acordo com Sampieri, Collado e Lúcio (2006, p. 492), o pesquisador deverá:

[...] revisar o registro elaborado durante a etapa da coleta de dados [...] estabelecer um sistema de codificação de dados, definir o método para analisar os dados, definir os programas de computador de análise que serão utilizados [...] estabelecer datas prováveis para realização da análise.

É imprescindível que se determine um plano de trabalho inicial para que a investigação e análise dos dados transcorram de forma ordenada, organizada e apresente uma sequência coerente dos fatos e fenômenos.

A sequência de passos foi adotada a fim de que seja possível: verificar se todos os dados foram revistos, codificar os dados para posterior identificação e interpretação, definir o procedimento (método) para analisar os dados, ajustar os dados em software tecnológico apropriados para a pesquisa e estabelecer as datas que serão realizadas à análise dos dados.

2.11.3 Codificar dados primários

Neste primeiro momento, é necessário que os dados sejam codificados de acordo com cada categoria a ser analisada. Essa classificação é fundamental para que se possa determinar as categorias de investigação.

Considerando os critérios de precisão e rigorosidade inerentes a essa fase de codificação, Barros (2007, p. 110) ressalta que a classificação é “a divisão dos dados em partes, dando-lhes ordem [...]. A classificação portanto, consiste em uma maneira de

distribuir e selecionar os dados obtidos [...] reunindo-os em classes ou grupos”. Ainda Sampieri, Collado e Lúcio (2006, p. 494) colocam que nessa etapa “codificam-se as unidades em categorias [...] a codificação implica classificar e, essencialmente, determinar unidades de análise para as categorias de análise[...]”.

São consideradas categorias da presente investigação: A coordenadora pedagógica, o professor e os alunos.

2.11.4 Codificar dados secundários

Os dados secundários são aqueles que serão coletados, tabulados, ordenados segundo as unidades de análise e, muitas vezes, até analisados, com outro intuito ao de atender as necessidades da pesquisa em andamento, sendo interpretados e catalogados por categoria.

Nessa etapa, se processa a análise dos dados obtidos. Para Grinnell (1997, apud Sampieri, Collado e Lúcio, 2006, p. 503) a “codificação dos dados em segundo plano implica refinar a codificação e envolve a interpretação de significados das categorias obtidas no primeiro nível”.

Serão catalogadas e classificadas pelos participantes da pesquisa, as entrevistas, que serão organizadas e separadas de acordo com as respostas dos participantes. A codificação dos dados se dará de acordo com a função do participante, garantindo o sigilo da sua identidade viabilizando a interpretação dos dados analisados.

A codificação organizar-se-á seguindo o critério da ordem alfabética, onde cada categoria é destacada pela letra inicial da sua função, acrescentando- lhe ordem numérica crescente para a quantidade de participantes. Por exemplo: os alunos serão representados pela letra A e os representantes seguirão a sequência numérica, ficando A1, A2, A3 e assim por diante, enquanto que a coordenadora será representada pela letra C, e o professor de Educação Física, pela letra P.

2.11.5 Interpretar os dados

Interpretar os dados consiste em examinar o material colhido, verificando possíveis falhas, erros ou dúvidas para posterior exposição dos significados encontrados ao longo da pesquisa. Lakatos e Marconi (2003, p 168) definem a interpretação de dados afirmando que esta “é a atividade intelectual que procura dar um significado mais amplo às respostas,

vinculadas a outros conhecimentos”. Em geral, a interpretação significa dar significado ao material apresentado em relação aos objetivos propostos referente a temática.

Sampieri, Collado e Lucio (2006, p. 507) afirmam que é a “atividade na qual se retomam as anotações, os memorandos e o registro de campo, obtidos durante a coleta de dados o enquadramento das análises ao contexto das coletas de dados”.

Gil (2008, p. 178) defende que ao interpretar os dados o pesquisador deve:

[...] ir além da leitura dos dados, com vistas a integrá-los num universo mais amplo em que poderão ter algum sentido. Esse universo é o dos fundamentos teóricos da pesquisa e o dos conhecimentos já acumulados em torno das questões abordadas. Daí a importância da revisão da literatura, ainda na etapa do planejamento da pesquisa. Essa bagagem de informações, que contribuiu para o pesquisador formular e delimitar o problema e construir as hipóteses, é que o auxilia na etapa de análise e interpretação para conferir significado aos dados.

Nesta fase, os dados serão interpretados de acordo com as respostas, procurando estabelecer o melhor parâmetro ao fenômeno pesquisado e, construindo as devidas relações com os conhecimentos teóricos e os objetivos elaborados para a investigação. Nesse sentido, a interpretação de dados dessa pesquisa, terá uma sintetização, estabelecendo uma compreensão dos dados coletados, confirmando ou não os pressupostos da pesquisa e/ou respondendo às questões formuladas.

2.11.6 Descrever contexto(s)

Sampieri, Collado e Lúcio (2006, p.507) dizem que é a “atividade na qual se retornam as anotações, os memorandos e o registro de campo, obtidos durante a coleta de dados”. Dessa forma, todos esses aparatos logrados na coleta de dados são úteis para a captura de informações sobre o contexto em que a investigação efetivou.

Desse modo, após a interpretação das informações obtidas anteriormente, será executada a incorporação das análises ao contexto das coletas de dados, considerando que, o conjunto dos elementos físicos e situacionais angariados ajudarão a responder a proposta da investigação.

2.11.7 Assegurar a confiabilidade e validade dos resultados

Para garantir credibilidade aos dados na presente pesquisa, faz-se necessário garantir uma maior confiabilidade e validade ao que será colhido na pesquisa. Sampieri, Collado e Lúcio (2006, p. 510) destacam que “é importante assegurar a confiabilidade e validade de nossa análise, perante nós mesmos e perante os usuários dos estudos”.

É imperioso que seja constatada com a veracidade dos dados investigados, pois os mesmos enumerados aqui servirão de alicerce para futuras pesquisas. Sampieri, Collado e Lúcio (2006, p. 510 - 511) esclarecem que:

Em 1º lugar devemos “avaliar se obtivemos suficiente informação de acordo com nossa apresentação do problema, [...] em 2º lugar é recomendável realizar o exercício de triangulação da análise, [...] e em 3º lugar consiste em obter retroalimentação direta dos indivíduos da pesquisa (pelo menos uma amostra deles), o que significa pedir-lhe que confirmem ou contestem interpretações e ver se capturamos os significados que eles tentaram transmitir”.

É de capital importância verificar a regularidade nos procedimentos da análise, com a intenção de assegurar a consistência e confiabilidade ao avaliar o fenômeno estudado. Para tanto, faz-se necessária revisão de todos os procedimentos que serão utilizados na pesquisa, a fim de identificar possíveis falhas, permitindo assim a garantia dos resultados esperados.

2.11.8 Responder, corrigir e voltar ao campo

Essa etapa objetiva o aperfeiçoamento dos dados obtidos, sendo necessário recorrer aos estratos e objetivos iniciais; pois para analisar e interpretar o fruto da presente coleta, é fundamental refutar a problemática da investigação, corrigindo as falhas, dirimindo dúvidas que venham surgir ao longo do processo.

Sampieri, Collado e Lúcio (2006, p. 511) salientam que nessa etapa final:

As conclusões respondem à apresentação do problema inicial ou nos ajudam a modificá-lo, mas com o objetivo de conseguir um avanço no conhecimento [...] nesses momentos devemos fazer ‘uma parada no caminho’(metáfora), parar e avaliar nossas metas ou quais obstáculos tivemos.

Posteriormente, se deve retornar ao campo para relatar os fatos, os objetivos e os resultados encontrados.

CAPÍTULO 3

ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS

3. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS

O presente capítulo apresenta os resultados obtidos na investigação sobre o uso do esporte como instrumento de cooperação, a partir dos instrumentos de coleta de dados aplicado junto a coordenadora pedagógica, professor e alunos, como também estão presentes a interpretação e análise dos dados produzidos e coletados durante a pesquisa, visando responder o objetivo geral e os objetivos específicos da pesquisa na Escola Estadual Maria Amélia Santos.

Os dados coletados mediante instrumentos que foram aplicados seguindo a metodologia descrita no capítulo anterior, que forneceu a base para caracterizar e detalhar o objeto de estudo da presente pesquisa, estando condizente com cada objetivo já referendado, nos quais possibilitaram interpretações e reflexões acerca da temática.

Durante a análise, o procedimento seguiu os seguintes passos:

a) A análise entre o que dizem os documentos oficiais no que se refere ao uso do esporte como instrumento de cooperação, destacando as suas recomendações sobre a prática, levando em consideração a presente realidade apresentada na Escola Estadual Maria Amélia Santos, no 6º ano do ensino fundamental II, situada no município de Salvador/BA;

b) A relação entre a teoria apresentada por autores que tratam do tema o uso do esporte como instrumento de cooperação nas aulas de Educação Física;

c) As informações contidas no relatório da observação estruturada que foram realizadas durante os meses (julho a setembro de 2019) na referida escola;

d) Os dados contidos nas guias de entrevistas e nas entrevistas realizadas com os participantes (coordenadora pedagógica, professor e alunos).

Nesse sentido, serão analisados os dados que foram coletados nessa pesquisa, seguindo a organização abaixo:

- Análise das respostas do 1º objetivo, segundo os participantes;
- Análise das respostas do 2º objetivo, segundo os participantes;
- Análise das respostas do 3º objetivo, segundo os participantes.

3.1. AVALIAÇÃO DAS ATIVIDADES QUE TRABALHAM AS MODALIDADES ESPORTIVAS COM OS ALUNOS

As modalidades esportivas são uma das unidades temáticas a serem desenvolvidas nas aulas de Educação Física pelo professor, que transmite os para os alunos os conhecimentos a respeito das práticas corporais, levando em consideração o que dizem os documentos oficiais em relação a cada prática tematizada.

Nas aulas de Educação Física, os alunos aprendem, mediante as mais diversas situações comunicativas como se apropriarão das competências e habilidades que se agregarão aos seus saberes para toda a sua vida. De acordo com a BNCC (2018, p.231) “a partir do 6º ano, prevê-se que os estudantes possam ter acesso a um conhecimento mais aprofundado de algumas das práticas corporais, como também sua realização em contextos de lazer e saúde, dentro e fora da escola”.

Avaliar as modalidades esportivas que fazem parte do cotidiano escolar, contribui para uma reconfiguração destas nas aulas de Educação Física, que costumam ter predominância na parte prática.

É dever da escola proporcionar aos alunos o espaço adequado para a prática esportiva e dos demais conteúdos da cultura corporal do movimento, assim como espaço para aulas teóricas, mesmo sendo a disciplina com uma maior ênfase na parte prática considerando que, só assim, os alunos conseguirão compreender, praticar e valorar os esportes e a cultura corporal do movimento desenvolvendo as competências e habilidades inerentes a esta disciplina da área de linguagens.

Nesta parte do trabalho, se busca avaliar as atividades que envolvam modalidades esportivas. Assim sendo, foram analisadas as respostas dadas pela coordenadora pedagógica, pelo professor da disciplina e pelos alunos do 6º ano, procurando destacar o uso do esporte como instrumento de cooperação nas aulas de Educação Física. Para obter as respostas, foram realizadas perguntas a coordenadora pedagógica, professor e alunos, que serão descritas a seguir.

Pergunta 1: Qual critério você utiliza para definir no planejamento curricular as modalidades esportivas que o professor de Educação Física deve desenvolver?

“A escola não vem trabalhando práticas esportivas pela falta de espaço adequado. Sugiro que o professor trabalhe os esportes através de aulas teóricas e vídeos”. C

3.1.1. O que diz a coordenadora sobre o critério utilizado para definir no planejamento curricular as modalidades esportivas a serem desenvolvidas pelo professor

Ao pesquisar o primeiro objetivo foi analisada no relato da coordenadora o critério que foi utilizado para definir no planejamento curricular da disciplina, as modalidades que serão desenvolvidas pelo professor.

Os critérios de seleção dos conteúdos que irão ser definidos no planejamento curricular, de acordo com Brasil (1998, p. 67) foram delineados “com a preocupação de garantir a coerência com a concepção exposta e de efetivar os objetivos, foram eleitos alguns critérios para a seleção dos conteúdos propostos”. Segundo os PCN’s, os critérios são: Relevância social, características dos alunos e a especificidade do conhecimento da área.

A definição dos conteúdos dentro do planejamento curricular da disciplina, levará em conta o perfil do alunado que compõe a turma do 6º ano do ensino fundamental, o estágio de crescimento no qual se encontram e o processo de aprendizagem no qual se encontram considerando a idade.

Brasil (1997, p. 35) aponta que:

A definição dos conteúdos buscou guardar uma amplitude que possibilite a consideração das diferenças entre regiões, cidades e localidades brasileiras e suas respectivas populações. Além disso tomou-se também como referencial a necessidade de considerar o crescimento e as possibilidades de aprendizagem dos alunos nesta etapa da escolaridade.

A Educação Física escolar possui uma estrutura curricular na qual as modalidades esportivas se encontram inseridas em um dos três blocos de conteúdos, juntamente com os jogos, ginásticas, danças e lutas. De acordo com Brasil (1998, p. 67) “os conteúdos estão organizados em três blocos, que deverão ser desenvolvidos ao longo de todo o ensino fundamental. A distribuição e o desenvolvimento dos conteúdos estão relacionados com o projeto pedagógico de cada escola e a especificidade de cada grupo”.

Considerando que as aulas de Educação Física escolar não devem ater-se exclusivamente aos esportes, os critérios para a seleção dos conteúdos devem diversificar as temáticas a serem desenvolvidas.

Daólio (1996, Apud Freitas, 2012 p. 22) afirma que:

As aulas de Educação Física devem propiciar uma ampla gama de oportunidades motoras, a fim de que o aluno explore sua capacidade de movimentação, descubra novas expressões corporais, domine seu corpo em várias situações, experimente ações motoras com novos implementos, com ritmos variados, etc. O professor deverá procurar levar os alunos, ao realizar as ações motoras, compreender seu significado e as formas de execução.

Uma vez selecionados os conteúdos, torna-se possível a definição do planejamento curricular da disciplina, sendo feitas as tomadas decisões em relação às ações didáticas que serão desempenhadas pelo docente, fruto de comum acordo com a coordenação pedagógica.

Segundo Padilha (2001, p.30):

O ato de planejar é sempre processo de reflexão, de tomada de decisão sobre a ação, processo de previsão de necessidades e racionalização de emprego de meios (materiais) e recursos (humanos) disponíveis, visando a concretização de objetivos, em prazos determinados e etapas definidas, a partir do resultado das avaliações.

De acordo com o relatório de observação estruturada, a coordenadora pedagógica definiu com o professor de Educação Física o cronograma mensal para o mês de agosto, considerando o que já havia sido previsto no planejamento do bimestre: a adequação das atividades que trabalham esportes, tendo em vista a sua inviabilidade em termos práticos, que ocorreu uma semana antes com todos os professores da escola.

As aulas planejadas para as semanas do mês de agosto teriam que considerar a situação de limitação espacial para a realização das aulas de Educação Física em virtude da total reestruturação da quadra, que antes era apenas um espaço aberto, e agora está modificando o seu layout para o modelo poliesportivo.

A coordenadora afirma que “*A escola não vem trabalhando práticas esportivas pela falta de espaço adequado*”. Em virtude da impossibilidade de práticas esportivas, em especial com as modalidades que tem a bola como instrumento, ela faz a seguinte consideração ao trabalho docente: “*Sugiro que o professor trabalhe os esportes através de aulas teóricas e vídeos*”. De alguma maneira, as atividades esportivas devem se fazer presentes nas aulas, pois estão intimamente relacionadas ao universo da Educação Física escolar, e tem muita importância para as crianças do 6º ano do ensino fundamental.

Pergunta 2: Que relevância tem os esportes para o desenvolvimento das crianças?

“A prática de esportes é fundamental para o desenvolvimento da criança, pois trabalha desde os aspectos comportamentais até a parte física e motora”. C

3.1.2. O que diz a coordenadora sobre a relevância dos esportes para o desenvolvimento das crianças

Os esportes são de fundamental importância para o desenvolvimento das crianças nas aulas de Educação Física, devendo estes considerar os mais diversos aspectos específicos como a motricidade e as fases do desenvolvimento infantil, até a motricidade.

A Educação Física dispõe de um conjunto de práticas corporais, dentre elas os esportes, que são organizadas em unidades temáticas. A BNCC (2018, p. 214) afirma que “cada prática corporal propicia ao sujeito o acesso a uma dimensão de conhecimentos e de experiências aos quais ele não teria de outro modo”.

Os PCN’s da Educação Física destacam que, os esportes e as outras temáticas trabalham as habilidades motoras, que são desenvolvidas não apenas sob o enfoque prático.

Brasil (1998, p. 69) destaca que:

As habilidades motoras deverão ser aprendidas durante toda a escolaridade, do ponto de vista prático, e deverão sempre estar contextualizadas nos conteúdos dos outros blocos. Do ponto de vista conceitual e procedimental, podem ser observadas, praticadas e apreciadas dentro dos esportes, jogos, lutas e danças.

Durante o seu crescimento, observa-se na criança o desenvolvimento cognitivo, que se divide em etapas, iniciando desde o seu nascimento, indo até os 12 anos de idade. A inteligência vai se aperfeiçoando com o aumento da idade, e, é influenciada pelas interações da criança com o meio no qual vive.

Piaget (1973 Apud Peniche 2015, p. 16) destaca o seguinte estágio relacionado a faixa etária dos alunos do 6º ano do ensino fundamental:

Estágio de operações formais: a criança já é capaz de raciocinar não somente sobre objetos, mas também sobre hipóteses criadas no seu meio. O adolescente se adequa à atual realidade, mas também lida com o mundo de possibilidades. A representação agora permite abstração total, a criança não se limita somente a realidade, ela é capaz de pensar logicamente, formular hipóteses e buscar soluções.

Além do desenvolvimento cognitivo, a criança em seu processo de crescimento, passa por estágios do desenvolvimento motor, que de acordo com Gallahue, Ozmun e Goodway, (2013, p. 21) é “a mudança contínua do comportamento motor ao longo do ciclo da vida, provocada pela interação entre as exigências da tarefa motora, a biologia do indivíduo e as condições do ambiente”.

Ainda sobre o desenvolvimento motor, Gomes, Magalhães e Maia (2017, p.18) afirmam que:

Desde o nascimento, os seres humanos passam por várias etapas de desenvolvimento motor, desde os simples movimentos reflexos, até os movimentos mais maduros. Os primeiros movimentos chamados de movimentos reflexos são movimentos primitivos que desaparecerão e darão origem aos movimentos especializados.

Segundo Gallahue e Ozmun (2003 Apud Gomes, Magalhães e Maia 2017, p.19) “o desenvolvimento motor humano é compreendido em quatro fases: fase motora reflexiva, fase motora rudimentar, fase motora fundamental e fase motora especializada”.

Os alunos que estão no 6º ano do ensino fundamental, se encontram na fase motora especializada, onde Gallahue e Ozmun (2003 Apud Gomes, Magalhães e Maia 2017, p.21) definem que “esse é o período em que as habilidades estabilizadoras, locomotoras e manipulativas fundamentais são progressivamente refinadas, combinadas e elaboradas para uso em situações crescentemente exigentes.”

Durante a fase motora especializada, a criança deixa de realizar os movimentos mais simples e passa a executar as atividades mais complexas, dentre elas a iniciação aos fundamentos esportivos.

Peniche (2015, p. 17) destaca que:

A aprendizagem motora é fundamentada pelo professor no ambiente escolar. A Educação Física promove saúde, qualidade de vida através de conteúdos que envolvem a expressão e o movimento e contribui no desenvolvimento motor, respeitando a individualidade e nível de maturação de cada um. Com isso é de grande importância que o aluno tenha o aprendizado integral tanto no aspecto físico motor, afetivo emocional, intelectual e social, na escola para ser um cidadão ativo na sociedade.

O esporte se mostra relevante para o desenvolvimento do ser humano, pois permite que outros aspectos, além do corpóreo sejam contemplados em uma perspectiva biopsicossocial.

Alves (2012, p. 1) menciona que:

A prática de atividades físicas e esportivas é reconhecida como relevante para o ser humano e para a sociedade em geral. Este conceito tem-se tornado mais amplo com a grande divulgação que se faz, atualmente, dos benefícios dessas atividades para o bem-estar das pessoas no âmbito físico, psicológico, cognitivo e social.

Considerando que o desenvolvimento infantil observa uma evolução que se dá através de estágios/fases, é importante que a criança entre em contato com a cultura corporal do movimento através de atividades físicas, que lhes proporcionem um contato direto com o meio no qual vive.

Kuhlmann (2015, p. 129) menciona que:

De acordo com Froebel, o desenvolvimento interno e externo seria complementares: para haver um desenvolvimento integral da natureza infantil deveria haver um forte estímulo tanto à cultura física como ao desenvolvimento mental. O trabalho para o aprimoramento do crescimento e desenvolvimento físico estava centrado em diferentes atividades como: o recreio, os passeios e excursões, a ginástica, a marcha, os jogos cantados, os jogos organizados e os brinquedos.

Para a criança, o esporte se mostra um excelente agente socializador, desenvolvendo aspectos atitudinais e comportamentais, principalmente no sentido de ensinar a saber conviver. De acordo com Rose Junior e Korsakas (2002, Apud Gomes Junior e Caputo 2014, p. 30) “nessa perspectiva, o esporte infantil também não se constitui como uma prática pedagógica isolada, mas está diretamente relacionado aos significados de infância expressos nas relações sociais estabelecida entre crianças e adultos ao longo dos tempos”.

Segundo os relatos da observação estruturada, os esportes são bastante importantes para os alunos do 6º ano, de modo que, mesmo diante da impossibilidade da prática com as regras e fundamentos, são desenvolvidos mediante aulas expositivas/teóricas, e quando levados ao campo prático, na forma de jogos e brincadeiras populares, adequados à faixa etária que está situada entre 11 e 12 anos de idade. Isso demonstra, que nas aulas de Educação Física, além de se manter a indissociabilidade mente/corpo, vez que a teoria e a prática se conectam, existe adequação dos conteúdos programáticos à faixa etária que ainda se situa na infância.

A coordenadora destaca que “*A prática de esportes é fundamental para o desenvolvimento da criança*”. Traduz a sua importância nas aulas, considerando que os

mesmos trabalham “*desde os aspectos comportamentais até a parte física e motora*”. Para a coordenadora pedagógica, a importância dos esportes reside no fato de que, a partir das aulas de Educação Física, é possível desenvolver plenamente o aluno, da parte cognitiva até a psicomotora.

Pergunta 3: Que providências você toma para que as atividades esportivas sejam regularmente praticadas na escola?

“Como disse anteriormente, não é possível a prática dos esportes como deve ser. Por causa dessa limitação de espaço, sugiro ao professor que aplique jogos e brincadeiras, que também utilizem bolas de material plástico para fazer jogos esportivos que se aproximem do esporte. A quadra ainda será liberada para a prática dos esportes”. C

3.1.3. O que diz a coordenadora em relação as providências tomadas para que as atividades esportivas sejam regularmente praticadas na escola

As atividades esportivas de alguma maneira devem estar inseridas nas aulas de Educação Física, pois constituem uma unidade temática que formam os blocos de conteúdos. A BNCC (2018, p.222-23) assegura que o componente curricular de Educação Física deve garantir aos alunos o desenvolvimento de competências específicas, tais como “reconhecer o acesso às práticas corporais como direito do cidadão, propondo e produzindo alternativas para sua realização no contexto comunitário”.

As aulas de Educação Física não se restringem a quatro modalidades popularmente conhecidas na cultura escolar que utilizem a bola como instrumento, existem portanto, outras possibilidades para a desenvoltura do esporte em contexto escolar, incluindo a sua transformação no que se refere a sua prática. A BNCC (2018, p.233) destaca que se deve “propor e produzir alternativas para experimentação dos esportes não disponíveis e/ou acessíveis na comunidade e das demais práticas corporais tematizadas na escola”.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais apresentam recomendações e propostas ao docente, para que seja possível a utilização dos esportes e outras temáticas como práticas pedagógicas escolares.

Brasil (1998, p. 71) recomenda que:

Uma prática pode ser vivida ou classificada em função do contexto em que ocorre e das intenções de seus praticantes. Por exemplo, o futebol pode ser praticado como um esporte, onde se valorizam os aspectos formais, considerando as regras oficiais que são estabelecidas internacionalmente (e que incluem as dimensões do campo, o número de participantes, o diâmetro e o peso da bola, entre outros aspectos), com platéia, técnicos e árbitros. Pode ser considerado um jogo, quando ocorre na praia, ao final da tarde, com times compostos na hora, sem árbitro nem torcida, com fins puramente recreativos. E, em muitos casos, esses aspectos podem estar presentes simultaneamente.

Conforme Parlebas (2001 Apud Lavega 2012, p. 37) o jogo esportivo vem a ser “uma situação de confronto motriz codificada, chamada de jogo ou de esporte por suas circunstâncias sociais. Cada jogo esportivo é estabelecido por um sistema de regras que determina a sua lógica interna”. O autor ainda destaca que esse tipo de jogo costuma ser praticado devido a sua longa tradição cultural, e tem por características não serem regulamentados por instituições sociais ou comitês esportivos.

Como destacam os relatos da observação estruturada, os esportes são substituídos por jogos desportivos, que utilizam materiais improvisados, a exemplo de cones, para a realização do golzinho com o uso bolas plásticas, por estarem as modalidades sendo vivenciadas fora do espaço adequado, denominado quadra de esportes. Dessa maneira, ante a impossibilidade de prática desportiva formal, são trabalhados os esportes seguindo a orientação de jogos e brincadeiras: a prática esportiva tem o seu formato oficial alterado para o esporte-lazer e esporte-participação.

A resposta da coordenadora aponta para a impossibilidade de práticas esportivas em seu contexto institucional, pois “*como disse anteriormente, não é possível a prática dos esportes como deve ser*”. Entretanto, propõe ao professor que sejam desenvolvidas atividades que podem substituir os esportes, em virtude da ausência de espaço adequado, como destaca em “*por causa dessa limitação de espaço, sugiro ao professor que aplique jogos e brincadeiras, que também utilizem bolas de material plástico para fazer jogos esportivos que se aproximem do esporte. A quadra ainda será liberada para a prática dos esportes*”.

Pergunta 1: Quais as modalidades esportivas que você desenvolve?

“No momento estamos em recuperação do espaço das práticas, o que inviabiliza a prática do esporte em termos olímpicos”. P

3.1.4. O que diz o professor sobre as modalidades esportivas por ele desenvolvidas

Em âmbito escolar, algumas modalidades esportivas estão mais predispostas de serem desenvolvidas, a exemplo dos esportes que utilizam a quadra poliesportiva, que em sua maioria, costumam ter a bola como instrumento.

A BNCC (2018, p. 216) faz referência a categoria:

Invasão ou territorial: conjunto de modalidades que se caracterizam por comparar a capacidade de uma equipe introduzir ou levar uma bola (ou outro objeto) a uma meta ou setor da quadra/ campo defendida pelos adversários (gol, cesta, touchdown etc.), protegendo, simultaneamente, o próprio alvo, meta ou setor do campo (basquetebol, frisbee, futebol, futsal, futebol americano, handebol, hóquei sobre grama, polo aquático, rúgbi etc.).

É possível se desenvolver um trabalho com os esportes sem a utilização do espaço oficial para o seu desenvolvimento como modalidade esportiva, tais práticas constituem um desdobramento das modalidades, explorando-as de outras maneiras.

Brasil (1998, p. 85) afirma ser:

Por exemplo, é possível organizar uma aula sobre o voleibol que inclua, além do uso da quadra, rede e bola oficiais, a distribuição em espaços adaptados de minivôlei, com cordas e bolas plásticas, variando o tamanho do espaço para jogo e a altura da rede.

Nas aulas de Educação Física, o futebol costuma ter a preferência entre os alunos, e além deste, o vôlei e o basquete são apontados como as principais modalidades na escola. Meier (1981 Apud Junior e Caputo, 2014, p. 27) menciona que “existem vários esportes, como, arco e flecha, artes marciais, atletismo, badminton, basquete, beisebol, vôlei, futebol, futsal, tênis, golfe, ciclismo, corrida de rua e entre outros, que são muitos”.

Conforme destaca o relatório da observação estruturada, o professor não trabalha as modalidades esportivas em sua concepção original, visto que, ocorre uma inviabilidade espacial que compromete a realização dos esportes, com as suas regras, divisão de equipes e a utilização de instrumentos, como bolas e redes para essa finalidade. As modalidades para ocorrerem como desportos coletivos, necessitam de demarcação específica, bola com o peso e formato adequados, e, não sendo possível atender a esta demanda, optou-se por desvincular o esporte com regras e fundamentos, momentaneamente, das aulas de Educação Física.

O professor responde que, em relação às modalidades esportivas que não as utiliza como é recomendado pelos documentos oficiais, pois “*No momento estamos em recuperação do espaço das práticas, o que inviabiliza a prática do esporte em termos olímpicos*”.

Pergunta 2: Qual critério você utiliza para a escolha das atividades esportivas?

“*As indicações dos PCN’s (Parâmetros Curriculares Nacionais)*”. P

3.1.5. O que diz o professor em relação ao critério utilizado para a escolha das atividades esportivas

O critério de escolha das atividades esportivas, leva em consideração o que é inerente à disciplina, ou seja, as especificidades do conhecimento da área. De acordo com Brasil (1998, p. 67) “é a possibilidade de utilização das práticas da cultura corporal do movimento de forma diferenciada pelo tratamento metodológico disponível na área”.

O critério de seleção dos conteúdos a serem ministrados nas aulas de Educação Física escolar, se baseiam em três aspectos a saber: A relevância social, as características do alunado, e as especificidades da própria área. Brasil (1997, p. 35) menciona que “os conteúdos estão organizados em três blocos, que deverão ser desenvolvidos ao longo de todo o ensino fundamental, embora no presente documento sejam especificados apenas os conteúdos dos dois primeiros ciclos”.

A divisão em blocos especifica o que será trabalhado em cada unidade temática, sendo que cada conteúdo deverá estar adequado ao bloco no qual se encontra. A estrutura pode ser modificada, podendo os conteúdos ora fazerem parte de um bloco, ora estarem em outro.

Segundo Brasil (1997, p 35):

Essa organização tem a função de evidenciar quais são os objetos de ensino e aprendizagem que estão sendo priorizados, servindo como subsídio ao trabalho do professor, que deverá distribuir os conteúdos a serem trabalhados de maneira equilibrada e adequada. Assim, não se trata de uma estrutura estática ou inflexível, mas sim de uma forma de organizar o conjunto de conhecimentos abordados, segundo os diferentes enfoques que podem ser dados.

Nesse sentido, as atividades esportivas são elementos constituintes da disciplina Educação Física e devem figurar como uma das temáticas da área de linguagens da cultura corporal.

Betti (2010, Apud Bagnara 2013, p. 1) menciona que:

[...] a educação física deve ser entendida como uma disciplina curricular que introduz e integra o aluno na cultura corporal, formando o cidadão que vai produzi-la, reproduzi-la e transformá-la, instrumentalizando-o para usufruir jogos, esportes, danças, lutas e ginásticas em benefício do exercício crítico da cidadania e da melhora da qualidade de vida.

É importante destacar um outro critério para a escolha das atividades: a adequação a faixa etária. O conteúdo a ser desenvolvido não deve estar nem aquém, nem além da capacidade de assimilação do educando.

Segundo Rabinovich (2007 Apud Moraes 2017, p.7-8):

A organização dos conteúdos da área de Educação Física deve sempre respeitar as diferentes capacidades das crianças, nas diferentes faixas etárias, envolvendo uma multiplicidade de experiências corporais, a fim de que a criança se sinta motivada em participar da aula, superando possíveis desafios que surgirão no decorrer dos planejamentos.

Como destaca o relatório da observação estruturada, o professor da disciplina utiliza os esportes, não como modalidades esportivas, mas como atividades que podem e devem ser mescladas às outras temáticas da cultura corporal do movimento, em virtude do processo de requalificação da quadra. Embora considere os critérios da relevância social dos esportes, das características dos seus alunos, o docente, diante da situação destacada pelo relatório de observação, se apóia nas características da própria área, que oferta várias possibilidades da cultura corporal, para escolher atividades e adaptá-las ao presente contexto.

A análise sobre o relato do professor da disciplina, destaca que para a escolha das atividades esportivas que compõem as aulas Educação Física, leva em consideração as recomendações de um dos documentos oficiais que norteiam a prática pedagógica da disciplina em âmbito escolar.

Pergunta 3: Que relevância tem os esportes para as aulas de Educação Física?

“Acredito na compreensão dos alunos de que quando vencemos ou perdemos, passamos a reconhecer que na vida existem caminhos que nem sempre escolhemos, mas podemos com eles aprender algo além da

possibilidade de vitória, que será marcante em nosso caráter, mostrando que a participação é de fundamental importância". P

3.1.6. O que diz o professor sobre a relevância que tem os esportes para as aulas de Educação Física

O esporte vem a ser a atividade regulamentada por um comitê olímpico, que estabelece condições espaciais para que ocorram as competições que tem por objetivo destacar um vencedor.

De acordo com Brasil (1998, p.70):

Assim, considera-se esporte as práticas em que são adotadas regras de caráter oficial e competitivo, organizadas em federações regionais, nacionais e internacionais que regulamentam a atuação amadora e a profissional. Envolvem condições espaciais e de equipamentos sofisticados como campos, piscinas, bicicletas, pistas, ringues, ginásios etc.

Vale ressaltar que o esporte não é somente uma atividade baseada em regras, cuja prática tenha como única finalidade a formação de vencedores e a ênfase nos resultados positivos.

A BNCC (2018, p. 215) mencionam que:

No entanto, essas características não possuem um único sentido ou somente um significado entre aqueles que o praticam, especialmente quando o esporte é realizado no contexto do lazer, da educação e da saúde. Como toda prática social, o esporte é passível de recriação por quem se envolve com ele.

A importância dos esportes nas aulas Educação Física, é reconhecida pelo fato de os mesmos não serem apenas recursos para a promoção da saúde ou a observância de regras, tendo em vista que dentro da escola, o esporte é trabalhado em um contexto lúdico.

Brasil (1997, p.23) destaca que:

Dentre as produções dessa cultura corporal, algumas foram incorporadas pela Educação Física em seus conteúdos: o jogo, o esporte, a dança, a ginástica e a luta. Estes têm em comum a representação corporal, com características lúdicas, de diversas culturas humanas; todos eles ressignificam a cultura corporal humana e o fazem utilizando uma atitude lúdica.

Devido a sua estreita ligação com a disciplina Educação Física escolar, o esporte é muito importante, pois além de ser um eixo temático da disciplina, funciona como agente socializador dentro da escola.

De acordo com Bickel, Marques e Santos (2012, Apud Gomes Junior e Caputo, 2014, p. 32):

O esporte está diretamente ligado a escola, pois com essa aproximação dos adolescentes, o convívio na sala de aula melhora a vontade de aprender, de estar curtindo com os amigos, poder dividir as novas experiências aprendidas e se relacionando melhor com as pessoas do ambiente. Tendo como uma recompensa o afastamento dessas crianças das drogas, das ruas, da criminalidade e também da prostituição.

O esporte está vinculado à Educação Física escolar desde os anos 60, época em que a sua relevância para as aulas se justificava pela promoção da saúde e o aprimoramento da performance, e a partir da década de 80 passa a se associar a recreação e o lazer.

Na visão de Martins e Pereira (2013 Apud Junior e Caputo 2014, p.26):

O esporte e a atividade física são muito importantes na vida dos seres humanos, pois além de proporcionar o lazer de várias pessoas também serve como um meio de se prevenir de doenças e usá-lo como um combate a essas doenças que vem dominando o nosso mundo todo.

No relatório de observação estruturada, viu-se que o professor reconfigura as atividades esportivas para que não sejam estas pautadas somente nos resultados positivos e determinação de um vencedor, tendo em vista que o esporte deve estimular nos alunos a participação em um contexto comunitário. Saliencia a importância de desenvolver atividades que integrem mais os alunos dentro das aulas de Educação Física.

Em sua resposta a respeito da relevância dos esportes para as aulas de Educação Física, o professor afirma que *“acredita na compreensão dos alunos de que quando vencemos ou perdemos, passamos a reconhecer que na vida existem caminhos que nem sempre escolhemos”*. E que um olhar diferente além da visão de vencedor/perdedor típica da cultura esportiva *“mas podemos com eles aprender algo além da possibilidade de vitória, que será marcante em nosso caráter, mostrando que a participação é de fundamental importância”*.

Pergunta 4: Descreva a sua aula de Educação Física com os esportes?

“Frente a inviabilidade espacial, as brincadeiras passaram a ocupar os momentos dedicados aos esportes”. P

3.1.7. O que diz o professor sobre a descrição de suas aulas de Educação Física com os esportes

A aula ministrada pelo professor de Educação Física, deve levar em consideração o contexto no qual se desenvolverá. A prática dos esportes na Escola Maria Amélia Santos necessitou sofrer uma reconfiguração, para que dessa maneira os esportes possam ‘aparecer’ como conteúdo nas aulas.

Em relação à adequação ao contexto em que ocorrem os esportes, a BNCC (2018, p. 215) menciona que:

As práticas derivadas dos esportes mantêm, essencialmente, suas características formais de regulação das ações, mas adaptam as demais normas institucionais aos interesses dos participantes, às características do espaço, ao número de jogadores, ao material disponível etc. Isso permite afirmar, por exemplo, que, em um jogo de dois contra dois em uma cesta de basquetebol, os participantes estão jogando basquetebol, mesmo não sendo obedecidos os 50 artigos que integram o regulamento oficial da modalidade.

A respeito dos procedimentos em relação aos esportes, o professor descreve que as aulas são adaptadas à realidade escolar, e o professor norteia-se pelas indicações dos PCN’s da Educação Física, de maneira que as aulas são desenvolvidas considerando a realidade apresentada no lócus de trabalho.

Brasil (1998, p. 96) chama a atenção para a:

Vivência de situações de aprendizagem para utilização e adaptação das regras ao nível da capacidade do grupo, do espaço e dos materiais disponíveis (exemplos: futebol jogado em um corredor onde não existe lateral, vôlei jogado em um campo reduzido tendo como rede um fio de varal, basquete em que não se considere a regra das duas saídas em função do nível de competência do grupo).

A descrição da aula do docente de Educação Física com temáticas esportivas na escola não é uma tarefa fácil, considerando que envolve os seus saberes acadêmicos e experienciais e os diversos contextos no qual está inserido o docente na escola..

Carlan et al (2012, p. 62) afirmam em relação a prática do professor que:

Compreender a prática pedagógica do professor remete a considerar a sua complexidade e a pluralidade de seus saberes que, geralmente, vêm acompanhadas de formas complexas em muitas ações do fazer docente. E mais: interpretar esse universo requer olhar para uma diversidade de contextos - cultural, econômico, social, histórico e pessoal.

A descrição das aulas de Educação Física em termos culturais, é associada a alguma modalidade esportiva, a ponto de as aulas da disciplina serem confundidas com os esportes, portanto, é importante salientar que a descrição das aulas é delineada pelo professor.

Kunz (2001 Apud Carlan et al, 2012, p.56) afirmam que:

A escola se configura como um dos espaços de organização social onde as práticas esportivas acontecem, cabendo ao profissional da Educação Física proporcionar, pela tematização do seu conteúdo específico, uma compreensão crítica das práticas esportivas, potencializando os sujeitos a estabelecer vínculos com o contexto sociocultural em que estão inseridos.

Conforme aponta o relatório da observação estruturada, o professor aplica jogos e brincadeiras em substituição aos esportes, que não podem desenvolvidos em termos práticos, sendo inclusive ministradas aulas teóricas com a finalidade de conhecimento e reflexão acerca das diversas temáticas esportivas.

Em sua resposta à entrevista, o professor deixa claro que, “*frente à inviabilidade espacial*” torna-se impossível a desenvoltura de aulas com esportes, não podendo assim descrever como as mesmas ocorrer, destacando também que “*as brincadeiras passaram a ocupar os momentos dedicados aos esportes*”.

Pergunta 5: Qual metodologia você utiliza em suas aulas?

“Práticas descritivas e reflexivas, visando a autonomia dos alunos”. P

3.1.8. O que diz o professor sobre a metodologia utilizada em suas aulas

Para que haja uma boa desenvoltura das aulas de Educação Física escolar, faz-se necessário a utilização de uma metodologia que esteja adequada às demandas da contemporaneidade. O paradigma tradicional que destaca a relação professor-comandante/aluno recruta não mais se aplica, considerando que o ensino-aprendizagem da atualidade contribui para a formação de um cidadão crítico-reflexivo.

Brasil (1998, p. 85) menciona que:

Não se trata de mera alternância entre momentos em que os alunos fazem o que querem e momentos em que fazem o que o professor manda, e sim da atribuição de responsabilidades que possam ser exercidas de forma produtiva em cada contexto e situação de ensino e aprendizagem.

O professor destaca que a utilização de métodos que estimulem o aluno a ‘pensar sobre’ e a questionar ‘o motivo de fazer’, promovem no educando o desenvolvimento da sua autonomia, frente as diversas situações que ocorrem nas aulas com os esportes.

Brasil (1998, p.86) considera que:

A busca da autonomia pauta-se na ampliação do olhar da escola sobre o objeto de ensino e aprendizagem da cultura corporal de movimento. Essa ampliação significa a possibilidade de construção, pelo aluno, do seu próprio discurso conceitual, atitudinal e procedimental. Em vez da reprodução ou memorização de conhecimentos, a sua recriação pelo sujeito por meio da construção da autonomia para aprender.

As aulas de Educação Física não se resumem a reprodução estereotipada dos gestos motores esportivos, nem tão pouco ao aprimoramento das performances. Os conteúdos devem ser problematizados, considerando sempre que o conhecimento é um processo contínuo e inacabado.

Freire (1999, p. 52) afirma que “saber ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.” Nesse sentido, esse processo de construção do conhecimento é desafiador para o aluno à medida que os conteúdos não são apresentados em sua forma acabada, mas, na forma de problemas, cujas relações devem ser descobertas e construídas por eles em decorrência de experiências educativas.

O esporte costuma ser a prática corporal mais citada e valorizada pelos alunos, apesar de que, lamentavelmente ainda se encontra associado a um modelo tradicional. Para que haja uma mudança significativa, é necessário que o professor modifique a didática, dentro de uma proposta crítica e reflexiva.

Kunz (2001 Apud Carlan et al 2012, p.58) destaca que:

A realidade escolar tem mostrado que os professores de Educação Física encontram dificuldades em modificar suas práticas pedagógicas no ensino do conteúdo Esportes, na perspectiva de superar o paradigma da racionalidade

instrumental, ou seja, há um distanciamento entre as proposições críticas e a intervenção nas aulas de Educação Física.

A didática em torno do esporte gira em torno do saber-fazer, a ponto de vincular o ensino das diversas modalidades à prática. No entanto, a teoria se faz presente, devendo esta, propor a problematização dos esportes de maneira crítica, de modo que a arte de ensinar esportes não seja restrita à prática com o seu instrumento material, denominado bola, mas que dê frutos através das ideias imbricadas nos conceitos, atitudes e valores que lhe são inerentes. De acordo com Maia, Mendonça e Góes (2005, p. 34) “o professor deve escolher a melhor estratégia ou procedimento didático que leve o aluno a buscar soluções para os problemas propostos enfatizando a manipulação de materiais e ideias”.

O que destaca o relatório de observação estruturada, é que a metodologia utilizada pelo professor, leva o aluno a pensar e refletir sobre a prática do esporte, dentro e fora do contexto escolar, a conhecerem mais por intermédio das aulas teóricas a respeito dos benefícios que tem a saúde em decorrência à prática esportiva, e a conhecerem mais os esportes e seus valores.

A resposta do professor a essa pergunta na entrevista foi a seguinte: “*Práticas descritivas e reflexivas, visando a autonomia dos alunos*”, demonstrando assim, que o docente não ministra aulas com os esportes com a finalidade de adestramento/doutrinação, mas objetiva a emancipação dos alunos.

Pergunta 6: Quais recursos tecnológicos são utilizados para dar suporte às aulas de Educação Física?

“Utilizo frequencímetros (frequência cardíaca), smartphones (aplicativo para mensurar o gasto calórico e o deslocamento em metros) e Chromebooks nas avaliações teóricas”. P

3.1.9. O que diz o professor sobre os recursos tecnológicos utilizados para dar suporte às aulas de Educação Física

Os recursos tecnológicos estão presentes em todas as disciplinas escolares, e na Educação Física, que é uma disciplina marcada pela predominância da parte prática sobre a teórica, se fazem presentes como instrumentos digitais, ora servindo para mensurar as respostas do organismo frente ao estado de exercício, ora para promover entretenimento através dos jogos eletrônicos.

A questão da inserção dos jogos eletrônicos na escola, em especial nas aulas de Educação Física é muito emblemática, tendo em vista o preconceito de boa parte do professorado, que tem uma visão equivocada destes recursos digitais.

A BNCC (2018, p. 233) propõe que para uma boa desenvoltura das habilidades dos alunos que estão no 6º e 7º anos do ensino fundamental, os alunos possam “experimentar e fruir, na escola e fora dela, jogos eletrônicos diversos, valorizando e respeitando os sentidos e significados atribuídos a eles por diferentes grupos sociais e etários”.

Isso significa que, as aulas escolares passaram por uma transformação significativa em termos tecnológicos. Com a Educação Física não é diferente, levando em consideração que a disciplina tem como unidade temática os jogos e brincadeiras, sendo que, os jogos eletrônicos estão inseridos nesta temática, pois passam a ser a evolução de alguns jogos e brincadeiras tradicionais, que a BNCC (2018, p. 233) propõe que se possa “identificar as transformações nas características dos jogos eletrônicos em função dos avanços das tecnologias e nas respectivas exigências corporais colocadas por esses diferentes tipos de jogos”.

As brincadeiras antigas e tradicionais não deixaram de existir, mas com o passar do tempo, e, principalmente em virtude dos avanços tecnológicos, deram espaço para os jogos eletrônicos e outros recursos digitais.

Gomes (2013, p. 46) menciona que:

Nos últimos anos tem sido notável a mudança na cultura lúdica da criança, que evoluiu devido à chegada de novos brinquedos. Assim, as brincadeiras que eram desenvolvidas coletivamente nas ruas, geralmente, transmitidas de geração para geração, (rodinha, ciranda, amarelinha, cabo de guerra, passa anel, cabra-cega, bolinha de gude, pique e suas variações) foram aos poucos sendo substituídas pelos aparelhos eletrônicos.

Dentro da Educação Física, os recursos digitais estão associados diretamente aos conhecimentos sobre o corpo, pois os mesmos propõem abordagens teóricas e práticas das unidades temáticas.

Segundo Camilo e Betti (2010 Apud Ferreira 2014, p. 41):

A utilização das mídias nas aulas de Educação Física se justifica pelo fato das práticas corporais estarem presentes na vida dos jovens, mesmo os não praticantes. De acordo com os autores, os professores devem aproveitar este recurso para construir e ampliar o conhecimento sobre os conteúdos da cultura corporal de maneira crítica.

A possibilidade do aprendizado mediante o uso de recursos digitais nas aulas de Educação Física é ampliada, vez que essas tecnologias são bastante motivadoras, não sendo centradas apenas na parte física, mas abrangem também a esfera cognitiva. Rosado (2006 Apud Baracho, Gripp e Lima, 2012 p. 119) aponta que “os jogos oferecem um ambiente de ensino-aprendizagem agradável, motivador e enriquecido, onde a criança poderá desenvolver-se pessoal e socialmente de forma integral e harmoniosa”.

O relatório da observação estruturada destaca que são utilizados Chromebooks nas aulas teóricas de Educação Física, nos quais os alunos responderão a questões sobre os conhecimentos corporais, e que o professor emprega como estratégia a utilização dos smartphones dos próprios alunos, para que estes possam conhecer na prática os instrumentos de avaliação física, a exemplo dos frequencímetros e medidores de calorías.

Em sua resposta, o professor afirma “*utilizar frequencímetros (frequência cardíaca), smartphones (aplicativo para mensurar o gasto calórico e o deslocamento em metros)* para as atividades práticas com os alunos, promovendo assim a ampliação dos saberes a nível corporal entre os alunos. Destaca a utilização dos “*Chromebooks nas avaliações teóricas*”.

Pergunta 7: Como são feitas as avaliações nas aulas de Educação Física?

“Avaliações teóricas, duas ao mês (uma escrita e uma digital) e avaliações práticas da participação dos alunos nas aulas”. P

3.1.10. O que diz o professor sobre as avaliações nas aulas de Educação Física

A reforma estrutural da quadra de esportes da Escola Maria Amélia Santos, obrigou o professor a não apenas a promover uma reconfiguração nas aulas com temática esportiva, mas também uma reestruturação no sistema de avaliação dentro da disciplina Educação Física, tendo em vista que as aulas teóricas passam a ocupar mais espaço, em uma disciplina com predominância da parte prática.

Acredita-se que o equilíbrio entre a aula teórica e a aula prática, contribui para que todas as dimensões dentro da Educação Física sejam contempladas, algo que não era possível de ocorrer, vez que o enfoque prático das atividades favorecia tão somente a dimensão procedimental. Brasil (1998, p. 59) destaca que “a avaliação processual dos conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais deverá ser integrada, podendo ter momentos formalizados que enfatizem uma ou outra categoria”.

Ao descentralizar a avaliação, que era pautada anteriormente apenas na participação ativa e frequência às aulas, a disciplina Educação Física passa a dispor de um sistema de avaliação processual, que inclui aspectos qualitativos e quantitativos (já que anteriormente, era necessário confirmar a presença em 75% das aulas do ano letivo, para obter aprovação na disciplina). Diante da nova situação, a Educação Física nesta unidade escolar, passa a trabalhar com o sistema de notas, em virtude da introdução das aulas teóricas.

O professor acredita que a avaliação é um processo continuado, e que a aula de Educação Física não deve se restringir às aulas práticas envolvendo esportes (ou não), que contemplam o aprovado com a sua simples frequência, como também não deve voltar-se somente para a obtenção de notas/conceitos.

Brasil (1998, p. 58) indica que:

Os instrumentos de avaliação deverão atender à demanda dos objetivos educativos expressos na seleção dos conteúdos, abordados dentro das categorias conceitual, procedimental e atitudinal. A predominância das intenções avaliativas ocorrerá dentro de uma perspectiva processual, ou seja, facilitará a observação do aluno no processo de construção do conhecimento. Essa avaliação contínua compreende as fases que se convencionou denominar diagnóstica ou inicial, formativa ou concomitante e somativa ou final.

Entender a avaliação como um processo continuado, que não se atém ao estabelecimento de uma nota, ou participação efetiva, como no caso da Educação Física, é um dever do docente que deve levar em consideração a progressão obtida pelos seus alunos, para que se possa dar uma sequência ao processo educativo.

Segundo Darido (2012 Apud Neuenfeldt e Rataizk, 2017, p. 18):

Na Educação Física escolar, a avaliação destina-se a verificar se o aluno apresenta facilidades ou dificuldades no decorrer das aulas, levando-o a perceber seus progressos e se terá condições de dar continuidade aos avanços. Esse é um processo mais amplo do que simplesmente atribuir-lhes uma nota ou um conceito, é um meio que leva o aluno a aprender cada vez mais.

O processo de avaliação deve estar bem claro para os alunos, de modo que possam alcançar a compreensão, refletindo sobre o significado de repetirem uma mesma lição ou passarem para a próxima etapa.

Nesse sentido, Darido (2012 Apud Neuenfeldt e Rataizk, 2017, p. 18) diz:

Que é importante que seja bem esclarecido aos alunos, desde o início do ano letivo, que a avaliação ocorrerá e como e quando serão avaliados, dando-lhes um espaço para sugestões. Por exemplo, o fato de a maioria dos alunos não entender um determinado assunto abordado em aula pode ser um problema do professor, da forma com que ele o ensina. Por isso é importante a avaliação, para que as mudanças necessárias sejam feitas.

O relatório de observação estruturada aponta que, em virtude da restrição do espaço para as práticas esportivas, o sistema de avaliação da disciplina passa a contar com a utilização de avaliações teóricas, inclusive uma digital, para que possam ser aferidos os conhecimentos sobre o corpo, e sobre as temáticas abordadas pela Educação Física. A escola acredita que ao optar por um sistema de avaliação processual e continuada, poderá estabelecer novos parâmetros para a Educação Física, enriquecendo a disciplina com novos conteúdos, tendo em conta que estes conteúdos explanados apenas nas aulas práticas, não seriam aprofundados.

A resposta dada pelo professor, durante a entrevista sobre a elaboração das suas avaliações foi: *“Avaliações teóricas, duas ao mês (uma escrita e uma digital) e avaliações práticas da participação dos alunos nas aulas”*. Isso mostra o compromisso do docente em trabalhar a Educação Física em uma perspectiva que vai além da parte prática, destacando a avaliação teórica, pouco comum no âmbito da disciplina.

Pergunta 8: Qual a importância das regras vinculadas aos esportes?

“A formação do caráter e da cidadania, pela compreensão de que a vida em sociedade requer o entendimento de direitos e deveres”. P

3.1.11. O que diz o professor sobre a importância das regras vinculadas aos esportes

Os esportes, conhecidos por serem práticas regulamentadas que levam indivíduos/equipes a competirem entre si, assim como práticas que promovem a saúde, o bem-estar e o entretenimento, são fenômenos socioculturais que refletem as regras de conduta e convívio na sociedade, que objetivam formar um bom cidadão.

A BNCC (2018, p.220) afirma que:

Ao brincar, dançar, jogar, praticar esportes, ginásticas ou atividades de aventura, para além da ludicidade, os estudantes se apropriam das lógicas intrínsecas (regras, códigos, rituais, sistemáticas de funcionamento,

organização, táticas etc.) a essas manifestações, assim como trocam entre si e com a sociedade as representações e os significados que lhes são atribuídos.

Na visão do professor, as atitudes e valores estão intimamente ligados a compreensão das regras esportivas, que não apenas trabalham a obediência e a disciplina, como também preparam o aluno para ser cidadão.

Em relação a atitudes e valores, Brasil (1998, p. 74) afirma que:

Entende-se por valores os princípios éticos e as idéias que permitem que se possa emitir um juízo sobre as condutas e seu sentido. As atitudes refletem a coerência entre o comportamento e o discurso do sujeito. São as formas que cada pessoa encontra para expressar seus valores e posicionar-se em diferentes contextos. As normas são padrões ou regras de comportamento construídos socialmente para organizar determinadas situações; constituem a forma pactuada de concretizar os valores compartilhados por um coletivo e indicam o que se pode e o que não se pode fazer.

A observância e o respeito às regras contribuem para a formar o bom cidadão, que trilha os caminhos corretos, norteado pelos valores aprendidos desde a família, escola e sociedade em que vive.

A BNCC (2018, p. 21) menciona como uma das dimensões do conhecimento a:

Construção de valores: vincula-se aos conhecimentos originados em discussões e vivências no contexto da tematização das práticas corporais, que possibilitam a aprendizagem de valores e normas voltadas ao exercício da cidadania em prol de uma sociedade democrática. A produção e partilha de atitudes, normas e valores (positivos e negativos) são inerentes a qualquer processo de socialização[...].

As aulas de Educação Física escolar contribuem para que os alunos não somente saibam os conceitos e a prática esportiva, mas acima de tudo, proporcionam uma reflexão a respeito do comportamento ético diante das diversas situações competitivas que são protagonizadas nas aulas com temáticas esportivas e mais adiante, na vida em sociedade.

Bickel, Marques e Santos (2012, p. 1) apontam que:

A educação de valores tem como papel fundamental, formar o seu aluno para as diversas situações de sua vida. Através da Educação Física, pode-se trabalhar questões no esporte, na participação de atividades e brincadeiras que arremeterão para questões sociais. A honestidade em uma saída de bola, saber brincar *sem roubar*, jogar sem violência, são pontos que podem ser

trabalhados pelo professor e, desta forma, relacionar estas situações que ocorrem durante a atividade com a vida de cada um.

Muitas vezes em virtude de uma calorosa disputa entre equipe, acabam sendo evidenciados ‘contravalores’, que refletem o ideal de ganhar a todo custo: é necessário que os alunos desenvolvam uma postura crítica e reflexiva em relação à prática esportiva e as suas implicações.

Segundo Bickel, Marques e Santos (2012, p.1):

Muitas vezes os professores incentivam seus alunos ou a torcida incentiva os atletas a serem desonestos, violentos durante o jogo, ou xinga-se o juiz quando ele marca corretamente um lance contra nosso time. Estamos *contaminados* pela busca incessante pela vitória, pelo prêmio, pelo título.

Desde as práticas esportivas na quadra da escola, até o convívio com os transeuntes nas ruas da cidade, é necessário que haja o respeito. As diversas relações humanas são permeadas por regras, que precisam ser respeitadas.

Nesse sentido, Bickel, Marques e Santos (2012, p.1) consideram que:

Através do esporte podemos trabalhar o relacionamento do aluno com os demais do seu time, do time adversário, trabalhar como reagir após uma vitória ou uma derrota, ensinando o aluno a respeitar o sofrimento dos jogadores adversários, bem como o direito do outro time de festejar sua vitória.

As questões atitudinais precisam encontrar um maior campo dentro das aulas de Educação Física na escola, que muitas vezes são confundidas com os esportes profissionais, em que os alunos se vêem em meio a uma grande batalha campal. Ao se modificar a visão competitiva atrelada aos esportes, torna-se possível a desenvoltura da noção de igualdade entre as pessoas.

Bickel, Marques e Santos (2012, p 1) ponderam que:

O esporte pode intervir na realidade da sociedade ao demonstrar que, durante um jogo ou uma aula, todos são iguais. Existe a autoridade no jogo, o juiz ou o professor que faz cumprir as regras e, no restante, todos os participantes são iguais, ganhando aquele que souber ser mais habilidoso, mais inteligente, o que treinou com mais dedicação e não por ter alguma vantagem fora do jogo, tornando o jogo desigual.

Verificou-se no relatório de observação estruturada, que as aulas não almejam destacar um vencedor, mas propor reflexões a respeito dos mais diversos resultados que as

situações competitivas e cooperativas envolvendo os esportes, jogos esportivos e outras temáticas podem apresentar. Existe uma preocupação em demonstrar que, a partir da compreensão e respeito às regras apresentadas nas videoaulas sobre os esportes, é possível reproduzir as noções de respeito e cidadania na sociedade em que se vive.

O professor responde à entrevista, afirmando que *“a formação do caráter e da cidadania, pela compreensão de que a vida em sociedade requer o entendimento de direitos e deveres”*. O que demonstra a necessidade de vinculação das regras, não só ao esporte, as relações dentro da escola, mas que as regras deverão ser observadas no contexto social em que o cidadão vive e interage com os seus semelhantes.

Pergunta 1: Quais as modalidades esportivas que o seu professor utiliza nas aulas de Educação Física?

“No momento nenhuma, pois a quadra está em reforma, ele passa vídeos”.

A1

“Nós estamos sem esportes, pois a quadra está em reforma, mas gosto dos vídeos de futebol e futsal que ele passa”. A2

“Ele tem feito jogos e brincadeiras pois a quadra está sendo consertada. Assistimos vídeos sobre esportes”. A3

“Ensina futebol, vôlei, basquete na sala de aula, na quadra ainda não pode”.

A4

“Queimada e peteca”. A5

“Não tem esporte por causa da quadra, mas tem brincadeiras com os cones e garrafas plásticas”. A6

“Queimada e jogos de equipes”. A7

“Sem quadra não dá para fazer esporte com bola, mas fazemos Dama e Xadrez, é esporte também”. A8

“Voleibol (vídeos)”. A9

“Assistimos na sala sobre futebol, vôlei, e jogamos queimada”. A10

“Volei e Futsal misturados com atividades lúdicas em que todos brincam em uma roda”. A11

“Volei junto com as brincadeiras”. A12

“Quase não fazemos esportes, tem muitos jogos e brincadeiras”. A13

“Ele passa vídeos sobre futebol e vôlei, e nós fazemos jogos”. A14

“Explica sobre os esportes na sala, mas faz brincadeiras no pátio”. A15

“Peteca. Futebol e volei no vídeo do youtube”. A16

“Dá para fazer peteca, assistir vídeos de futebol”. A17

“Esporte só na sala de aula, pois a quadra está sendo consertada. Fazemos bambolê ball”. A18

“Ele fala muito sobre futebol e vôlei, e jogamos muito peteca”. A19

3.1.12. O que dizem os alunos sobre as modalidades esportivas que o professor utiliza nas aulas de Educação Física

O esporte costuma ser a unidade temática que tem uma maior ocorrência nas aulas de Educação Física escolar, em especial, os esportes coletivos, que tem o potencial de agregar uma grande quantidade de alunos. A BNCC (2018, p. 215) destaca que “são apresentadas sete categorias de esportes”, entretanto não são todas as categorias que devem estar presentes nas escolas.

A BNCC (2018, p. 216) menciona que os esportes de “rede/quadra dividida ou parede de rebote” e os de “Invasão ou territorial”.

São as modalidades mais frequentes nas aulas de Educação Física: o futebol, o vôlei, o basquete e o handebol. No entanto, faz-se necessário o entendimento de que essas práticas esportivas não devem ser hegemônicas, a ponto de inviabilizarem outras modalidades e temáticas da cultura corporal do movimento.

Brasil (1998, p. 83-4) chama a atenção para:

A Educação Física escolar não pode reproduzir a miséria da falta de opções e perspectivas culturais, nem ser cúmplice de um processo de empobrecimento e descaracterização cultural. Ou seja, o mesmo espaço-tempo que viabiliza o futebol e a “queimada”, deve viabilizar o vôlei, o tênis com raquetes de madeira, os jogos pré-desportivos, a dança, a ginástica, as atividades aeróbicas, o relaxamento, o atletismo, entre inúmeros outros exemplos.

Em relação às modalidades que são desenvolvidas pela Educação Física escolar Azevedo e Bergmann (2013, p.3) dizem que, “raramente utiliza outros conteúdos que não os esportes coletivos, nomeadamente o futebol/futsal, o handebol, o voleibol e o basquetebol”.

Considerando o trabalho em equipe inerente às modalidades esportivas, os jogos cooperativos se mostram como uma ferramenta para se trabalhar os esportes, vez que, a ausência da quadra poliesportiva inviabiliza apenas a desenvoltura dos esportes como

modalidades de caráter olímpico/competitivo. Orlick (1978, Apud Santos 2017, p 68) ressalta que “os jogos de resultados coletivos tendem a derrubar barreiras tradicionais entre duas equipes que jogam uma contra a outra, pois incorporam o trabalho coletivo em prol de objetivo ou resultado comum”.

De acordo com o relatório de observação estruturada, o professor inseriu aulas teóricas e vídeos, para que os alunos pudessem vivenciar as modalidades esportivas, em termos da dimensão conceitual, de maneira que os alunos conheçam mais sobre os esportes e as suas regras. O docente aplicou também outras modalidades esportivas que não necessitem da quadra, como a peteca, e jogos esportivos da cultura escolar, a exemplo da queimada, que foi adaptada para a perspectiva de um jogo cooperativo, cuja finalidade não é a exclusão, mas a integração e a inclusão dos alunos.

Em resposta à entrevista, os alunos destacam que não realizam modalidades esportivas por causa da reforma da quadra, como mostram os relatos de A1 “*No momento nenhuma, pois a quadra está em reforma, ele passa vídeos*”, A2 “*Nós estamos sem esportes, pois a quadra está em reforma, mas gosto dos vídeos de futebol e futsal que ele passa*”, A3 “*Ele tem feito jogos e brincadeiras pois a quadra está sendo consertada. Assistimos vídeos sobre esportes*”, A4 “*Ensina futebol, vôlei, basquete na sala de aula, na quadra ainda não pode*”, A6 “*Não tem esporte por causa da quadra, mas tem brincadeiras com os cones e garrafas plásticas*”, A18 “*Esporte só na sala de aula, pois a quadra está sendo consertada. Fazemos bambolê ball*”. Algumas respostas dadas pelos alunos A5 “*Queimada e peteca*”, A7 “*Queimada e jogos de equipes*”, A10 “*Assistimos na sala sobre futebol, vôlei, e jogamos queimada*”, A13 “*Quase não fazemos esportes, tem muitos jogos e brincadeiras*”, A8 “*Sem quadra não dá para fazer esporte com bola, mas fazemos Dama e Xadrez, é esporte também*”, A16 “*Peteca. Futebol e volei no vídeo do youtube*”, A17 “*Dá para fazer peteca, assistir vídeos de futebol*” e A19 “*Ele fala muito sobre futebol e vôlei, e jogamos muito peteca*” mencionam que o professor utiliza jogos esportivos e esportes pouco comuns, que podem ser praticados no pátio da escola, como a peteca e a queimada. As respostas dos alunos A11 “*volei e Futsal misturados com atividades lúdicas em que todos brincam em uma roda*”, A12 “*volei junto com as brincadeiras*”, e A15 “*explica sobre os esportes na sala, mas faz brincadeiras no pátio*” dizem que há uma vinculação entre esportes, jogos e brincadeiras, e os alunos A9 “*voleibol (vídeos)*” e A14 “*ele passa vídeos sobre futebol e vôlei, e nós fazemos jogos*” confirma a utilização de aulas teóricas, em virtude da impossibilidade da prática, contribuindo para que as modalidades esportivas estejam presentes nas aulas, ainda que somente teorizadas.

Pergunta 2: Diga como é a aula que o professor faz com vocês?

“Uma aula divertida, onde aprendemos a nos movimentar, acho legal”. A1

“É educativa e desenvolve o companheirismo”. A2

“A aula é muito boa, dá para nos divertirmos se exercitando. Aprendo a trabalhar em equipe”. A3

“É uma aula que tem muitas brincadeiras”. A4

“Muito divertida”. A5

“É muito legal pois ensina aos alunos a respeitarem e terem educação”. A6

“Com muitas brincadeiras”. A7

“Aulas divertidas em que trabalham meninos e meninas juntos se ajudando”.

A8

“Aula com trabalho em equipe”. A9

“Trabalha tudo, e assistimos esportes no youtube”. A10

“Praticamos aulas lúdicas e teóricas”. A11

“É bem divertida, aprendemos muitas coisas”. A12

“Diferente e divertida”. A13

“Divertida, com muitos jogos, brincadeiras”. A14

“Divertida, sempre tem jogos”. A15

“Muito boa, muito divertida. Tem muitas brincadeiras”. A16

“Divertida. Ele muda sempre os jogos”. A17

“Aulas divertidas onde aprendemos novas brincadeiras”. A18

“Tem muitas brincadeiras e explicações sobre o corpo na sala de aula”. A19

3.1.13. O que os alunos dizem sobre a aula que o professor aplica

Considerando a faixa etária que está cursando o 6º ano do ensino fundamental, a aula de Educação Física com os esportes não devem refletir apenas as regras e o caráter instrutivo de cada modalidade em questão: a aula deve ser motivadora, atraente e diversificada, trabalhando a cooperação e os conhecimentos corporais sem perder de vista o equilíbrio entre o caráter lúdico e ao mesmo tempo instrutivo, inerentes a esta disciplina.

Brasil (1998, p. 28-9) destaca que:

As situações lúdicas, competitivas ou não, são contextos favoráveis de aprendizagem, pois permitem o exercício de uma ampla gama de movimentos

que solicitam a atenção do aluno na tentativa de executá-los de forma satisfatória e adequada. Elas incluem, simultaneamente, a possibilidade de repetição para manutenção e por prazer funcional e a oportunidade de ter diferentes problemas a resolver. Além disso, pelo fato de o jogo constituir um momento de interação social bastante significativo, as questões de sociabilidade constituem motivação suficiente para que o interesse pela atividade seja mantido.

As aulas de Educação Física não devem ser limitadas apenas a dimensão procedimental, vez que existem dimensões do conhecimento a serem trabalhadas pela disciplina, algo que a simples prática de modalidades esportivas destituída de conhecimentos e reflexões não contempla. A BNCC (2018, p. 220-22) destaca oito dimensões do conhecimento, que são “a experimentação, o uso e apropriação, a fruição, a reflexão sobre a ação, a construção de valores, a análise, a compreensão e o protagonismo comunitário”.

A aula de Educação Física deve propor desafios aos alunos, não somente no que se refere a obtenção de vitórias e superação de limites, mas deve a aula transcender a visão instrumental/racionalista das modalidades esportivas, propondo assim, uma visão diferente dos esportes. A BNCC (2018, p. 233) descreve que os alunos deverão ser capazes de “analisar as transformações na organização e na prática dos esportes em suas diferentes manifestações (profissional e comunitário/lazer)”.

A visão que se tem das aulas de Educação Física com os esportes, precisa ser transformada. Os esportes não são meras práticas que objetivam à vitória: se trata de um fenômeno sociocultural, portanto, necessita ser pensado e refletido.

De acordo com Carlan et al (2012, p. 58):

Entende-se que o debate acerca da compreensão do tratamento dado ao conteúdo Esportes na Educação Física escolar ainda encontra algumas razões que merecem atenção, como: 1º) o esporte foi e continua sendo uma expressão muito presente da cultura corporal de movimento no mundo contemporâneo; 2º) o esporte é um dos conteúdos predominantes no ensino da Educação Física escolar; 3º) o sistema esportivo reconhece a escola como uma instância fomentadora de valores sociais, de significados e sentidos intra e interpessoal na elaboração de hábitos, ou seja, do esporte como um princípio educativo.

Dentro da escola a visão que se deve ter em relação aos esportes, é a de prática enriquecida de valores e significados próprios. É importante não limitar as modalidades

esportivas a uma prática que almeja somente resultados positivos, pois se assim procede o professor, aumenta-se o risco de criar nos alunos a rejeição pelos esportes e, conseqüentemente, pelas aulas de Educação Física.

Bickel, Marques e Santos (2012, p 1) mencionam que:

No esporte educacional, a ação deve proporcionar aos seus participantes, bem-estar e interesse pela atividade. Somente a obrigatoriedade de participar da aula ou do treino, não trará efeito educativo para seu praticante. Desde as aulas na escola, nos projetos sociais, o esporte deve proporcionar a construção de valores, do caráter dos alunos, de respeito às individualidades dos demais participantes. Se o professor não percebe esta importância, pode ele ser responsável por tornar a Educação Física um verdadeiro trauma para alunos que tenham algum problema de convívio social, ou até mesmo, criar algum empecilho.

É importante repensar o ensino do esporte dentro da instituição de ensino. As aulas de Educação Física deverão oferecer os esportes (e as outras temáticas) não apenas como práticas, mas como conteúdos que são passíveis de questionamentos e reflexões para que os alunos possam construir uma visão crítica a respeito desse elemento da cultura corporal do movimento.

Carlan et al (2012, p. 58-9) menciona que:

A escola é o lugar do ensino formal, que tem a função social/cultural e a responsabilidade educativa de contextualizar, problematizar e sistematizar os conhecimentos, ou seja, é nela, enquanto espaço educativo, que o conhecimento produzido pelo homem é pedagogizado e tratado metodologicamente para que o aluno venha a apreendê-lo.

É importante destacar que a cooperação deve marcar presença nas aulas de Educação Física, com temáticas esportivas (ou não), considerando que o esporte escolar não é uma prática isolada, com o intuito de evidenciar talentos, mas contribui para o fortalecimento dos laços afetivos e sociais entre os alunos, que graças as aulas da disciplina, desfrutam de uma interação mais íntima, o que não costuma ser proporcionado por outras disciplinas.

Nesse sentido, Bickel, Marques e Santos (2012, p.1) afirmam que:

O esporte possui um grande potencial de socializar indivíduos das mais diferentes classes, religiões, gêneros, entre tantas outras diferenças presentes na nossa sociedade. Através de uma partida de futebol na rua, de um jogo de vôlei na escola, um jogo de basquete na praça, pessoas se relacionam,

fortalecem amizades, criam vínculos mesmo sem nunca terem se visto. A importância da prática esportiva em nossa sociedade vai além dos benefícios na saúde física do homem.

O que destaca o relatório de observação estruturada é que em virtude da indisponibilidade da quadra poliesportiva para o desenvolvimento das modalidades esportivas, nas aulas do professor são utilizados dos mais variados recursos, desde a exposição de videoaulas com temática esportiva, até o emprego de jogos e brincadeiras que se aproximem dos esportes, principalmente com a preocupação de serem vivenciados os aspectos conceituais e atitudinais, que fazem parte das dimensões dos conteúdos, assim como as aulas práticas.

As respostas dadas pelos alunos nas entrevistas mostram que, além de citar a diversão, jogos e brincadeiras, os alunos A2 *“é educativa e desenvolve o companheirismo”*, A3 *“A aula é muito boa, dá para nos divertirmos se exercitando. Aprendo a trabalhar em equipe”*, A8 *“Aulas divertidas em que trabalham meninos e meninas juntos se ajudando”* e A9 *“Aula com trabalho em equipe”*, destacam que o professor trabalha a cooperação nas aulas de Educação Física. Os alunos A10 *“Trabalha tudo, e assistimos esportes no youtube”* e A11 *“Praticamos aulas lúdicas e teóricas”* fazem menção às aulas teóricas/videoaulas, o aluno A19 *“Tem muitas brincadeiras e explicações sobre o corpo na sala de aula”* diz aprender muito sobre o corpo humano nas aulas, já os alunos A4 *“É uma aula que tem muitas brincadeiras”*, A5 *“Muito divertida”*, A7 *“Com muitas brincadeiras”*, A12 *“É bem divertida, aprendemos muitas coisas”*, A13 *“Diferente e divertida”*, A14 *“Divertida, com muitos jogos, brincadeiras”*, A15 *“Divertida, sempre tem jogos”*, A16 *“Muito boa, muito divertida. Tem muitas brincadeiras”*, A17 *“Divertida. Ele muda sempre os jogos”* e A18 *“Aulas divertidas onde aprendemos novas brincadeiras”*, se identificaram bastante com o uso das brincadeiras e jogos nas aulas, mostrando assim que existe aprendizado mediante essas práticas, A6 faz menção às questões atitudinais que estão presentes nas aulas quando responde *“é muito legal pois ensina aos alunos a respeitarem e terem educação”*, A1 destaca a importância da motricidade ao afirmar ser *“uma aula divertida, onde aprendemos a nos movimentar, acho legal”*.

Pergunta 3: Qual o esporte que você gosta de praticar nas aulas?

“Gosto de Queimada”. A1, A12

“Futebol”. A2, A6

“Eu gosto mesmo é de brincadeiras. Mas aprendo muito sobre vôlei”. A3

- “Todos. Gosto mesmo da aula de Educação Física, de mexer o corpo”*. A4
“Voleibol, mas como não dá para praticar sem quadra, serve a queimada”.
 A5, A19
“Peteca”. A7, A14, A15, A17
“Volei (ele usa bola plástica no pátio para não quebrar os vidros)”. A8
“Gosto do Voleibol, mas também do jogo Pique-bandeira”. A9
“Futebol (golzinho)”. A10
“Volei e peteca”. A11
“Futebol, mas como não acontece, gosto do jogo pique-bandeira”. A13
“Peteca e Futebol”. A16
“Basquete. O professor ajeita uma cesta e treinamos com as bolinhas”. A18

3.1.14. O que dizem os alunos sobre os esportes que gostam de praticar

A importância dos esportes nas aulas de Educação Física, pode ser comparada a importância que as quatro operações fundamentais têm para a Matemática ou a importância da acentuação ortográfica para a Língua Portuguesa.

Sendo os esportes o eixo temático da Educação Física mais popular em âmbito escolar, é natural que ganhem a preferência e o gosto dos alunos. Dentro da escola, os esportes costumam ser adaptados em virtude da realidade estrutural e do perfil do alunado. Brasil (1997, p. 38) destaca como os esportes que tem a preferência dos alunos os “esportes coletivos: futebol de campo, futsal, basquete, vôlei, handebol”.

Quando convertidos em jogos, ou seja, esportes com regras mais maleáveis e fundamentos adaptados, eles costumam ser bastante cogitados nas aulas de Educação Física. Nesse sentido, Brasil (1997, p. 38) aponta como jogos pré-desportivos “queimada, pique-bandeira, guerra das bolas, jogos pré-desportivos derivados do futebol (gol-a-gol, controle, chute-em-gol-rebatida-drible, bobinho, dois toques)”.

As brincadeiras também costumam estar presentes na escola, não somente na hora do recreio, mas também como conteúdo programático das aulas de Educação Física, que, segundo Brasil (1997, p. 38) são “amarelinha, pular corda, elástico, bambolê, bolinha de gude, pião, pipas, lenço-atrás, corre-cutia, esconde-esconde, pega-pega, coelho-sai-da-toca, duro-ou-mole, agacha-agacha, mãe-da-rua, carrinhos de rolimã, cabo-de-guerra, etc”.

Dentre todos os esportes e outras possibilidades da cultura corporal do movimento, o que mais agrada aos alunos é o futebol, que em muitas escolas disfruta de grande exclusividade, se sobrepondo às outras temáticas.

Júnior e Caputo (2014, p. 27) destacam que o:

Futebol é um esporte que se joga com os pés, tem apenas uma bola, e são 11 jogadores contra 11, dentro de um campo de futebol, podendo ter reservas para fazer substituições. Muitas pessoas falam que para ver uma criança feliz é apenas deixá-la com uma bola.

Muito embora os esportes sejam a preferência dos alunos nas aulas de Educação Física, vale ressaltar que, as aulas não giram em torno do mesmo, devendo o professor alterná-lo com outras práticas, sob o risco de transformar a disciplina em um treinamento desportivo.

Para Bracht et al. (2003 Apud Carlan et al 2012, p. 59):

Cristalizou-se um imaginário social sobre a Educação Física, entendida basicamente como um espaço e tempo escolar vinculados ao fenômeno esportivo: o esporte é o conteúdo central tratado nas aulas pelos professores, e é a prática corporal citada e valorizada pelos alunos.

Merecem destaque no cenário da Educação Física escolar, os jogos e brincadeiras, que depois dos esportes, são os preferidos dos alunos, em especial os jogos chamados de cooperativos, que tem por finalidade unir pessoas, proporcionando felicidade aos seus participantes, em virtude dos resultados positivos para todos. Orlick (1989, p. 04), comenta que “apesar de jogos cooperativos existirem em muitas culturas há séculos, em nossa cultura ocidental existem poucos jogos que são desenhados de forma a unir os jogadores em direção a uma meta comum e desejável a todos”.

De acordo com o relatório de observação estruturada, o esporte no gosto dos alunos, passou a dividir lugar com os jogos, que passaram a ocupar o seu lugar nas aulas práticas. Os esportes são teorizados, para que os alunos não percam o contato, apesar de que, a perda do contato se dá apenas na dimensão procedimental, ou seja no saber-fazer, que é substituído pelos jogos esportivos e cooperativos. Na escola, nunca houve o estímulo ao esporte de rendimento, vale ressaltar que os alunos estão privados apenas de vivenciar o esporte regulamentado, que ocorre em um espaço demarcado, que é a quadra poliesportiva.

Conforme destacam as respostas à entrevista, os alunos A2, A6, A10, A13 e A16 gostam de “Futebol”, A1 e A12 disseram “Gosto de Queimada”, A3 afirmou “Eu gosto mesmo é de brincadeiras. Mas aprendo muito sobre vôlei”, A4 aprecia “Todos. Gosto

mesmo da aula de Educação Física, de mexer o corpo”, A5, A8, A9, A11 A19 tem forte preferência por “Volei”, A 18 afirma gostar de “*Basquete. O professor ajeita uma cesta e treinamos com as bolinhas*”, o jogo cooperativo é a preferência de A9 e A13, ao responderem “*pique-bandeira*” e, de maneira surpreendente A7, A14, A15, A17, A11, A16. As respostas demonstram um gosto eclético por esportes, contrariando a tendência hegemônica em torno do futebol, que divide a preferência da maioria dos alunos com a peteca, esporte pouco disseminado dentro da cultura esportiva da escola. A limitação espacial, associada a restrição do uso da bola oficial (instrumento utilizado nas modalidades esportivas), possibilitou a emergência da modalidade pouco conhecida.

Pergunta 4: Qual é a importância do esporte na sua vida?

“O esporte me ensina a trabalhar em grupo, fazendo exercício e se divertindo”. A1

“Me ensina a ser saudável e ser profissional”. A2

“Além de ser bom para o corpo, é importante pois ensina o respeito”. A3

“Me ensina a respeitar”. A4

“Aprender sobre a cultura e a me defender, como eu aprendo na capoeira”.
A5

“A pessoa aprende a saber se movimentar e conhecer o corpo”. A6

“Me ensina a me movimentar, ter coordenação”. A7

“É importante praticar esporte, pois nos movimentamos, que é melhor do que ficar parado sem fazer nada e no celular”. A8

“Ele ajuda a me exercitar e a interagir com outras pessoas”. A9

“Desenvolve valores e respeito”. A10

“É importante para manter a minha saúde”. A11

“Para manter a saúde”. A12

“me ensina a vencer”. A13

“Educa para a vida”. A14

“O esporte me ensina lutar para vencer”. A15

“Me ensina a vencer.” A16

“Me ensina a respeitar”. A17

“Nos une e fortalece amizades”. A18

“Melhora a minha saúde e me ensina a vencer”. A19

3.1.15. O que dizem os alunos sobre a importância dos esportes nas suas vidas

Os esportes nas aulas de Educação Física não podem ser resumidos em práticas nas quais o único objetivo é alcançar a vitória. É correto dizer que os esportes acima de qualquer outro conceito, são práticas institucionais, que seguem um regulamento específico, direcionadas à competição e, objetivando à vitória como o único resultado possível.

De acordo com Brasil (1997, p 37):

Os esportes são sempre notícia nos meios de comunicação e dentro da escola; portanto, podem fazer parte do conteúdo, principalmente nos dois primeiros ciclos, se for abordado sob o enfoque da apreciação e da discussão de aspectos técnicos, táticos e estéticos. Nos ciclos posteriores, existem contextos mais específicos (como torneios e campeonatos) que possibilitam que os alunos vivenciem uma situação mais caracterizada como esporte.

Além de modalidades esportivas com fins competitivos, os esportes também são promotores da saúde, práticas de lazer, agentes socializadores, e simplesmente brincadeiras, vistos na perspectiva de jovens alunos que estão iniciando o ensino fundamental.

Bickel, Marques e Santos (2012, p. 1) afirmam que:

Não importa se for uma competição, uma brincadeira ou parte da aula de Educação Física, a socialização com os demais está intimamente ligada ao jogo. Mesmo sendo um esporte individual, o praticante se relacionará, competirá com outros participantes, dividirá tristezas e alegrias.

Concebidos originalmente com finalidades competitivas, os esportes tem a capacidade de agregar pessoas, fazer com que caminhem em busca de algo em comum, e para alcançar esse objetivo, é importante que as pessoas cooperem umas com as outras. Freire (1998, p. 107), defende que ao praticarmos o esporte e o jogo, disfrutamos “da oportunidade de conviver intimamente com as coisas do mundo, de modo a torná-las próximas de nós, mais conhecidas, menos amedrontadoras”. Para ele, “é jogando que criamos laços de identidade com os outros, formando comunidades”. Ou seja, tanto o esporte quanto os jogos são atividades comunitárias, ainda que elaborados para a competição: o conceito da união de pessoas, nesse caso não é só agregar, mas unir esforços para alcançar algo benéfico para todos os envolvidos.

O esporte, como atividade física, promove benefícios à saúde dos seus adeptos, não importando em que faixa etária estejam situados: contribui para que haja uma melhora no metabolismo corporal, evitando a degeneração nos diversos sistemas corporais.

Guedes (2012 Apud Filho et al. 2012, p.2)

Como se sabe, a atividade física em toda sua amplitude apresenta efeitos benéficos em relação à saúde, além de retardar o envelhecimento e prevenir o desenvolvimento de doenças crônicas degenerativas, as quais são derivadas do sedentarismo, sendo um dos maiores problemas e gasto com a saúde pública nas sociedades modernas nos últimos anos. Tudo isso tem sido causado principalmente pela inatividade física e conseqüentemente influenciada pelas inovações tecnológicas e más hábitos alimentares.

O relatório de observação estruturada destaca que é importante que os alunos tenham contato com os esportes, ainda que este contato seja apenas por meio dos conceitos e ideias, que fazem parte da dimensão conceitual da Educação Física. As aulas teóricas envolvendo esportes, possibilitam aos alunos a expansão do conhecimento sobre as modalidades esportivas, e estimula a reflexão. Os vídeos que contém os aspectos técnicos e motivacionais, são apresentados nos horários das aulas teóricas, proporcionando assim, uma leitura dinâmica e divertida a respeito dos esportes. Os minutos finais da aula, são dedicados a uma roda de conversa, em que o professor abre o espaço para debate sobre a temática apresentada, discutindo a questão dos valores e atitudes, vinculados aos esportes, a exemplo do vencer/perder, cooperação, e o respeito.

As respostas dadas na entrevista pelos alunos, mostram que o respeito é um valor que o esporte é capaz de ensinar na opinião de A3, A4 *“me ensina a respeitar”*, A10 *“desenvolve valores e respeito”* e A17 *“me ensina a respeitar”*. Os benefícios para o corpo são citados por A2 *“me ensina a ser saudável e ser profissional”*, A3 *“além de ser bom para o corpo, é importante pois ensina o respeito”*, A6 *“a pessoa aprende a saber se movimentar e conhecer o corpo”*, A7 *“me ensina a me movimentar, ter coordenação”*, A8 *“é importante praticar esporte, pois nos movimentamos, que é melhor do que ficar parado sem fazer nada e no celular”*, A11 *“é importante para manter a minha saúde”*, A12 *“para manter a saúde”*, A19 *“melhora a minha saúde e me ensina a vencer”*. Amizade, cooperação, interação e o espírito em equipe são destacados por A18 *“nos une e fortalece amizades”*, A1 *“esporte me ensina a trabalhar em grupo, fazendo exercício e se divertindo”*, A9 *“ele ajuda a me exercitar e a interagir com outras pessoas”*. O esporte é importante para chegar à vitória nas opiniões de A13, A16 *“me ensina a vencer”* e A15 *“o esporte me ensina lutar para vencer”*.

A14 destaca que o esporte “*educa para a vida*” e A5 menciona uma luta quando diz “*aprender sobre a cultura e a me defender, como eu aprendo na capoeira*”. A partir das respostas, é possível concluir que os esportes tem uma importância na vida dos alunos, e que não se limitam a uma prática motora direcionada à obtenção de resultados positivos. Muitos valores estão associados aos esportes, como respeito mútuo e a consciência de cooperação, considerando que para a obtenção do resultado positivo, se faz necessária a união e o comprometimento de todos os envolvidos, além de se mostrarem excelentes para a saúde, combatendo o sedentarismo e evitando o aparecimento de doenças.

3.2. VERIFICAÇÃO E RELATO DA EXISTÊNCIA DE OUTROS ELEMENTOS DA CULTURA CORPORAL DO MOVIMENTO NAS AULAS

Estão previstas conforme apontam os documentos oficiais da disciplina Educação Física escolar, além dos esportes, o trabalho com outras temáticas da cultura corporal do movimento.

Brasil (1998, p. 28), menciona que:

Dentro desse universo de produções da cultura corporal de movimento, algumas foram incorporadas pela Educação Física como objetos de ação e reflexão: os jogos e brincadeiras, os esportes, as danças, as ginásticas e as lutas, que têm em comum a representação corporal de diversos aspectos da cultura humana. São atividades que ressignificam a cultura corporal humana e o fazem utilizando ora uma intenção mais próxima do caráter lúdico, ora mais próxima do pragmatismo e da objetividade.

A Base Nacional Comum Curricular, divide os quatro anos finais do ensino fundamental em dois blocos: neles, as unidades temáticas a serem desenvolvidas, levam em consideração o nível de complexidade de cada prática corporal em função da faixa etária que compõe de cada ano. A BNCC (2018, p. 231) destaca que “assim como no Ensino Fundamental – Anos Iniciais, estão sendo propostas na BNCC organizadas em dois blocos (6º e 7º anos; 8º e 9º anos)”.

Os jogos, ginásticas, danças e lutas são unidades temáticas a serem desenvolvidas nas aulas de Educação Física. Entretanto, em relação à abordagem desses conteúdos, no tocante à complexidade do que é tematizado, existe uma diferença, por exemplo, entre o que é tematizado nas lutas para os alunos do 6º ano (conhecimento sobre as lutas do Brasil) e para os alunos do 8º ano (conhecimento sobre as lutas do mundo). A BNCC (2018, p. 232-

4) descreve como objetos do conhecimento relacionados às unidades temáticas a serem desenvolvidas com os alunos do 6º e 7º ano do ensino fundamental os “jogos eletrônicos, os esportes de marca, esportes de precisão, esportes de invasão, esportes técnico-combinatórios, ginástica de condicionamento físico, danças urbanas e lutas do Brasil”.

As unidades temáticas do movimento, quando desenvolvidas em sua totalidade, contribuem para enriquecer culturalmente as aulas de Educação Física, que não ficam restritas aos conteúdos esportivos, que na maioria das escolas gira em torno do futebol, volei e basquete.

É importante que a escola favoreça, e disponibilize outras atividades, além das esportivas dentro das aulas de Educação Física. Essa postura enriquece não apenas as aulas, mas valoriza o currículo da disciplina dentro da escola.

Pergunta 4: Quais as possibilidades de se contemplar outras atividades que não sejam os esportes?

“É uma recomendação inclusive que é feita em nossas reuniões, e o professor desenvolve o projeto Maculelê, que mistura luta e dança na aula”. C

3.2.1. O que diz a coordenadora sobre as possibilidades de serem contempladas outras atividades que não sejam os esportes

Os eixos temáticos que são desenvolvidos nas aulas de Educação Física, possuem uma vinculação histórica com a disciplina que, desde a sua origem se apresentaram com outras nomenclaturas, a exemplo do método esportivo generalizado, que atualmente são os esportes e dos métodos francês, sueco e alemão, que em termos contemporâneos correspondem às ginásticas.

Brasil (1998, p. 28) chama a atenção para:

A Educação Física tem uma história de pelo menos um século e meio no mundo ocidental moderno. Possui uma tradição e um saber-fazer ligados ao jogo, ao esporte, à luta, à dança e à ginástica, e, a partir deles, tem buscado a formulação de um recorte epistemológico próprio.

As possibilidades para a desenvoltura das mais diversas atividades da cultura corporal do movimento, não deve seguir um modelo padrão, assim como não se deve propor que as aulas de Educação Física reproduzam apenas conteúdos esportivos ao longo do ano: existem inúmeras possibilidades e combinações entre as diversas temáticas.

Segundo a BNCC (2018, p. 222):

Cumprir destacar que os critérios de organização das habilidades na BNCC (com a explicitação dos objetos de conhecimento aos quais se relacionam e do agrupamento desses objetos em unidades temáticas) expressam um arranjo possível (dentre outros). Portanto, os agrupamentos propostos não devem ser tomados como modelo obrigatório para o desenho dos currículos.

A imagem preconcebida da disciplina Educação Física dentro da escola, reflete na maioria das vezes, uma prática vinculada a esportes que tem a bola como instrumento, ou ainda, a ginástica calistênica praticada pelos aspirantes do exército. É importante desmistificar essa visão reducionista idealizada a respeito deste componente curricular da área de linguagens, que tem uma proposta curricular própria, e conteúdos programáticos organizados em unidades temáticas.

Barroso (2015, p1) chama a atenção para:

A discussão sobre quais conteúdos devem receber um tratamento pedagógico na educação física escolar se mostra atual e pertinente. O jogo, o esporte, a ginástica, a dança e a luta constam de forma mais frequente em documentos e propostas curriculares, entretanto ainda persiste o debate sobre o que abordar em cada um destes elementos pertencentes à cultura corporal de movimento.

A possibilidade de um elemento da cultura corporal estar presente (ou não) nas aulas de Educação Física escolar, está estreitamente ligada à categoria à qual esta temática se encaixa: a exemplo da dança de salão, esportes de combate e ginástica acrobática, que não se apresentam como conteúdos adequados à faixa etária que está cursando o 6º ano do ensino fundamental.

Barroso (2015, p. 1) afirma que:

Entende-se que essa proposta de classificação de cada conteúdo possibilite uma seleção, estruturação e sistematização destes elementos para a elaboração de planejamentos nos diversos anos da educação básica, procurando contemplar a diversidade inerente nesses elementos da cultura corporal de movimento.

O aspecto cultural subjacente em cada prática da cultura corporal do movimento, deve ser levado em consideração na escolha das práticas que irão figurar nas aulas de Educação Física: as danças-lenga-lenga, a luta-capoeira, a brincadeira de esconde-esconde, entre outras práticas são elementos da cultura do movimento incorporados a cultura escolar,

seria portanto o ato de excluir atividades não-esportivas, considerar a Educação Física uma prática mecânica, repetitiva e destituída de cultura. Nesse sentido, Rocha (2012, p. 1) corrobora “reconhecendo a necessidade de ampliação do conhecimento nas aulas de Educação Física, os professores defendem a inclusão de temas historicamente desprivilegiados nas aulas, como a ginástica, a dança, a capoeira, as lutas e os jogos tradicionais populares”.

Conforme apresenta o relatório da observação estruturada, a coordenadora autoriza e incentiva o uso de outras temáticas, que no caso específico da escola, se apresenta o projeto Maculelê, que é uma dança folclórica de origem afro-indígena com elementos das lutas, que teve origem em Santo Amaro da Purificação, recôncavo baiano. A presença da atividade se justifica pela importância cultural do Maculelê, que no contexto das aulas de Educação Física pode representar a oportunidade do desenvolvimento da dança e da luta, temáticas que costumam ser pouco desenvolvidas na cultura escolar. No projeto, os conceitos do Maculelê são explanados mediante aulas teóricas, sendo vivenciada também na prática, contudo, utilizando papelão e cartolina para simular as espadas que fazem parte da dança/luta. Isso permite que os alunos incorporem os conhecimentos, mediante prática orientada pelo docente. Além destas temáticas, existem os jogos e brincadeira que já se encontram presentes na escola. Existe também uma oficina de ginástica rítmica, que é oferecida no turno oposto aos alunos do 6º ano.

Em resposta apresentada à entrevista, a coordenadora evidencia a importância das atividades, pois *“é uma recomendação inclusive que é feita em nossas reuniões”*. Para a pedagoga, é importante que apareçam outras temáticas nas aulas de Educação Física além dos esportes, *“e o professor desenvolve o projeto Maculelê, que mistura luta e dança na aula”*. No caso específico do Maculelê, é trabalhado nas aulas também como manifestação cultural.

Pergunta 5: Qual é a sua opinião a respeito de modalidades que necessitem para a sua prática de materiais específicos ou caros?

“Acho muito interessante proporcionar aos alunos o maior número de vivências possíveis, porém a necessidade de materiais específicos ou caros dificulta a oferta”. C

3.2.2. O que diz a coordenadora a respeito das modalidades que necessitem para a sua prática de materiais específicos ou caros

A realidade vivenciada nas escolas públicas do Estado da Bahia, poucas vezes permite o desenvolvimento de atividades esportivas que necessitem de material específico para a sua prática. Em relação aos esportes, assim como outras práticas corporais que necessitem de material específico, que segundo Brasil (1997, p. 37), “[...] envolvem condições espaciais e de equipamentos sofisticados como campos, piscinas, bicicletas, pistas, ringues, ginásios[...]”.

O desafio enfrentado ante a realidade adversa das escolas públicas, que requer a união entre direção escolar, coordenação pedagógica e docente para sanarem as dificuldades cotidianas em relação à prática dos jogos, lutas, danças e ginásticas.

De acordo com Brasil (1997, p. 61):

Sabe-se que na realidade das escolas brasileiras os espaços disponíveis para a prática e a aprendizagem de jogos, lutas, danças esportes e ginásticas não apresentam a adequação e a qualidade necessárias. Alterar esse quadro implica uma conjugação de esforços de comunidade e poderes públicos.

A reestruturação das atividades em virtude dos poucos recursos disponibilizados para a escola, é uma das soluções que podem ser apresentadas para suprir a carência material, que na maioria das vezes está associada a limitação espacial.

Na ausência de recursos materiais, Brasil (1997, p. 61) recomenda ao professor:

Estender cordas entre árvores, para que as crianças se pendurem e se equilibrem, ou organizem voleibol em pequenos grupos, pendurar pneus e aros nas árvores para funcionarem como alvos em jogos de arremesso e basquete em pequenos grupos, utilização de desníveis de terreno como parte dos circuitos com materiais diversos e obstáculos são sugestões de formas de utilização do espaço físico.

Práticas como as ginásticas olímpica e rítmica, necessitam para a sua execução de materiais específicos, que costumam ser mais caros, vez que são produzidos em pequena escala devido à procura bastante reduzida. A saída muitas vezes encontrada pela escola, é improvisar com materiais genéricos, que se assemelham bastante ao que é indicado para a execução física de determinada prática corporal.

De acordo com Santos et al. (2018, p. 4):

A ausência de materiais didáticos de qualidade para os professores de Educação Física torna-se uma das grandes dificuldades enfrentadas por estes profissionais levando-o ao improviso a partir da confecção de materiais alternativos que possam minimizar a ausência destes recursos pedagógicos.

A escola Maria Amélia Santos dispõe de recursos limitados (R\$ 1.500/mês), para suprirem as despesas do cotidiano escolar, a exemplo de materiais didático e de limpeza, merenda escolar, reparos na rede elétrica, sanitária e hidráulica, manutenção dos recursos tecnológicos, compra de papel para a realização das provas escritas e material para artes e educação física. O valor disponível é insuficiente para comprar tatames, argolas, cavalos e plintos, que constituem o aparato basilar para a aplicação prática da ginástica olímpica dentro da escola, que é apenas uma das temáticas que necessitam de materiais específicos, que são raros e costumam ser caros, restando apenas a coordenadora sugerir uma metodologia que trabalhe as dinâmicas das ginásticas e demais temáticas, sem que necessariamente haja vinculação da prática aos materiais. Nesse sentido, Ramos et al (2017 Apud Santos et al. 2018 p. 6) “destaca que os professores de educação física enfrentam diversos problemas por falta de recursos nas escolas, sendo importante desenvolver estratégias como, por exemplo, métodos alternativos que possibilitem o máximo de aproveitamento”.

É necessário, portanto, não somente que seja feita uma requalificação na quadra escolar e investimentos em materiais, ainda que não sejam os específicos e tenham um valor aquém do original. Vale ressaltar que o capital humano mediador entre a cultura corporal do movimento e os alunos, o docente, necessita ser atendido em suas solicitações e, sobretudo ser valorizado como profissional de Educação Física dentro da escola.

Prandina e Santos (2016, p. 111) destacam que:

Mesmo diante da essencialidade das aulas de educação física os profissionais ainda encontram muitos desafios e dificuldades para realizarem as atividades de maneira eficiente e adequada aos alunos. Além de existir pouca valorização da profissão, sejam por parte da sociedade, pais dos alunos e educadores das demais disciplinas, há a falta de materiais e investimentos em locais apropriados à prática de exercícios. São poucas as escolas que possuem quadras específicas a diversos jogos e disponibilidade de materiais.

O relatório da observação estruturada menciona que materiais improvisados, a exemplo dos cones, bambolês, fitas, bastões e bolas plásticas, lenços, meias (que dobradas juntas originam uma bola pequena), são empregados para que seja possível a realização das diversas temáticas, a exemplo da ginástica rítmica, que é disponibilizada na escola como

uma oficina, na qual os alunos participam no turno oposto à sua aula, podendo ficar isentos da aula de Educação Física, caso coincida o dia da prática com o dia da aula. Nesta oficina, os alunos utilizam fitas, bastões e bolas plásticas diferentes das originais, que proporcionam a vivência da experiência dessa ginástica, dentro dos padrões escolares.

Em resposta à entrevista a coordenadora diz *“Acho muito interessante proporcionar aos alunos o maior número de vivências possíveis”*, porém, em virtude da limitação orçamentária escolar, que torna inviável a aquisição de todos os materiais necessários para se contemplar todas as práticas corporais que são indicadas pelos documentos oficiais no contexto escolar, contrapõe respondendo que *“porém a necessidade de materiais específicos ou caros dificulta a oferta”*.

Pergunta 6: Que barreiras você encontra ao planejar junto ao professor aulas com temática não-esportiva?

“Já é uma prática presente no planejamento dos professores. Não encontro dificuldades”. C

3.2.3. O que diz a coordenadora sobre as barreiras encontradas no planejamento junto ao professor em relação às aulas de temática não-esportiva

Ao planejar as aulas de Educação Física, deve-se ter em conta os critérios de relevância social, o perfil dos alunos, assim como as especificidades da própria área: jogos, lutas, danças, ginásticas e os conhecimentos corporais são as temáticas não-esportivas em ambiente escolar. As DCN's (2018, p. 2) destacam um *“planejamento curricular, que considere as prioridades e as necessidades dos indivíduos, famílias e comunidades, e os contextos em que os cursos se inserem”*.

A coordenadora pedagógica tem a responsabilidade de avaliar e organizar os conteúdos que serão ministrados nas aulas, se estão adequados à faixa etária, se estão dentro do contexto escolar e, se atendem às necessidades do docente, que tratará pedagogicamente as temáticas discutidas no planejamento.

Segundo Brasil (1997. p 46):

Essa organização tem a função de evidenciar quais são os objetivos de ensino e aprendizagem que estão sendo priorizados, servindo como subsídio ao trabalho do professor, que deverá distribuir os conteúdos a serem trabalhados

de maneira equilibrada e adequada. Assim, não se trata de uma estrutura estática ou inflexível, mas sim de uma forma de organizar o conjunto de conhecimentos abordados, segundo os diferentes enfoques que podem ser dados: esportes, jogos, lutas e ginásticas; atividades rítmicas e expressivas; conhecimento do corpo.

A relevância social de determinadas práticas corporais, em especial o futebol, contribuem para que os esportes sejam cogitados como as práticas basilares, e ao mesmo tempo, dominantes dentro da Educação Física escolar. Porém, ao se planejar o ensino dos elementos da cultura corporal do movimento nas aulas, deve-se promover a ampliação dos conteúdos que estão sendo lecionados, para além da esfera do saber-fazer. Nesse sentido, Brasil (1997, p. 33) destaca “o processo de ensino e aprendizagem em Educação Física, portanto não se restringe ao simples exercício de certas habilidades e destrezas, mas sim de capacitar o indivíduo a refletir sobre suas possibilidades corporais e, com autonomia [...]”.

A escola, através da coordenação pedagógica, tem a missão de estabelecer os direcionamentos e orientações, no tocante ao currículo escolar. No caso específico da Educação Física, a relevância social das modalidades esportivas, colaboram para o seu protagonismo, no entanto, o planejamento deve colocar em primeiro plano a especificidades dentro da Educação Física e o perfil do alunado do 6º ano do ensino fundamental. Gonzáles Arroyo (2008, p. 12) destaca que orientar a estrutura curricular é “[...] buscar práticas mais consequentes com a garantia do direito à educação”.

O planejamento das aulas permite ao docente ressignificar as atividades por ele desempenhadas em relação ao contexto, que sempre se apresenta como sendo heterogêneo. As aulas de Educação Física, quando pautadas apenas em temáticas esportivas que utilizem a bola como instrumento, tornam-se monótonas, repetitivas e desmotivadoras, tanto para os alunos, que fazem por obrigação, quanto para o professor, que encontra dificuldades em elaborar um documento formal para a submissão da coordenação pedagógica.

Bossle (2003 Apud Nunes et al. 2017, p.283)

Faz referência ao planejamento como uma questão polêmica entre os professores deste coletivo docente. A resistência em colocar no papel o que se desejava demonstrava uma descrença no planejamento de ensino por parte dos professores, que tinham no ato de planejar uma tarefa mecânica, para cumprir uma formalidade completamente sem sentido.

Quando a ação docente, está em consonância com as orientações da coordenadora pedagógica, torna-se possível a construção de uma aula de Educação Física que contemple

o perfil dos alunos do 6º ano do ensino fundamental. O ato de planejar como processo educativo, segundo Turra et al. (1991 Apud Nunes et al 2017, p. 282) é entendido como “previsão global e sistemática de toda a ação a ser desencadeada pela escola, em consonância com os objetivos educacionais, tendo por foco o aluno”.

Conforme consta no relatório de observação estruturada, o planejamento feito para o terceiro bimestre, prevê a limitação espacial em virtude da reforma da quadra poliesportiva. A coordenadora pedagógica e o professor da disciplina, entram em acordo e estabelecem a utilização de aulas teóricas, recursos digitais, internet, jogos e brincadeiras populares, para suprir a lacuna momentaneamente deixada pelos esportes, em virtude de sua inviabilidade prática. Semanalmente, uma temática em específico tem destaque nas aulas de Educação Física.

A coordenadora apresenta a seguinte resposta à entrevista “*Já é uma prática presente no planejamento dos professores*”. Ou seja, os professores de Educação Física da escola sabem da importância do planejamento para a disciplina, assim como, para a escola, e diversificam os conteúdos, não restringindo a aula de Educação Física aos esportes. A coordenadora complementa afirmando que “*não encontro dificuldades*”.

Pergunta 9: Quais atividades não-esportivas são aplicadas nas aulas?

“*As brincadeiras populares e os jogos esportivos e cooperativos*”. P

3.2.4 – O que diz o professor sobre as atividades não-esportivas aplicadas nas aulas

Os esportes dentro das aulas de Educação Física, se constituem com sendo uma das temáticas, em conjunto com os jogos, lutas, ginásticas, que constituem um dos três blocos de conteúdos. É importante que o docente saiba dar destaque equitativo às temáticas, que deverão também desenvolver nos alunos todas as dimensões, além da procedimental. Brasil (1998, p.45) destaca que os conteúdos a serem desenvolvidos “apontam para uma valorização dos procedimentos sem restringi-los ao universo das habilidades motoras e dos fundamentos dos esportes, incluindo procedimentos de organização, sistematização de informações, aperfeiçoamento, entre outros”

Na BNCC (2018, p. 219), “as unidades temáticas de Brincadeiras e jogos, Danças e Lutas estão organizadas em objetos de conhecimento conforme a ocorrência social dessas

práticas corporais, das esferas sociais mais familiares (localidade e região) às menos familiares (esferas nacional e mundial)”. Em relação ao objeto de conhecimento, para os alunos do 6º ano do ensino fundamental, recomenda-se que sejam transmitidos em escala proporcional ao nível de aprendizagem que se encontram, por exemplo: alunos do 6º aprendem sobre danças urbanas e as lutas do Brasil, enquanto os do 9º ano aprendem sobre as danças de salão e as lutas do mundo.

Vale ressaltar que, a cultura corporal do movimento, não está restrita às unidades temáticas que tem relação com a Educação Física escolar: os diversos brinquedos, jogos e brincadeiras advindos da cultura da ‘rua’, constituem-se como possibilidades de enriquecimento para as aulas da disciplina.

Conforme Brasil (1998, p. 84):

O trabalho com equipamentos e brinquedos cultivados fora da escola, que permitem um enriquecimento da aprendizagem de conteúdos da Educação Física. Bicicletas, patins, skates, playgrounds, tacos, pipas, promovem possibilidades de experiências corporais ricas e peculiares, bastante diversas das tradicionalmente vivenciadas nas aulas.

O aluno do 6º ano do ensino fundamental, é aquele que está transitando da infância para a adolescência, considerando as suas características, é importante salientar que atividades como jogos e brincadeiras populares, costumam ser bem acolhidas por esta clientela. A BNCC (2018, p. 214) menciona que “é possível reconhecer que um conjunto grande dessas brincadeiras e jogos é difundido por meio de redes de sociabilidade informais, o que permite denominá-los populares.”

Os jogos e brincadeiras se mostram mais adequados ao contexto escolar, tendo em vista que para serem desenvolvidos, não necessitam de equipamentos sofisticados/onerosos, como se observa nas ginásticas e lutas, que basicamente para a sua prática na escola, necessitam no mínimo de um tatame.

Em termos culturais, a maioria dos jogos e brincadeiras remanesce dos conhecimentos transmitidos entre gerações, caracterizando-se assim, não apenas como práticas, mas também elementos culturais enraizados na sociedade

De acordo com Tallar e Selow (2016, p. 291):

O jogo é visto como uma manifestação da cultura corporal e uma forma de descobrir o mundo, mostrando um papel importante que, muitas vezes, não é valorizado de maneira correta. Os jogos e brincadeiras são grandes aliados que podem e devem ser utilizados pelo professor, auxiliando-o a alcançar

seus objetivos e metas, contribuindo para que os alunos tenham acesso a uma educação de qualidade, e como resultado, a boa formação crítico-autônoma das crianças e adolescentes.

Existe uma variedade de jogo, que no contexto escolar, contribui para o desenvolvimento dos aspectos sociais e afetivos dos alunos: os jogos cooperativos, que se diferenciam dos jogos tradicionais pelo aspecto comunitário, traço marcante de sua identidade. Tallar e Selow (2016, p. 292) destacam que “os Jogos cooperativos possuem o poder de transformação social, de inclusão, de incentivar o companheirismo e o crescimento do indivíduo de maneira integral sem excluir qualquer pessoa, independentemente de suas características físicas”.

Sejam os jogos cooperativos, esportivos ou brincadeiras populares, todas estas modalidades têm a capacidade de desenvolver nos seus praticantes seguintes aspectos: lúdico, psicomotor e socio-afetivo, contribuindo também para a formação de valores.

Na visão de Tallar e Selow (2016, p. 295):

O jogo corresponde às atividades afetivas, lúdicas e intelectuais e incentiva a socialização. Auxilia também, em um processo de ensino que motiva as habilidades nas ações de construção de conhecimento. O jogo desenvolve a inteligência, a coordenação, a autoconfiança, a linguagem, a autoestima, o autocontrole, entre outros[...].

Segundo consta no relatório da observação estruturada, o professor aplica os jogos e brincadeiras, mas também abre espaço para a dança e a luta (evidenciados no projeto maculelê), sendo também discutidos nas aulas teóricas, o bloco de conhecimentos sobre o corpo. Foi dada uma ênfase para os jogos cooperativos, com o intuito de frear as disputas e competições, típicas das atividades esportivas, que se faziam presentes em certos jogos esportivos, e passaram por uma transformação, no que se refere ao resultado final.

Em resposta apresentada no guia de entrevista, o professor afirma trabalhar com as seguintes atividades não-esportivas: “*As brincadeiras populares e os jogos esportivos e cooperativos*”. Estas temáticas têm grande relevância para as aulas de Educação Física, pois ocupam o espaço destinado aos esportes, que estão com restrição em virtude da reforma estrutural da quadra poliesportiva.

Pergunta 10: Que dificuldades você encontra ao desenvolver uma aula que não utilize a bola como instrumento?

3.2.5. O que diz o professor sobre as dificuldades encontradas ao desenvolver uma aula que não utilize a bola como instrumento

A bola, instrumento utilizado em modalidades esportivas, como o futebol, vôlei, basquete e handebol, costuma estar presente na maioria das aulas que envolvem jogos de revezamento, jogos esportivos e o jogo de queimada.

Dentro da cultura escolar, é frequente o uso indiscriminado do instrumento, cuja finalidade se volta para o treinamento de fundamentos esportivos, recreação e desenvolvimento de jogos aleatórios destituídos de uma progressão pedagógica, muitas vezes sem a presença ou consentimento do docente.

Brasil (1998, p.58) destaca que “os instrumentos de avaliação deverão atender à demanda dos objetivos educativos expressos na seleção dos conteúdos, abordados dentro das categorias conceitual, procedimental e atitudinal”. Ou seja, existem critérios a serem observados na utilização da bola dentro das aulas de Educação Física. Seja qual for o instrumento, deve ser utilizado de acordo com o que solicita a situação de aula.

As aulas de Educação Física costumam ser confundidas com práticas esportivas, com a presença da bola vinculada aos esportes coletivos e as suas regras. Contudo, não é obrigatória a presença de bolas oficiais (uma para cada desporto coletivo escolar), nem a desenvoltura do esporte em seu contexto olímpico. A maioria das escolas públicas não dispõem de bolas oficiais.

De acordo com Brasil (1998, p. 85):

[...] é possível organizar uma aula sobre o voleibol que inclua, além do uso da quadra, rede e bola oficiais, a distribuição em espaços adaptados de minivôlei, com cordas e bolas plásticas, variando o tamanho do espaço para jogo e a altura da rede[...].

A presença ou ausência da bola, instrumento que possibilita a prática dos esportes dentro das aulas de Educação Física, não deve influenciar a explanação dos conteúdos que envolvam as modalidades de desporto coletivo dentro da escola, pois na escola Maria Amélia, a quadra está em processo de reforma, e os esportes são trabalhados mediante aulas teóricas.

Em situações nas quais o uso da bola está comprometido, Brasil (1998, p. 103) recomenda: “pode-se propor aos alunos a criação de um mural com notícias e matérias de jornais e revistas sobre assuntos da cultura corporal, ou sobre eventos esportivos importantes, como os Jogos Olímpicos e a Copa do Mundo”.

O professor pode ressignificar o uso da bola como instrumento das modalidades esportivas. A dificuldade maior está em apartar a bola do desporto: Para tanto deve-se desvincular a obrigatoriedade e o condicionamento do uso do instrumento aos desportos coletivos.

Brasil (1998, p. 106) recomenda:

Por exemplo, os movimentos utilizados nos jogos e nos esportes, como bater bola, saltar, arremessar, lançar, chutar de diferentes formas, quicar uma bola e amortecê-la de diferentes formas, rebater com taco, rebater com raquete etc., podem ser abordados dentro da dimensão individual, pois prescindem da presença do outro para acontecer.

É importante vislumbrar o instrumento não apenas como o suporte de uma modalidade de desporto coletivo, mas também como recurso pedagógico para a desenvoltura das capacidades individuais, visto que, existem várias maneiras de se trabalhar a bola em contexto escolar sem que esteja vinculada diretamente aos esportes.

Muitas vezes seja por aquiescer à vontade dos alunos, ou por questões de comodismo, o professor de Educação Física acaba fortalecendo a cultura da bola dentro da escola, o que limita e desvaloriza a disciplina, que acaba sendo vista como um uma ‘pelada’ ou ‘recreio’.

O professor passivo é o oposto do tecnicista: enquanto este estimula os seus alunos a se tornarem craques com a bola aos pés (ou em mãos), aquele não estimula o aluno a seguir uma progressão pedagógica dentro de uma modalidade esportiva – estimula apenas uma prática, culturalmente conhecida na cidade de Salvador como ‘bater o baba’.

Nascimento e Garces (2013, p. 1) apontam que:

É esta prática de dar a bola, ou comumente chamada de “rola bola” que fomenta a marginalização da Educação Física perante outras disciplinas. E essa prática tem sido bastante observada nas aulas de Educação Física, afinal quem nunca teve um professor de Educação Física que simplesmente largava a bola para os alunos?

Quando se permite que aula transcorra livremente, sem qualquer planejamento ou intervenções, a Educação Física passa a ser vislumbrada por outros docentes, pela comunidade e, pelos próprios alunos, como uma prática corporal destituída de fundamentos. Darido (2010 Apud Nascimento e Garces 2013, p. 1) esclarece que “é preciso deixar claro que esse modelo não foi defendido por professores, estudiosos ou acadêmicos. Infelizmente ele é bastante representativo no contexto escolar, mas provavelmente tenha nascido de interpretações inadequadas e das condições de formação e trabalho do professor”.

É importante refletir que se existem dificuldades para o desenvolvimento de atividades que não utilizem a bola como instrumento, é pela razão de haver uma extrema facilidade em conceder o instrumento de maneira livre e descompromissada aos alunos.

Nessa esteira, Darido (2010 Apud Nascimento e Garces 2013, p. 1):

Ressalta que é importante que o professor vá além do costumeiro jogar e salienta que para garantir um ensino de qualidade é preciso aprofundar os conhecimentos. Ou seja, se os alunos querem futebol então que saibam mais sobre ele do que técnicas e táticas e passem a entender as implicações desse esporte na nossa sociedade, podendo assim tornar-se capacitados para agir e transformar o seu contexto futuramente.

É importante esclarecer que a Educação Física é um componente curricular obrigatório dentro da escola, contendo temáticas e objetos de estudo que lhe são inerentes, advindos da cultura corporal do movimento desde muitos séculos.

Darido (2010 Apud Nascimento e Garces 2013, p.1) ressalta que:

Em virtude da ênfase esportivista, a educação física tem deixado de lado importantes expressões da cultura corporal produzidas ao longo da história do homem, bem como o conhecimento sobre o próprio corpo. Tais expressões – as danças, as lutas, os esportes ligados à natureza, os jogos – e conhecimentos podem e devem constituir-se em objeto de ensino e de aprendizagem.

Segundo o relatório de observação estruturada, não existe nenhuma dificuldade em relação ao desenvolvimento de aulas que não apresentem a bola como instrumento, vez que, os alunos estão cientes da reforma estrutural que se realiza na quadra, e admitem a utilização de outras atividades, como os jogos cooperativos.

Em sua resposta ao guia de entrevista, o professor de Educação Física destaca que *“Nenhuma, os alunos se adaptaram a atividades sem a bola, e passaram a valorizar a cooperação”*. A valorização dos jogos cooperativos entre os alunos decorre em função da mudança das atividades (inclusive as não esportivas), que passaram a focalizar a ajuda mútua e o colaborar. O docente acredita que, se não for modificado formato competitivo das atividades, mesmo as que não utilizem a bola como instrumento, continuaria a reproduzir aulas ‘esportivizadas’ ainda que sem os esportes.

Pergunta 11: Quais conhecimentos sobre o corpo são ensinados nas aulas de Educação Física?

“Anatomia, Cinesiologia básica, Fisiologia humana e do exercício, práticas de saúde e higiene”. P

3.2.6. O que diz o professor sobre os conhecimentos do corpo que são ensinados nas aulas de Educação Física

Os conhecimentos sobre o corpo constituem-se como sendo um dos três blocos de conteúdos fazem parte da estrutura curricular da disciplina de Educação Física. O presente bloco trata das questões relacionadas ao funcionamento e estrutura do organismo humano.

Segundo Brasil (1998, p. 29):

Buscando uma compreensão que melhor contemple a complexidade da questão, a proposta dos Parâmetros Curriculares Nacionais adotou a distinção entre organismo no sentido estritamente fisiológico e o corpo, que se relaciona dentro de um contexto sociocultural e aborda os conteúdos da Educação Física como expressão de produções culturais, como conhecimentos historicamente acumulados e socialmente transmitidos.

Este bloco de conteúdos, permite que se conheça o corpo, em seus aspectos anatômicos, funcionais e bioquímicos. A partir do entendimento sobre a operação integrada da ‘máquina’ humana, é possível se construir um entendimento a respeito das atividades físicas, bem como saber o motivo pelo qual um exercício pode ser prescrito para um aluno e restrito para o outro.

Brasil (1998, p. 69) menciona os seguintes conhecimentos sobre o corpo:

Os conhecimentos de anatomia referem-se principalmente à estrutura muscular e óssea e são abordados sob o enfoque da percepção do próprio corpo, sentindo e compreendendo, por exemplo, os ossos e os músculos envolvidos nos diferentes movimentos e posições, em situações de relaxamento e tensão. [...] Os conhecimentos de fisiologia são aqueles básicos para compreender as alterações que ocorrem durante as atividades físicas (frequência cardíaca, queima de calorias, perda de água e sais minerais) e aquelas que ocorrem a longo prazo (melhora da condição cardiorrespiratória, aumento da massa muscular, da força e da flexibilidade e diminuição de tecido adiposo). [...] A bioquímica abordará conteúdos que subsidiam a fisiologia: alguns processos metabólicos de produção de energia, eliminação e reposição de nutrientes básicos. [...] Os conhecimentos de biomecânica são relacionados à anatomia e contemplam, principalmente, a adequação dos

hábitos gestuais e posturais, como, por exemplo, levantar um peso e equilibrar objetos.

Quando o aluno desenvolve a consciência corporal, é possível calcular por exemplo, o seu deslocamento espaço-temporal em virtude do desenvolvimento da percepção cinestésica, a coordenar suas ações, a imprimir força, a equilibrar-se e balancear o próprio movimento. Segundo Cauduro (2002 Apud Kerscner e Cauduro 2013, p.1) o conhecimento sobre o corpo passa pela aquisição de habilidades que o corpo deve adquirir.

Kerscner e Cauduro (2013, p.1) mencionam que:

Com base nisso, é que se recomendam as atividades que estimulem os diferentes aspectos do conhecimento sobre o corpo como o esquema corporal, a lateralidade, a direção, a noção espaço-temporal, o equilíbrio, a coordenação, a tonicidade e o ritmo, como forma de contribuir psicomotoramente em desenvolvimentos posteriores.

Na fase em que se encontram os alunos do 6º ano do ensino fundamental, as habilidades motoras já estão mais refinadas, o que permite uma melhor apropriação de conteúdos como esportes, jogos, danças e lutas.

De acordo com o relatório de observação estruturada, são ministradas aulas teóricas sobre os conhecimentos corporais através de vídeos e modelos anatômicos do corpo humano, voltados inicialmente para as aulas de ciências, e partilhados interdisciplinarmente com a Educação Física. Os recursos digitais, também contribuem para a ampliação e sistematização dos conhecimentos corpóreos por parte dos alunos, que vivem situações de exercício e tem o seu metabolismo mensurado através de softwares destinados a avaliação física, disponíveis nos próprios smartphones. As aulas sobre o bloco dos conhecimentos a respeito do corpo, velam também pelos cuidados corporais, considerando que os alunos da escola, não podem praticar aulas de Educação Física sem o uniforme, ou com desmazelo no que se refere à própria apresentação pessoal.

Em resposta à guia de entrevista, o professor menciona como conhecimentos sobre o corpo, ministrados nas aulas de Educação Física, *“Anatomia, Cinesiologia básica, Fisiologia humana e do exercício, práticas de saúde e higiene”*. As práticas de saúde e higiene, remanescem da tendência higienista que marcou a Educação Física na década de 1920, e no contexto atual, a escola Maria Amélia é bastante rígida em relação a indumentária e aos cuidados pessoais.

Pergunta 5: Quais atividades que não sejam esportes você gosta de fazer nas aulas?

- “Danças”*. A1
- “Jogos com cones e bambolês”*. A2
- “Dança e luta, como fazemos no projeto Maculelê”*. A3
- “Jogo de dama”*. A4
- “Maculelê que é a dança e a luta juntas”*. A5
- “Projeto Maculelê”*. A6
- “Dama e dominó”*. A7
- “Dominó, pega vareta e o Projeto Maculelê”*. A8
- “pega-pega”*. A9
- “Jogos e brincadeiras”*. A10
- “Jogos de correr e de pensar”*. A11
- “Dança”*. A12
- “jogos e o projeto maculelê”*. A13
- “Projeto Maculelê”*. A14
- “Todos os jogos e brincadeiras”*. A15
- “Projeto Maculelê”*. A16
- “Pique-bandeira, pega-pega”*. A17
- “Jogos, como o Pique-bandeira”*. A18
- “Dança e luta, que aprendemos no Maculelê”*. A19

3.2.7. O que dizem os alunos sobre as atividades não-esportivas que gostam de fazer nas aulas

As atividades não-esportivas que ocorrem em âmbito escolar, estão relacionadas a uma das unidades temáticas elencadas nos documentos oficiais da Educação Física, que são os jogos, as ginásticas, as lutas e as danças.

A BNCC (2018, p. 214-8) relaciona as seguintes práticas corporais:

Brincadeiras e jogos explora aquelas atividades voluntárias exercidas dentro de determinados limites de tempo e espaço, caracterizadas pela criação e alteração de regras[...] A ginástica geral, também conhecida como ginástica para todos, reúne as práticas corporais que têm como elemento organizador a exploração das possibilidades acrobáticas e expressivas do corpo, a interação social, o compartilhamento do aprendizado e a não competitividade.[...]

Danças explora o conjunto das práticas corporais caracterizadas por movimentos rítmicos, organizados em passos e evoluções específicas, muitas vezes também integradas a coreografias.[...] Lutas focaliza as disputas corporais, nas quais os participantes empregam técnicas, táticas e estratégias específicas para imobilizar, desequilibrar, atingir ou excluir o oponente de um determinado espaço, combinando ações de ataque e defesa dirigidas ao corpo do adversário.

Recentemente, foi incorporada ao conjunto de unidades temáticas trabalhadas nas aulas de Educação Física uma nova temática: as práticas corporais de aventura.

Conforme a BNCC (2018, p. 218) nas “práticas corporais de aventura, exploram-se expressões e formas de experimentação corporal centradas nas perícias e proezas provocadas pelas situações de imprevisibilidade que se apresentam quando o praticante interage com um ambiente desafiador”. Vale destacar que ainda é tímida a presença dessas práticas na maioria das escolas, pois é necessária uma adequação espacial para acolher atividades como skate, patins, bike.

As práticas corporais supracitadas, junto aos esportes, são manifestações do que se chama de cultura corporal do movimento. Essas práticas são transformadas com o passar do tempo, de modo que é possível constatar a diferença entre a ginástica calistênica do século passado e a ginástica geral contemporânea.

Arruda e Santos (2017, p. 2) definem que:

Dentro do contexto da cultura corporal do movimento estão atribuídas as diferentes manifestações corporais, sendo assim, os esportes, jogos, danças, ginásticas, brincadeiras, lutas e rodas exprimem sentido e significado para quem a produziu. Ao estar ligado ao mundo em que vive o corpo humano, cria movimentos e ao mover-se, cria sentidos, desequilibra, inverte.

No contexto escolar, as atividades não-esportivas encontram um campo perfeito para florescer, desmistificando assim, visão equivocada que se cristalizou a respeito das aulas de Educação Física como sendo práticas esportivas que orbitam em torno de uma bola.

De acordo com Bracht (2003 Apud Arruda e Santos 2017, p. 2):

Por isso que as diferentes e variadas expressões da cultura corporal do movimento devem ser tratadas na escola como conteúdo importante, metodologicamente distribuído no tempo e adaptado às condições espaciais e materiais concretas de cada comunidade, e ainda avaliando-se se os conhecimentos referentes aos temas abordados foram realmente apreendidos

em suas múltiplas possibilidades, a partir da perspectiva que contempla uma pedagogia crítica, criativa e emancipatória - que aponte os problemas, e coletivamente encontre soluções - construindo, assim, a possibilidade de um conhecimento contextualizado e transformador.

Outra possibilidade de expansão das atividades não-esportivas dentro da escola, é viabilizada mediante a apresentação de projetos sociais, envolvendo uma ou mais temáticas: na presente escola, o docente escolheu trabalhar o Maculelê, uma mistura de dança e luta, que se apresenta não apenas como prática corporal, mas também como um marcante elemento da cultura baiana. Com a prática do projeto, os alunos ocupam a mente estudando a temática, desenvolvem o corpo através da prática e disseminam o conhecimento para além dos muros da escola. Os projetos vinculados às aulas de Educação Física, contribuem para a formação de um bom cidadão.

Bickel, Marques e Santos (2012, p. 1) destacam que:

Neste contexto, os programas e projetos sociais são fundamentais na construção da cidadania, da criação de oportunidades para crianças e jovens excluídos, criando assim, uma perspectiva de futuro melhor. Possibilitar que crianças e jovens vivenciem atividades esportivas, pedagógicas, alimentação balanceada, e, acima de tudo, o direito de poder brincar e se divertir, se socializar com demais crianças, criar vínculos de amizade, afastando-as e as conscientizando do perigo das drogas, são alguns dos objetivos dos projetos sociais oferecidos por governos e instituições.

O relatório de observação estruturada mostra que a prática de brincadeiras populares, jogos esportivos com ênfase na cooperação, tem marcado forte presença dentro das aulas de Educação Física na escola. Destaca também, o projeto Maculelê, que apresentou as pesquisas feitas pelos alunos sobre o fenômeno cultural do recôncavo baiano, e na parte prática, foram feitas apresentações coreográficas pelos próprios alunos, divididos em grupos. A partir do projeto, os alunos puderam conhecer, experienciar e desfrutar desse elemento histórico-cultural.

Em respostas apresentadas à entrevista, os alunos A3,A5,A6,A8,A13,A14,A16 e A19 mencionaram o “*projeto Maculelê*”, que trata de uma manifestação cultural, que se traduz na mistura de dança e luta em um contexto afro-indígena. O projeto idealizado pelo professor, foi uma maneira de inserir duas temáticas que pouco figuram nas aulas de Educação Física. As respostas de A1 e A12 foram “Dança”, A2,A10,A11, A15,A17 e A18 disseram gostar de “*jogos e brincadeiras*” envolvendo as suas variações, seja de

correr/pensar, utilizando diversos materiais, como os bambolês/cones, e suas diversas variedades, como o pique-bandeira e o pega-pega. Atividades que trabalham a mente também foram citadas nas respostas de A4 “*Jogo de dama*”, A7 “*dama e dominó*” e A8, que destaca também o “pega-vareta”, brincadeira que é transmitida de geração para geração.

3.3. DESCRIÇÃO DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS, QUE UTILIZAM A COOPERAÇÃO, QUE CONTRIBUEM PARA O DESENVOLVIMENTO DO ALUNO

Nas aulas de Educação Física escolar, os alunos irão se deparar com as mais diversas situações envolvendo as atividades esportivas (ou não). Vale ressaltar que, tanto os esportes, quanto os jogos e as brincadeiras exigirão que os alunos exerçam as suas competências e habilidades. Para tanto, os alunos devem perceber que estão em um contexto coletivo, no qual o resultado se define em função do trabalho em equipe. Nesse sentido, Brasil (1998, p. 92) destaca que os alunos desenvolverão a “predisposição em cooperar com o colega ou grupo nas situações de aprendizagem”.

O ato de competir está intimamente ligado ao ato de cooperar, vez que, para a obtenção de um resultado positivo, os envolvidos na atividade deverão envidar os esforços para lograr êxito. Dessa maneira, o talento individual, por si só não é o suficiente para garantir a vitória de uma equipe. É necessário rever o individualismo que costuma se destacar em aulas com enfoque competitivo dentro da Educação Física escolar.

Segundo Brasil (1998, p. 106):

É preciso então, localizar quais posturas ou intenções individualistas impedem, dificultam ou descaracterizam uma dinâmica relacional e vice-versa. Por exemplo, quando os mais habilidosos monopolizam a ação central de um jogo, excluindo os demais, gerando uma situação, em que o grupo deixa de existir.

A ideia da cooperação nasce do fato de que o ser humano não consegue sobreviver sozinho: que a sua vida é permeada pelas mais diversas relações sociais. As próprias práticas esportivas, embora objetivem um resultado positivo, destacando um único vencedor, funcionam através de uma dinâmica de cooperação, respeito mútuo e comprometimento.

No tocante ao ato de cooperar, Brasil (1997, p. 45-6) infere que:

A maneira de brincar e jogar sofre uma profunda modificação no que diz respeito à questão da sociabilidade. [...] A possibilidade e a necessidade de

jogar junto com os outros, em função do movimento dos outros, passa pela compreensão das regras e um comprometimento com elas.

Pergunta 7: Quais as recomendações são dadas ao professor para que o mesmo possa administrar as situações competitivas que surgem nas aulas de Educação Física?

“Não vejo necessidade de orientar o professor nesse sentido, pois observo que ele consegue administrar bem esse tipo de situação”. C

3.3.1. O que diz a coordenadora sobre as recomendações dadas ao professor para administrar as situações competitivas nas aulas de Educação Física

Nas aulas de Educação Física, a depender do objetivo da atividade serão criadas situações relacionais, que indicarão se as condutas serão competitivas ou cooperativas. Seja qual for a prática corporal, deverão ser observadas regras, condutas e comportamentos, devendo o coordenador avaliar a atividade em questão, e o professor adequar sua prática ao contexto dos alunos.

Brasil (1997, p. 27) salienta que:

Dentro de uma mesma linguagem corporal, um jogo desportivo, por exemplo, é necessário saber discernir o caráter mais competitivo ou recreativo de cada situação, conhecer o seu histórico, compreender minimamente regras e estratégias e saber adaptá-las. Por isso, é fundamental a participação em atividades de caráter recreativo, cooperativo, competitivo, entre outros, para aprender a diferenciá-las.

Ao se analisar uma atividade de características competitivas, é necessário levar em conta as consequências que esta pode ter para os alunos. Uma determinada atividade coletiva poderá 'agrupar' os alunos na aula, sem necessariamente uni-los em busca de algo em comum, e que produza benefícios mútuos. Brasil (1998, p 106) esclarece “pois a dinâmica coletiva ou grupal não constitui apenas uma somatória de individualidades, como uma colcha de retalhos, mas pode adquirir também uma dimensão própria que a caracteriza e identifica”.

Em decorrência das situações relacionais que aparecem na sala de aula surgem as situações competitivas, que implicam em disputas contra, objetivando uma vitória ao custo de uma derrota, e o enfoque é sempre no individual, seja como pessoa ou como equipe. Brotto (1999, p. 46) destaca que “é um processo onde os objetivos são mutuamente

exclusivos e as ações são benéficas somente para alguns”, a situação em que se prioriza a competição.

As situações cooperativas, são as que admitem o ‘jogar com’, almejando a vitória para ambos os concorrentes, sem que haja a necessidade de se apontar um perdedor, sua ênfase sempre se dá no coletivo, em que a pessoa é vista como peça chave, e a sua ausência prejudica a coesão do todo. Brotto (1999, p. 46) faz menção àquilo que “é um processo onde os objetivos são comuns e as ações são benéficas para todos”, chamado de cooperação.

Existe um laço estreito entre a competição e a cooperação, como se observa no futebol, esporte no qual uma equipe sai vencedora e a outra perdedora, no entanto, para que haja a vitória, se faz necessário o espírito de equipe e unidade. Isso não quer dizer que aos perdedores faltaram esses traços de cooperação, mas que houve um empenho, dedicação e força volitiva maior por parte da equipe que venceu.

Brotto (1999, p. 47) afirma que:

Entendo Cooperação e Competição como processos distintos porém, não muito distantes. As fronteiras entre eles são tênues, permitindo um certo intercâmbio de características, de maneira que podemos encontrar em algumas ocasiões, uma competição-cooperativa e noutras, uma cooperação-competitiva.

Conforme está destacado no relatório de observação estruturada, os jogos esportivos necessitaram sofrer uma intervenção, considerando que estavam repetindo as situações competitivas características das aulas que tematizam os esportes coletivos: os jogos mantiveram o seu objetivo, entretanto foram adaptados para evidenciar situações cooperativas, nas quais as equipes não se rivalizam, mas lutam para alcançar uma determinada meta, independente da outra equipe alcançar (ou não). A essência da atividade é competir contra si mesmo, reconhecendo o valor do trabalho grupal.

Em sua resposta à entrevista, a coordenadora destaca os seguintes dizeres “*Não vejo necessidade de orientar o professor nesse sentido, pois observo que ele consegue administrar bem esse tipo de situação*”. Isso demonstra que as atividades aprovadas pela coordenação pedagógica que fazem parte planejamento anual da disciplina, sofrem um trato pedagógico por parte do docente, que sabe equilibrar bem os dois tipos de situações, indissociáveis e concomitantes nas aulas de Educação Física.

Pergunta 8: De que maneira aparecem no planejamento curricular, atividades que trabalhem a cooperação?

“Os professores sempre trazem atividades que trabalham esse tema, desde jogos e brincadeiras, até textos e debates que abordam esse assunto”. C

3.3.2. O que diz a coordenadora sobre como aparecem as atividades que trabalham a cooperação no planejamento curricular

As atividades que estão definidas no planejamento curricular da Educação Física escolar são aquelas ligadas aos blocos de conteúdos, que tem por temáticas os esportes, jogos e brincadeiras, ginásticas, danças e as lutas, além dos conhecimentos sobre o corpo.

Os conteúdos que ganharão mais destaque, (serão modificados ou deixarão de aparecer, mesmo que provisoriamente), são analisados criteriosamente pela coordenação pedagógica, que leva em consideração as condições do local onde realizar-se-ão as mais diversas práticas corporais e a disponibilidade de materiais adequados para cada atividade. Desse modo, após criteriosa revisão, o professor poderá delinear a sua ação didática, e, se esta ação condiz com o perfil dos seus alunos.

Brasil (1997, p. 45) afirma que:

Cabe à escola trabalhar com o repertório cultural local, partindo de experiências vividas, mas também garantir o acesso a experiências que não teriam fora da escola. Essa diversidade de experiências precisa ser considerada pelo professor quando organiza atividades, toma decisões sobre encaminhamentos individuais e coletivos e avalia procurando ajustar sua prática às reais necessidades de aprendizagem dos alunos.

Na escola, e principalmente nas aulas de Educação Física, os alunos aprendem a conviver, através das situações proporcionadas pelos jogos cooperativos, que unem e direcionam as pessoas rumo a um objetivo em comum, ensinando-os a compartilhar e ajudar uns aos outros.

Segundo Brasil (1997, p. 58):

Se um dos objetivos da educação é ajudar as crianças a conviverem em grupo de maneira produtiva, de modo cooperativo, é preciso proporcionar situações em que aprender a dialogar, a ouvir o outro, ajudá-lo, pedir ajuda, trocar idéias e experiências, aproveitar críticas e sugestões sejam atitudes possíveis de serem exercidas[...].

Através de jogos, em especial os cooperativos, os alunos podem vivenciar uma nova maneira de jogar os jogos, que tradicionalmente se desenvolvem sob outra perspectiva: a visão de cooperar, independente do resultado da atividade.

Oliveira (2013, p.10) menciona que:

Dentro desta perspectiva e nas várias ramificações do conceito de jogo, encontram-se os jogos cooperativos, que são uma proposta metodológica que tem por finalidade verificar as possibilidades de desenvolver atividades em que os alunos possam experimentar e vivenciar novas maneiras de jogar, desvencilhando dos objetivos únicos de ganhar ou perder, mas sim de cooperar.

As atividades cooperativas, nada mais são do que os conteúdos trabalhados nos jogos e brincadeiras previstos no planejamento curricular da disciplina, diferenciando-se dos jogos convencionais, pelo tratamento pedagógico dado pelo docente, objetivando desenvolver nos alunos uma consciência de cooperação.

Segundo Oliveira (2013, p.11):

Portanto, acredita-se que se o professor reconhece nos jogos cooperativos a possibilidade de desenvolver as habilidades necessárias, incluindo conceitos e conteúdos, previstos no currículo para a série e, dessa forma associar as habilidades previstas pelo recurso lúdico, certamente seus objetivos serão alcançados.

Modificando-se a visão que se tem dos esportes e dos jogos tradicionais, que giram em torno da competição, torna-se possível dar significado às atividades cooperativas dentro do currículo, arraigando-as à disciplina. Para tanto, é necessário que haja o acolhimento da proposta dos novos jogos.

Nesse sentido, Oliveira (2013, p. 18) diz que:

O currículo, e toda a proposta da Educação Física contemporânea dá ênfase para mudar a concepção de que o ambiente de aula não deve ser convertido em um centro de “batalha” (treinamento), reforçando a pedagogia de que os jogos devem enfatizar a ideia de cooperação, formação de hábitos saudáveis.

As atividades cooperativas na realidade já existem no planejamento curricular da Educação Física, no momento que são trabalhados esportes, jogos e brincadeiras envolvendo a coletividade, tendo objetivos em comum. Para que se consolidem, necessário se faz modificar a rigidez das regras, e a visão competitiva que se dá a certas atividades, pois só assim, torna-se possível a desenvoltura de práticas que trabalham o lúdico em um contexto biopsicossocial.

Oliveira (2013, p. 10) chama a atenção para:

A oportunidade de voltar a prática pedagógica do professor de Educação Física para as práticas esportivas, tendo os jogos como principal recurso, leva-os a reflexão acerca de como desenvolver atividades com jogos, tendo como proposta, além do desenvolvimento psicomotor desenvolver também os aspectos de formação e como elemento motivacional o lúdico dos jogos coletivos. Assim, podem ter duas vertentes conhecidas; uma que exercita a competição e a conseqüente exclusão, outra a qual tem o respaldo da ludicidade para desenvolver o cognitivo, o psicomotor e as relações socioafetivas.

De acordo com os relatos da observação estruturada, as atividades cooperativas já existem dentro do planejamento curricular, tendo em conta que a limitação espacial compromete a prática dos esportes dentro da escola, contribuiu para que fosse dada uma ênfase nos jogos e brincadeiras. Houve uma necessidade de adequação dessas atividades, sendo trabalhadas como jogos cooperativos: o relatório destaca que os jogos continuaram com a nomenclatura, modificando-se apenas as regras e a finalidade de cada atividade.

Em sua resposta dada à entrevista, a coordenadora pedagógica diz que *“Os professores sempre trazem atividades que trabalham esse tema, desde jogos e brincadeiras, até textos e debates que abordam esse assunto”*. A resposta demonstra também uma preocupação com questões relacionadas a criticidade e a reflexão, vez que o professor trabalha questões conceituais e atitudinais que estão imbricadas à prática dos jogos e brincadeiras em torno da cooperação.

Pergunta 12: Quais jogos cooperativos são desenvolvidos com os seus alunos?

“Pique-bandeira, minhocão, bambolê ball, fechando a conta (jogo da matemática), nunca três”. P

3.3.3. O que diz o professor sobre os jogos cooperativos que desenvolve com os seus alunos

Os jogos cooperativos nas aulas de Educação Física podem derivar dos jogos coletivos convencionais, como também dos jogos esportivos. O que os diferencia é a questão de como são aplicadas as regras: que, geralmente nos jogos cooperativos são mais flexíveis quando comparados com os jogos tradicionais e os esportes.

Brasil (1997, p. 61) destaca que:

Nos jogos pré-desportivos e nas brincadeiras, nem sempre as regras prevêem regulamentação para todas as situações que surgem; nesses casos, é necessário discutir e legislar a respeito e essa prática deve ser incentivada pelo professor. [...] Além disso, as regras dos jogos podem ser adaptadas para diferentes situações e contextos. Numa situação recreativa pode-se considerar válida uma série de movimentos e procedimentos que, numa situação de competição, não seriam adequados.

Assim, o tratamento dado aos jogos pelo professor, possibilita que as mais diversas atividades sejam vistas sob um enfoque cooperativo, competitivo ou apenas recreativo: a adequação ao contexto no qual as atividades se desenvolvem é dada pelo professor, e, quando este se predispõe a apresentar aos alunos, atividades com regras modificadas para favorecer à cooperação entre eles, promove um desenvolvimento que vai além da esfera técnica/tática, comum nos esportes/jogos esportivos.

Nesse sentido, Brasil (1997, p. 61) menciona que:

No caso da Educação Física existe a possibilidade de se abordarem diferentes jogos e atividades e se discutirem as regras em conjunto com os alunos, tentando encontrar as razões que as originaram, propondo modificações, testando-as, repensando sobre elas e assim por diante. A compreensão das normas que pode advir daí é completamente diferente de quando as regras são consideradas absolutas, inquestionáveis e imutáveis.

Na escola Maria Amélia, os jogos cooperativos derivam dos jogos e brincadeiras populares mais comuns, a exemplo do pique-bandeira, que é um jogo popular tradicional, aplicado nas aulas de Educação Física como jogo cooperativo.

Conforme Oliveira (2013, p. 22):

O professor, ao trazer os jogos cooperativos, para as atividades pedagógicas do cotidiano das aulas de Educação Física, tem a oportunidade de ensinar por meio de metodologias que saem do tradicionalismo, pautada na ludicidade, e seguindo a proposta dos PCN's de Educação Física (6º ao 9º ano) do Ensino Fundamental.

Quanto a sua tipologia, os jogos cooperativos se apresentam como sendo, jogos que não apresentem perdedores e jogos de resultado coletivo. Assim sendo, esses jogos, contribuem para que os alunos vivenciem o processo de aprendizagem, sem estarem preocupados com a obtenção de resultados positivos.

Brotto (1999, p. 128) assim conceitua os jogos que não apresentam perdedores: “são jogos plenamente cooperativos, onde todos jogam juntos para superar um desafio comum, mas principalmente, jogam pelo prazer de continuar a jogar juntos”. Em relação aos jogos de resultado coletivo, o autor destaca “a motivação principal está em realizar metas comuns, que necessitam do esforço coletivo para serem alcançadas”. Como a própria nomenclatura diz, nesta atividade participam mais de duas equipes.

Existem outras duas categorias de jogos cooperativos que também podem ser desenvolvidos no ambiente escolar: os jogos de inversão e os jogos semi-cooperativos. Contudo, estas duas vertentes têm um vínculo mais direto com as atividades esportivas, sendo a sua prática na escola Maria Amélia, inviabilizada pela ausência da quadra.

De acordo com o relatório de observação estruturada, os jogos cooperativos são os mesmos jogos tradicionais, com as regras adaptadas de modo que leve os alunos a cooperarem mais, desenvolvendo neles, além de competências e habilidades relacionadas ao saber-fazer, o lado social, afetivo e cognitivo.

Na resposta dada à entrevista, o professor diz que desenvolve com os alunos os seguintes jogos cooperativos: “*Pique-bandeira, minhocão, bambolê ball, fechando a conta (jogo da matemática), nunca três*”. De acordo com o professor, a descrição desses jogos é a seguinte:

Pique-bandeira: jogo de revezamento em que as bandeiras estão escondidas em um ponto do pátio e o aluno deverá encontrar para poder passar para outro aluno e assim por diante. Os alunos estão dispostos em uma ordem, que deve ser respeitada, sendo a bandeira passada de mão em mão, até ser entregue ao professor. Participam duas equipes, mas o objetivo é trabalhar a cooperação entre os alunos da própria equipe, e ressaltar a importância de cada aluno no transporte da bandeira.

Minhocão: Jogo de revezamento em que o primeiro aluno faz um circuito composto por cones, toca na parede e retorna ao ponto de partida, refazendo o circuito de mãos dadas com o segundo aluno, que retornam ao ponto de origem para buscar o terceiro e assim sucessivamente, até formar uma grande minhoca com todos os alunos que compõe a equipe, que consta de 8 a 10 participantes. São formadas de três a quatro equipes, que competem entre si. No entanto, para terem sucesso, é necessário a união e colaboração de todos os participantes da equipe.

Fechando a conta (Jogo da matemática): Os alunos carregam em seus bolsos 4 fichas com uma numeração cada. O objetivo é inserir os alunos no tabuleiro de acordo com a numeração das fichas: o aluno deve seguir a sequência e se posicionar na ordem dentro do

tabuleiro. Ao terminar uma sequência, se inicia outra rodada, as fichas são trocadas. Os alunos cooperam no sentido de juntos organizarem-se dentro do tabuleiro.

Bambolê ball: o bambolê é preso no teto com uma corda e os alunos devem arremessar bolas de isopor dentro do bambolê. Alcança a meta a equipe na qual todos os alunos conseguem fazer a bola entrar no bambolê. O objetivo é mostrar que o sucesso individual está vinculado ao coletivo e vice-versa.

Nunca 3: Jogo em que os alunos formam um círculo e, ao sinal do professor eles formam pares. Quando sobra um aluno ele tem duas opções: arrumar outro par fora do círculo ou encostar em um par, sendo que a pessoa na qual ele encostou, fica sem par e se vê obrigada a trazer outro par para a brincadeira ou, formar um par mesmo separando o que já está feito. O objetivo é estimular a reflexão nos alunos sobre parceria, necessidade de estar junto a alguém e expor com a situação que sozinho ninguém sobrevive ou obtém sucesso.

Pergunta 6: Quais jogos e brincadeiras envolvendo trabalho em equipe você faz nas aulas?

“Pique-bandeira e minhocão”. A1, A2, A3, A4, A7, A8, A15

“Pique-bandeira, bambolê ball, jogo da matemática em que um depende do outro para fechar o tabuleiro”. A5, A16

“Pique-bandeira e jogo de matemática, que tem que ter todo mundo para fechar o quadrado”. A6, A11

“Pique-bandeira, bambolê ball”. A3, A9, A12

“Bambole ball, Pique-Bandeira, Três nunca, jogo da matemática”. A10

“minhocão, jogo da matemática”. A13, A17, A18

“Minhocão”. A14

“Pique-bandeira, minhocão e jogo da matemática”. A19

3.3.4. O que dizem os alunos a respeito dos jogos e brincadeiras que envolvem trabalho em equipe que são realizados nas aulas

O trabalho em equipe é algo que estará sempre presente, seja qual for a prática corporal associada às aulas de Educação Física. Dentro da escola, a ênfase dada ao trabalho em equipe, mesmo que esteja sendo vivenciada uma situação competitiva, é no sentido de se desenvolver a cooperação. Brasil (1997, p. 55) explica que os alunos deverão “enfrentar desafios colocados em situações de jogos e competições, respeitando as regras e adotando uma postura cooperativa”. Assim sendo, fica claro que a obediência às regras deve ser

observada, contudo, o agir cooperativo é priorizado, ainda que o jogo cooperativo se desenvolva em meio a um embate entre duas ou mais equipes, o ato de cooperar como indivíduo e como equipe, é o mais valorizado, tendo inclusive mais importância do que o resultado final.

Os jogos que envolvem trabalho em equipe deixam claro que a união do grupo é mais importante do que o talento individual: não adianta um componente da equipe ter uma habilidade motora mais desenvolvida, se os demais membros não contribuem para fazer a sua parte na atividade, tendo em vista a dinâmica dos jogos cooperativos, que exige a participação, integração e a união de todos. Brasil (1997, p. 59) chama a atenção para “o trabalho em duplas e grupos, em que a cooperação seja fundamental e haja a coordenação de diferentes competências é algo valioso para se perceber que todos, sem exceção, tem algum tipo de conhecimento”. Isso quer dizer que cada aluno contribui para a dinâmica da atividade, sendo que a sua ausência ou inação, implica em fracasso para a equipe.

É notório que os jogos cooperativos envolvem o trabalho em equipe, no entanto nem todo trabalho em equipe é realizado sob as bases da cooperação. O professor deve estar atento à desenvoltura da atividade, de maneira que todos possam cooperar para o sucesso do grupo.

Pensando no trabalho em equipe, Brotto (1999, p. 191-2) destaca o jogo voleio:

É um jogo de Voleibol utilizando materiais alternativos (pedaços de tecido), para promover o respeito e confiança mútua, a harmonização ritmos pessoais, e a coordenação de esforços para realizar uma Meta Comum. [...]. Os participantes formam pequenos grupos, segurando um lençol cada grupo. Distribuídos nos dois lados da quadra, procuram fazer lançamentos, com o lençol, de um lado para outro, o maior número de vezes possíveis. [...]. Dependendo do grupo, permitir que a bola toque uma vez no chão, utilizar mais que uma bola, ao mesmo tempo. O grupo que lançar a bola para o outro lado da quadra, troca de lado também.

O autor destaca que a atividade pode ocorrer em um pátio com uma corda, tendo como materiais, lençol, toalha, cobertor, camisetas e a bola, sendo o objetivo da atividade, realizar o maior número de lançamentos consecutivos.

De acordo com o relatório de observação estruturada, são realizadas várias atividades que contemplam o trabalho em equipe, a exemplo dos jogos: pique-bandeira, minhocão, bambolê ball, nunca três, e o jogo da matemática. As atividades são sempre cooperativas,

tendo em vista que algumas são modificadas adequadas para atender a proposta dos jogos cooperativos.

Os alunos destacam em suas respostas à entrevista realizarem as mais diversas atividades em equipe. Os alunos A1, A2, A3, A4, A7, A8, A15 responderam “*Pique-bandeira e minhocão*”. A5, A16 disseram preferir “*Pique-bandeira, bambolê ball, jogo da matemática em que um depende do outro para fechar o tabuleiro*”. A6, A11 praticam as atividades “*Pique-bandeira e jogo de matemática, que tem que ter todo mundo para fechar o quadrado*”. A3, A9, A12 realizam “*Pique-bandeira, bambolê ball*”. A10 desenvolve “*Bambole ball, Pique-Bandeira, Três nunca, jogo da matemática*”. A13, A17, A18 jogam “*minhocão, jogo da matemática*”. A19 trabalha nas aulas “*Pique-bandeira, minhocão e jogo da matemática*”. Foi curiosa a resposta do A14 que apenas se envolve em um jogo cooperativo “*minhocão*”, vez que a maioria se envolve em quase todas as práticas, e, quando não todas, ao menos em duas. O jogo pique-bandeira é o mais praticado, sendo a preferência de 16 alunos, dentro do universo de 19 participantes que se submeteram à entrevista. A resposta positiva à atividade, demonstra que o docente soube adequar corretamente o jogo tradicional ao contexto dos jogos cooperativos. Chama a atenção a preferência de 09 alunos pela atividade jogo da matemática, em que os alunos se esforçam para ‘fechar o quadrado’. Tal atividade cooperativa demonstra trabalhar a interdisciplinaridade entre Educação Física e Matemática.

Pergunta 7: Como é para você participar de uma aula que não tenha vencedor no final?

“É bom que trabalhamos em equipe e não tem briga”. A1

“É muito triste não ter ganhador ou perdedor, como vou saber ter espírito esportivo se ninguém ganha ou perde”. A2

“Não é importante ter vencedor, o importante é se divertir com os seus colegas”. A3

“Tem que ter um vencedor para que o perdedor tenha vontade de vencer”. A4

“Me sinto feliz perdendo, ganhando e sem vencedor, tanto faz”! A5

“O importante é brincar, pois na vida tem dia que a gente ganha e tem dia que a gente perde”. A6

“Boa aula, digna de aplausos”. A7

“É possível se divertir sem vencedor e a trabalhar em equipe”. A8

“Acho ruim”. A9

“Normal, afinal nem todo dia a gente ganha, aí se não ganhar não sente que perdeu”. A10

“É deprimente”. A11

“É importante, pois não gera brigas no final”. A12

“nos ensina a sermos iguais e que não há ninguém melhor que o outro”. A13

“É legal. Todo mundo fica feliz e ninguém perde”. A14

“Legal, porque ninguém perde”. A15

“É bom, mas me sinto triste pois tem colegas que não sabem ganhar nem perder”. A16

“Muito bom. É que quando a pessoa perde, ela se sente mal, e se não tem vencedor, não tem vencedor”. A17

“É mais divertido, e não tem brigas para saber quem ganhou”. A18

“Não gosto, pois o legal é ter um ganhador”. A19

3.3.5. O que dizem os alunos sobre participar de uma aula que não tenha vencedor no final

Aulas com ênfase na competição, invariavelmente destacarão resultados que apontem um vencedor em detrimento dos demais: o sentimento de derrota costuma ser doloroso para os que perdem. A situação se agrava quando as atitudes do vencedor para com os vencidos manifestam menosprezo, humilhação e desdém, que tem por consequência, reações violentas por parte dos perdedores. É necessário que o professor esteja atento e realize intervenções, para que as aulas vão além das competições.

Brasil (1998, p. 89) cita que um dos objetivos para essa fase de escolarização é:

Adotar atitudes de respeito mútuo, dignidade e solidariedade na prática dos jogos, lutas e dos esportes, buscando encaminhar os conflitos de forma não-violenta, pelo diálogo, e prescindindo da figura do árbitro. Saber diferenciar os contextos amador, recreativo, escolar e o profissional, reconhecendo e evitando o caráter excessivamente competitivo em quaisquer desses contextos.

A proposta das aulas não-competitivas, serve justamente para que os alunos desenvolvam atitudes de respeito, lealdade e companheirismo. O grande problema da competição nas aulas de Educação Física, é a postura de oposição desenvolvida por um time (ou por um aluno) frente aos demais, sendo o rival, um obstáculo a ser superado. Brasil

(1998, p. 92) destaca como uma das atitudes a “aceitação de que o competir com outros não significa rivalidade, entendendo a oposição como uma estratégia do jogo e não como uma atitude frente aos demais”.

Por isso, é importante valorizar o espírito de equipe entre os alunos, que contribui para fortalecer a unidade grupal. A cooperação se mostra interessante, pois valoriza o desenvolvimento da atividade e a importância que cada indivíduo tem, ao fazer a sua parte dentro do grupo. A competição torna-se inviável, pois tem como premissa apontar o vencedor, sem observar o caminho percorrido pelos alunos durante a aula para chegarem a um resultado. Nesse sentido, Brasil (1998, p. 92) faz menção a “cooperação e aceitação das funções atribuídas dentro do trabalho em equipe (nos jogos, coreografias, mímicas etc.)”.

Aulas de Educação Física que não objetivem a apresentação de vencedores são essencialmente cooperativas, vez que, a união de todos resultará em benefícios mútuos, de maneira que todos sejam vencedores ao final da atividade. De acordo com Querini (2013, p.21) os jogos cooperativos sem perdedores “são jogos que podem ser considerados plenamente cooperativos, porque todos jogam juntos e todos ganham juntos. O jogo só é vencido se todos os participantes vencerem”.

No contexto escolar, aulas que não priorizem um vencedor podem e devem ser utilizadas, no sentido de amenizarem as competições, mostrando assim aos alunos que existem aulas diferentes das que se baseiam em um modelo esportivo de rendimento. A proposta dos jogos sem perdedores é garantir um resultado apazível a todos os participantes.

Querini (2013, p. 21) menciona como exemplo de jogo cooperativo sem perdedor:

Pessoa pra pessoa: Inicia-se incentivando as pessoas a caminhar livre e criativamente pelo ambiente (andar com passo de gigante, de formiguinha, andar como se o chão estivesse pegando fogo, com um tique nervoso). Depois de alguns poucos minutos, fala-se em voz alta, duas partes do corpo (mão na testa, dedo no nariz, orelha com orelha, cotovelo na barriga). A este estímulo, todos deverão formar uma dupla e tocar, um no outro, as partes faladas pelo professor, o mais rápido possível. Por exemplo: “mão na testa”. Cada pessoa deverá encontrar um par e tocar sua mão na testa do outro e vice-versa. Quando todos estiverem em duplas e tocando as partes faladas, o professor reinicia o processo, propondo a caminhar livre e criativamente. Após duas ou três dessas combinações o professor pode dizer em voz alta o nome do jogo: Pessoa pra Pessoa. Nesse momento, todos, inclusive o professor, devem formar uma nova dupla e abraçar um ao outro, bem agarradinho para garantir

o encontro. Com a entrada do professor diretamente no jogo, haverá um desequilíbrio numérico: alguém irá ficar sem par. “E o que fazer com quem sobra?” Diferente dos jogos tradicionais, aquele que sobra não será castigado nem excluído. Quem sobrou vira professor e reinicia o jogo servindo ao grupo, ao invés de ser servido por ele.

O relatório da observação estruturada, destaca a utilização do jogo cooperativo ‘nunca três’, em que a necessidade de encontrar um par é a motivação maior para que o jogo se realize e tenha continuidade. Os jogos sem perdedores contribuem para desenvolver nos alunos a consciência grupal.

Em resposta à entrevista, os alunos que disseram aprovar o trabalho em equipe, foram A1 “*É bom que trabalhamos em equipe e não tem briga*”, A8 “*É possível se divertir sem vencedor e a trabalhar em equipe*”. Apontaram como característica marcante a indiferença ao resultado A5 “*Me sinto feliz perdendo, ganhando e sem vencedor, tanto faz*”!, A6 “*O importante é brincar, pois na vida tem dia que a gente ganha e tem dia que a gente perde*”, A10 “*Normal, afinal nem todo dia a gente ganha, aí se não ganhar não sente que perdeu*”, A14 “*É legal. Todo mundo fica feliz e ninguém perde*”, A17 “*Muito bom. É que quando a pessoa perde, ela se sente mal, e se não tem vencedor, não tem vencedor*”. Destacam a importância de não haver brigas, A12 “*É importante, pois não gera brigas no final*”, A18 “*É mais divertido, e não tem brigas para saber quem ganhou*”. Fez menção à importância do saber ganhar/perder A2 ao responder “*É muito triste não ter ganhador ou perdedor, como vou saber ter espírito esportivo se ninguém ganha ou perde*”, já o A4 afirma ser uma necessidade da vida ao dizer “*Tem que ter um vencedor para que o perdedor tenha vontade de vencer*”, A13 destacou a igualdade entre as pessoas ao considerar que “*nos ensina a sermos iguais e que não há ninguém melhor que o outro*”. Para A14 e A15, a importância de não perder foi o que mais chamou a atenção quando diz que “*É legal. Todo mundo fica feliz e ninguém perde*”. A ausência do espírito esportivo é destacada por A16, sua resposta reflete o que acontece quando o foco das atividades gira em torno da competição, pois em suas palavras “*É bom, mas me sinto triste pois tem colegas que não sabem ganhar nem perder*”. Por outro lado, afirmaram não gostar desse tipo de atividade A9, que diz “*Acho ruim*”, A11 “*É deprimente*” e A19 “*Não gosto, pois o legal é ter um ganhador*”, essas respostas mostram que, em uma menor escala os valores associados a competição ainda persistem, no entanto, o trabalho com base nos jogos cooperativos, demonstra surtir efeito na grande maioria da população entrevistada.

O esporte na escola se apresenta como a temática preferida entre os alunos, entretanto nesse contexto, devem se apresentar como uma prática diferente das vivenciadas nas escolinhas de futebol, clubes e federações esportivas.

A proposição adequada ao ambiente escolar, é a de que seja o esporte desenvolvido como instrumento de cooperação que permitirá aos alunos, não só conhecer os fundamentos das diversas modalidades, como também os benefícios à saúde em decorrência da sua prática, e os valores a ele associados como o respeito mútuo, companheirismo, espírito de equipe e aceitação dos resultados em relação a observância das regras e ao fair play (jogo limpo).

É importante que o professor saiba desenvolver o esporte como uma ferramenta pedagógica que vai além de uma prática corporal, pois os alunos necessitam desenvolver uma visão crítica dessa temática, que é um fenômeno sociocultural. Para Carlan et al (2012, p. 71) “um aspecto considerado desafio no ensino dos esportes nas aulas de Educação Física foi a sua contextualização sócio-histórico-cultural, ou seja, que o conteúdo fosse mediado por uma compreensão do esporte vivenciado enquanto fenômeno[...]”.

Existe uma idéia equivocada de que ensinar esportes na escola, remete à prática das diversas modalidades com a bola. Vale ressaltar que as aulas teóricas proporcionam aos alunos momentos, para que possam conhecer os esportes além da prática: problematizar temáticas esportivas vai além de ensinar os fundamentos, tipos de passe, condutas anti-esportivas, etc, consiste em explicar como o fenômeno esportivo contagia as multidões levando milhares de torcedores aos estádios, formando uma legião de sócios, ensinando as crianças a praticarem-no desde cedo para vencer na vida. Nas palavras de Carlan et al (2012, p. 69) “o esporte, reconhecido como disciplina ou componente curricular, possui a tarefa e o dever de tematizar pedagogicamente a diversidade e a pluralidade da cultura corporal de movimento”.

Muitas vezes, o esporte é hegemonicamente protagonizado nas escolas por falta de opção, tendo em conta que, a escola muitas vezes não dispõe de estrutura adequada para o acolhimento de outras temáticas que não sejam os esportes. Torna-se portanto inviável por exemplo, ministrar aulas de ginástica olímpica sem ao mínimo dispor de tatames, argolas e trampolins.

Entretanto, o problema passa a ser mais grave quando o que impede a ocorrência de temáticas esportivas nas aulas de Educação Física, seja a descapacitação docente, em relação a certas temáticas, como no caso da Ginástica Artística (G.A.).

Nesse sentido, Junior et al (2012, p. 13) corrobora dizendo que:

O principal entrave para o implemento da G.A. nas aulas de Educação Física Escolar parece ser a falta de conhecimento, por parte dos profissionais que cuidam da educação física escolar, das técnicas de segurança e de desenvolvimento do trabalho com esta modalidade.

Situação recorrente é destacada no que se refere ao ensino das lutas, modalidades que os docentes vivenciam em contexto universitário, de maneira muito superficial, quando não apenas sob um enfoque teórico.

De acordo com Rufino e Darido (2015, p. 216):

O ensino das lutas é assegurado em termos de diretrizes curriculares, mas tende a ser um conteúdo pouco abordado por muitos cursos de formação superior na Educação Física, o que repercute em problemas para sua efetivação no âmbito escolar.

As aulas de Educação Física para os alunos do 6º ano, que atravessam a fase de transição da infância para a adolescência, devem ser baseadas em modelos que utilizam as atividades cooperativas, garantindo assim um desenvolvimento pleno dos educandos, considerando a desenvoltura dos aspectos psicomotor, afetivo, social e cognitivo, não se limitando a repetição estereotipada e alienada de movimentos.

Querini (2013, p. 3) afirma que:

Os Jogos Cooperativos servem para trabalhar o aspecto da corporeidade no seu real significado, ou seja, propiciando aos alunos oportunidade de vivenciarem os mais diversos gestos, expressões e movimentos. Ter a possibilidade de se relacionar com seus colegas e consigo mesmo através do corpo. Ensinar e aprender diversas culturas corporais, sem a necessidade da padronização e ou classificação de movimentos.

Assim sendo, os jogos cooperativos são as atividades mais indicadas para o desenvolvimento de atitudes solidárias, que contribuem para a inclusão, fortalecendo os laços de amizade e união entre os alunos que desenvolvem entre si, uma relação de respeito mútuo e confiança, principalmente quando realizam as tarefas juntos, cujos resultados são benéficos para todos, o que favorece o desenvolvimento dos alunos em termos sociais.

Diante do exposto, fica claro que as atividades cooperativas possibilitam aos seus praticantes um desenvolvimento pleno, tendo em vista que as aulas tradicionais, são pautadas na competitividade, no saber-fazer e no cumprimento de regras e rotinas pré-estabelecidas.

Segundo Querini (2013, p.11):

O Jogo Cooperativo é uma atividade essencialmente baseada na cooperação, na aceitação, no envolvimento e na diversão, tendo como propósito mudar as características da exclusão, seletividade, agressividade e de exacerbação da competitividade, predominantes na sociedade e nos jogos tradicionais.

O problema central da investigação é apresentar resposta ao seguinte questionamento: **Quais os subsídios que o esporte como instrumento de cooperação proporcionam aos alunos do 6º ano do ensino fundamental da Escola Estadual Maria Amélia Santos?**

Resolvendo o problema, é possível concluir que apesar de os esportes não serem desenvolvidos nas aulas práticas em virtude da reforma da quadra escolar, estes contribuem para modificar a visão competitiva que os alunos adquirem em contato com o meio social, quando assumem o formato de jogos cooperativos, oferecendo aos alunos vivências promotoras da solidariedade, respeito mútuo, aceitação das diferenças, união e inclusão.

Pode-se acrescentar ainda, que os jogos cooperativos funcionam como uma nova maneira de se praticar os esportes, visto que, é desnecessário apontar vencedores e perdedores, dando mais ênfase ao processo do que ao resultado, desvinculando o ato de errar ao efeito 'estar eliminado'.

Nesse sentido, Querini (2013, p 10) aponta que:

Os Jogos Cooperativos são jogos divertidos onde a participação de todos é primordial e não existe a eliminação ou exclusão dos alunos, ou seja, todos ganham, desta forma pode-se afirmar que com este tipo de jogo elimina-se o medo do fracasso que muitas vezes faz com que os alunos e alunas deixem de participar das atividades propostas pelo professor com medo de errar ou mesmo de ser ridicularizados pela falta de habilidade.

Fica evidente que, ante a inviabilidade de se realizarem práticas envolvendo os esportes, devem ser concebidas outras possibilidades de práticas corporais dentro da cultura do movimento, indo além de uma prática mecânica, repetitiva, que impossibilite uma progressão pedagógica e seja desmotivante para os alunos.

Querini (2013, p. 14) ressalta que:

O objetivo em trabalhar os Jogos Cooperativos é motivar os alunos nas aulas de Educação Física, buscando sair desta rotina que usa o gesto mecanizado e o aluno robotizado, o que não motiva parte dos alunos para a prática de Educação Física. Desta forma os Jogos Cooperativos são uma excelente ferramenta para a Educação Física Escolar.

Quanto a realidade do lócus onde ocorreu a investigação, notou-se uma profunda mudança comportamental e atitudinal por parte dos alunos participantes, que em virtude da inviabilidade de práticas esportivas, utilizou-se em lugar destas, os jogos e brincadeiras com ênfase na cooperação, onde os alunos exercem o papel de colaboradores ativos para o sucesso da atividade, e isso garante a participação e integração de todos nas aulas. Em relação ao comportamento, viu-se uma predisposição em auxiliar o professor no andamento da aula, um aumento da proatividade para com as suas equipes e uma maior participação na aula. Em termos de atitudes, destacou-se manifestações de respeito mútuo, motivação, incentivo, auxílio aos menos habilidosos e principalmente, contentamento com a vitória alheia.

Em relação as ações desenvolvidas pela coordenadora pedagógica, é possível constatar que foram favoráveis na construção do planejamento curricular da disciplina Educação Física. Merecem destaque as suas intervenções, no sentido de garantir ocorra a prática pedagógica do esporte, dentro das condições oferecidas pela escola.

Destaca-se ante as adversidades de ordem infra-estrutural, a ação do professor, que desenvolveu aulas teóricas, videoaulas, jogos esportivos, brincadeiras e os jogos cooperativos, estratégias que contribuíram para que os alunos desenvolvessem os esportes como uma prática pedagógica, os levando a aprofundarem os conhecimentos, apreciarem criticamente e refletirem sobre as atividades vivenciadas.

Conclui-se que o esporte é aplicado como um instrumento de cooperação nas aulas da disciplina, que, mesmo em virtude de sua impossibilidade prática, é vivenciado através de outras temáticas, que no caso da escola Maria Amélia, são os jogos e as brincadeiras utilizando a pedagogia dos jogos cooperativos. Acredita-se que essa nova maneira de ver e trabalhar os esportes dentro do contexto escolar, contribue para modificar a visão errônea que se tem a respeito das aulas de Educação Física, nas quais os esportes reproduzem os mecanismos sociais da competição.

CONCLUSÕES E PROPOSTAS

Neste capítulo serão apresentadas as conclusões obtidas ao finalizar a presente investigação, e na sequência, serão apresentadas as propostas que foram analisadas após a realização desse estudo.

A utilização do esporte como instrumento de cooperação nas aulas de Educação Física escolar, é prevista pela BNCC (2018, p. 233), que recomenda aos alunos “experimentar e fruir esportes de marca, precisão, invasão e técnico-combinatórios, valorizando o trabalho coletivo e o protagonismo”, considerando serem os esportes a temática que mais exerce influência e está presente na disciplina. Segundo Carlan (2012, p. 55) “o fenômeno esporte tem ocupado um lugar de destaque na sociedade contemporânea, constituindo-se como um dos mais importantes objetos de análise, não apenas das ciências do esporte, mas também de múltiplas abordagens literárias”.

As aulas de Educação Física são momentos importantes para que os esportes não sejam apenas praticados, mas também teorizados através de leituras e videoaulas, sendo assim tratados como um fenômeno sociocultural, e não apenas como uma prática corporal orientada por regras.

Portanto, o uso do esporte pela disciplina Educação Física, é de importância fundamental para que os alunos possam desenvolver uma melhor consciência corporal, que não se resume apenas no desenvolvimento de capacidades e habilidades motoras, possibilitando aos alunos uma melhor compreensão dos aspectos fisiológicos e biomecânicos, das atitudes e valores que estão relacionados à prática corporal. Nas palavras de Henkel e Ilha (2016, p. 137) “isto significa que, ao elaborar uma aula de Educação Física, deve-se estimular além da parte motora, também a questão social e emocional, dentre outras[...]”.

Mediante a complexidade da temática esportiva, que não se resume a uma prática corporal norteada por regras e fundamentos, deve a Educação Física saber problematizar as mais diversas modalidades, considerando o contexto escolar e dentro das especificidades da área. Entende-se que o esporte é a temática mais relevante da disciplina, entretanto, não é o conteúdo hegemônico, devendo estar integrada com as outras temáticas da cultura corporal do movimento, é imprescindível que haja essa conexão, de modo que o próprio esporte pode ser ressignificado, no momento que recebe um tratamento pedagógico sendo utilizado como um instrumento de cooperação entre os alunos.

CONCLUSÕES

Após terem sido coletadas as repostas da coordenadora pedagógica, professor e alunos, através da guia de entrevista e entrevista, foi possível proceder à análise dos dados para responderem aos objetivos específicos estabelecidos para esta pesquisa.

Em relação ao primeiro objetivo específico, *avaliar as atividades que trabalham as modalidades esportivas com os alunos*, observou-se que a escola não desenvolve práticas esportivas baseadas em suas regras e fundamentos, em virtude de reforma estrutural da quadra poliesportiva. Os esportes estão ausentes apenas nas aulas práticas, no entanto, a coordenadora propõe a utilização de aulas teóricas e vídeos, que inclusive contribuirão como alicerce para a realização de provas teóricas, não previstas quando a disciplina era desenvolvida exclusivamente na quadra.

Os critérios para a escolha dos conteúdos dentro do planejamento curricular, levarão em consideração o perfil dos alunos do 6º ano do ensino fundamental, sendo as atividades esportivas adequadas ao presente contexto escolar, dentro das suas limitações.

Como destaca a coordenadora pedagógica, os esportes tem grande importância para os alunos, contudo devem ser observados aspectos específicos como a motricidade e a atual fase de desenvolvimento dos alunos, que ainda estão na infância, o que permite dizer que o comportamento motor ainda está em desenvolvimento, não sendo indicado o trabalho para o aprimoramento de habilidades motoras esportivas para a performance.

Notou-se que são tomadas as providências para que os alunos do 6º ano vivenciem algo em termos práticos, que se assemelhe aos esportes, sem as regras e fundamentos. Os jogos esportivos inicialmente são escolhidos como opção à prática dos esportes.

De acordo com o professor, as aulas na escola seguem as indicações dos PCN's da Educação Física, que divide as temáticas em blocos de conteúdos, mesclando os esportes às outras temáticas da cultura corporal do movimento, em virtude do processo de requalificação da quadra.

A importância do esporte é reconhecida dentro da escola, sendo estes reconfigurados como jogos esportivos, com regras mais flexíveis, sem necessariamente apontar um vencedor ou perdedor. A proposta dos jogos é instigar os alunos a refletirem sobre os significados de possíveis resultados, que agradarão a uns, e a outros não. Nas aulas desenvolvidas pelo professor, a participação é bastante valorizada, considerando estarem comprometidas práticas esportivas em seu contexto olímpico, os jogos esportivos se mostram como excelentes dinâmicas que se aproximam dos esportes.

Percebeu-se também o esforço do professor ao criar brincadeiras para os alunos, no intuito de enriquecer e diversificar mais ainda as aulas de Educação Física, mostrando-se essa temática, uma importante opção ante a impossibilidade prática dos esportes. Com a inserção das brincadeiras, os esportes são mais aprofundados nas aulas teóricas.

Destaca-se também, a metodologia utilizada pelo docente nas aulas teóricas sobre as temáticas esportivas, que são problematizadas sob um enfoque crítico, levando o aluno a pensar e refletir sobre o esporte dentro e fora da escola, visualizando-se como um ser autônomo que questiona ‘o que faz’ e ‘com qual motivação o faz’, objetivando assim a emancipação dos alunos.

Viu-se também uma preocupação da escola em dar suporte às aulas de Educação Física, não somente no sentido de improvisar materiais, como também oferecer recursos tecnológicos, que inclusive servem para a avaliação das aulas que trabalham as modalidades esportivas no campo teórico: vale ressaltar, que são poucas as escolas que disponibilizam recursos tecnológicos, internet, e permitem o uso de smartphones (no momento das aulas de Educação Física). A escola reconhece que o uso de tecnologias amplia os saberes dos alunos, principalmente na questão dos conhecimentos corporais e práticas de saúde.

A inserção da tecnologia não somente permitiu aos alunos à ampliação dos conhecimentos sobre os esportes e Educação Física, como tornou possível algo até então considerado ‘impossível’ de acontecer em uma disciplina de caráter eminentemente prático: a avaliação digital e o aprimoramento das aulas teóricas, que não instituição não se resume apenas na leitura de livros. No entanto, escola continua mantendo a avaliação prática, por acreditar no equilíbrio que deve existir entre aulas teóricas e práticas, vez que, a dimensão procedimental só pode ser acessada através das vivências das aulas práticas, assim como as dimensões conceituais e atitudinais são explanadas mediante as aulas teóricas.

Foi possível constatar, que a escola valoriza o processo de avaliação continuada, e que os alunos, assim como é feito em todas as disciplinas, se submeterão a mais de uma avaliação, no caso da Educação Física, a avaliação teórica contribui para desmistificar a visão que se tem da disciplina, que se faz necessário apenas ter uma boa frequência para obter a aprovação.

De acordo com o professor, não basta aos alunos apenas conhecer e praticar os esportes: é necessário que estes saibam também desenvolver o respeito e uma conduta ética, tanto nas aulas quanto no cotidiano extraescolar. Por isso as aulas tem uma preocupação em não destacar um vencedor, e quando tem a necessidade de apresentar, como no caso dos jogos esportivos, substitutos ‘naturais’ do esporte, as aulas devem propor reflexões a respeito

dos mais diversos resultados que as situações competitivas e cooperativas envolvendo os esportes, jogos esportivos e outras temáticas podem apresentar.

Em relação aos alunos, percebeu-se que estes se mostram receptivos aos jogos e brincadeiras, destacando estas aulas como divertidas e motivadoras. Em virtude da impossibilidade prática, os discentes acolheram bem as aulas teóricas e videoaulas sobre as diversas temáticas esportivas, e que as substituições propostas às modalidades esportivas que são praticadas na quadra foram bem aceitas, a exemplo do jogo de peteca tão relevante quanto o futebol, para grande parte dos alunos do 6º ano.

Percebeu-se também que a cultura dos jogos esportivos, a exemplo do jogo queimada, continua presente na escola. Entretanto, a aula é passível de modificações, sendo desenvolvida tanto como jogo competitivo, quanto jogo cooperativo. Com isso, o docente mostra que os jogos também podem figurar como atividades comunitárias, ainda que concebidos originalmente com fins de competição: o conceito da união de pessoas, nesse caso não é só agregar, mas unir esforços para alcançar algo benéfico para todos os envolvidos.

Ficou claro nas respostas dos alunos à entrevista, que os esportes para estes vão além de uma prática motora que objetiva a vitória como único resultado possível e desejável, de modo que, a partir das aulas de Educação Física desenvolvidas na escola, o aluno pode compreender e criar um juízo de valor a respeito dos esportes, admitindo outras maneiras de praticá-lo, associando-os também às outras temáticas da cultura corporal.

Nesse cenário, é possível destacar que as atividades que trabalham as modalidades esportivas com os alunos, ocorrem mediante a utilização de aulas teóricas, sendo os esportes substituídos por jogos e brincadeiras nas aulas práticas. Diante da nova configuração das atividades esportivas foi possível perceber uma maior motivação dos alunos pelas aulas de Educação Física e consequente melhora no aprendizado em virtude de aulas teóricas e com recursos tecnológicos.

Quanto ao alcance do segundo objetivo, *verificar e relatar a existência de outros elementos da cultura corporal do movimento nas aulas*, constatou-se que o docente utiliza outras temáticas além dos esportes em suas aulas, o que contribui para enriquecer as aulas de Educação Física, tornando-as mais motivadoras e atraentes.

Diante da reforma estrutural que passa a quadra poliesportiva da escola, é impossível que as aulas de Educação Física girem apenas em torno do futebol, vôlei e basquete. A existência de outras temáticas é uma necessidade ante a situação que inviabiliza a prática esportiva. A inserção de jogos, brincadeiras, ginásticas, danças e lutas contribui para o

enriquecimento das aulas e conseqüente valorização do currículo da disciplina dentro da escola.

Notou-se que, a presença da dança e da luta, temáticas que costumam ser estigmatizadas no âmbito da Educação Física escolar, é destacada através de um projeto chamado 'Maculelê'. O nome do projeto faz menção a uma dança afro-indígena que teve origem no recôncavo baiano, que também é uma luta: a mistura dos dois elementos temáticos permite aos alunos não só vivenciar a prática, como também compreender os traços histórico-culturais dessa herança da ancestralidade.

Percebeu-se também a preocupação da coordenadora pedagógica, no sentido de improvisar materiais para garantir a ocorrência de algumas temáticas. Há um esforço em se providenciar, fitas, bambolês, bolas plásticas, visando garantir a prática da ginástica rítmica como uma oficina na escola. Desse modo, fica garantida a prática da temática, que costuma não elencar as aulas na maioria das escolas, em virtude de serem os materiais originais caros/escassos.

Viu-se também uma consonância de ideias entre a coordenadora pedagógica e o professor, no momento que os outros elementos da cultura corpórea eram planejados para ocorrer no contexto escolar: as atividades consideram a faixa etária dos alunos, assim como, atendem às necessidades do docente.

A escola valoriza os jogos e brincadeiras populares, o docente inclusive desenvolve aulas com atividades que são transmitidas entre gerações. Foi dada uma ênfase aos jogos cooperativos, no intuito de frear as competições oriundas dos jogos tradicionais e esportes.

Observou-se que o professor não teve dificuldades em desenvolver as aulas que não utilizem a bola como instrumento, tendo em conta que os alunos estão cientes das restrições quanto a prática esportiva na escola. O professor também explica que as aulas de Educação Física não podem orbitar apenas em torno dos esportes que adotem a bola como instrumento, e esclarece que a bola não é um instrumento a serviço dos esportes, mas atende quando necessário, às outras temáticas da cultura corporal do movimento.

É importante destacar a preocupação do docente em transmitir os conhecimentos sobre o corpo e as práticas de saúde e higiene para os seus alunos, seguindo assim o que é preconizado pelos PCN's da Educação Física, garantindo aos alunos o acesso aos conhecimentos sobre anatomia, fisiologia e bioquímica.

As opiniões dos alunos deixam claro que a vivência com os novos jogos, os fez pensar e refletir sobre a prática esportiva dentro da escola, e a possibilidade de experimentarem as outras temáticas da cultura corpórea. O projeto Maculelê ajudou aos

alunos a reconhecerem uma determinada prática não apenas como a reprodução de um movimento, mas como um fenômeno sócio-histórico-cultural que vai além da compreensão analítica que é feita na leitura de uma aula prática de esportes com seus fundamentos, considerando ser o Maculelê além de uma dança e além de uma luta, traços marcantes da história de negros e índios, que através dessa arte expressaram (e ainda expressam) toda a cultura e folclore em torno negro que viveu entre os índios dando a sua vida para defender a tribo.

Quanto ao alcance do terceiro objetivo específico, *descrever das práticas pedagógicas, que utilizam a cooperação, que contribuem para o desenvolvimento do aluno*, concluiu-se que nas aulas de Educação Física se utilizam os jogos e brincadeiras, adequando-os ao contexto dos jogos cooperativos, que contribuem para o desenvolvimento não apenas do aspecto físico, assim como favorece aos aspectos social, afetivo, psicomotor e cognitivo, reforçando nos alunos os valores e atitudes de respeito, solidariedade, espírito de equipe, tornando assim a turma do 6º ano mais unida. Notou-se também, que ao utilizar os jogos cooperativos o professor conseguiu fazer com que os alunos trabalhassem não somente para vencer, mas principalmente, para alcançarem benefícios mútuos em consequência da prática com os novos jogos.

De acordo com a coordenadora pedagógica, as atividades que estão elencadas no planejamento curricular da disciplina, sofrem um tratamento pedagógico, quando desenvolvidas pelo docente, que por sua vez, demonstra saber dar um equilíbrio entre as situações competitivas e cooperativas que permeiam as aulas de Educação Física. Existe confiança entre a coordenadora e o professor, de modo que, os conteúdos definidos no planejamento são reproduzidos com fidelidade nas aulas. É notório também, que em virtude do comportamento competitivo remanescente das práticas esportivas entre os alunos contribuiu para que os jogos esportivos e tradicionais fossem desenvolvidos com um enfoque cooperativo. O professor destaca que houve uma necessidade de reconfigurar os jogos convencionais e esportivos para atividades cooperativas, vez que tais práticas não estavam desenvolvendo nos alunos as características de um trabalho em equipe, em um contexto comunitário.

Nesse sentido, pode-se afirmar ainda que foram empregados jogos sem perdedores e jogos de resultado coletivo, pois em virtude de sua prática, os alunos consolidariam a consciência de cooperação, que permeia todas as relações sociais, nas quais para se alcançar a vitória, faz-se necessário o esforço de todos, juntos convergentes em um mesmo sentido.

Viu-se também que há uma modificação das regras e objetivos dos jogos, condição essa, a ser observada em virtude do desenvolvimento de atividades cooperativas, que não necessitam de regras rígidas nem tampouco da relação vencedor/vencido.

A pedagoga sugere as atividades e o docente procede às modificações: percebeu-se as atividades cooperativas abrem campo para que sejam levantados questionamentos em torno de questões conceituais e atitudinais envolvendo os jogos e brincadeiras, vistos de outra maneira, sob a ótica da cooperação.

As respostas das entrevistas dos alunos mostram que os jogos cooperativos são a melhor maneira de se trabalhar em equipe. Todos os alunos afirmaram realizar as atividades cooperativas, sendo que nenhum deles criticou os jogos que levam os seguintes nomes: pique-bandeira, bambolê ball, minhocão, jogo da matemática e nunca três.

Percebeu-se ainda que, em sua maioria, os alunos mostram-se satisfeitos em realizar uma atividade que não apresente vencedor no final, considerando que nas atividades esportivas e jogos tradicionais, o final da atividade é o ponto clímax, algo diferente do que é observado nos jogos cooperativos, nos quais todos os momentos da sua prática são importantes, e no final todos são vencedores. Assim, é possível concluir que os jogos sem perdedores colaboram para desenvolver nos alunos a consciência grupal.

Enfim, após serem expostas as respostas dos objetivos específicos, se discorre finalmente sobre o objetivo geral, *analisar a prática do esporte como instrumento de cooperação entre os alunos do 6º ano do ensino fundamental da Escola Estadual Maria Amélia Santos na disciplina Educação Física*. O qual concluiu que, a transformação dos esportes em jogos e brincadeiras, cuja ênfase é dada na cooperação entre os alunos, permitiu aos esportes serem utilizados como instrumentos pedagógicos para o desenvolvimento do trabalho em equipe, união e solidariedade entre os alunos.

Pode-se afirmar ainda, que o uso dos esportes desvinculados das suas regras oficiais, fundamentos, técnicas e táticas, contribuem para que os alunos desenvolvam uma visão mais ampla a respeito do fenômeno esportivo, não sendo visto este, apenas como uma prática corporal de rendimento.

Por meio das entrevistas, percebe-se que existem outras maneiras de se desenvolver os esportes em âmbito escolar. A situação de reforma estrutural da quadra poliesportiva, inviabilizou a prática das modalidades esportivas, no entanto, possibilitou a sua explanação em nível teórico, algo que até então não era cogitado no planejamento da disciplina.

Diante disso, observou-se que o desenvolvimento de novas aulas teóricas com os esportes, tornou possível aos alunos conhecerem e refletirem sobre a temática esportiva, que

antes era vista apenas sob o enfoque prático, o que ajuda a construir uma visão crítica nos alunos, que passam a questionar as motivações de estarem realizando uma determinada prática corporal, deixando para trás uma postura passiva, de meros reprodutores de conteúdos.

As entrevistas mostram que, embora os esportes não sejam desenvolvidos como modalidades nas aulas práticas, eles servem de inspiração para que os jogos esportivos sejam elaborados, adaptando algumas regras ao contexto escolar, vai mais além, quando utilizados como instrumentos de cooperação, mediante a prática de jogos e brincadeiras populares que não se baseiam em regras esportivas, e estipulem resultados que apontem um vencedor. Assim sendo, a análise feita sobre os esportes, destacam que estes servem como instrumentos de cooperação entre os alunos, quando desvinculados das suas regras, bem como da apresentação de um resultado final, que favorece a um indivíduo/grupo em detrimento de outro(s).

Ante o exposto, concluiu-se que mesmo sendo os esportes, atividades que são regulamentadas, de caráter competitivo e apontem um único vencedor, seja em termos individuais ou coletivos, é importante que dentro da escola seja modificada essa visão, vez que, ao adentrar a quadra da escola os esportes não se resumem a uma prática corporal que objetiva rendimento e resultados positivos, mas, um instrumento que, ao ser desenvolvido sob o enfoque cooperativo, proporciona aos alunos um desenvolvimento pleno, indo além do aprimoramento de capacidades e habilidades motoras, promovendo a desenvoltura dos aspectos sociais, afetivos e cognitivos dos alunos.

Por todas as informações aqui destacadas, finaliza-se concluindo que o Esporte é uma unidade temática da Educação Física, e a sua importância vai além do que mostra o seu conjunto de regras e fundamentos, sendo na escola, um instrumento de cooperação capaz de desenvolver os aspectos físico, psíquico, social e moral dos educandos, que, quando trabalhados na perspectiva de um jogo cooperativo, contribuem para que haja um fortalecimento nos laços de amizade, respeito mútuo, companheirismo, solidariedade, e a consciência coletiva pautada no princípio de que juntos todos vencem.

PROPOSTAS

As propostas desta dissertação, estão direcionadas a todos os professores de Educação Física, em especial, aqueles que atuam no ensino fundamental das redes estadual, municipal e particular de ensino, em extensivo para a coordenadora pedagógica e o professor

de Educação Física da Escola Estadual Maria Amélia Santos, que serviu de campo para a presente investigação e se preocupou em utilizar o esporte como instrumento de cooperação para os alunos do 6º ano nas aulas de Educação Física.

Diante dos resultados adquiridos através deste estudo, se fazem necessárias algumas recomendações com a intenção de contribuir ainda mais com a prática pedagógica do professor de Educação Física, referente ao trabalho que é feito a partir do uso do esporte como instrumento de cooperação.

Nesse sentido, é recomendado:

- 1- Definir no planejamento curricular as modificações para as aulas práticas que envolvam os esportes;
- 2- Inserir temáticas que não estejam presentes no cotidiano das aulas de Educação Física;
- 3- Trabalhar mais jogos e brincadeiras;
- 4- Utilizar mais a pedagogia dos jogos cooperativos.

Abaixo se especificam as ações necessárias para o desenvolvimento de cada um dos componentes propostos.

- 1- Definir no planejamento curricular as modificações para as aulas práticas que envolvam os esportes.
 - Atuação da coordenadora pedagógica no estabelecimento de novas dinâmicas para os esportes, sem perder de vista a faixa etária dos alunos do 6º ano do ensino fundamental;
 - Implementação por parte do professor de aulas práticas diversificadas que favoreçam a desenvoltura do esporte com padrões diferenciados do institucional;
 - Buscar com outros professores modelos de aula que obtiveram êxito na transformação do esporte em contexto escolar.
- 2- Inserir temáticas que não estejam presentes no cotidiano das aulas de Educação Física.
 - Ofertar aos alunos atividades que trabalhem o intelecto, a exemplo do Xadrez e Dama;

- Desenvolver oficinas musicais com os mais diversos ritmos, como Hip-hop, Funk, Forró e Axé-music, com a intenção de fomentar a prática da dança, através de apresentações coreográficas;
- Abrir espaço para as práticas corporais de aventura, como o Skate, Patins e Bicicleta permitindo a inserção de brinquedos urbanos no contexto escolar.

3- Trabalhar mais jogos e brincadeiras;

- Desenvolver com os alunos os jogos e brincadeiras transmitidos de geração para geração;
- Estimular os alunos a criarem as suas próprias brincadeiras, de modo que estas possam ser aplicadas nas aulas;
- Reinventar as brincadeiras já existentes, criando novas maneiras de desenvolvê-las, de modo que as torne mais atrativas e motivadoras.

4- Utilizar mais a pedagogia dos jogos cooperativos.

- Realizar aulas com os esportes, mantendo as suas regras, sem estabelecer vencedores no final da atividade;
- Mesclar sempre as equipes, de modo que os alunos possam interagir uns com os outros, evitando formar equipes com jogadores muito habilidosos;
- Trabalhar mais jogos cooperativos com resultado coletivo, favorecendo a cultura da gincana nas aulas de Educação Física.

Portanto, por meio desta pesquisa, foi possível projetar o uso do esporte como instrumento de cooperação entre os alunos nas aulas de Educação Física, algo de suma importância, considerando que se vive hoje em uma sociedade extremamente competitiva, que valoriza apenas o vencer, ficando claro a necessidade de modificar essa conduta nas aulas de Educação Física, na escola e na sociedade. Para tanto ao se destacar a necessidade de cooperarmos uns com os outros, tendo em vista que nenhum ser humano vive só, fornecemos o alicerce para a construção do caráter do sujeito social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Almeida, S. T. (2012). *Explorando diferentes materiais nas aulas de educação física*. Rio Grande do Sul: EDIPUCRS.
- Almeida, U. R.; Silva, F. M.(2013). *A Produção de um material curricular de ginástica geral e seus efeitos na prática pedagógica de um professor de Educação Física Escolar*. Várzea Paulista: Fontoura, p.141- 170.
- Alvarenga, E. M. de (2019). *Metodologia da investigação quantitativa e qualitativa. Normas e técnicas de apresentação de trabalhos científicos*. Versão em português. César Amarilha. 2ª ed. Assunção, Paraguai.
- Alves, H. (2012). *Especialização esportiva precoce: uma revisão*. *EFDeportes.com*, Revista Digital. Buenos Aires - Año 17 -Nº 169
- Ander-egg, E. (2003). *Métodos y Técnicas de Investigación Social*. Política, servicios y trabajo social. Ed. Lumen.
- Andrade, M. M. (2009). *Introdução à metodologia do trabalho científico*. 8ª ed. São Paulo: Atlas.
- André, M.(2011). *Pesquisas sobre Formação de Professores: tensões e perspectivas do campo*. In: *Formação de Professores, Culturas: desafios á Pós-graduação em Educação em suas múltiplas dimensões/ Helena Amaral da Fontoura e Marcos Silva (orgs)*. Rio de Janeiro: ANPED Nacional.
- Antonio, J.C. (2014). *A escola nativa digital e seus professores órfãos pedagógicos*. Professor Digital, SBO, v.17.
- Antunes, C. (2013). *Jogos para estimulação das múltiplas inteligências*. 19 ed. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Araújo, A.C.(2012). *Elementos do pós moderno na representação do esporte no cinema contemporâneo*. 153 f. Tese (Doutorado em Comunicação) - UFPE, Recife.
- Arruda, E.O.; Santos, C.F.(2017). *Cultura corporal do movimento e a inclusão nas aulas de educação física* – Revista Gestão Universitária.
- Athayde, R. (2016). *Jogos digitais na educação física escolar: just dance now vai para sala de aula*. (pós-graduação em educação na cultura digital). UFSC. Disponível em:<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/167303/TCC_Athayde.pdf?sequence=1> Acesso em: 15 de abr de 2019.

- Atlas de Desenvolvimento Humano no Brasil. Salvador, BA. Disponível em: <http://www.atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil_m/salvador_ba#demografia>. Acesso em: 31 de maio de 2019.
- Avila, L. T. G.; Frison, L. M. B.(2012).*Educação física na educação infantil: estratégias para promover a aprendizagem autorregulada*. *Revista de Educação PUC-Campinas*, v.17, n.2. Disponível em:<<http://periodicos.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/reeducacao/article/view/996>> Acesso em: 23 fev. 2019.
- Azevedo, F. (1920). *Da educação physica: o que ela é, o que tem sido, o que deveria ser*. São Paulo: Weiszflog Irmãos.
- Azevedo, R. R.; Bergmann, G. G. (2013). *O esporte e seu protagonismo na Educação Física escolar: experiências e reflexões do programa institucional de bolsas de iniciação à docência*. Universidade Caxias do Sul – Rio Grande do Sul.
- Bagnara, I.C. (2013). *A seleção de conteúdos na Educação Física escolar*. Fiep Bulletin.
- Bandeira, G.(2013). *A.Homofobia, Masculinidade e Esporte. O caso Michael*. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero, Anais p.1-10, Florianópolis.
- Baracho, A.; Gripp, F.; Lima, M. (2012). *Os exergames e a educação física escolar na cultura digital*. *Rev. Bras. Ciênc. Esporte*, Florianópolis, v.34, n. 1, pp. 111-126, jan./mar.
- Barros, A. J. da S. (2007). *Fundamentos de metodologia científica*. 3ª ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall.
- Barroso, A. L. R.; Berne, C. R.; Santos, B. Z.; Cirvidiu, R. S.(2013). *Dimensões do conteúdo do esporte na Educação Física Escolar- EFDeportes*, *Revista Digital – Buenos Aires*, Ano 17, nº 178.
- Barroso, A. L. R.(2015). *Educação Física Escolar: Uma Proposta de Classificação dos Conteúdos Jogo, Esporte, Ginástica, Dança e Luta*. IX Congresso Internacional de Educação Física e Motricidade Humana XV Simpósio Paulista de Educação Física - São Paulo.
- Bardin, L.(2011). *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições.
- Base Nacional Comum Curricular (2018). *Educação Física*. Disponível em:< <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>>. Acesso em 02 de agosto de 2019.
- Bertini J. N.; Tassoni, E. C. M. (2013). *A educação física, o docente e a escola: concepções e práticas pedagógicas*. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo v. 27, n. 3, pp. 467-470, Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/63117>>. Acesso em: 07 de março de 2019.

- Bickel, E.A; Marques, M.G.; Santos, G.A. (2012) *.Esporte e sociedade: a construção de valores na prática esportiva em projetos sociais*. EFDeportes, Revista Digital – Buenos Aires, Ano 17, nº 171.
- Bicudo, M.A.V. (2011). “A pesquisa em Educação Matemática: a prevalência da pesquisa qualitativa”. In: Revista Brasileira de Ensino de Ciência e Tecnologia. Ponta Grossa: Vol.5.
- Brasil.(1961). *Lei 4024 de 20 de Dezembro de 1961. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/CCIVIL_03/leis/L4024.htm. Acesso em: 29 de março de 2019.
- _____ (1971). *Decreto nº 69450, de 01 de novembro de 1971. Brasília*. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/D69450.htm>. Acesso em: 21 de fev de 2019.
- _____ (1990). *Lei nº 8.069. Estatuto da Criança e do Adolescente. ECA*
- _____ (1996). *Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília*. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm>. Acesso em: 21 de fev de 2019.
- _____ (1998).*Lei nº9.696, de 1 de setembro de 1998. Brasília*. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19696.htm>. Acesso em: 26 de fev de 2019.
- _____ (1997). *Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental*. Brasília, MEC/SEF.
- _____ (1998). *Ministério da Educação. Parâmetros curriculares nacionais: educação física*. Brasília: SEF, 114P.
- _____ (1999). *Ministério da Educação. Parâmetros curriculares nacionais: adaptações curriculares*. Brasília, MEC/SEF.
- _____ (2004). *Ministério da Educação. Parecer nº: CES 07/2004*. Brasília: MEC. Disponível em:<<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/ces0704edfisica.pdf>>. Acesso em: 21 de fev de 2019.
- _____ (2005). *Ministério da Educação. Parecer nº: CNE 400/2005*. Brasília: MEC. Disponível em:<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/pces0400_05.pdf>. Acesso em: 21 de fev de 2019.
- _____ (2010). *Conselho Nacional de Educação.Diretrizes Curriculares Nacionais – Ensino Fundamental*. Brasília: MEC. Disponível em:<http://portal.mec.gov.br/cne/dmdocuments/rceb007_10.pdf>. Acesso em: 19 de ago de 2019.

- _____. (2012). *Ministério da Educação*. Manual de Orientação Pedagógica. Brinquedos e Brincadeiras. Brasília: MEC. Disponível em:<http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/publicacao_brinquedo_e_brincadeiras_completa.pdf>. Acesso em: 26 de fev de 2019.
- _____. (2018). *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC. Disponível em:<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_verseofinal_site.pdf>. Acesso em: 19 de ago de 2019.
- Broto, F. O. (1999). *Jogos Cooperativos*. São Paulo: Ed. Projeto Cooperação.
- Brougère, G. (1995). *Brinquedo e cultura*. São Paulo: Cortez.
- Brougère, G. (1998) *Jogo e Educação*. Porto Alegre: Artes Medicas.
- Buendia, E. (1998). *Métodos de investigação em psicopedagogia*. McGraw-Hill, México.
- Caillois, R. (1958). *Os jogos e os Homens: A máscara e a vertigem*. Lisboa: Edições Cotovia.
- Camargo, G. S. (2016). *Esporte na educação física escolar: fair play, mídia e o que mais?* 126f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação, Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba.
- Campoy, A. T. J. (2016). *Metodología de la investigación científica*. Manual para la elaboración de tesis y trabajos de investigación. Asuncion, Py: Marben.
- Campoy, A. T. J. (2018). *Metodología de la Investigación Científica. Manual para elaboración de Tesis y trabajos de Investigación*. Asunción, Paraguay: Marben.
- Carlan, P; Kunz, E; Fensterseifer, P. E. (2012). *O esporte como conteúdo da educação física escolar: estudo de caso de uma prática pedagógica “inovadora”* – Revista Movimento – UFGRS – Rio Grande do Sul.
- Cervo, A. L. (2007). *Metodologia científica*. 6ª ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall.
- Chizzoti, A. (2003). *Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais*. evolução e desafios. São Paulo: Revista Portuguesa de Educação.
- Chizzoti, A. (2006). *Pesquisa em ciencias humanas e sociais*. 8ª ed. São Paulo, Brasil. Editora Cortez.
- Coletivo de Autores (2012). *Metodologia do ensino da educação física*. São Paulo: Ed. Cortez.
- Cória-Sabini, M. A.; Lucena, R. F. (2012). *Jogos e brincadeiras na Educação Infantil*. 6 ed. Campinas, SP. Papyrus.

- Costa, T.Y. (2013). *Tropa de Elite: Construção do Masculino e Heteronormatividade*. In: Bragança, M.; Tedesco, M.C.(Orgs.). *Corpos em projeção: Gênero e sexualidade no cinema latino-americano*. 7 ed. Rio de Janeiro: Letras.
- Costa, F. A.; Fradão, S. (2012) *Desafios e competências do e-formador*. In: Buttentuit Junior, J. B.; Coutinho, C. P. (Org.). *Educação online: conceitos, metodologias, ferramentas e aplicações*. Curitiba: CRV, pp.27-39.
- Cruz Junior, G. (2014). *Burlando o círculo mágico: o esporte no bojo da gamificação*. Movimento, v. 20, n. 3, pp.941-963, jul./set.
- Da Conceição, D. M. (2014). *Estudante-atleta: caminhos e descaminhos no futebol - entre o vestiário e o banco escolar*. Trabalho de Conclusão de Curso, Departamento de Antropologia e Sociologia e Ciência Política, UFSC: Florianópolis.
- Declaração de Salamanca (1994). *Linha de ação sobre necessidades educativas especiais*. Brasília: CORDE.
- Delors, J.(2012). *Educação um tesouro a descobrir – Relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI*. Editora Cortez, 7ª ed.
- Dubet, F. (2014). *Injustiças. As experiências das desigualdades no trabalho*. Florianópolis. Ed. UFSC.
- Duprat, M. C. (2014). *Ludicidade na educação infantil*. São Paulo: Pearson Education do Brasil.
- Fante, C. (2012). *Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz*. 7. ed. Campinas: Verus.
- Fernandes. A. H. (2012) *A televisão e o cenário do conhecimento das crianças na contemporaneidade*. TEIAS: Rio de Janeiro.
- Ferreira, A. F. (2014). *Os jogos digitais como apoio pedagógico nas aulas de educação física escolar pautadas no currículo do Estado de São Paulo* Rio Claro. Disponível em:<<http://repositorio.unesp.br/handle/11449/108686>>. Acesso em 29 de abril de 2019.
- Filho, I. B.; Jesus, L.L.; Araújo, L.G. S. (2012). *Atividade física e seus benefícios à saúde*. INESUL – FAEMA.
- Flick, U. (2009). *Introdução à pesquisa qualitativa*. 3ª ed. São Paulo, Brasil. Ed. Artmed.
- Freire, J.B.(1994). *Educação de corpo inteiro: teoria e prática da Educação Física*. 4 ed. São Paulo, SP: Scipione.
- Freire, J.B. (1997). *Educação de corpo inteiro: teoria e prática da Educação Física*. São Paulo, Scipione.
- Freire, J.B. (1998). *Pedagogia do Futebol*. Rio de Janeiro: Ney Pereira.

- Freire, J. B. (2002). *O Jogo: entre o riso e o choro*. Campinas, SP: Autores.
- Freire, J.B. (2002). *Pedagogia do esporte*. In: Moreira. W.W. Fenômeno esportivo no início de um novo milênio. Piracicaba: Artmed.
- Freire, P. (1983). *Pedagogia do oprimido*. 13. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Freire, P. (1996). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 16. ed. Paz e Terra.
- Freire, P. (2001). *A educação na cidade*. 5ª. ed. São Paulo: Cortez.
- Freire, P. (2006). *Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e Terra.
- Freire, P. (2011). *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 43. ed. São Paulo: Paz e Terra.
- Freitas, M. K. (2012) *Critérios de seleção de conteúdos para as aulas de Educação Física – UFRGS – Rio Grande do Sul*.
- Gallahue, D. L.; Ozmun, J. C.; Goodway, J. D. (2013). *Compreendendo o Desenvolvimento Motor: Bebês, Crianças, Adolescentes e Adultos*. AMGH Editora Ltda.
- Gil, A. C. (2002). *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4ª ed. São Paulo: Atlas.
- Gil, A. C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6ª. ed. São Paulo: Atlas.
- Gil, A. C.(2011). *Metodologia do ensino superior*. 8ª ed. São Paulo: Atlas.
- Gil, A.C. (2014). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo. Ed. Atlas SA, 11ª ed. São Paulo: Atlas.
- Godoy, A. S. (2015). *Introdução a pesquisa qualitativa e suas possibilidades*. In: Revista de Administração de Empresas. São Paulo.
- Gomes, A.A.; Magalhães, N.C.; Maia, P.P. (2015). A avaliação do desenvolvimento motor na fase fundamental em uma instituição de ensino em Pirajuí/SP – Estudo comparativo. Unisalesiano – Lins.
- Gomes, S. S. (2012). *Formação de professores e letramento digital*. In: Núcleo Pr@xis. Anais Ciclo de Palestras: Construindo Redes, Educação e Tecnologia. Relatório Prodocência UFMG/CAPES. pp.1-10.
- Gomes, S. S.(2013). *Brincar em Tempos Digitais*. In:Presença Pedagógica. Belo Horizonte MG, v. 19, n. 113, pp.45-51, set/out. Bimestral.
- Gonzáles Arroyo, M. (2008). *Indagações sobre currículo: seus direitos e o currículo*. Brasília: MEC/SEB.

- González, F. J.; Schwengber, M. S. V. (2012). *Prática Pedagógica em Educação Física: Espaço, tempo e corporeidade*. Erechim: Eldebra.
- González, J. A. T. Fernández, A. H., Camargo, C. B. (2014). *Aspectos fundamentais da pesquisa científica*. Paraguay: Editora Marben Assunción.
- Henkel, P. M.; Ilha, P. V. (2016). *Parâmetros curriculares nacionais – Educação Física: sua influência no planejamento das aulas nos anos iniciais do ensino fundamental*. Biomotriz, v.10, n. 01, p. 136-150, julho.
- Hoffman, W.; Vohs, K. D.; Baumeister, R. F. (2012). *What People Desire, Feel Conflicted About, and Try to Resist in Everyday Life*. Psychological Science. Vol. 23, No. 6, pp. 582-588. Disponível em <http://faculty.chicagobooth.edu/wilhelm.hofmann/publications/Hofmann_Vohs_Baumeister_2012.pdf> Acesso em: 26 de abr de 2019.
- Huizinga, J. (1992). *Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura*. São Paulo: Perspectiva.
- Huizinga, J. (2000). *Homo ludens: o jogo como elemento da cultura*. São Paulo: Perspectiva.
- Huizinga, J. (2001). *Homo ludens: o jogo como elemento da cultura*. São Paulo: Perspectiva.
- IBGE. (2017). *Síntese do estado da Bahia*. Recuperado de: <http://ibge.gov.br/estadosat/perfil.php?sigla=ba>. Acesso em: 16 de Mai de 2019.
- Jaco, J. F. (2012) Educação física escolar e gênero: diferentes maneiras de participar das aulas. 114f. Dissertação (mestrado)- Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- Jesus, J. G. (2012). *Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos*. Brasília. 42p. Disponível em: <<http://www.diversidadesesexual.com.br/wpcontent/uploads/2013/04/G%C3%8A-NERO-CONCEITOS-E-TERMOS.pdf>> Acesso em 29 de abril de 2019.
- Junior, A.B.G; Caputo, G.A. (2014). *A inclusão social e o esporte na infância: um estudo de caso no centro municipal de educação integrada de Penápolis*. Lins – São Paulo
- Junior, C. F.; Alvarenga, J. P. P.; Viana, M .A. S.; Neto, N. T. A. (2012) *A ginástica artística como conteúdo da educação física escolar*. Perspectivas On line. Campos dos Goytacazes, pp. 12-22.
- Kauark, F. Manhães, F. C.; Medeiros, C. H. (2010). *Metodologia da pesquisa: guia prático*. Itabuna: Via Litterarum.
- Kerscner, V.; Cauduro, M.T. (2013). *O conhecimento sobre o corpo nas aulas de educação física*. UFRGS. Disponível em <<https://www.efdeportes.com/efd180/o-conhecimento-sobre-o-corpo-nas-aulas.htm>> Acesso em 28/09/2019.
- Kishimoto, T. M. (1998). *O brincar e suas teorias*. São Paulo: Pioneiro.

- Kishimoto, T. M. (2008). *Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação*. 11. ed. São Paulo: Cortez.
- Kishimoto, T. M. (2011). *Jogo, brinquedo, brincadeira, e a educação*. 14ª ed. São Paulo.
- Knechtel, M^a. do R. (2014). *Metodologia da pesquisa em educação: uma abordagem teórico-prática dialogada*. Curitiba: InterSaberes.
- Kripka, R. M. L.; Scheller, M.; Bonotto, D. de L. (2015). *Pesquisa Documental: considerações sobre conceitos e características na Pesquisa Qualitativa*.
- Kuhlmann, Jr.M. (2015). *Infância e educação infantil: uma abordagem histórica*. 7ª ed. Porto Alegre: Mediação.
- Kunz, E. (2015). *Brincar e se-movimentar: tempos e espaços de vida da criança*. Ijuí: Ed. Unijuí.
- Lakatos, E. M.; Marconi, M. A. (2003). *Fundamentos de metodologia científica*. 5ª ed. São Paulo: Atlas.
- Lakatos, E. M.; Marconi, M. A. (2011). *Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados*. 7ª ed. São Paulo: Atlas.
- Lavega, P (2012). *Jogos esportivos tradicionais e saúde social*. INEFC. Universidad de Leida – España, pp. 35-43.
- Leão, L. M. (2016). *Metodologia do estudo e Pesquisa*. Petrópolis RJ: Vozes.
- Lepre, R. M.; Menin, M. S. S. (2013). *Educação moral na escola: caminhos para a construção da cidadania*. Disponível em: <http://www.artigocientifico.com.br/uploads/artc_1148701843_70.doc> Acesso em: 18 de mar de 2019.
- Lira, B. C. (2016). *Práticas Pedagógicas para o século XXI: A sociointeração digital e o humanismo ético*. Petrópolis, RJ.
- Lisboa, N. S.; Teixeira, D. R. (2012). *A Atualidade da Produção Científica sobre Ginástica Escolar no Brasil*. Conexões, Campinas, v.10, n. Especial, pp.1-9, dez.
- Lovisoló, H. R.; Borges, C. N. F.; Muniz, I. B. M. (2013). *Competição e Cooperação: na procura do equilíbrio*. Revista Brasileira de Ciência do Esporte. V. 35, n. 1, pp.129-143, jan./mar.
- Lüdke, M., André, M. A. S.(2014). *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. 15ª ed. São Paulo: EPU.
- Macagnan, L. D. G.; Betti, M. (2014). *Futebol: Representações e Práticas Escolares de fazer ensino fundamental*. In: Revista brasileira de Educação Física e Esporte, v.28, n. 2, pp. 315-27.

- Maia, M.C.; Mendonça, A. L.; Góes, P. (2005). *Metodologia de Ensino e Avaliação de Aprendizagem*. FGV- EAESP.
- Martins, V. F. y Paixão, J. A. (2014). *Trato com o Conteúdo Esporte nas Aulas de Educação Física Escolar:Do Discurso à Prática Atual*. Conexões: revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, Campinas, v. 12, n. 3, pp. 18-33, jul./set.
- Mascarenhas, S. A. (2012). *Metodologia científica*. São Paulo: Pearson Education do Brasil.
- Mattar, J. (2014) *Games em Educação: apostila para o curso de Pós-Graduação em Inovação e Gestão em EaD pela USP*. São Paulo: USP.
- Matos, J.; Hirama, L.; Galatti, L.; Montagner, P. C. (2015). *A Presença/Ausência do Conteúdo Lutas na Educação Física Escolar: Identificando Desafios e Propondo Sugestões*. Conexões. Campinas, v. 13, n. 2, pp. 119, abr./jun.
- Meirinhos, M. (2015) *Os desafios educativos da geraçãoNet*.Revistade Estudios e Investigación em Psicología y Educación, n.13, pp.125-129. OECD. Students, Computers and Learning: Making the Connection.Paris: OECD.
- Meneses, J. P. (2014) *Dente de leite S.A.: a indústria dos meninos bons de bola*. Barueri, SP: Amarilys.
- Minayo, M. C. de S.(org). Deslandes, S.F., Gomes, R. (2018). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 1ª reimpressão. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Miskolci, R (2012). *Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças*. Belo Horizonte: Autêntica Editora/UFPO, 80 p.
- Moraes, C.D. (2017) *A prática pedagógica do professor de Educação Física na Educação Infantil – Paraná*.
- Nascimento, B.B; Garces, S.B.B. (2013). *Educação Física ou rola bola? A percepção da comunidade escolar sobre as aulas de Educação Física – UNISINOS* - Disponível em <<https://www.efdeportes.com/efd178/educacao-fisica-ou-rola-bola.htm>>. Acesso em 28/09/2019.
- Navarro, M. S.; Prodócimo, E. (2012) *Brincar e mediação na escola*. Rev. Bras. Ciênc. Esporte, Florianópolis, v.34, n.3, p.633-648. Disponível em:<<http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/24351>> Acesso em 12 de fev de 2019.
- Neuenfeldt, D.J; Rataizk, C.R. (2017). *Instrumentos e critérios de avaliação utilizados pelos professores de aducação física nos anos finais do ensino fundamental*. Revista Kinesis, Santa Maria v.35 n.2, 2017, maio - ago. , p. 14– 22 Centro de Educação Física e Desporto – UFSM.

- Nista-Piccolo, V.L. (2012) *Esporte Como Conhecimento e Prática nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental*. 1ª. Ed. São Paulo: Cortez.
- Nista-Piccolo, V. L.; Moreira, W. W. (2012). *Corpo em movimento na Educação Infantil* – São Paulo: Cortez, 1 ed. (Coleção Educação Física escolar).
- Nunes L.O.; Fonseca D.G.; Bossle, C.B.; Bossle, F. (2017). *Planejamento de ensino e educação física: uma revisão de literatura em periódicos nacionais - Motrivivência*, Florianópolis/SC, v. 29, n. 52, p. 280-294, setembro.
- Organização Mundial da Saúde (2018) *A Classificação do vício em vídeos games como doença*. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/oms-inclui-vicio-em-videogame-em-classificacao-internacional-de-doencas/>>. Acesso em 26 de abr de 2019.
- Oliveira, H. M. (2013). *Jogos cooperativos e as aulas de Educação Física: Realidade das escolas de Formosa – Goiás*. FEF – UNB – Brasília – DF.
- Orlick, T. (1978) *Vencendo a competição*. São Paulo: Círculo do Livro.
- Orlick, T. (1989) *Vencendo a competição*. São Paulo: Círculo do Livro.
- Padilha, R. P. (2001). *Planejamento dialógico: como construir o Projeto Político-Pedagógico da escola*. São Paulo: Cortez, Instituto Paulo Freire.
- Peniche, R. M. (2015). *A Educação Física para o desenvolvimento motor em escolares do ensino fundamental*. UniCeub – Brasília.
- Perovano, D. G. (2016). *Manual de metodologia da pesquisa científica*. Curitiba: InterSaberes.
- Piaget, J. (1987). *O nascimento da inteligência na criança*. 4.ed. Rio de Janeiro: Guanabara.
- Piaget, J.A. (1998). *Psicologia da criança*. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Pradina, M. Z; e Santos, M. L. (2016). *A educação física escolar e as principais dificuldades apontadas por professores da área*. Horizontes – Revista de Educação, Dourados, MS, v.4, n.8, julho a dezembro.
- Prodanov, C.C., Freitas, E.C. de (2013). *Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico*. 2ª. ed. Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul - Brasil: Feevale.
- Querini, M. (2013). *Caderno Pedagógico – Jogos Cooperativos: Nova Tendência na Educação Física Escolar*. SEC/PDE – UTFPR - Curitiba – Paraná.
- Ravasio, M. H, Fuhr, A.P.O. (2013) *Infância e tecnologia: aproximações e dialogo*. ETD – Educ. temat. digit. Campinas, SP v.15 n.2 pp.220-229.
- Rocha, P.S.P. (2012). *Os conteúdos das aulas de educação física e os elementos que justificam a sua escolha. Refletindo a partir do discurso dos professores da rede pública*

estadual da Bahia. IEED - Disponível em <<https://www.efdeportes.com/efd172/os-conteudos-das-aulas-de-educacao-fisica.htm>>. Acesso em 27/09/2019.

- Roche, M. A. L. (2012) *Audiências infantis, capital escolar, mídia e representações sociais*. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Campinas/SP, Disponível em:<<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000854694>>. Acesso em: 25 de Abril de 2019.
- Rufino, L.G.B.; Darido, S.C. (2012). *Pedagogia do esporte e das Lutas na Escola: em busca de aproximações*. Rev. Bras. Educ. Fís. Esporte, São Paulo, v.26, n.2, p.283-300, abr./jun. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/rbefe/v26n2/11.pdf>>. Acesso em: 09 de Março de 2019.
- Rufino, L.G.B.; Darido, S.C. (2015). *O Ensino das Lutas na Escola: possibilidades para a Educação Física*. Porto Alegre. Penso.
- Sampieri, R. H. Collado, C. H., Lucio, P. B. (2006). *Metodologia de Pesquisa*. Tradução: Murad, F. C.Kassner, M.Ladeira, S.C.D.3ª ed. São Paulo. McGraw-Hill.
- Santos, J.; Oliveira, E. L. (2015). *As contribuições do Esporte para a Educação Física Escolar*. Revista Educação Física UNIFAFIBE, Ano IV – n. 3, p. 34-53 – dezembro.
- Santos, M. de F.O.; Gomes, J. D.O.; Santana, J.R.; Leal, J.A.M.; Isidoro, N.J.X (2018). *A carência de materiais nas aulas de educação física no ensino fundamental I: Desafios em uma escola da rede pública – V CONEDU – Universidade Regional do Cariri – Urca – Ceará*.
- Santos, S.C. (2017). *Jogos cooperativos e jogos competitivos: manifestações de suas características em um ambiente educativo*. – Dissertação de Mestrado – UMP – Piracicaba – São Paulo.
- Saviani, D.(2012) *Escola E Democracia-Comemorativa*. Autores Associados, Campinas.
- Schimidt, S; Petersen, M. A. (2013). *Pedagogia do consumo e a infância produto: discutindo as lições do kit escolar*. In: 36º Reunião Anual da Anped, Goiânia/GO, 2013.Disponível em: <http://36reuniao.anped.org.br/pdfs_trabalhos_aprovados/gt16_trabalhos_pdfs/gt16_3179_texto.pdf>. Acesso em: 21 de abr de 2019.
- Secretaria Executiva da Rede Nacional Primeira Infância (2014). *Exagero de tecnologia deixa crianças e adolescentes desconectados do mundo real*. Disponível em:<<http://primeirainfancia.org.br/exagero-de-tecnologia-deixa-criancas-e-adolescentes-desconectados-do-mundo-real/>>. Acesso em: 23 fev. 2019.
- Soares, E. R. (2012). *Educação Física no Brasil: da origem até os dias atuais*. EFDeportes, Revista Digital – Buenos Aires, Ano 17, nº 169.
- Sousa, A.B. (2005). *Investigação em Educação*. Lisboa: Livros Horizonte.

- Sousa, O. M. A. (2012). *O desenvolvimento dos jogos psicomotores na Educação Infantil*. 21 p. (Graduação em Pedagogia)-Universidade Estadual da Paraíba-UEPB-Centro de Educação. Campina Grande.
- Souza, T. V. A.; Torres, G. A. P.; Neto, M. D. B. (2013). *Educação Física Escolar: Soluções pedagógicas para as principais dificuldades encontradas pelos professores da educação básica*. Vol. 01, N° 01 – Setembro, Associação Brasileira de Incentivo à Ciência –ABRIC.
- Spréa, N. E; Garanhani, M. C. (2014). *A criança, as culturas infantis e o amplo sentido do termo brincadeira*. Diálogo Educacional, Curitiba, v.14, n. 43, pp. 717-735.
- Tallar, V.; Selow, M. L. C. (2016). *A importância dos jogos cooperativos no contexto escolar*. Centro Universitário UniDomBosco. Vitrine Prod. Acad., Curitiba, v.4, n.2, p.285-302, jul/dez.
- Tamagne, F. (2013). *Mutações homossexuais*. In: Courtine, J.J (Orgs.). História da virilidade: A virilidade em crise? Séculos XX-XXI. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Tani, G. (1998). *Aspectos básicos do Esporte e a Educação Motora*. In: Congresso Latino-americano de Educação Motora, Foz do Iguaçu, Anais... Campinas: UNICAMP:FEF/DEM, pp. 115-123.
- Tani, G. (2008). *Abordagem desenvolvimentista 20 anos depois*. Revista da Educação Física UEM Maringá, v. 19, n. 3, p. 313-331, 3 trim.
- Tardif, M. (2012). *Saberes docentes e formação profissional*. Petrópolis: Vozes.
- Uneb (2011). *Matriz curricular do curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Estadual da Bahia*. Disponível em:<<http://www.uneb.br/alagoinhas/dedc/educacao-fisica-licenciatura/estrutura-curricular/>>. Acesso em: 27 fev. 2019.
- Vargas, C.P. (2017). *Avaliação na educação física escolar: tensões para além das epistemologias*. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, (São Paulo) 2017 Out-Dez;31(4):819-34. Disponível em:<<http://dx.doi.org/10.11606/1807-5509201700040819>>. Acesso em: 02 mai. 2019.
- Vasconcellos, C. dos S. (2012) *Planejamento: Projeto de Ensino-Aprendizagem e Projeto Político-Pedagógico*. Ed 5/ 22ª ed. São Paulo: Libertad Editora.
- Veiga, N. A. (2002) *Geometrias, Currículo e Diferenças*. IN: Educação e Sociedade, Dossiê Diferenças.

ANEXOS

ANEXO 1: Plano Anual da Disciplina

Plano Anual de Educação Física

6º ano do Ensino Fundamental

Conteúdos Programáticos

Esportes Coletivos – Jogos – Dança – Ginástica – Lutas – Conhecimentos sobre o corpo

*Carnaval: de 28/02/2019 a 06/03/2019

1º Bimestre

Conteúdo/Semana	1ª semana	2ª semana	3ª semana	4ª semana
Esportes Coletivos	X	X	X	X
Jogos		X		X
Dança			X	
Ginástica			X	
Lutas				X
Conhecimentos sobre o corpo		X		

2º Bimestre

Conteúdo/Semana	1ª semana	2ª semana	3ª semana	4ª semana
Esportes Coletivos	X	X		
Jogos	X	X	X	X
Dança			X	
Ginástica			X	
Lutas		X		
Conhecimentos sobre o corpo		X	X	

**Recesso Junino: de 20/06/2019 a 07/06/2019

3º Bimestre

Conteúdo/Semana	1ª semana	2ª semana	3ª semana	4ª semana
Esportes Coletivos				
Jogos	X	X	X	X
Dança	X			
Ginástica			X	
Lutas				
Conhecimentos sobre o corpo	X	X	X	X

4º Bimestre (a definir)

Professor: Luiz Paschoa

Colégio Estadual Maria Amélia Santos
 Port. 1252 D.O. 22/02/1977
 Código 1102747 Direc 1/3
 End. Conjunto ACM, s/n - São Marcos
 Salvador - BA
 CEP: 41.253 - 260 Tel. (71) 3393 - 1013
 E-mail: cemas2747@educ.ba.gov.br

ANEXO 2: Prova Teórica da Disciplina

COLÉGIO ESTADUAL MARIA AMÉLIA SANTOS	
PROFESSOR – LUIZ	
SÉRIE: ano turma: _____	TURNO: _____ DATA - ____/____/2019
ALUNO(A) - _____	NOTA: _____

IIª AVALIAÇÃO – educação física II UNIDADE

ATENÇÃO: Leia sua avaliação com atenção; Preencha o cabeçalho corretamente; Use caneta azul ou preta, **toda questão rasurada será anulada**; A avaliação sem identificação será anulada.

1º Não faz parte do sistema circulatório

- (A) veias
- (B) rins
- (C) olhos
- (D) pulmão
- (E) fígado

(E) 50 e 50

2º Faz parte do coração

- (A) pêlos
- (B) átrio
- (C) baço
- (D) verruga
- (E) lombar

7º As atividades como brincadeiras, jogos e outras na qual nos divertimos e interagimos com os outros chamamos

- (A) Atividades escola
- (B) (B) basquetebol
- (C) (C) atividades lúdicas
- (D) (D) atividades competitivas
- (E) (E) capoeira

3º O sangue rico em oxigênio é chamado de

- (A) Sangue vermelho
- (B) (B) sangue venoso
- (C) (C) sangue arterial
- (D) (D) sangue capilar
- (E) (E) sangue aguado

8º Nas brincadeiras e jogos que praticamos nas aulas de educação física, um dos objetivos mais evidentes é

- (A) a escolha do melhor.
- B) a participação coletiva
- C) excluir os alunos
- D) discriminar
- E) formar a equipe mais forte

4º A participação de meninas e meninos juntos em jogos e atividades diversas demonstra

- (A) erro
- (B) respeito
- (C) problema
- (D) amor
- (E) piedade

9º O que você hoje sabe sobre atividades lúdicas?
R:

5º Segundo os conhecimentos, por você adquirido a nossa frequência cardíaca aumenta quando

- (A) estamos dormindo
- (B) estamos estudando
- (C) nunca
- (D) em atividade
- (E) estamos orando

10º Existe área de lazer na sua comunidade, qual é esta área?

R:

6º As frequências cardíacas, médias de crianças e adultos são respectivamente?

- (A) 100 e 160
- (B) 60 e 50
- (C) 100 e 60
- (D) 40 e 100

APÊNDICES

APÊNDICE 1 – Carta enviada à direção da instituição, local da pesquisa



UNIVERSIDAD AUTÓNOMA DE ASUNCIÓN
FACULTAD DE CIENCIAS, POLÍTICAS, JURÍDICAS Y DE LA
COMUNICACIÓN MAESTRIA EM CIENCIAS DE LA EDUCACIÓN

Salvador-BA, 29 de Julho de 2019.

Prezado(a) Prof(a), sou Mestrando da Universidad Autónoma de Asunción, Paraguai. Estou desenvolvendo a tese de conclusão do curso, sob a orientação da Profa. Dra. Clara Roseane da Silva Azevedo Mont'Alverne, intitulada "O uso do esporte como instrumento pedagógico nas aulas de Educação Física". O objetivo da pesquisa é o de analisar a prática do esporte na Escola Estadual Maria Amélia Santos como instrumento pedagógico na disciplina Educação Física.

Considero este trabalho importante, visto que o eixo temático esporte tem grande relevância nas aulas de Educação Física escolar, disciplina que trabalha com a linguagem corporal, tendo em conta que a prática esportiva quando revestida de um caráter didático-pedagógico, torna possível aos alunos a transcendência os seus limites, bem como a desenvoltura das dimensões cognitiva, afetiva e social.

Nesse sentido, **necessito do seu apoio e da colaboração desta conceituada instituição de ensino para a realização da pesquisa de campo que faz parte da investigação.**

A pesquisa consistirá em três etapas, a saber:

Primeira Etapa – Solicito para a Análise documental os seguintes documentos da escola, dentre eles: o PPP (Projeto Político Pedagógico), o currículo do professor e plano anual de aula, os projetos educativos para um melhor aprofundamento sobre o uso do esporte como instrumento pedagógico nas aulas de Educação Física.

Segunda Etapa – Aplicação da entrevista junto ao professor, coordenador pedagógico, e aos alunos do 6º ano do ensino fundamental, cuja finalidade é coletar informações mais detalhadas a respeito do uso dos esportes dentro das aulas de Educação Física escolar.

Terceira etapa – Observação estruturada, que observará a elaboração e a prática da proposta curricular, a participação dos alunos e a metodologia utilizada nas aulas de Educação Física. A participação da instituição é de importância capital dentro da investigação, considerando que, a partir dos resultados da pesquisa seja feita uma reflexão acerca das práticas esportivas envolvendo os alunos em âmbito escolar, e a possibilidade de inserção de outras temáticas não esportivas, que contribuam junto com os esportes para a formação de bons cidadãos em decorrência de uma aprendizagem colaborativa. Desde já agradeço a sua atenção e contribuição e me coloco a disposição para quaisquer esclarecimentos.

Atenciosamente,

Luciano Barreto Lima - Mestrando em Ciências da Educação - UAA

Recebido
e
autorizado em 29/07/2019

COLÉGIO EST. M^ª AMÉLIA SANTOS
Carla Maynard C. da S. Sousa,
Vice-Diretora - NRE 26 232/16
nº Port 549/2016 O.O. 30/01/16

APÊNDICE 2: Guia de Entrevista para a Coordenadora Pedagógica



UNIVERSIDAD AUTÓNOMA DE ASUNCIÓN
FACUTAD DE CIENCIAS HUMANÍSTICAS Y DE LA COMUNICACION
PROGRAMA DE MAESTRIA EN CIÊNCIA DE LA EDUCACIÓN

GUIA DE ENTREVISTA – COORDENADOR PEDAGÓGICO

Prezado (a) Coordenador (a),

Este guia de entrevista é o instrumento que será utilizado na coleta de dados da pesquisa de campo cujo tema é: **O uso do esporte como instrumento pedagógico nas aulas de Educação Física.** Tendo como objetivo geral analisar a prática do esporte na Escola Estadual Maria Amélia Santos como instrumento pedagógico na disciplina Educação Física.

NOME: _____

DATA: ___/___/2019.

Questão 1: Qual critério você utiliza para definir no planejamento curricular as modalidades esportivas que o professor de Educação Física deve desenvolver?

Questão 2: Que relevância tem os esportes para o desenvolvimento das crianças?

Questão 3: Que providências você toma para que as atividades esportivas sejam regularmente praticadas na escola?

Questão 4: Quais as possibilidades de se contemplar outras atividades que não sejam os esportes?

Questão 5: Qual é a sua opinião a respeito de modalidades que necessitem para a sua prática de materiais específicos ou caros?

Questão 6: Que barreiras você encontra ao planejar junto ao professor aulas com temática não-esportiva?

Questão 7: Quais as recomendações são dadas ao professor para que o mesmo possa administrar as situações competitivas que surgem nas aulas de Educação Física?

Questão 8: De que maneira aparecem no planejamento curricular, atividades que trabalhem a cooperação?

APÊNDICE 3: Guia de Entrevista para o Professor



**UNIVERSIDAD AUTÓNOMA DE ASUNCIÓN
FACULTAD DE CIENCIAS HUMANÍSTICAS Y DE LA COMUNICACION
PROGRAMA DE MAESTRIA EN CIÊNCIA DE LA EDUCACIÓN**

GUIA DE ENTREVISTA – PROFESSOR

Prezado (a) Professor (a),

Este guia de entrevista é o instrumento que será utilizado na coleta de dados da pesquisa de campo cujo tema é: **O uso do esporte como instrumento pedagógico nas aulas de Educação Física.** Tendo como objetivo geral analisar a prática do esporte na Escola Estadual Maria Amélia Santos como instrumento pedagógico na disciplina Educação Física.

NOME: _____

DATA: ___/___/2019.

Questão 1: Quais as modalidades esportivas que você desenvolve?

Questão 2: Qual critério você utiliza para a escolha das atividades esportivas?

Questão 3: Que relevância tem os esportes para as aulas de Educação Física?

Questão 4: Descreva a sua aula de Educação Física com os esportes?

Questão 5: Qual metodologia você utiliza em suas aulas?

Questão 6: Quais recursos tecnológicos são utilizados para dar suporte as aulas de Educação Física?

Questão 7: Como são feitas as avaliações nas aulas de Educação Física?

Questão 8: Qual a importância das regras vinculadas aos esportes?

Questão 9: Quais atividades não-esportivas são aplicadas nas aulas?

Questão 10: Que dificuldades você encontra ao desenvolver uma aula que não utilize a bola como instrumento?

Questão 11: Quais conhecimentos sobre o corpo são ensinados nas aulas de Educação Física?

Questão 12. Quais jogos cooperativos são desenvolvidos com os seus alunos?

APÊNDICE 4: Entrevista para os Alunos



**UNIVERSIDAD AUTÓNOMA DE ASUNCIÓN
FACULTAD DE CIENCIAS HUMANÍSTICAS Y DE LA COMUNICACION
PROGRAMA DE MAESTRIA EN CIÊNCIA DE LA EDUCACIÓN**

ENTREVISTA – ALUNO

Prezado (a) Aluno (a),

Este questionário é o instrumento que será utilizado na coleta de dados da pesquisa de campo cujo tema é: **O uso do esporte como instrumento pedagógico nas aulas de Educação Física na Escola Estadual Maria Amélia Santos.** Tendo como objetivo geral analisar a prática do esporte na Escola Estadual Maria Amélia Santos como instrumento pedagógico na disciplina Educação Física.

NOME: _____

DATA: ___/___/2019.

Questão 1: Quais as modalidades esportivas que o seu professor utiliza nas aulas de Educação Física?

Questão 2: Diga como é a aula que o professor faz com vocês?

Questão 3: Qual o esporte que você gosta de praticar nas aulas?

Questão 4: Qual é a importância do esporte na sua vida?

Questão 5: Quais atividades que não sejam esportes você gosta de fazer nas aulas?

Questão 6: Quais jogos e brincadeiras envolvendo trabalho em equipe você faz nas aulas?

Questão 7: Como é para você participar de uma aula que não tenha vencedor no final?

APÊNDICE 5: Guia de Observação para Pesquisa

Universidade Autônoma de Assunção – UAA
Centro de Educação
Mestrado em Educação
Registro de Observação para Pesquisa

Escola: Maria Amélia Santos

Data da observação: de 29/07/2019 até 02/09/2019

Duração do trabalho a partir do uso do esporte como instrumento pedagógico: 01 mês

Nº de Participantes da pesquisa: 19

Data do início da Observação Estruturada:

ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO

Aspectos observados nos professores e coordenadores durante o trabalho desenvolvido com o uso do esporte como instrumento pedagógico	Elaboração e prática	O coordenador e o professor convergem em relação ao planejamento curricular.
		Aplicação pelo professor de Educação Física do uso do esporte como instrumento pedagógico.
		A utilização da metodologia adequada à faixa etária alvo da investigação.
		Os recursos materiais utilizados nas aulas de Educação Física.
		Interessam-se por recursos tecnológicos e audiovisuais (tabletes, revistas, etc.)
		A utilização de aulas teóricas dentro da Educação Física.
Aspectos observados nos alunos durante o trabalho desenvolvido a partir do uso do esporte como instrumento pedagógico	Participação	Interesse do aluno nas atividades desenvolvidas.
		Domínio dos assuntos tratados.
		Interação com os colegas da classe.
		Conteúdos estão adequados à realidade escolar.
		Colaboração entre o professor e os alunos durante a aula.
Aspectos didáticos desenvolvidos no uso do	Metodologia	Aulas instrutivas em paralelo com aulas lúdicas
		Progressão pedagógica
		Pedagogia dos jogos cooperativos

esporte como instrumento pedagógico		Utilização de livros e recursos digitais nas aulas
-------------------------------------	--	----------------------------------------------------

APÊNDICE 6- Relatório das observações da Pesquisa

**Universidade Autônoma de Assunção – UAA
Centro de Educação
Mestrado em Educação**

Relatório das Observações da Pesquisa

O presente relatório de observação estruturada sobre a pesquisa intitulada “o uso do esporte como instrumento pedagógico nas aulas de Educação Física”, apresenta o resultado obtido no período compreendido entre 29/07/2019 a 02/09/2019. As observações ocorreram na Escola Estadual Maria Amélia Santos no turno vespertino; no dia 29 de julho aconteceu o planejamento das aulas para o bimestre; no dia 05 de agosto foram estabelecidas as diretrizes em relação as novas atividades nas aulas: assim sendo, a coordenadora e o professor estabeleceram os conteúdos programáticos para o bimestre, que darão ênfase às aulas teóricas e o remanejamento das atividades em virtude da ausência dos esportes nas aulas práticas; no dia 12 de agosto a observação ocorreu na sala de aula, onde os informes a respeito das novas atividades foram transmitidos aos alunos, e logo em seguida, no pátio da escola onde foram aplicadas as novas atividades, adaptadas à realidade escolar; no dia 19 de agosto, a observação ocorreu apenas na sala de aula, local onde os alunos estavam em avaliação teórica; no dia 25 de agosto, foi observada a metodologia do professor, incluindo a utilização de recursos digitais; no dia 02 de setembro, a observação destacou o uso dos livros em aulas de Educação Física e a avaliação digital, considerados inovadores na disciplina. O objetivo geral é analisar a prática do esporte como instrumento pedagógico de cooperação entre os alunos do 6º ano do ensino fundamental da Escola Estadual Maria Amélia Santos na disciplina Educação Física.

Observação Escola Estadual Maria Amélia Santos

Dia	29/07/2019 e 05/08/2019
Nº de Participantes	Coordenador, Professor
Local	Sala dos professores
Pauta do encontro	Planejamento curricular, aplicação do uso do esporte como instrumento pedagógico, metodologia adequada à faixa etária, recursos materiais, tecnológicos e audiovisuais utilizados e aulas teóricas
<p>A observação estruturada teve início na Escola Estadual Maria Amélia Santos no dia 29 de julho no turno vespertino. Na presente data a coordenadora pedagógica definiu com o professor de Educação Física o cronograma semanal para o mês de Agosto, considerando o que já havia sido definido para o planejamento do bimestre, que ocorreu uma semana antes com todos os professores da escola. As aulas planejadas para as semanas do mês de agosto teriam que considerar a situação de limitação espacial para a realização das aulas de Educação Física em virtude da total reestruturação da quadra, que antes era apenas um espaço aberto, e agora está modificando o seu layout para o modelo poliesportivo. O encontro entre o professor do 6º ano do ensino fundamental e a coordenadora ocorreu na sala dos professores, e o planejamento iniciou com a reiteração do pedido que já havia sido feito no planejamento bimestral, no que se refere à modificação das aulas com esportes para aulas com jogos e brincadeiras, e a inclusão de aulas teóricas que tratem sobre os corporais, programas de saúde e higiene. A pauta da reunião era a definição das aulas da semana ao longo do bimestre que dura até o final do mês de setembro. Observou-se que durante o planejamento pedagógico, a coordenadora e o professor discutem estratégias para se reconfigurarem as aulas de Educação Física com temática esportiva, o que pode ser mantido e o que precisa ser modificado, tendo em vista que a realidade físico-estrutural pede que sejam consideradas outras possibilidades dentro da cultura corporal do movimento, sendo que a cada semana dar-se-á ênfase a uma atividade dentro dos blocos de conteúdo previstos para se trabalhar nas aulas. A coordenadora sempre busca facilitar o trabalho do professor, de modo que há convergência nos diálogos, disponibilizando inclusive materiais recicláveis para compor as oficinas de jogos. Para isso, sempre pergunta ao professor sobre as necessidades materiais para a</p>	

realização das atividades no pátio (quando práticas) e em sala de aula (quando teóricas). O professor apresentou seu feedback em relação a turma do 6º ano, pontuando que os alunos estão se adaptando à adversidade, relatando as suas expectativas ante o novo planejamento, os problemas de ordem material e os obstáculos superados. A Coordenadora escuta e providencia, dentro das possibilidades, as melhorias e propostas para que se efetivem as mudanças.

Em relação à desenvoltura das aulas práticas, o professor destaca que a classe vem se adaptando e acolhendo bem as outras possibilidades alternativas à temática esportiva. Relata que, no bimestre anterior, houve uma queda na frequência dos alunos, e que após o início do terceiro bimestre, com o desenvolvimento de novas aulas, houve uma maior frequência e participação do alunado nas aulas. O professor de Educação Física considera ser um grande desafio trabalhar aulas inteiramente teóricas, e se mantém esperançoso com a utilização de tecnologias digitais com os alunos nas aulas de Educação Física. O professor destaca que logo no início houve uma certa resistência por parte dos alunos diante da reestruturação necessária no tocante às aulas com temática esportiva, mas com a proposta e inserção de jogos cooperativos e brincadeiras populares, as novas aulas aumentaram a motivação por parte dos alunos, sendo que os esportes não deixaram de figurar nas aulas, apenas se apresentariam sem as regras e fundamentos, abrindo mais espaço para outras temáticas. Pontua também que houve uma aceitação positiva pelos alunos em relação às aulas teóricas, que antes se resumiam a momentos teóricos vinculados à prática, tendo em vista que a ausência de uma quadra para a realização de modalidades esportivas contribuiu para a implementação das aulas teóricas dentro da Educação Física escolar. Outro aspecto positivo foi a elaboração de avaliações teóricas específicas para a disciplina, considerando que antes ocorrera apenas em relação a prática.

Após o relato do professor, a coordenadora propõe que as aulas teóricas ocorram pelo menos duas vezes ao mês, e que tenha o suporte de recursos tecnológicos, incluindo a utilização de internet, e que os alunos se submetam a provas, sendo que as notas obtidas serão somadas aos conceitos das provas práticas.

Foram adequadas as aulas que trabalham os esportes, tendo em vista a inviabilidade em termos práticos: as mudanças ocorreram de imediato, logo no início do mês de agosto

No dia 05 de Agosto, como foi estabelecido para o bimestre, as aulas com os esportes foram modificadas, passando a dispor os alunos do 6º ano do ensino fundamental, de aulas expositivas/teóricas, e quando levados ao campo prático, passaram a trabalhar os jogos e as brincadeiras adequados à faixa etária situada entre 11 e 12 anos. A coordenadora pedagógica se manteve sempre disposta, no sentido de atender às necessidades do docente, principalmente para disponibilizar a sala para as aulas teóricas, recursos digitais para videoaulas, materiais improvisados para a realização dos circuitos e oficinas de brincadeiras e jogos esportivos. Foi combinado que para cada semana do mês de agosto, o docente iria dar ênfase em uma temática da cultura corporal do movimento. Ficou estabelecido que o professor da disciplina utilizará os esportes, não como modalidades esportivas, mas como atividades que podem e devem ser mescladas às outras temáticas da cultura corporal do movimento, em virtude do processo de requalificação da quadra, sendo que, o docente não trabalha as modalidades esportivas em sua concepção original, em virtude da inviabilidade espacial que compromete a realização dos esportes, com as suas regras, divisão de equipes e a utilização de instrumentos, como bolas e redes para essa finalidade. Ficou definido entre a coordenação e o professor que serão utilizados Chromebooks nas aulas teóricas de Educação Física, nos quais os alunos responderão a questões sobre os conhecimentos corporais, e que o professor emprega como estratégia a utilização dos smartphones dos próprios alunos, para que estes possam conhecer na prática os instrumentos de avaliação física, a exemplo dos frequencímetros e medidores de calorias.

Comentário do Investigador Participante

Foi observado o planejamento para o bimestre que teve início na última semana do mês de julho e com término previsto para a última semana do mês de setembro. A coordenadora pedagógica e o professor, discutiram o cronograma das aulas de Educação Física, onde foram apresentados os problemas, como a inviabilidade das práticas esportivas por conta da ausência de quadra poliesportiva e as possíveis soluções, como a utilização de mais aulas teóricas, a inserção de outros esportes que não utilizem a bola, assim como os outros eixos temáticos, principalmente os jogos e as brincadeiras, e que estes não deverão enfatizar a competição, mas serem desenvolvidos dando ênfase a

cooperação. Houve concordância mútua, entre a coordenadora, que viabilizou a entrada de materiais para dar suporte às aulas de Educação Física, e o professor, que começou a trabalhar com as aulas teóricas, inserindo jogos e brincadeiras, dando destaque a cooperação, tendo em vista que a situação da escola exige reestruturação das atividades. Foi dada atenção especial a este bimestre, pois a quadra escolar está totalmente indisponível, na fase de acabamento onde se faz necessário o isolamento total, sendo o acesso a mesma permitida apenas aos especialistas em construção civil.

Dia	12/08/2019 e 19/08/2019
Nº de Participantes	Coordenador, Professor , Alunos
Local	Sala de aula e pátio da escola
Pauta do encontro	Aulas desenvolvidas, conteúdos, domínio dos assuntos, interação entre os alunos e colaboração com o professor

A observação realizada no dia 12 de agosto, na sala de aula e no pátio da escola, ocorreu no turno vespertino. A pauta de observação destacou as aulas desenvolvidas, os conteúdos, a interação entre os alunos e a colaboração com o professor no transcorrer das atividades.

A coordenadora pedagógica explicou aos alunos do 6º ano que em virtude da reforma total da quadra eles não poderiam praticar esportes como antes, sendo necessária a incorporação de novas atividades às aulas. Inicialmente, o professor substituiu os esportes por jogos desportivos, que utilizam materiais improvisados, a exemplo de cones, bambolês, fitas, bastões, lenços, meias, o uso bolas plásticas para a realização do golzinho. Vale destacar, que a ginástica rítmica também é disponibilizada na escola, como uma oficina, na qual os alunos participam no turno oposto as aulas, podendo ficar isentos da aula de Educação Física, caso coincida o dia da prática com o dia da aula. Nesta oficina, os alunos utilizam fitas, bastões e bolas plásticas diferentes das originais, que proporcionam a vivência da experiência dessa ginástica, dentro dos padrões escolares. Após os informes dados pela coordenadora, os alunos se dirigiram ao pátio para colocar em prática as novas atividades, que a princípio assumiram certa semelhança com os esportes, no entanto o professor ao notar que faltava nos alunos espírito de equipe, união e colaboração para o andamento das aulas, tendo que ser interrompida várias vezes por

questionamentos dos alunos quanto à pontuação que julgavam ser inválida. O professor então, para evitar novas discussões, reconfigurou as atividades esportivas para que não sejam estas, pautadas somente nos resultados positivos e determinação de um vencedor, tendo em vista que o esporte deve estimular nos alunos a participação em um contexto comunitário. O aspecto comportamental dos alunos melhorou, vez que tornaram-se mais participativos e contribuíram para que a aula tivesse um bom andamento.

No dia 19 de agosto, foi observado um teste teórico aplicado com os alunos, com a finalidade de medir o domínio que eles tem dos conhecimentos sobre o corpo, práticas de saúde e higiene e conhecimentos sobre os esportes. Os alunos participaram do teste, e no mês de setembro irão responder a uma prova teórica, contendo todos os assuntos abordados pelo professor, não somente na sala de aula, mas também advindos da prática no pátio.

Houve tranquilidade na aplicação da avaliação, e os alunos deixaram a sala dez minutos antes do término previsto. O professor explica que as avaliações serão somadas, contabilizando um total de três: o critério de avaliação da parte prática continua o mesmo, da frequência e participação.

A coordenadora auxilia a secretaria no registro da pontuação das avaliações teóricas da disciplina Educação Física, considerando ser este procedimento ‘inédito’ na disciplina dentro da escola.

Comentário do Investigador Participante

Nos dias de observação foi possível destacar a proatividade da coordenadora, que disponibilizou os materiais para viabilizar a prática das atividades que substituíram os esportes, assim como a versatilidade do professor, que utilizou os jogos esportivos nas aulas. A atenção do docente em relação aos conflitos inerentes às práticas esportivas também foi observada, no momento em que este, transforma os jogos esportivos em jogos cooperativos, tendo em vista que tal mudança aumentou a coesão entre os alunos, reduzindo totalmente os conflitos nas aulas. As aulas teóricas, pouco trabalhadas na Educação Física escolar se destacaram, e os alunos foram submetidos à primeira avaliação do bimestre. Em relação a avaliação, todos os alunos confirmaram presença, respondendo à avaliação em tempo hábil, demonstrando assim interesse pelas aulas teóricas na

disciplina Educação Física. Chamou bastante atenção o comportamento dos alunos, que melhorou bastante em consequência à prática de atividades cooperativas.

As aulas práticas continuam com os mesmos critérios de avaliação, sendo que, as avaliações teóricas na presente escola, representam um importante avanço na disciplina, que era trabalhada apenas sob um enfoque prático. Com as avaliações teóricas, a Educação Física passa a disfrutar do mesmo status da Língua Portuguesa, Matemática, História e outras disciplinas, principalmente no conselho de classe, em que o critério para a aprovação dos alunos na disciplina é a observância da frequência mínima de 75% às aulas.

Dia	25/08/2019 e 02/09/2018
Nº de Participantes	Professor, Alunos
Local	Sala de Aula, Pátio da Escola
Pauta do encontro	Aulas instrutivas / aulas lúdicas, progressão pedagógica, pedagogia dos jogos cooperativos e uso de literatura e recursos digitais

No dia 25 de Agosto a observação ocorreu no pátio da escola, onde o professor aplica a nova metodologia que exige as novas atividades: foram feitas adaptações nos jogos pique-bandeira e queimada, que antes eram práticas competitivas e excludentes, passaram a ser práticas cooperativas e inclusivas, e, ao final das aulas, o professor convidava os alunos para pensar e refletir sobre a prática do esporte, dentro e fora do contexto escolar. No entanto, antes de aplicar a mudança, o professor desenvolveu uma partida de 5 minutos com cada atividade, para que os alunos possam confrontar as duas maneiras de se jogar: as atividades competitivas, mais instrutivas, com regras fixas, e as cooperativas, mais lúdicas e com regras maleáveis.

Ainda na aula prática, o docente explicou aos alunos sobre a importância da cooperação e a pedagogia dos jogos cooperativos, como mostra por exemplo o jogo ‘nunca três’, em que a necessidade de encontrar um par é a motivação maior para que o jogo se realize e tenha continuidade, ensinando assim os alunos a se unirem em busca de resultados positivos compartilhados, e que as ações são benéficas para ambos os lados.

A pedagogia dos jogos cooperativos destaca a transformação dos jogos tradicionais, com as regras adaptadas de modo que leve os alunos a cooperarem mais, desenvolvendo neles, além de competências e habilidades relacionadas ao saber-fazer, o

lado social, afetivo e cognitivo. Os jogos pique-bandeira, minhocão, bambolê ball, fechando a conta (jogo da matemática), nunca três, continuam a ter a mesma nomenclatura, modificando-se apenas as regras e a finalidade de cada atividade.

Na sequência, o professor utilizou um aplicativo no celular, juntamente com os alunos: todos conectados pela rede wi-fi da escola. Com o smartphone próximo ao corpo, foi desenvolvida uma aula prática com os alunos, para que os mesmos possam ver os números registrados no celular, em virtude da prática do exercício.

No dia 02 de setembro, a aula teórica ocupou dois horários, pois os alunos iriam fazer uma avaliação digital. No primeiro momento, o professor realiza uma atividade de leitura com os alunos, utilizando as seguintes literaturas: Metodologia da Educação Física, de Coletivo de Autores, Educação de Corpo Inteiro, da autoria de João Batista Freire, e Jogos Cooperativos, de Fábio Brotto. A atividade de leitura leva os alunos a compreenderem e refletirem a respeito das diversas temáticas esportivas de uma maneira crítica. Ao transcorrer o período dedicado à primeira aulas, os alunos respondem a uma avaliação digital, utilizando os Chromebooks, eles responderam algumas questões objetivas e, como somente foram disponibilizados 8 aparelhos, os alunos teriam que responder a 8 questões em 16 minutos, salvando a prova e cedendo a vez para o próximo: a avaliação digital é utilizada para que possam ser aferidos os conhecimentos sobre o corpo, e sobre as temáticas abordadas pela Educação Física. Os resultados foram disponibilizados no final do dia, e os alunos conseguiram acertar mais da metade das questões.

Em conversa com a professor, ele destacou que alguns alunos demonstraram facilidade nesta prova, pois as dinâmicas envolvendo os seus smartphones aumentaram o interesse deles por questões relacionadas à saúde, higiene e bem-estar. A coordenadora destaca que na aula de ciências, os alunos tem acesso a protótipos que reproduzem o formato do coração, sistema digestivo, cérebro, sistema venoso, aparelho reprodutor, o que contribui para que se desenvolva no alunado um forte interesse em relação às questões de saúde e fisiologia. As aulas teóricas, principalmente com a temática conhecimentos sobre o corpo, tem sido frequentadas integralmente, onde neste dia, o professor não registrou ausências. O professor parabeniza os alunos e destaca que para que os mesmos realizem dinâmicas práticas é necessário que possam conhecê-las na teoria.

No dia 10 de setembro, foi autorizada a aplicação da entrevista com os participantes, e, na sequência, ocorreu uma avaliação do projeto Maculelê, que apresentou

as pesquisas feitas pelos alunos sobre o fenômeno cultural do recôncavo baiano, e na parte prática, foram feitas apresentações coreográficas pelos próprios alunos, divididos em grupos. A partir do projeto, os alunos puderam conhecer, experienciar e desfrutar desse elemento histórico-cultural. O Maculelê vem a ser uma dança afro-indígena originada no Recôncavo Baiano, na prática é uma mistura de dança e luta, e o professor aproveita a ocasião para trabalhar estas duas temáticas, sob o enfoque sociocultural. No projeto os alunos utilizam papelão e cartolina para simular as espadas que fazem parte da dança/luta.

Comentário do Investigador Participante

Observei que o professor fez um confronto entre as mesmas práticas, sob o enfoque competitivo e o cooperativo, abrindo espaço para que os alunos refletissem a respeito da diferença entre uma prática e a outra, possibilitou aos alunos criarem um juízo de valor a respeito das práticas e suas implicações no contexto escolar e social. Um ponto positivo destacado no docente é a sua criatividade, no que se refere a adequar às atividades em virtude de situações competitivas e cooperativas, considerando que conseguiu transformar os jogos esportivos em cooperativos, o que agradou aos alunos, deixando-os motivados.

O professor demonstrou criatividade também ao utilizar os smartphones, que costumam ser proibidos durante as aulas, com a finalidade mensuração dos resultados fisiológicos apresentados pelos alunos, que se mostraram satisfeitos e alegres ao vivenciarem as dinâmicas, tanto na prática, quanto na teoria. Nessa aula, viu-se o equilíbrio entre a ludicidade e a instrução: assuntos que os alunos tem dificuldades em apreender, tornaram-se conteúdos de fácil assimilação em virtude do uso das dinâmicas com os aparelhos. Chamou a atenção também, a utilização do livro em uma aula de Educação Física, levando assim os alunos a refletirem sobre a prática do esporte e estimulando a cooperação entre eles.